UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

CYNTHIA GOMES PINHEIRO

É GOLPE? METÁFORAS CONCEPTUAIS DO IMPEACHMENT DA PRESIDENTE DILMA

João Pessoa

2019

CYNTHIA GOMES PINHEIRO

É GOLPE? METÁFORAS CONCEPTUAIS DO IMPEACHMENT DA PRESIDENTE DILMA

Tese apresentada ao Programa de Pós- graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para obtenção do Título de Doutora em Linguística

Orientadora: Profª. Drª. Lucienne Espíndola

João Pessoa

2019

P654g Pinheiro, Cynthia Gomes.
É golpe? Metáforas conceptuais do impeachment da presidente Dilma / Cynthia Gomes Pinheiro. - João Pessoa, 2019.
182f. : il.

Orientação: Lucienne Espíndola.
Tese (Doutorado) - UFPB/CCHLA.

1. Metáfora Conceptual; Cultura; Ideologia. 2. Impeachment; Dilma Rousseff. I. Espíndola, Lucienne. II. Título.

UFPB/BC

CYNTHIA GOMES PINHEIRO

É GOLPE? METÁFORAS CONCEPTUAIS DO IMPEACHMENT DA PRESIDENTE DILMA

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para obtenção do Título de Doutora em Linguística

Área de concentração: Teoria e Análise Linguística

Aprovada em: 27/03/2019

BANCA EXAMINADORA

_____
Profª. Drª. Lucienne Claudete Espíndola – Orientadora
Universidade Federal da Paraíba

_____
Profª Drª Eliane Ferraz Alves – Examinadora
Universidade Federal da Paraíba

_____
Profª Drª Barbara Cabral Ferreira – Examinadora
Universidade Federal da Paraíba

_____
Profª Drª Mônica Mano Trindade Ferraz – Examinadora
Universidade Federal da Paraíba

_____
Prof. Dr. Erivaldo Pereira do Nascimento – Examinador
Universidade Federal da Paraíba

_____
Profª Drª Josilane Márcia Justiniano de Silva- Suplente
Universidade Federal da Paraíba

_____
Prof. Dr. Magdiel Medeiros Aragão Neto - Suplente
Universidade Federal da Paraíba

A meus filhos que tanto amo, Guilherme e Giselle.

AGRADECIMENTOS

A meu Pai e minha Mãe do céu por velarem por mim todos os dias, e me concederem a saúde, a força, a sabedoria e a perseverança necessárias para buscar a realização dos meus sonhos.

À professora Drª Lucienne Espíndola, minha querida orientadora, pela disposição, paciência e competência para orientar mais uma pesquisa realizada por mim e, sobretudo, pela confiança em mim depositada.

A meu marido, Leonardo, por estar sempre ao meu lado, em tempos bons e ruins, incentivando-me e auxiliando-me a seguir nesta caminhada. É muito bom poder contar com você!

À minha família, em especial a minha mãe e a minha irmã, que mesmo distante, são auxílio e porto seguro constantes em minha vida.

A todos os meus amigos, em especial a Dennis, Tales, Priscila, Herlane e Josilane, pelo carinho, palavras de apoio e auxílio solícito em tantas situações.

Aos membros da Banca Examinadora, pela gentileza e valiosas contribuições dadas para o aprimoramento deste trabalho.

Ao CNPQ, pela concessão de 12 meses de bolsas de estudos, propiciando, dessa forma, subsídios financeiros para a realização desta pesquisa.

A todos os integrantes do Programa de Pós-graduação em Linguística (PROLING) que, direta ou indiretamente, ajudaram-me a concluir este trabalho.

A melhor coisa é ser um mestre da metáfora: é algo que não se pode aprender com outro. É uma marca de genialidade pois implica a percepção de similaridades no que não é similar.

(Aristóteles)

RESUMO

A metáfora é um mecanismo cognitivo que permite conceptualizar as nossas experiências cotidianas. Esta pesquisa visou investigar como o impeachment da presidente Dilma Rousseff, ocorrido em 2016, foi conceptualizado em discursos de representantes da sociedade brasileira, a partir de metáforas conceptuais que foram empregadas na construção/compreensão desse conceito. Especificamente, nossos objetivos consistiram em analisar quais os valores culturais/ideológicos que sustentaram as metáforas conceptuais evidenciadas, além de verificar a existência de metáforas específicas que categorizam o impeachment de 2016. O *corpus* do nosso trabalho é constituído por pronunciamentos de participantes do julgamento ocorrido no Senado Federal que compõem os livros "20 horas na história: a longa sessão de admissibilidade do Impeachment da presidente Dilma Rousseff" e "Impeachment: o julgamento da presidente Dilma Rousseff pelo Senado Federal", além de comentários e opiniões de pessoas comuns e pessoas públicas a respeito do tema em questão, extraídos de sites de jornais, revistas e blog. Utilizamos como referencial teórico a Teoria da Metáfora Conceptual (TCM), estudada por Lakoff e Johnson (1987, 1999, 2002 [1980], 2003), Lakoff e Turner (1989) e Kövecses (2000, 2010 [2002], 2005), e a noção de Modelo Cognitivo Idealizado (MCI), na visão de Lakoff (1987). Para analisar a relação entre metáfora, cultura e ideologia, utilizamos os postulados de Kövesces (2005) e Goatly (2007). A hipótese de que a conceptualização do impeachment da presidente Dilma pode ser investigada a partir das metáforas conceptuais que refletem dois posicionamentos político-ideológicos antagônicos na sociedade brasileira, a saber, um contrário e o outro favorável ao impeachment, foi demonstrada com a análise qualitativa dos dados. Nos resultados encontrados a partir do *corpus* investigado, observamos a utilização de dois grupos de domínios origem que estruturam o conceito do impeachment e que consolidam, cada um deles, as metáforas macro IMPEACHMENT É GOLPE e IMPEACHMENT NÃO É GOLPE, conceptualizando o impeachment da presidente Dilma Rousseff de forma negativa e positiva, respectivamente.

Palavras-chave: Metáfora Conceptual; Cultura; Ideologia; Impeachment; Dilma Rousseff.

ABSTRACT

Metaphor is a cognitive mechanism that allows us to conceptualize our everyday experiences. This research aimed to investigate how the impeachment of President Dilma Rousseff, occurred in 2016, was conceptualized in the speeches of representatives of Brazilian society, based on conceptual metaphors that were used in the construction / understanding of this concept. Specifically, our objectives were to analyze the cultural / ideological values that supported the conceptual metaphors evidenced, as well as to verify the existence of specific metaphors that categorize the impeachment of 2016. The corpus of our work is constituted by pronouncements of participants of the judgment occurred in the Federal Senate that compose the books "20 hours in history: the long session of admissibility of the Impeachment of President Dilma Rousseff" and "Impeachment: the judgment of President Dilma Rousseff by the Federal Senate", as well as comments and opinions of ordinary people and public people about the topic in question, taken from newspapers, magazines and blog sites. We used as theoretical reference the Theory of Conceptual Metaphor (TCM), studied by Lakoff and Johnson (1987, 1999, 2002 [1980], 2003), Lakoff and Turner (1989) and Kövecses (2000, 2010 [2002], 2005), and the notion of Idealized Cognitive Model (MCI), according to Lakoff (1987). In order to analyze the relationship between metaphor, culture and ideology, we use the postulates of Kövesces (2005) and Goatly (2007). The hypothesis that the conceptualization of President Dilma's impeachment can be investigated from the conceptual metaphors that reflect two antagonistic political-ideological positions in Brazilian society, namely, one opposite and the other favorable to impeachment, was demonstrated by the qualitative analysis of the data. In the results found from the investigated *corpus*, we observed the use of two groups of source domains that structure the concept of impeachment and that consolidate, each of them, the macro metaphors IMPEACHMENT IS BLOW and IMPEACHMENT IS NOT BLOW, conceptualizing the impeachment of President Dilma Rousseff negatively and positively, respectively.

Keywords: Conceptual Metaphor; Culture; Ideology; Impeachment; Dilma Rousseff.

RESUMEN

La metáfora es un mecanismo cognitivo que permite conceptualizar nuestras experiencias cotidianas. Esta investigación pretendió averiguar como el impeachment de la presidenta Dilma Rousseff, ocurrido en 2016, fue conceptualizado en discursos de representantes de la sociedad brasileña, a partir de metáforas conceptuales que se emplearon en la construcción/comprensión de ese concepto. En concreto, nuestros objetivos consistieron en analizar cuáles los valores culturales/ideológicos que sostuvieron las metáforas conceptuales evidenciadas, además de verificar la existencia de metáforas específicas que categorizan el impeachment de 2016. El *corpus* de nuestra pesquisa consistió en pronunciamientos de participantes del juicio ocurrido en el Senado Federal que componen los libros "20 horas na história: a longa sessão de admissibilidad do Impeachment da presidente Dilma Rousseff" e "Impeachment: o julgamento da presidente Dilma Rousseff pelo Senado Federal", además de comentarios y opiniones de personas comunes y personas públicas con respecto al tema en cuestión, extraídos de sitios de periódicos, revistas y blog. Utilizamos como fundamentación teórica la teoría de la Metáfora Conceptual (TCM), estudiada por Lakoff y Johnson (1987, 1999, 2002 [1980], 2003), Lakoff y Turner (1989) y Kövecses (2000, 2010 [2002], 2005), y la noción de Modelo Cognitivo Idealizado (MCI), en la visión de Lakoff (1987). Para analizar la relación entre metáfora, cultura e ideología, utilizamos los postulados de Kövesces (2005) y Goatly (2007). La hipótesis de que la conceptualización del impeachment de la presidenta Dilma puede ser investigada a partir de las metáforas conceptuales que reflejan dos posicionamientos político-ideológicos antagónicos en la sociedad brasileña, es decir un contrario y el otro favorable al impeachment, fue demostrada con el análisis cualitativo de los datos. En los resultados encontrados a partir del corpus investigado, observamos la utilización de dos grupos de dominios origen que estructuran el concepto del impeachment y que consolidan, cada uno de ellos, las metáforas macro IMPEACHMENT ES GOLPE y IMPEACHMENT NO ES GOLPE, conceptualizando el impeachment de la presidenta Dilma Rousseff de forma negativa y positiva, respectivamente.

Palabras clave: Metáfora Conceptual; Cultura; Ideología; Impeachment; Dilma Rousseff.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....11

2. OS ESTUDOS SOBRE A METÁFORA.....17

2.1. A metáfora tradicional: uma visão objetivista.....17
2.2. Linguística Cognitiva: uma introdução.....22
2.2.1. A categorização e os modelos cognitivos idealizados.....27
2.3. A metáfora conceptual: uma visão cognitivista.....32
2.3.1. A revisão da teoria da metáfora conceptual de Lakoff e Johnson.....45
2.3.2. Metáfora convencional x metáfora nova.....49
2.3.3. Metáfora primária.....53
2.4. A relação entre metáfora, cultura e ideologia.....58

3. CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS E CONTEXTUALIZAÇÃO/ LEVANTAMENTO DO *CORPUS*.....70

3.1. A trajetória de Dilma Rousseff: de chefe da Casa Civil a presidente cassada.....70
3.2. O que é o golpe?.....73
3.3. Golpe (ou Revolução?) de 64.....75
3.4. Metodologia.....76
3.5. Categorias de análise.....82
3.5.1. Rede metafórica 1: Metáforas contra o impeachment.....83
3.5.2. Rede metafórica 2: Metáforas a favor do impeachment.....104

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....117

4.1. IMPEACHMENT É GOLPE.....119
4.2. IMPEACHMENT NÃO É GOLPE.....139
4.3. É GOLPE ou NÃO É GOLPE? uma discussão "imparcial".....152

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....162

REFERÊNCIAS.....169
ANEXOS.....174

1. INTRODUÇÃO

O uso da linguagem está profundamente enraizado na cultura humana, visto que através dela não só trocamos informações, mas também discutimos, amamos, brigamos, damos ordens, entendemo-nos e nos desentendemos, enfim, compreendemos e construímos intersubjetivamente o mundo ao nosso redor. De natureza complexa, a linguagem tem sido, ao longo dos tempos, analisada e discutida por estudiosos de diversas áreas, sob diferentes perspectivas. Estudos referentes à linguagem cotidiana levaram à descoberta recente de que estamos diante de um fenômeno não somente linguístico, mas fundamentalmente cognitivo.

Os estudos sobre a linguagem metafórica surgiram na tradição retórica, a partir dos estudos de Aristóteles (século IV a.C.), que relegou à metáfora um papel central no embelezamento do discurso literário. Portanto, ela fazia parte apenas do universo da linguagem literária e, quando se queria falar objetivamente, a metáfora e outras figuras de linguagem não deveriam ser utilizadas, pois eram consideradas "desvios" das formas usuais ou cotidianas de linguagem.

Os pressupostos aristotélicos sobre a metáfora foram seguidos até o final da década de 1970, quando houve uma mudança paradigmática e a metáfora deixou de ser considerada um fenômeno linguístico-literário e passou a ser percebida como uma operação cognitiva fundamental. Nesse momento, surgiu **a teoria cognitiva da metáfora** ou **Teoria da Metáfora Conceptual**, estudada pela Psicologia e Linguística Cognitiva.

A obra *Metaphors we live by* (1980), publicada pelo linguista George Lakoff e pelo filósofo Mark Johnson, revolucionou as pesquisas sobre a metáfora conceptual. Nesse livro, os autores passaram a reconhecê-la como um fenômeno primordial na construção dos sentidos dos atos comunicativos e revelaram que a metáfora faz parte da vida cotidiana e está presente em nossos pensamentos e ações.

Nesse contexto, uma perspectiva fundamentalmente experiencialista foi proposta pelos estudiosos para explicar diversos conceitos, a exemplo da linguagem e compreensão. Dicotomias como linguagem literal e linguagem metafórica foram questionadas e refutadas. A linguagem literal do objetivismo clamava pela construção de verdades incondicionais e absolutas, enquanto que a linguagem metafórica ou figurada do subjetivismo estava alinhada às emoções e ao autoconhecimento. Com o surgimento da teoria da metáfora conceptual, iniciou-se a ruptura desses paradigmas objetivista e subjetivista e a metáfora passou a ser reconhecida como um fenômeno de natureza puramente cognitiva.

De acordo com os postulados de Lakoff e Johnson (2002[1980]), a metáfora consiste em compreender um conceito de um domínio da experiência em termos de outro domínio, através de um mapeamento entre eles (domínio fonte para o domínio alvo). Os autores partiram da análise de expressões linguísticas e descobriram um sistema conceptual metafórico subjacente à linguagem, que tem influência direta nas nossas ações e pensamentos, visto que estamos sempre recorrendo a esse sistema quando pensamos, falamos, experienciamos e categorizamos os conceitos que estão a nossa volta. Os autores explicam ainda que a maior parte desses conceitos, principalmente os abstratos, só é entendida via mapeamento metafórico.

Importante destacar que o sistema conceptual humano não é algo de que temos plena consciência, pois pensamos e agimos automaticamente. A teoria cognitiva da metáfora sustenta, portanto, a ideia central de que os processos que constituem o pensamento são metaforicamente estruturados e definidos: "o conceito é metaforicamente estruturado, a atividade é metaforicamente estruturada e, em consequência, a linguagem é metaforicamente estruturada" (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 48).

As experiências corpóreas contribuem de maneira significativa para a conceptualização dos mais diversos conceitos. Muitos deles são estruturados a partir de orientações espaciais do tipo: para cima - para baixo, dentro – fora, frente – trás, central – periférico etc. Exemplos trazidos por Lakoff e Johnson (2002[1980]) explicam este processo, como em MAIS É PARA CIMA e MENOS É PARA BAIXO em que os conceitos MAIS e MENOS são estruturados a partir da nossa experiência física com a elevação/diminuição de nível, ao acrescentarmos/retirarmos uma quantidade de uma substância ou de objetos em um recipiente ou pilha.

Ainda segundo Lakoff e Johnson (2002[1980]), os aspectos culturais também são importantes no entendimento de uma grande variedade de metáforas. A conceptualização de tempo, por exemplo, não é a mesma em todos os lugares. Em algumas culturas, o futuro é visto como algo que está em nossa frente, mas em outras, é entendido como algo que está atrás. Além disso, os valores fundamentais de uma sociedade precisam ser coerentes com o seu conjunto de metáforas. "Mais é melhor" na cultura brasileira, por exemplo, é coerente com a metáfora MAIS É PARA CIMA na maioria dos casos, como na expressão "o aumento do salário mínimo resultou em melhorias na vida da população". Dessa forma, a construção/compreensão de metáforas conceptuais está fortemente relacionada não somente ao pensamento e às experiências físicas, mas também a valores culturais, ideológicos e morais de uma sociedade.

Nesse sentido, surgem novos estudos sobre a teoria da metáfora conceptual, relacionando-a também com a cultura e a ideologia. Kövecses (2005), por exemplo, procura explicar como se dá a relação entre metáfora e cultura, e um dos objetivos do seu trabalho é lançar uma teoria abrangente que pudesse dar conta da universalidade e da variação no uso da metáfora. Já Goatly (2007), em suas pesquisas, procura compreender a relação entre a metáfora e seus aspectos ideológicos.

Levando em conta que a metáfora conceptual é uma operação cognitiva e que a cognição é uma das propriedades que opera na interface entre a sociedade e as realizações discursivas, o nosso objetivo foi investigar, nesta pesquisa, como o impeachment [1] da presidente Dilma Rousseff foi conceptualizado em discursos de representantes da sociedade brasileira, a partir das metáforas conceptuais que contribuíram para a construção/compreensão desse conceito.

O impeachment de Dilma Rousseff foi o segundo caso de cassação de mandato de presidente da república no Brasil, sendo Fernando Collor o primeiro, em 1992. A abertura do processo para a destituição do cargo ocorreu devido a uma denúncia por crime de responsabilidade, com acusações sobre desrespeito à lei orçamentária e à lei de improbidade administrativa por parte da presidente. Mesmo diante da contestação de juristas, alegando que não existia nenhuma prova de envolvimento da presidente em crime doloso que pudesse justificar o impeachment, o processo culminou com o impedimento da continuidade do mandato da presidente em agosto de 2016.

Tratamos do impeachment da presidente Dilma Rousseff por ter sido um fato histórico, caracterizado por uma série de polêmicas e divergências de opiniões, e que levou à divisão da sociedade brasileira em dois grupos antagônicos, um contrário e outro favorável ao impeachment. Dessa forma, procuramos analisar aqui as metáforas empregadas para conceptualizar o impeachment de 2016, levando em consideração duas redes metafóricas: IMPEACHMENT É GOLPE, agrupando as metáforas que revelaram um posicionamento contrário ao impeachment, e IMPEACHMENT NÃO É GOLPE, agrupando as metáforas que revelaram um posicionamento a favor do impeachment. Essas duas redes metafóricas constituíram nossas categorias de análise e fundamentaram a conceptualização do processo de impeachment.

[1] Utilizaremos, ao longo deste trabalho, a palavra "impeachment" grafada sem o uso do itálico, conforme orientação do Manual de Comunicação da Secom: https://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/redacao-e-estilo/estilo/estrangeirismos-grafados-sem-italico

Corroborando com Lakoff e Johnson (1980), para quem a metáfora conceptual é fundamental na compreensão de muitos conceitos, acreditamos que também é possível entender como o impeachment de Dilma Rousseff foi conceptualizado através das metáforas conceptuais, atualizadas por diferentes expressões linguísticas metafóricas.

Diante do cenário supracitado, procuramos, especificamente, analisar no *corpus* como ocorreu a construção do conceito de impeachment do ponto de vista da Linguística Cognitiva, através da relação entre as metáforas conceptuais que estão por trás desse processo, os valores culturais da sociedade brasileira, e as ideologias implícitas que justificaram a escolha dessas metáforas, ressaltando as limitações inerentes a esse tipo de pesquisa. Mesmo diante da existência de pesquisas publicadas a respeito do impeachment de Dilma, mas, considerando a sua relevância e atualidade, acreditamos que seja necessária a realização de mais pesquisas, dos mais variados pontos de vista, a fim de conhecer a manifestação de conceitos metafóricos em nossa cultura.

Destacamos que esta pesquisa está vinculada a um projeto maior, intitulado Metáforas/Metonímias, Gêneros Discursivos e Argumentação (MGDA), coordenado pela Profa. Dra. Lucienne Espíndola, que tem como objetivo investigar as metáforas conceptuais em diferentes temas, utilizadas como estratégia semântico-discursiva. Informamos ainda que alguns estudos realizados no Laboratório Semântico-Pragmático de Textos (LASPRAT) serviram de guia para a elaboração deste trabalho, a exemplo das teses: 1- *Metáforas Conceptuais da Corrupção na Charge e no Blog Jornalístico*, de Carneiro (2012), que investigou a conceptualização da corrupção política nos gêneros textuais blog jornalístico e charge; 2- *Dilma: Mãe ou Madastra? Metáforas Conceptuais que Categorizam a Presidente em Charges*, de Ferreira (2015), que investigou como a presidente-mãe Dilma foi categorizada no gênero textual charge; 3- *A Construção Metafórica do Conceito Relacionamento: uma Perspectiva Cognitiva*, de Silva (2016), que investigou como o domínio relacionamento foi categorizado em três domínios discursivos: o religioso, o da saúde mental e o do espaço virtual.

O *corpus* deste trabalho é composto de comentários/opiniões sobre o processo do impeachment ocorrido em 2016, identificados nas falas dos participantes do julgamento ocorrido no Senado Federal em dois momentos, maio e agosto de 2016, transcritas em dois livros: “20 horas na história: a longa sessão de admissibilidade do impeachment da presidente Dilma Rousseff” e “Impeachment: o julgamento da presidente Dilma Rousseff pelo Senado Federal”, além de sites de jornais, revistas e blog, citados no capítulo 3, em que pessoas comuns e pessoas públicas opinaram livremente a respeito do tema em questão. Dessa forma,

os livros e sites mencionados representam nossos objetos de análise, a partir dos quais selecionamos o nosso *corpus*.

Buscamos, assim, apresentar respostas para algumas questões centrais ao longo desta pesquisa, tais como: a) que metáforas conceptuais são empregadas para conceptualizar o impeachment da presidente Dilma Rousseff em discursos marcadamente opinativos? b) quais os valores culturais/ideológicos que sustentam as metáforas conceptuais evidenciadas? c) há a ocorrência de uma (ou mais de uma) metáfora (s) específica (s) que categoriza (m) o conceito em questão?

Utilizamos como pressupostos teóricos, a Teoria da Metáfora Conceptual, conforme Lakoff e Johnson (1987, 1999, 2002 [1980], 2003), Lakoff e Turner (1989) e Kövecses (2000, 2010 [2002], 2005), e outros autores que também estudaram essa teoria, como Cameron (2006) e Sardinha (2007), e a noção de Modelo Cognitivo Idealizado (MCI), na visão de Lakoff (1987), além da relação entre metáfora, cultura e ideologia, de acordo com os postulados de Kövesces (2005) e de Goatly (2007).

Trazemos como hipótese central a ideia de que a conceptualização do impeachment da presidente Dilma Rousseff pode ser investigada a partir das metáforas conceptuais que refletem dois posicionamentos político-ideológicos antagônicos na sociedade brasileira, a saber, um contrário e o outro favorável ao impeachment.

A metodologia qualitativa foi prioritariamente utilizada em nossa pesquisa, com foco na análise e interpretação dos dados. Sendo assim, identificamos em nossos objetos de análise as expressões metafóricas que trataram sobre o impeachment da presidente Dilma, utilizando o método de leitura proposto por Sardinha (2007), que consiste em procurar metáforas a partir da leitura do material escrito. Em seguida, agrupamos as diferentes expressões linguísticas encontradas em cada objeto de análise, de acordo com as respectivas metáforas conceptuais subjacentes. Por fim, empreendemos uma análise e discussão das metáforas com base na Teoria da Metáfora Conceptual, levantando as possíveis motivações ideológicas/ culturais no uso dessas expressões linguísticas.

Quanto à estrutura textual, o nosso trabalho está dividido em quatro capítulos. No primeiro, fazemos esta introdução, apresentando o objeto estudado, as teorias utilizadas e os objetivos da pesquisa.

No segundo, abordamos os estudos sobre a Teoria da Metáfora Conceptual, desde a visão objetivista até a visão cognitivista. Apresentamos, em seguida, algumas contribuições feitas por Kövesces (2010 [2002]) a esta teoria, bem como a relação entre metáfora, cultura e ideologia, na visão de Kövesces (2005) e de Goatly (2007).

No terceiro, fazemos uma contextualização do *corpus* e falamos sobre a metodologia utilizada para a coleta e análise dos dados. Apresentamos em forma de tabelas as expressões linguísticas selecionadas e metáforas conceptuais subjacentes, encontradas através da leitura dos objetos de análise escolhidos.

No quarto e último capítulo, tecemos uma discussão sobre os dados coletados e apresentamos uma análise sobre a relação entre as metáforas conceptuais que foram empregadas na construção do conceito do impeachment de Dilma Rousseff, a partir da noção de MCI (Modelo Cognitivo Idealizado), proposta por Lakoff (1987), e alguns aspectos culturais e ideológicos.

Por fim, apresentamos as considerações, e, em anexo, todos os comentários coletados a partir dos *sites* analisados, na ordem em que aparecem no corpo do trabalho.

2. OS ESTUDOS SOBRE A METÁFORA

Neste primeiro capítulo, apresentamos os pressupostos teóricos que serviram de base para o nosso trabalho. Inicialmente, abordamos, de forma breve, os estudos tradicionais da metáfora, que teve o teórico Aristóteles (século IV a.C.) como precursor. Em seguida, fazemos uma introdução sobre a Linguística Cognitiva e situamos a metáfora nesta abordagem. Posteriormente, apresentamos a Teoria da Metáfora Conceptual, estudada exaustivamente por Lakoff e Johnson (1980) e seus seguidores, mostrando que a metáfora não é um fenômeno apenas linguístico, mas fundamentalmente cognitivo, e que está infiltrada em nossa vida cotidiana. Por fim, fazemos uma relação entre a metáfora, cultura e ideologia, a partir dos postulados de Kövesces (2005) e de Goatly (2007).

2.1. A metáfora tradicional: uma visão objetivista

O estudo da metáfora nos remete a um tempo muito antigo, em que era considerada apenas uma figura de linguagem utilizada pelos poetas em seus textos ou pelos falantes para demonstrar suas habilidades retóricas. Seu principal objetivo era embelezar aquilo que era escrito ou dito, sem qualquer valor cognitivo. Portanto, nos textos científicos e discursos ditos objetivos, a metáfora deveria ser evitada, dando espaço a uma linguagem precisa, clara, objetiva, ou seja, literal[2].

Pesquisas apontam que a metáfora começou a ser investigada no século IV a.C., a partir dos estudos aristotélicos, no entanto o fenômeno ficou restrito apenas às artes retórica e literária. Foi somente após o lançamento da Teoria da Metáfora Conceptual que ela passou a ter uma função cognitiva, como veremos mais à frente.

De acordo com Junior (2005), Aristóteles já sugeria que o processo metafórico, baseado em similaridades, é inerente ao pensamento humano. Em sua obra intitulada *Poética*, Aristóteles concebe a metáfora como uma transferência de um nome de uma coisa para outra, ou de uma espécie para outra ou do gênero para a espécie (ou vice-versa), por via de analogia. Já em *Retórica*, ele reforça a ideia de que a metáfora faz parte do raciocínio humano, revelando que a linguagem cotidiana é constituída por metáforas e por palavras no seu sentido próprio.

[2] Utilizaremos, ao longo deste trabalho, o conceito de literal como sendo algo que está em conformidade com o sentido próprio e exato das palavras usadas, sem o recurso ou a intenção do uso figurado.

Em Arte Poética (2006), a metáfora, mais uma vez, é concebida por Aristóteles como uma espécie de deslocamento de um termo de uma coisa para outra. Esse movimento acontece da seguinte forma:

- Transferência do gênero para a espécie: é a parte pelo todo, ou o particular pelo geral, ou o menos pelo mais. Exemplo: cabeça por pessoa. Conhecida como sinédoque particularizante.
- Transferência da espécie para o gênero: vai da parte para o todo, do particular para o geral, do menos para o mais. Exemplo: tomar mortais por homens. Conhecida como sinédoque generalizante.
- Transferência de espécie para espécie: é uma transnominação de coisa ou passagem de um nome para outro; uma coisa é designada por outra que tem com a primeira uma relação de causa e efeito, de continente e conteúdo, de produtor e produto. Exemplo: Ler Jorge Amado. Conhecida como metonímia.
- Substituição de um nome pelo outro, por meio de analogia, baseada em similaridades. Exemplo: a tarde é a velhice do dia, a velhice é a tarde da vida. Conhecida como metáfora analógica (FILIPAK,1983).

Aristóteles explica ainda que as metáforas são necessárias ao discurso, e que elas devem ser ajustadas e apropriadas a este, conforme exemplo abaixo:

> Deve-se, todavia, ponderar se tal como uma veste escarlate é apropriada a um jovem, o poderá ser a um velho (pois a mesma indumentária não é conveniente para ambos). Se tu desejares enaltecer o assunto, usa uma metáfora retirada das de maior valor dentro do mesmo género; mas se desejares censurar, uma retirada das de menor valor. Quero dizer, por exemplo, afirmar-se que uma pessoa que mendiga <suplica> e uma pessoa que suplica <mendiga>, porque são coisas contrárias dentro do mesmo género, visto que ambas são formas de <pedir>, perfaz o que foi dito. (ARISTÓTELES, 2005 [1959], p. 247)

Ou seja, tanto o verbo mendigar quanto o verbo suplicar significam pedir, mas, dependendo de como for utilizado no discurso, o primeiro se torna mais desprestigiante que o segundo. Por exemplo, na expressão “o aluno mendigou um ponto para ser aprovado” é discursivamente diferente da expressão “o aluno suplicou um ponto para ser aprovado”, o que revela que a expressão metafórica deve ser apropriada a cada contexto.

Aristóteles também vê a metáfora como uma comparação. Sendo assim, "Chico anda devagar como uma lesma" e "a lesma está andando", em que lesma se refere ao Chico, são dois exemplos de metáforas, pois nos dois casos o ato de andar vagarosamente foi transferido para o Chico.

Para Leezenberg (2001), há muitas lacunas nos estudos aristotélicos sobre a metáfora e, por isso, diversas são as possibilidades de interpretações. Dentre estas lacunas, está o fato de Aristóteles não revelar o real motivo para o uso da metáfora, se ela serve para ornamentar a linguagem ou se é intrínseca ao pensamento humano por fazer parte de um processamento cognitivo:

> Além disso, ele [Aristóteles] não apresenta nenhuma justificativa geral do motivo pelo qual as pessoas usam metáforas, embora esteja claro que ele considera a metáfora útil se não necessária para diferentes propósitos estilísticos e ´cognitivos`: a metáfora pode tornar as coisas mais claras colocando-as diante dos nossos olhos; ela pode dar à língua uma qualidade digna e sublime; ela pode preencher espaços semânticos vazios, como no caso das atividades do sol; e finalmente, ela pode tornar algo desconhecido familiar. Por último, ele não oferece nenhuma pista de que considera a metáfora um desvio por definição ou de que nega que as metáforas podem ser tanto verdadeiras ou falsas quanto a linguagem literal. Suas observações escassas, portanto, permanecem torturantemente incompletas, às vezes contraditórias, e são em última análise insatisfatórias. (LEEZENBERG, 2001, p.43, grifo do autor, tradução nossa)[3]

Independentemente dos problemas encontrados, os estudos de Aristóteles são utilizados até hoje, principalmente aqueles que fazem parte da *Poética* e da *Retórica.* Aristóteles lançou os primeiros sinais de que a metáfora não seria só uma figura de linguagem, pois ela exige do leitor ou do ouvinte um trabalho mental para relacionar dois conceitos, mas a sua principal função ainda seria embelezar a linguagem.

> Aristóteles estava interessado na relação da metáfora com a linguagem e no papel da metáfora na comunicação. Sua discussão sobre essas questões, principalmente na *Poética* e na *Retórica*, exerce influência até os dias atuais. Ele acreditava que as metáforas eram comparações implícitas, baseadas nos princípios da analogia, uma visão conhecida, em termos modernos, como teoria da comparação. Quanto ao seu uso, ele acreditava que era

[3] Further, he [Aristóteles] gives no general account of why people use metaphors, but it is clear that he considers metaphor useful if not necessary for various stylistic and 'cognitive' purposes: it can make things clear by putting them before our eyes; it may give language a lofty and dignified quality; it can fill semantic gaps, as in the case of the sun's activities; and finally, it can make an unfamiliar object familiar. Lastly, he gives no hint of considering metaphor deviant by definition, or of denying that metaphors can be just as true or false as literal language. His scattered remarks, then, remain tantalizingly incomplete, at times contradictory, and are, in the final analysis, rather unsatisfactory. (LEEZENBERG, 2001, p.43).

> principalmente ornamental. (ORTONY, 1993, p. 3, grifo do autor, tradução nossa)[4]

Apesar da importante contribuição de Aristóteles para a pesquisa sobre a metáfora, os seus postulados diferem da visão cognitiva, pois ele entendia que seria necessário usar metáforas provindas não de coisas muito afastadas, mas de coisas parecidas. Ou seja, para Aristóteles, a metáfora precisaria vir de termos relacionados, que não possuíssem sentidos muito distantes. Nesse contexto, destacam-se dois exemplos de teorias que fundamentam a metáfora na visão tradicional: a Teoria da Substituição e a Teoria da Comparação. Vamos detalhá-las um pouco mais a seguir.

Segundo Faraco (2008), a Teoria da Substituição, como o próprio nome diz, é a substituição de um nome por outro numa expressão, constituindo-se num uso desviante da palavra para se alcançar um determinado efeito poético ou retórico. Por exemplo, em "Chico é uma lesma", o termo metafórico "lesma" seria somente uma substituição do termo literal "lento". Dessa forma, a metáfora seria um substituto para a expressão literal "Chico é lento", sem haver qualquer ganho de sentido, mas apenas a substituição de um termo por outro. A metáfora era vista, assim, como uma figura de linguagem em que a expressão metafórica substitui a expressão literal cujo significado é o mesmo.

Já a Teoria da Comparação leva em conta a semelhança entre duas coisas e faz uma comparação entre elas. No famoso exemplo "Julieta é o sol", o entendimento da metáfora se daria por causa das similaridades entre os termos comparados, como o calor, luz e brilho, deixando de lado outros aspectos, como o seu tamanho, distância, explosões solares etc. Precisaríamos escolher entre as propriedades do sol uma que tenha alguma semelhança com a personalidade da Julieta. Se fosse o brilho, a metáfora "Julieta é o sol" teria como versão explícita "Julieta brilha como o sol". Portanto, a metáfora, nesse caso, também seria uma figura de linguagem em que uma coisa é entendida como outra.

Observamos que o exemplo "Chico é uma lesma" também se enquadra na Teoria da Comparação, pois apresenta a versão "Chico anda como uma lesma", em que o jeito de andar do Chico é comparado a uma lesma. Assim como em "Julieta é o sol", o termo "sol" também poderia ser um substituto para o termo "brilhar", e a metáfora seria um substituto para a

[4] Aristotle was interested in the relationship of metaphor to language and the role of metaphor in communication His discussion of the issues, principally in the *Poetics* and in the *Rhetoric*, have remained influential to this day. He believed metaphors to be implicit comparisons, based on the principles of analogy, a view that translates into what, in modern terms, is generally called the *comparison* theory of metaphor. As to their use, he believed that it was primarily ornamental. (ORTONY, 1993, p. 3, grifo do autor)

expressão literal “Julieta brilha”, enquadrando-se na Teoria da Substituição. Logo, podemos dizer que as Teorias da Comparação e Substituição se fundem em certos aspectos.

Em seguida, surge uma nova abordagem, a Teoria Interacional da Metáfora, representada por Black (1962), e que vai de encontro ao estabelecido pelas teorias da substituição e da comparação. Essa nova teoria afirma que os dois domínios, fonte e alvo, que fazem parte da metáfora, “interagem” entre si, surgindo um novo saber, que não equivale à qualquer similaridade anterior.

> Black [...] veio criticar essas duas visões a favor do que ele denominou Teoria Interacional da Metáfora. De acordo com essa nova abordagem, tanto a fonte quanto o alvo da metáfora interagem para produzir uma nova visão de mundo. Desse modo, uma metáfora produtiva gera novo conhecimento e não pode ser considerada semanticamente equivalente a nenhum conjunto de expressões literais co-existentes. (FARACO, 2008, p. 32)

Em outras palavras, podemos dizer que é, na interação, e não na comparação entre os domínios que um novo efeito vem à tona. No exemplo anterior, “Julieta é o sol”, não pressupomos uma similaridade real entre Julieta e o sol; a metáfora é quem cria, cognitivamente, essa similaridade. Evidenciamos, portanto, a retomada do papel cognitivo da metáfora, já sinalizado por Aristóteles em tempos anteriores.

> Segundo a teoria da interação, não haveria nenhuma similaridade preexistente entre Julieta e sol de onde pudéssemos retirar as informações necessárias para entender a metáfora; estamos comparando uma pessoa a uma parte do cosmo. Certamente podemos pensar literalmente no sol sem nunca incluir qualquer atributo relacionado a Julieta, até porque muitos de nós nem a conhecemos. Por outro lado, não há nada na definição de Julieta que nos diga que ela possa ser o sol, ou a lua ou qualquer outro corpo celeste. Precisamos criar essa similaridade para dar sentido à expressão e fazemos isso criando interação entre Julieta e o sol. (SARDINHA, 2007, p. 29,30)

A teoria da interação foi de grande importância para o surgimento de uma nova visão de metáfora, e consequente ruptura com a visão objetivista, dando ênfase ao papel cognitivo e não apenas linguístico desse fenômeno. No entanto, foi somente em 1970 que aconteceu uma transformação paradigmática de base cognitivista, e uma teoria revolucionária sobre a metáfora foi lançada pelos estudiosos Lakoff e Johnson. “A metáfora, nessa perspectiva, não seria apenas um modo de falar, mas uma forma de pensar, ou conceptualizar (pois estamos falando de um processo inconsciente) um domínio em termos de outro domínio.” (VEREZA,

2012, p.51). Estamos nos referindo à teoria da Metáfora Conceptual, objeto de estudo da Linguística Cognitiva.

2.2. Linguística Cognitiva: uma introdução

A expressão *linguística cognitiva* não é exatamente uma expressão nova, pois já circula no meio linguístico desde os anos de 1960, motivada pela guinada cognitivista promovida por Chomsky e a sua Gramática Gerativa. Mas foi somente no final da década de 1970 e início da década de 1980 que surge uma nova corrente de estudo, também denominada Linguística Cognitiva (identificada pela utilização de iniciais maiúsculas), propondo um afastamento da perspectiva *modular* de cognição adotada pela teoria gerativa. Dessa forma, o termo se refere a um tipo específico de cognição – a cognição não modular, que é aquela que não está isolada, mas que interage com as outras capacidades cognitivas. Seus principais estudiosos foram George Lakoff, Ronald Langacker, Leonard Talmy, Charles Fillmore e Gilles Fauconnier que, apesar de concordarem com o matiz cognitivista do gerativismo, passaram a buscar por um embasamento teórico que pudesse explicar as relações entre sintaxe e semântica, e particularmente entre forma e significado na pesquisa linguística (FERRARI, 2011).

Portanto, assim como o Estruturalismo e o Gerativismo, a Linguística Cognitiva (LC) é uma importante vertente de estudo da Linguística. Segundo Soares da Silva (1997), a LC difere do Estruturalismo pelo fato de não aceitar a linguagem como um sistema autônomo, independente, que possui estrutura própria e por isso não está relacionada com a maneira como as pessoas a percebem.

Por outro lado, em direção oposta ao Gerativismo, a LC sugere que haja uma interação do módulo cognitivo da linguagem com outras capacidades cognitivas, numa perspectiva não modular. Ou seja, ela evita analisar a linguagem separada dos outros módulos, como a percepção, a memória e o raciocínio matemático, para que não haja um conhecimento isolado da linguagem. Além disso, a LC não concebe o significado como reflexo da realidade, como fazia o Gerativismo, mas sim como construção mental:

> A Linguística Cognitiva defende que a relação entre palavra e mundo é mediada pela cognição. Assim, o significado deixa de ser um reflexo direto do mundo, e passa a ser visto como uma construção cognitiva através da qual o mundo é apreendido e experienciado. Sob essa perspectiva, as palavras não contêm significados, mas orientam a construção do sentido. (FERRARI, 2011, p. 14)

Somado a isso, a Linguística Cognitiva vê o significado linguístico sob um viés *enciclopédico* (conhecimento de mundo ou não linguístico), baseado no uso, em que o contexto orienta a construção do significado. Logo, rejeita a ideia do *conhecimento de dicionário* adotada pela semântica lexical cujo objetivo é investigar o significado das palavras, sendo esses significados linguísticos armazenados na mente correspondentes àqueles que aparecem no dicionário.

De acordo com Ferrari (2011), o conhecimento enciclopédico é caracterizado como um sistema estruturado e organizado em rede. Dessa forma, a LC assume que o conhecimento associado a uma determinada palavra possui diferentes aspectos que não apresentam o mesmo *status*. Para exemplificar, a autora cita determinados aspectos associados ao conceito de goiaba, enfatizando que alguns têm mais destaque para o seu significado do que outros: no espaço cromático temos a configuração da sua cor; no domínio espacial e/ou visual temos a especificação para sua forma; no domínio sensorial podemos localizar o seu gosto/cheiro; além de outras características abstratas de menor centralidade.

Já o conhecimento de dicionário, associado ao estudo da semântica lexical, revela que o conhecimento linguístico é específico, ou seja, está separado de outros tipos de conhecimento de mundo. O exemplo trazido pela autora é o da palavra mochila, que significa uma espécie de saco para guardar objetos pessoais, mas apresenta natureza distinta de outros tipos de conhecimento, como saber a forma de usar uma mochila ou onde se pode adquiri-la. Assim, o conhecimento linguístico, nessa visão, assume a forma de um *dicionário mental* ou *léxico*, consistente com o conceito da *modularidade* adotado pelo Gerativismo.

Um dos pontos centrais do estudo da Linguística Cognitiva é a relação entre mente e corpo, ou seja, a mente não pode ser investigada de forma isolada, sem levar em consideração a base corporal da experiência humana. Portanto, em oposição à abordagem racionalista[5], a LC adota uma perspectiva empirista, em que "a investigação da mente humana não pode ser separada do corpo, de modo que a experiência, a cognição e a realidade são concebidas a partir de uma ancoragem corporal" (FERRARI, 2011, p.21).

Nesse âmbito, Lakoff (1987) adota o termo *realismo experiencialista*, e sustenta a tese de que a **mente é corporificada**, isto é, modelada através das experiências vivenciadas pelo ser racional e de sua interação com o meio físico e social. Portanto, podemos dizer que os conceitos são corporificados, pois as experiências corpóreas exercem forte influência no

5 Na visão racionalista a linguagem é vista como um sistema formal, sem relação com as experiências corpóreas humanas. Lakoff e Johnson (2002 [1980]) citam diferentes representantes da tradição racionalista (Descartes, Hobbes, Locke) e destacam que esta visão é também adotada por alguns cientistas cognitivos (ex: Chomsky)

processo de conceptualização humana: “conceitos humanos não são apenas reflexos de uma realidade externa, mas são crucialmente moldados por nossos corpos e cérebros, especialmente pelo nosso sistema sensório-motor.” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 20, tradução nossa)[6]

Ferrari (2011) elenca e explica os principais postulados dessa filosofia, que diz que o pensamento é “enraizado” no corpo, imaginativo e possui propriedades *gestálticas*:

> - O pensamento é “enraizado” no corpo, de modo que as bases de nosso sistema conceptual são percepção, movimento corporal e experiências de caráter físico e social.
> - O pensamento é imaginativo, de forma que os conceitos que não são diretamente ancorados em nossa experiência física empregam metáforas, metonímia e imagética mental, caracterizados por ultrapassar o simples espelhamento literal da realidade.
> - O pensamento tem propriedades *gestálticas*: os conceitos apresentam uma estrutura global não atomística, para além da mera reunião de “blocos conceptuais” a partir de regras específicas. (FERRARI, 2011, p. 22).

Assim, a autora conclui que o realismo experiencialista reconhece que a razão humana não é uma instanciação da razão transcendental, mas é algo que emerge da natureza do nosso organismo a das situações associadas às nossas experiências de vida, seja ela individual ou coletiva, a exemplo da herança genética, da forma como funcionamos socialmente, das características do ambiente ao nosso redor etc.

Evans e Green (2006) reforçam a relação existente entre experiência – corpo – cognição - linguagem, afirmando que só é possível falar sobre aquilo que percebemos e concebemos, e esta capacidade deriva da nossa experiência corporificada.

> O fato de nossa experiência ser corporificada – ou seja, estruturada em parte pela natureza dos corpos que nós temos e pela nossa organização neurológica – tem consequências para a cognição. Ou seja, os conceitos aos quais temos acesso e a natureza da ‘realidade’ de que pensamos e falamos é uma função da nossa corporificação: só podemos falar sobre o que podemos perceber e conceber, e as coisas que podemos perceber e conceber derivam da experiência corporificada. Deste ponto de vista, a mente humana deve carregar a marca da experiência corporificada. (EVANS; GREEN, 2006, p. 46, grifo do autor, tradução nossa) [7]

---

6 human concepts are not just reflections of an external reality, but they are crucially shaped by our bodies and brains, especially by our sensorimotor system .(LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 20)

[7] The fact that our experience is embodied – that is, structured in part by the nature of the bodies we have and by our neurological organisation – has consequences for cognition. In other words, the concepts we have access to and the nature of the ‘reality’ we think and talk about are a function of our embodiment: we can only talk about what we can perceive and conceive, and the things that we can perceive and conceive derive from embodied

Geeraerts (2006) postula que não devemos apenas descrever conceitos e categorias por meio de uma definição abstrata se quisermos alcançar um adequado grau de conhecimento; outros aspectos devem ser levados em consideração. Para exemplificar, ele traz o conceito de ave, que pode ser definida como um tipo de animal que tem asas, é capaz de voar e nasce de ovos, mas isto não é suficiente para uma boa compreensão cognitiva sobre o que são as aves; é necessário olhar também para algumas espécies típicas (ex., pardais e pombos) e outras menos típicas (ex. galinhas e avestruzes). Dessa forma, conforme preconiza uma das primeiras teorias da LC, a definição de uma categoria precisa envolver a descrição de alguns dos seus principais membros.

O autor também reforça a ideia de que a Linguística Cognitiva é um ramo específico dos estudos linguísticos e se distingue, por exemplo, da gramática gerativa e de muitas outras formas de pesquisa no campo das ciências cognitivas. O que determina a sua especificidade é que ela traz uma abordagem "cognitiva" da linguagem voltada para o significado, enquanto a gramática gerativa, também considerada uma concepção "cognitiva" da linguagem, pensa-a em termos formais, como um conjunto de regras e estruturas sintáticas. Sendo assim, Geeraerts alerta que

> temos que ter cuidado com o termo cognitivo em Linguística Cognitiva. Ele não apenas sinaliza que a língua é um fenômeno psicologicamente real (e que a linguística é parte das ciências cognitivas), mas também que o processamento e armazenamento de informação são cruciais para caracterizar a língua. Linguística não é apenas o conhecimento da língua (que é o foco da gramática gerativa), mas a própria língua é uma forma de conhecimento – e tem que ser analisada em conformidade, com foco no significado. (GEERAERTS, 2006, p. 03, tradução nossa) [8]

Por fim, Geeraerts enfatiza que a Linguística Cognitiva não é a única abordagem com foco no significado. Para distingui-la das outras vertentes, ele elenca quatro características que nos ajudam a entender como ela lida com o significado. Vejamos cada uma a seguir:

- ✓ O significado linguístico é perspectivado.

---

experience. From this point of view, the human mind must bear the imprint of embodied experience. (EVANS; GREEN, 2006, p. 46)

[8] we have to be careful with the term cognitive in Cognitive Linguistics. It does not only signal that language is a psychologically real phenomenon (and that linguistics is part of the cognitive sciences), but also that the processing and storage of information is a crucial design feature of language. Linguistics is not just about knowledge of the language (that's the focus of generative grammar), but language itself is a form of knowledge – and has to be analyzed accordingly, with a focus on meaning. (GEERAERTS, 2006, p. 03)

Muito mais que um reflexo da realidade externa, o significado linguístico é uma forma de moldar o mundo. Isto é, cada pessoa tem uma maneira perspectivada de interpretar as situações que vivencia. Para uma melhor compreensão, o autor traz o exemplo em que você está no seu quintal e quer expressar onde deixou sua bicicleta. Você pode dizer que ela está na frente da casa (o ponto de vista é o da casa) ou atrás da casa (o ponto de vista é o seu, e a bicicleta está na sua frente, mas há um obstáculo entre você e ela, logo ela está atrás do obstáculo). Apesar de contraditórias, as duas informações são coerentes, pois se referem a diferentes perspectivas. Nesse sentido, a Linguística Cognitiva tenta analisar as múltiplas perspectivas possíveis.

- ✓ O significado linguístico é dinâmico e flexível.

O mundo está em constante evolução e o significado linguístico precisa acompanhar essas mudanças, de forma dinâmica e flexível. Nesse sentido, a linguagem não pode ser pensada como uma estrutura rígida e estável. É o caso da definição de aves, exemplo que o autor traz novamente, em que não há um conjunto único e rígido de características específicas que se aplique a todos os pássaros; há, na verdade, semelhanças familiares flexíveis, que é capaz de lidar também com os exemplos menos típicos da espécie.

- ✓ O significado linguístico é enciclopédico e não autônomo.

A língua não é um módulo separado e independente da mente, assim como o significado linguístico também não está isolado das outras formas de conhecimento de mundo. Por isso o significado linguístico é enciclopédico e não autônomo, pois envolve diferentes conhecimentos ligados a outras capacidades cognitivas e não só a linguagem. Nesse sentido, existem dois aspectos para o fundamento experiencial do significado linguístico: a mente humana é corporificada, ou seja, nossa natureza orgânica influencia nossas experiências diárias, que são refletidas na linguagem; e o ser humano tem uma identidade social e cultural, que também é refletida na linguagem que usamos.

- ✓ O significado linguístico é baseado no uso e na experiência.

Já sabemos que o significado linguístico é integrado de forma não autônoma a outras experiências, portanto dizemos que ele é experiencial, isto é, enraizado na experiência. É

através do uso da linguagem (ou, em outras palavras, da experiência vivenciada com a linguagem) que o significado linguístico se realiza.

A partir do que discutimos até o momento, passaremos a algumas noções sobre os modelos cognitivos idealizados para, logo em seguida, adentrar na teoria da metáfora conceptual.

2.2.1. A categorização e os modelos cognitivos idealizados

Nossa compreensão do mundo é mediada pelo processo de categorização das coisas que estão ao nosso redor. Categorizar é a ação de agrupar entidades semelhantes (pessoas, objetos etc.) em classes específicas. Categorizamos não somente as coisas, mas um grande número de entidades abstratas como ações, emoções, relacionamentos. Segundo Lakoff (1987), a categorização faz parte da vida do ser humano, sendo assim necessário compreender como se dá esse processo no intuito de conhecer o que nos torna humanos.

> Sem a capacidade de categorizar, nós não poderíamos de maneira alguma funcionar, seja no mundo físico ou em nossas vidas sociais e intelectuais. Compreender como categorizamos é central para qualquer entendimento sobre como pensamos e funcionamos, e, portanto, central para compreendermos o que nos torna humanos. (LAKOFF, 1987, p. 06, tradução nossa) [9]

No modelo clássico de categorização, as categorias são vistas como *containers*, onde os elementos estão dentro ou fora de acordo com as suas propriedades. Estes só podem ser considerados da mesma categoria se possuírem todas as propriedades definidoras daquela categoria. Por exemplo, os membros da categoria PEIXE devem "ter escama", "locomover-se por meio de nadadeiras", "respirar através de brânquias" etc. Portanto, para que um animal seja considerado PEIXE, precisa apresentar todas essas propriedades, não podendo deixar nenhuma de fora. Logo, "de acordo com esse modelo, as categorias apresentam limites rígidos e são tratadas, de modo objetivista, como reflexos diretos do mundo" (FERRARI, 2011, p. 33).

No entanto, após estudos empíricos em diversas disciplinas, surge uma nova visão sobre o processo de categorização. De acordo com Lakoff (1987, p.7), o pioneirismo do

[9] Without the ability to categorize, we could not function at all, either in the physical world or in our social and intellectual lives. An understanding of how we categorize is central to any understanding of how we think and how we function, and therefore central to an understanding of what makes us human. (LAKOFF, 1987, p. 06)

trabalho de Eleonor Rosch dentro da psicologia cognitiva foi de fundamental importância para essa mudança, questionando duas implicações da teoria clássica:

1- Se as categorias são definidas apenas por propriedades que todos os elementos compartilham, então nenhum elemento deve ser melhor exemplo que qualquer outro elemento.
2- Se as categorias são definidas apenas por propriedades inerentes aos elementos, elas devem ser independentes das peculiaridades das pessoas que estão fazendo a categorização, ou seja, não haveria influência de questões neuropsicológicas, movimento do corpo, capacidades humanas específicas para perceber, formar imagens mentais, aprender e lembrar, organizar as coisas aprendidas e comunicar-se eficientemente.

Rosch, então, observou através de estudos que as categorias, em geral, possuem melhores representantes, chamados protótipos. Para exemplificar, ela realizou uma investigação com estudantes universitários sobre as seguintes categorias: FRUTA, MOBÍLIA, VEÍCULO, ARMA, LEGUME, FERRAMENTA, AVE, ESPORTE E BRINQUEDO, em que os estudantes precisavam julgar se os itens apresentados eram bons representantes das categorias indicadas. Cadeiras, sofás, mesas e camas foram indicados como MOBÍLIA por todos. Porém, cinzeiros, rádios, relógios e vasos foram classificados como representantes periféricos da categoria. Logo, os resultados da pesquisa confirmaram que as entidades são organizadas em termos de categorias prototípicas, cujos limites não são intransigentes (FERRARI, 211, p.37).

Sendo assim, indo de encontro ao modelo clássico de categorização, as categorias não apresentam limites rígidos, visto que:

> Entre protótipos e fronteiras categoriais há membros intermediários, organizados em termos de uma escala de prototipicidade. A organização categorial envolve desde representantes mais centrais, com suficiente similaridade ao protótipo, até representantes muito periféricos, que constituem efeitos do protótipo e apresentam poucos traços em comum com o núcleo categorial. (FERRARI, 2011, p. 41).

Nesse contexto, Lakoff (1987) propõe que a categorização só é possível através dos Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs), que são produtos da mente humana e são os responsáveis pela organização do nosso conhecimento; é a partir da combinação entre

modelos cognitivos, experiências e o mundo que surge a categoria. Em outras palavras, dizemos que a categorização e os efeitos prototípicos só ocorrem devido à existência dos MCIs no sistema conceptual humano, que organizam o conhecimento adquirido.

Ainda segundo Lakoff, modelos cognitivos são considerados idealizados porque: 1- podem não se encaixar perfeitamente à realidade, visto que são criações da cognição humana; 2- é possível a construção de mais de um modelo (que podem ser contraditórios entre si) para compreender uma dada situação.

Um exemplo trazido pelo autor é o da palavra BACHELOR (solteirão), que se refere a um homem adulto que já atingiu a idade para casar, mas que continua solteiro. Este MCI só é possível devido à existência de uma sociedade em que há celebração de casamentos, tipicamente monogâmicos, e uma idade ideal para casar. Mas este modelo não se aplica ao papa ou a um homem abandonado em uma floresta, como o Tarzan, e assim, eles não representam a categoria solteirão.

Para que esta inferência seja possível é necessário tomar não apenas o MCI dos solteirões, mas também o MCI que caracteriza o papa ou o Tarzan, e compará-los para verificar em quais aspectos eles se sobrepõem e os aspectos em que eles diferem. Uma operação irredutivelmente cognitiva, como o próprio nome sugere.

Os modelos cognitivos também podem variar entre as diversas culturas e em algumas situações são chamados de *modelos culturais*, conforme explica Feltes (2007):

> o sistema conceptual humano e várias categorias por ele geradas são, ao mesmo tempo, cognitivas e culturais. A cognição humana está inextricavelmente ligada à experiência humana corpórea, social, cultural e histórica. (FELTES, 2007, p. 90)

Apesar da existência de modelos cognitivos que são considerados universais, sendo, portanto, iguais em todas as culturas, há alguns que são exclusivamente culturais. É o caso da palavra *sexta- feira*, exemplo trazido por Lakoff (1987), que apresenta diferentes significados: é o último dia de trabalho na cultura ocidental, é o dia em que Jesus foi crucificado na cultura cristã e é o dia do azar para os supersticiosos. Dessa forma, observamos que "os MCIs são individualmente idealizados, constituindo-se em *modelos cognitivos*, e, interindividualmente partilhados pelos membros de um determinado grupo social, ou seja, também são *modelos culturais*" (FERREIRA, 2015, p.29).

Lakoff (1987) revela ainda que cada MCI é uma estrutura complexa, que utiliza alguns princípios estruturantes, a saber: estrutura proposicional, encontrada nos *frames* de Filmore;

estrutura de esquema de imagem, encontrada na gramática cognitiva de Langacker; mapeamentos metafóricos e mapeamentos metonímicos, descritos por Lakoff e Johnson. É a partir desses princípios que surgem cinco diferentes tipos de MCIs: os proposicionais, os esquemas de imagens, os metafóricos, os metonímicos e os simbólicos. Vejamos uma noção sobre cada um deles.

- ✓ Os MCIs proposicionais.

São responsáveis por especificar os elementos, suas propriedades e as relações entre eles. Grande parte da nossa estrutura de conhecimento está na forma de modelos proposicionais, que podem ser do tipo *frame*, proposição simples, cenário (ou *script*), *cluster models* (feixe de traços), taxonomia e categoria radial.

O modelo do tipo *frame* "designa um sistema estruturado de conhecimento, armazenado na memória de longo prazo e organizado a partir da esquematização da experiência." (FERRARI, 2011, p.50). Como exemplo temos a expressão *terça-feira*, que se refere à terceira parte da semana, dividida em sete dias, mas que não existe objetivamente na natureza, senão através de um modelo idealizado criado pela mente humana.

Já o *cluster models* diz respeito a um conjunto complexo de modelos, formado a partir da combinação de vários MCIs. Para exemplificar, Lakoff (1987) cita uma série de modelos que se referem à definição de mãe, visto que somente o modelo de mãe enquanto "aquela que dá a luz" não cobriria todos os casos:

1- O modelo do nascimento: aquela que dá a luz é a mãe;
2- O modelo genético: aquela que fornece material genético é a mãe;
3- O modelo do cuidado: aquela que alimenta e cria é a mãe;
4- O modelo marital: aquela que é casada com o pai é a mãe [10];
5- O modelo genealógico: aquela que é a ancestral mais próxima é a mãe.

Logo, não há um modelo cognitivo único geralmente aceito para o conceito de mãe. De acordo com o autor, o termo *mãe* pode ser utilizado também para se referir à mulher que alimenta e cria, ou à mulher que é casada com o pai, ou à mulher que é a ancestral mais próxima, mesmo sem nunca ter dado a luz ou ter fornecido material genético.

[10] Ressaltamos que, devido às diferentes formas de união afetiva, o modelo marital em famílias homoafetivas pode variar.

- ✓ Os MCIs de esquemas de imagens.

Como o próprio nome sugere, esses MCIs correspondem às imagens associadas às nossas experiências diretas com o corpo, possuindo natureza corpórea-cinestésica, e são usados para estruturar conceitos mais abstratos. Centro-periferia, parte-todo, origem-percurso-meta, contêiner, dentre outros, são algumas ocorrências desses modelos.

No caso do contêiner, por exemplo, podemos perceber a existência de uma fronteira entre um exterior e um interior na estruturação de um conceito, através de expressões que indicam movimentos de dentro para fora e vice-versa, como em "colocamos para fora todo o nosso sentimento" ou "ela se enfiou num casaco pesado para se proteger do frio". Portanto, observamos que alguns conceitos são estruturados com base nos esquemas imagéticos do contêiner.

- ✓ Os MCIs simbólicos.

São produzidos a partir da associação dos elementos conceituais dos MCIs a elementos linguísticos, ou seja, consistem na combinação de modelos cognitivos com modelos de formas. O objetivo dos MCIs simbólicos é fazer uma descrição-explicação da gramática em termos cognitivos, motivada semanticamente. Atuam em três níveis de descrição linguística: o dos itens lexicais, o das categorias gramaticais e o das construções gramaticais (FELTES, 2007, p. 167).

Como exemplo, Feltes faz referência ao item lexical *janela*, que diz respeito a uma abertura na parede com uma moldura, geralmente preenchida por vidro. Este item lexical pode conter vários sentidos, dependendo do contexto em que é utilizado. Ou seja, a mesma palavra *janela*, em virtude do seu modelo cognitivo, pode ser utilizada para se referir a um conjunto inteiro ("quantas janelas sua casa tem?"), para se referir apenas à abertura ("assustado, o rapaz pulou pela janela"), para se referir apenas à moldura ("a janela está torta, precisamos recolocá-la"), para se referir apenas aos vidros ("os meninos acabaram de quebrar a janela com a bola").

- ✓ Os MCIs metonímicos.

Possuem uma função referencial, pois permitem utilizar uma entidade para representar outra. Isto é, dados dois elementos pertencentes ao mesmo domínio conceitual, o primeiro

pode ser representado pelo segundo devido à presença de uma relação de contiguidade entre os dois.

Um dos exemplos colocados por Lakoff (1987) revela uma pessoa sendo chamada de *sanduíche de presunto*: "Uma garçonete diz para a outra: o sanduíche de presunto derramou toda a cerveja sobre si." (LAKOFF, 1987, p. 77, tradução nossa) [11.] Nesse caso, o falante está usando uma entidade (o sanduíche de presunto) para se referir a outra (o cliente) que é relacionada a ela, através de um MCI metonímico.

- ✓ Os MCIs metafóricos.

Correspondem a um mapeamento parcial e unilateral entre dois domínios conceituais diferentes. Para que um conceito mais abstrato (domínio alvo) seja entendido, é necessário que este seja estruturado por um conceito mais concreto (domínio fonte) a partir de associações com as experiências pessoais, sendo esta operação cognitiva responsável por fazer com que o domínio alvo seja compreendido em termos do domínio fonte.

Para exemplificar, analisemos as expressões citadas por Lakoff e Johnson (2002 [1980]): "como você gasta seu tempo hoje em dia?", "tenho investido muito tempo nela", "você deve calcular bem o seu tempo", "você está desperdiçando meu tempo". Observamos nesses exemplos que o tempo é entendido como algo que pode ser gasto, investido, orçado ou mesmo desperdiçado, assim como o dinheiro. Logo, através de um MCI metafórico, entendemos o tempo (conceito abstrato), como dinheiro (conceito concreto).

A seguir, faremos uma discussão mais detalhada sobre os MCIs do tipo metáfora, a partir da Teoria da Metáfora Conceptual proposta por Lakoff e Johnson (2002 [1980]), objeto de estudo desta pesquisa.

2.3. A metáfora conceptual: uma visão cognitivista

A partir da ampliação e aprofundamento do estudo da metáfora, ela deixa de ser apenas uma forma especial de discurso, ligada à estilística e à linguagem literária, e passa a ser vista como uma operação inerente à mente humana. Sendo assim, a metáfora não é mais reconhecida como um processo meramente linguístico, mas principalmente como um processo cognitivo fundamental, responsável pela conceptualização das experiências diárias.

[11] One waitress says to another, "The ham sandwich just spilled beer all over himself." (LAKOFF, 1987, p. 77)

O marco dessa virada paradigmática ocorreu no final da década de 1970, por meio de diversas publicações (ORTONY, 1979; REDDY, 1979; LAKOFF & JOHNSON, 1980) sobre o funcionamento da metáfora conceptual. Mas é somente na obra *Metaphors we live by*, publicada em 1980 por Lakoff e Johnson, que há o reconhecimento de que a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, intrinsicamente ligada ao pensamento e à ação, o que torna o nosso sistema conceptual fundamentalmente metafórico.

> Os conceitos que governam nosso pensamento não são mera questões do intelecto. Eles governam também a nossa atividade cotidiana até nos detalhes mais triviais. Eles estruturam o que percebemos, a maneira como nos comportamos no mundo e o modo como nos relacionamos com outras pessoas. Tal sistema conceptual desempenha, portanto, um papel central na definição de nossa realidade cotidiana. Se estivermos certos, ao sugerir que esse sistema conceptual é em grande parte metafórico, então o modo como pensamos, o que experienciamos e o que fazemos todos os dias são uma questão de metáfora. (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 45,46)

A partir de então, conforme explica Steen (1994), a metáfora:

1- Deixa de ser um desvio de linguagem;
2- Deixa de funcionar apenas como ornamento e passa a ter um papel central na linguagem;
3- Deixa de ser estudada como expressão puramente linguística para ser estudada como um fenômeno de cognição.

De acordo com Ferrari (2011), a metáfora tem relação direta com a noção de perspectiva, pois as formas como concebemos as mais diversas situações estão associadas a diferentes metáforas. Para exemplificar, ela traz o conceito de afeto, que pode ser concebido em termos de:

- ✓ Temperatura – “O diretor é uma pessoa fria”; “Ela foi recebida calorosamente na festa”.
- ✓ Distância espacial – “Eu me sinto bem próxima do meu irmão”; “Eu acho o jeito dela distante”.

Lakoff e Jonhson (2002 [1980]) revelam que a metáfora é um mecanismo que permite conceptualizar as experiências cotidianas, em que é verificado um mapeamento entre dois

domínios, um domínio fonte e um domínio alvo. Aquele geralmente possui propriedades mais concretas da experiência, enquanto este tende a ser mais abstrato. Sendo assim, o domínio fonte fornece atributos, características, elementos para estruturar o domínio alvo. Dizemos, portanto, que a metáfora conceptual é essencial para a compreensão de grande parte dos conceitos, mas isso normalmente não ocorre de forma consciente.

Voltando ao exemplo anterior, observamos que é possível conceptualizar o afeto em termos de temperatura ou proximidade a partir das metáforas AFETO É TEMPERATURA e AFETO É PROXIMIDADE. Logo, um mesmo domínio alvo pode ser estruturado por diferentes domínios fontes, dependendo do contexto de cada situação. Utilizamos alguns aspectos do domínio TEMPERATURA (frio, calor) e do domínio PROXIMIDADE (distante, próximo) para construir o conceito de AFETO. Ou seja, algumas ações relacionadas ao afeto são parcialmente estruturadas pelo conceito de temperatura e pelo conceito de proximidade. Quando dizemos "O diretor é uma pessoa fria", entendemos que ele não é uma pessoa dócil, e não que ele é frio no sentido literal da palavra; já na expressão "Eu acho o jeito dela distante" sabemos que não há uma distância física, mas atitudes que correspondem à parte usada do conceito de proximidade e pertencem à nossa maneira ordinária de falar de afeto.

Ainda segundo Lakoff e Johnson (2002 [1980]), o processamento metafórico é caracterizado por ser unidirecional, ou seja, apenas uma parte do conceito do domínio fonte é usada para estruturar o conceito do domínio alvo. As metáforas estabelecem correspondências entre um domínio fonte e um domínio alvo, mas não o oposto. Portanto, podemos conceptualizar o afeto em termos de temperatura ou distância espacial, mas não podemos fazer isso na direção inversa.

Geralmente, os conceitos que se referem às emoções, como é o caso do afeto e do amor, são mais abstratos e, por esse motivo, são quase totalmente estruturados metaforicamente:

> O conceito de AMOR, por exemplo, é fortemente estruturado metaforicamente: AMOR É UMA VIAGEM, AMOR É UM PACIENTE, AMOR É UMA FORÇA FÍSICA, AMOR É LOUCURA, AMOR É GUERRA etc. O conceito de AMOR tem um núcleo que é minimamente estruturado pela subcategorização AMOR É UMA EMOÇÃO e por ligações com outras emoções, por exemplo, gostar. Isso é típico de conceitos de emoção que não são claramente delineados em nossa experiência de forma direta e, portanto, devem ser compreendidos, primeiramente, de forma indireta, via metáfora. (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 163)

Dessa forma, a linguagem que usamos para falar das emoções "não é poética, ornamental, ou retórica; é literal." (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 48) Falamos (e agimos!) desta ou daquela forma em relação ao afeto e ao amor porque os concebemos assim.

A linguagem literal mencionada por Lakoff e Johnson é vista como aquela que está em oposição à linguagem figurada, ou seja, o sentido literal estaria relacionado à ideia de objetividade, precisão e clareza, enquanto que o sentido figurado estaria relacionado aos recursos utilizados para embelezar a linguagem. Contudo, Vereza (2007) apresenta uma nova visão para o sentido literal, a partir da metáfora da literalidade, revelando que até mesmo "o sentido literal é conceitualmente metafórico" (VEREZA, 2007a, p.119). Para compreender melhor essa metáfora, podemos pensar em expressões do tipo "o sentido dessa teoria é claro" (referindo-nos ao sentido), "onde está o sentido do problema?" (procurando o sentido), "esta palavra tem pouco sentido no texto" (quantificando o sentido), em que o sentido literal (pertencente ao domínio do abstrato), é conceitualmente "coisificado". Logo, compreendemos o sentido como uma entidade e, assim, pensamos a respeito dele como objetos ou coisas.

> Podemos conceber a metáfora da literalidade aqui tratada como uma metáfora ontológica que entifica ("coisifica", "reifica") o sentido, tornando-o "literal". Dessa forma, podemos nos referir a esse sentido (o "sentido dessa palavra"), quantificá-lo ("esse texto não tem muito sentido"), qualificá-lo ("o sentido metafórico do termo") e identificar seus possíveis constituintes ("semas"). Até mesmo é dito que não se consegue "ver" o sentido em um determinado texto. Somente a partir da entificação do fenômeno, podemos tratá-lo não só cientificamente, como construto teórico a ser analisado, mas também cognitivamente, como algo acessível ao pensamento ou apreensível pela "sabedoria poética", e sociopragmaticamente, como recurso metalingüístico na interação. (VEREZA, 2007a, p. 122-123)

A metáfora SENTIDO LITERAL É OBJETO é uma evidência de que o mapeamento metafórico é fortemente estruturado. Da mesma forma, observamos que, na metáfora DISCUSSÃO É GUERRA, é possível utilizar alguns aspectos do domínio GUERRA (atacar, defender, ganhar, perder etc.) para construir o conceito de DISCUSSÃO. Isto é, algumas ações relacionadas à discussão são parcialmente estruturadas pelo conceito de guerra. Compreendemos e experienciamos a discussão como se fosse uma guerra, corroborando com o postulado de Lakoff e Johnson (2002 [1980], p.47,48) de que "a essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra".

Vejamos como acontece o mapeamento para a metáfora DISCUSSÃO É GUERRA:

Fonte: GUERRA		Alvo: DISCUSSÃO
os combatentes de guerra	➔	os debatedores
as armas utilizadas na guerra	➔	as atitudes dos debatedores
as estratégias de guerra	➔	as estratégias argumentativas na discussão
as dificuldades experienciadas na guerra	➔	a contra argumentação na discussão
a batalha física na guerra	➔	a batalha verbal na discussão
os objetivos de guerra	➔	os objetivos da discussão

Portanto, as expressões linguísticas que atualizam a metáfora DISCUSSÃO É GUERRA apresentadas a seguir não são simples formas de falar, mas formas de pensar e agir:

- ✓ O diretor *atacou* todas as minhas sugestões de melhoria.
- ✓ Nunca *venci* uma discussão com ela.
- ✓ Os argumentos dele são *indefensáveis.*
- ✓ Suas críticas foram *direto ao alvo.*
- ✓ Você não concorda? Ok, *ataque*!

> É importante perceber que não somente *falamos* sobre discussão em termos de guerra. Podemos realmente ganhar ou perder uma discussão. Vemos as pessoas com quem discutimos como um adversário. Atacamos suas posições e defendemos as nossas. Ganhamos e perdemos terreno. Planejamos e usamos estratégias. Se achamos uma posição indefensável, podemos abandoná-la e colocar-nos numa linha de ataque. Muitas das coisas que *fazemos* numa discussão são parcialmente estruturadas pelo conceito de guerra. Embora não haja batalha física há uma batalha verbal, que se reflete na estrutura de uma discussão – ataque, defesa, contra-ataque etc. É nesse sentido que DISCUSSÃO É GUERRA é uma metáfora que vivemos na nossa cultura; ela estrutura as ações que realizamos numa discussão. (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 47)

Entretanto, conforme podemos observar, nem todos os aspectos do domínio fonte são transferidos para o domínio alvo, senão uma coisa seria literalmente a outra. Na metáfora DISCUSSÃO É GUERRA, utilizamos muitos aspectos da guerra, mas outros não são utilizados, como, por exemplo, as pistolas, canhões e granadas que não são mapeadas para o domínio discussão. Assim, para se construir um conceito metafórico, uma parte do conceito do domínio fonte é usada, e outra parte não.

Analisamos, até o momento, alguns exemplos de metáforas conceptuais e suas respectivas expressões linguísticas metafóricas. Vamos agora discutir sobre a diferença entre essas duas definições. A metáfora conceptual, escrita em caixa alta, fornece um conceito de

uma coisa em termos de outra, como acontece em DISCUSSÃO É GUERRA em que utilizamos alguns aspectos do domínio GUERRA para estruturar o conceito de DISCUSSÃO. Enquanto que a expressão linguística metafórica é a manifestação linguística da metáfora conceptual, como em "Destruí sua argumentação" ou " Se você usar essa *estratégia*, ele vai esmagá-lo".

Já falamos neste trabalho sobre o *mapeamento metafórico*. Vamos discorrer um pouco mais sobre o assunto devido a sua relevância. De acordo com Grady (2007), o mapeamento é a noção mais fundamental da teoria da metáfora conceptual e se refere a correspondências metafóricas sistemáticas entre os diversos conceitos. O autor explica como se dá esse processo, tomando como exemplo a metáfora NAÇÕES/ESTADOS SÃO NAVIOS, constituída por diferentes correspondências metafóricas:

Fonte: NAVIOS		Alvo: NAÇÕES/ESTADOS
os navios	➔	as nações/estados (ou outro corpo político)
o curso do navio	➔	a progressão histórica do estado
os mares que o navio atravessa	➔	as questões políticas enfrentadas pelo estado

Sendo assim, o mapeamento de aspectos de um domínio fonte (navio) para um domínio alvo (nações/estados) envolve, além de objetos e características, relações, eventos e cenários que se referem ao domínio fonte.

Outro exemplo de mapeamento pode ser visto no desdobramento da metáfora complexa PROPÓSITO DE VIDA É UMA JORNADA, conforme análise realizada por Lakoff e Johnson (1999):

1. Crença: espera-se que as pessoas tenham propósitos na vida e que elas executem ações para atingir estes propósitos.

2. Metáforas primárias que compõem a metáfora complexa:

   PROPÓSITOS SÃO DESTINOS
   AÇÕES SÃO MOVIMENTOS

3. Crença a partir das metáforas primárias: espera-se que as pessoas tenham destinos na vida e que elas se movam para atingir seus destinos.

4. Prerrogativa adicional: uma longa viagem para vários destinos é uma jornada.

Logo, a fusão das afirmações 3 e 4 concretiza a metáfora complexa PROPÓSITO DE VIDA É UMA JORNADA com o seguinte mapeamento metafórico:

Fonte: JORNADA		Alvo: PROPÓSITO DE VIDA
uma jornada	➔	um propósito de vida
um viajante	➔	uma pessoa que vive a vida
os destinos	➔	os objetivos de vida
o itinerário	➔	o plano de vida

Observamos que o mapeamento supracitado dá origem a uma metáfora complexa constituída por quatro submetáforas. Ela é consequência da crença de que todas as pessoas necessitam ter um propósito na vida, da fusão das metáforas primárias PROPÓSITOS SÃO DESTINOS e AÇÕES SÃO MOVIMENTOS, e da ideia de que uma longa viagem para vários destinos é uma jornada. (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p.36)

De acordo com Kövecses (2010), os falantes de uma comunidade linguística utilizam, cotidianamente e de forma natural, expressões linguísticas licenciadas por metáforas conceptuais para falar de uma grande variedade de conceitos. Elas estão enraizadas no discurso dos falantes, normalmente de forma inconsciente, que utilizam termos de um conceito mais concreto para se referir a outro mais abstrato. Portanto, podemos dizer que essas expressões são fortemente convencionais (ou convencionalizadas) no uso dessa comunidade, e que outras expressões podem ser encontradas em outras comunidades. Vejamos abaixo alguns exemplos citados pelo autor:

DISCUSSÃO É GUERRA: Eu defendi meu argumento.

AMOR É UMA VIAGEM: Teremos que seguir nossos caminhos separados.

TEORIAS SÃO CONSTRUÇÕES: Temos que construir uma nova teoria.

IDEIAS SÃO ALIMENTOS: Eu não posso digerir todos esses fatos.

ORGANIZAÇÕES SOCIAIS SÃO PLANTAS: A empresa está crescendo rapidamente.

VIDA É UMA VIAGEM: Ele teve um bom começo na vida.

> As expressões metafóricas dadas como ilustrações dessas metáforas conceptuais são altamente convencionalizadas. Isto é, elas são comumente usadas ou mesmo clichês. De fato, a maioria dos falantes nem mesmo percebe que eles usam metáfora quando usam termos como *defender* com relação à discussão, *construir* com relação a teorias, *seguir nossos caminhos separados* com relação ao amor, *crescer* com relação à empresa, *digerir* com relação a ideias, *ter um bom começo* com relação à vida. Para falantes nativos de inglês, estas são algumas das formas mais comuns e naturais de se falar sobre estes assuntos. (KÖVECSES, 2010, p.34, tradução nossa) [12]

O nosso sistema conceptual surge a partir de uma base corpórea e uma base cultural, ou seja, ele é fruto de nossas experiências físicas e nossas experiências culturais. Fazer a distinção entre essas duas bases não é tarefa fácil, visto que é através da cultura que interpretamos o funcionamento dos nossos corpos e do mundo em que vivemos. Muitas vezes a experiência física e a experiência cultural se confundem, pois "experienciamos o 'mundo' de tal maneira que nossa cultura já está presente na experiência em si." (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 129)

Entretanto, Lakoff e Johnson dizem que é possível estabelecer a diferença entre experiências que são "mais" físicas, como ficar em pé, e aquelas que são "mais" culturais, como participar de uma cerimônia de casamento. Também observam que os valores fundamentais de uma cultura são sempre coerentes com a estrutura metafórica dos principais conceitos dessa cultura. Para exemplificar, eles confrontam alguns valores culturais em nossa sociedade com as metáforas de espacialização para cima – para baixo:

MAIS É PARA CIMA e BOM É PARA CIMA

- Valores culturais coerentes: mais é melhor, maior é melhor
- Valores culturais incoerentes: menos é melhor, menor é melhor

Expressões como "vamos torcer para que haja mais no futuro" ou "suas notas altas nas avaliações irão reservar-lhe uma boa carreira" são coerentes com as metáforas de espacialização que nós utilizamos atualmente, mas os seus opostos não seriam. "Parece, assim, que nossos valores não são independentes, mas devem formar um sistema coerente

12 The metaphorical expressions given as illustrations of these conceptual metaphors are highly conventionalized; that is, they are well worn or even cliched. In fact, most speakers would not even notice that they use metaphor when they use the expression *defend* in connection with arguments, *construct* in connection with theories, *go our separate ways* in connection with love, *grow* in connection with company, *digest* in connection with ideas, or *head start* in connection with life. For native speakers of English, these are some of the most ordinary and natural ways to talk about these subject matters. (KÖVECSES, 2010, p.34)

com os conceitos metafóricos que orientam nossa vida cotidiana" (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 72). Entretanto, há casos em que estas mesmas metáforas de espacialização não seriam aplicadas, como em "este ano, a inflação deve aumentar" ou "os juros estão absurdamente altos". Estes exemplos não são coerentes com o valor cultural "mais é melhor", pois a inflação e os juros altos trazem aumentos nos preços dos produtos e serviços, evidenciando que a metáfora, neste caso MENOS É MELHOR, também é dependente do contexto em questão.

Já sabemos que Lakoff e Johnson se debruçaram durante um longo período sobre o estudo detalhado da metáfora conceptual. Entretanto, os autores reconhecem que foi Reddy (1979), através do artigo *The conduit Metaphor*, o primeiro a demonstrar que a metáfora possui natureza conceptual, é convencional e faz parte do pensamento e da linguagem humana. Neste artigo, Reddy analisa vários enunciados e expressões que os falantes da língua inglesa utilizam para falar sobre a própria linguagem e conclui que o modo como conceituamos a comunicação é estruturado pela seguinte metáfora complexa: IDEIAS (OU SIGNIFICADOS) SÃO OBJETOS, EXPRESSÕES LINGUÍSTICAS SÃO RECIPIENTES e COMUNICAÇÃO É ENVIAR. Isto acontece porque:

> (1) a linguagem funciona como um canal, transferindo pensamentos corporeamente de uma pessoa para outra; (2) na fala e na escrita, as pessoas inserem seus pensamentos e sentimentos nas palavras; (3) as palavras realizam a transferência ao conter pensamentos e sentimentos e conduzi-los as outras pessoas; (4) ao ouvir e ler, as pessoas extraem das palavras os pensamentos e os sentimentos novamente. (REDDY, 1979, apud ORTONY, 1993, p. 170, tradução nossa)13

Porém, a metáfora do canal, como ficou conhecida, considera a comunicação como sendo perfeita, sem ruídos, em que "o falante coloca ideias (objetos) dentro de palavras (recipientes) e as envia (através de um canal) para um ouvinte que retira as ideias-objetos das palavras-recipientes" (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 54). Sendo assim, a metáfora do canal ressalta apenas a questão da comunicação, mas esconde aspectos importantes sobre o contexto ou o falante, por exemplo, necessários à construção do sentido e ao sucesso comunicativo.

13 (1) language functions like a conduit, transferring thoughts bodily from one person to another; (2) in writing and speaking, people insert their thoughts or feelings in the words; (3) words accomplish the transfer by containing the thoughts or feelings and conveying them to others; (4) in listening or reading, people extract the thoughts and feelings once again from the words. (REDDY, 1979, *apud* ORTONY, 1993, p. 170)

> Em primeiro lugar, uma das partes da metáfora do canal, isto é, EXPRESSÕES LINGUÍSTICAS SÃO RECIPIENTES DE SIGNIFICADOS, implica que palavras e sentenças tenham significado em si mesmas, independentemente de qualquer contexto ou falante. Um outro aspecto dessa metáfora, ou seja, SIGNIFICADOS SÃO OBJETOS, implica que significados tenham uma existência independente de pessoas e contextos. (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 55)

Nesse contexto, Lakoff e Johnson dão continuidade aos estudos de Reddy, e afirmam que a metáfora do canal não é somente uma linguagem sobre a linguagem; ela faz parte do nosso sistema conceptual metafórico, sendo uma maneira de pensar e agir quando nos comunicamos. Os autores revelam ainda as metáforas conceptuais subjacentes às expressões linguísticas metafóricas documentadas por Reddy (1979), conforme exemplos abaixo:

MENTE É UM RECIPIENTE

- Sua cabeça *está recheada* de ideias interessantes.
- Será que vou conseguir *enfiar* essas estatísticas na tua cabeça?

IDEIAS (OU SENTIDOS) SÃO OBJETOS

- Não consegui *achar* essa ideia em nenhum lugar do texto.
- Você *encontrará* ideias melhores que essa na biblioteca.

PALAVRAS OU EXPRESSÕES LINGUÍSTICAS SÃO RECIPIENTES

- O significado é o que *está nas palavras*, bem aí.
- Quando você tiver uma boa ideia, tente *colocá-la* imediatamente *em palavras.*

COMUNICAR É ENVIAR OU TRANSFERIR A POSSE

- Vou tentar *passar* o que tenho na cabeça.
- Eu lhe *dei* essa ideia.

COMPREENDER É PEGAR (OU VER)

- Não consegui *pegar* o sentido desse texto
- Você pode *ver* ideias coerentes nesse trabalho?

Dessa forma, Reddy tem o seu trabalho merecidamente reconhecido principalmente "por ter contribuído para afastar de uma vez por todas a visão tradicional da metáfora como

desvio da linguagem cotidiana e como fenômeno de linguagens especiais, como a poética e persuasiva.” (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 18). No entanto, foi somente a partir de uma ampla análise de expressões da linguagem ordinária que Lakoff e Johnson descobriram a existência de um grande sistema conceptual metafórico, constituído não apenas pela metáfora do canal, mas também por outras metáforas que regem nossa vida diária.

Quanto aos tipos de metáforas conceptuais, na obra *Metaphors we live by* (1980), Lakoff e Johnson classificam-as em três categorias: orientacionais, estruturais e ontológicas. Discorreremos sobre elas a seguir:

1- Metáforas orientacionais

São aquelas que organizam todo um sistema de conceitos em relação a outro, com base na orientação espacial do tipo frente-trás, para cima-para baixo, dentro-fora, fundo-raso, central-periférico. “Essas orientações espaciais surgem do fato de termos os corpos que temos e do fato de eles funcionarem da maneira como funcionam no nosso ambiente físico.” (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 59).

Para exemplificar, podemos citar a metáfora SAÚDE E VIDA SÃO PARA CIMA / DOENÇA E MORTE SÃO PARA BAIXO, em que a saúde e a vida correspondem a uma postura ereta (de pé), enquanto que doenças graves ou a morte correspondem a um estado caído (deitado). Vejamos algumas expressões linguísticas abaixo, que atualizam essas metáforas:

- Sua forma física chegou *ao topo*.
- No que diz respeito à sua saúde, ele está se *levantando*.
- Ele *caiu* doente.
- A saúde dele está *declinando.*

Importante ressaltar que as metáforas orientacionais podem variar de uma cultura para outra, mesmo possuindo uma base experiencial física. É o caso do futuro que, na maioria das culturas, está na nossa frente (“você tem muito tempo pela frente”), mas em outras, como no caso da língua índigena aymara, falada nos Alpes Andinos, o futuro está atrás de nós (“nayra mara”, tradução “frente ano”, significado “ano passado”) (FERRARI, 2011, p. 93), mas ainda assim, mantém a relação corporal com o mundo.

2- Metáforas estruturais

São aquelas que se baseiam em correlações sistemáticas encontradas em nossa experiência, permitindo, dessa forma, estruturar um conceito em termos de outro conceito mais claramente delineado em nossa mente. Um exemplo desse tipo de metáfora citado por Lakoff e Johnson (2002 [1980], p. 139, 140) é TRABALHO É UM RECURSO, que pode ser observado nas seguintes expressões "este trabalho custa cem reais" ou "o meu trabalho está acabando". Ou seja, na sociedade em que vivemos o trabalho pode receber um valor, pode ser quantificado, pode ser progressivamente consumido à medida que serve ao fim específico etc., assim como acontece com os recursos materiais.

Entretanto, a metáfora TRABALHO É UM RECURSO não é universal. Ela faz parte das sociedades industriais ocidentais devido à forma como concebemos o trabalho, como o quantificamos e como nos orientamos por fins específicos. Logo, ela enfatiza aqueles aspectos do trabalho que são mais importantes em nossa cultura, mas esconde outros, como a ideia de que o trabalho pode ser divertimento ou que pode ser algo pessoalmente significativo e fonte de satisfação.

Sendo assim, certas metáforas estruturais como TRABALHO É UM RECURSO,

> emergem naturalmente em uma cultura como a nossa, porque o que elas enfatizam corresponde de maneira muito próxima ao que experienciamos coletivamente, enquanto o que elas escondem corresponde apenas de maneira muito fraca às nossas experiências. Ao mesmo tempo em que são fundamentadas em nossas experiências físicas e culturais, elas também fundamentam nossas experiências e ações. (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 141)

3- Metáforas ontológicas

São aquelas motivadas pela nossa experiência com objetos físicos e substâncias. Elas permitem a compreensão de conceitos abstratos em termos de entidades, objetos, substâncias e recipientes. Para exemplificar, os autores apresentam algumas expressões linguísticas que concebem: 1- emoções como entidades; 2- eventos e ações como objetos; 3- atividades como substâncias recipientes; 4- estados como recipientes:

MENTE É UMA MÁQUINA

- Ele *pifou* - emoção como entidade.

CORRIDA É OBJETO

- Você *viu* a corrida? – evento como objeto.

LAVAR JANELA É SUBSTÂNCIA RECIPIENTE

- Como você *entrou* na profissão de lavar janela? - atividade como substância recipiente.

ESTADO DE COMA É RECIPIENTE

- Ele está *saindo* do coma – estado como recipiente.

Ainda de acordo com Lakoff e Johnson, a **personificação** é um subtipo da metáfora ontológica, que consiste em entender muitas experiências e entidades não humanas em termos de motivações e características humanas. Como exemplo, temos a metáfora INFLAÇÃO É UM ADVERSÁRIO, atualizada por expressões como "A inflação atacou o alicerce de nossa economia; A inflação nos colocou contra a parede; O nosso maior inimigo agora é a inflação; A inflação roubou as minhas economias." (LAKOFF; JONHSON, 2002 [1980], p. 88). Nestes casos, conceituamos a inflação (domínio alvo) como um adversário (domínio fonte) que pode nos atacar, nos colocar contra a parede, ser nosso inimigo, nos roubar etc. Dessa forma, compreendemos uma entidade não humana a partir de características humanas.

Entretanto, Espíndola (2011) alerta que essa metáfora pode se referir tanto a ações próprias do ser humano, como a ações de um ser vivo que não seja necessariamente humano. Na expressão "A inflação roubou as minhas economias", verificamos que ocorre a personificação como humanização, pois o verbo roubar pertence ao campo semântico do ser humano. Já na expressão "A inflação atacou o alicerce de nossa economia", observamos um exemplo de personificação não mais por humanização e sim por animação, pois a ação de atacar é uma característica própria dos animais e não do ser humano.

Diante dessa constatação, a autora sugere separar as metáforas ontológicas de personificação em dois tipos: por animação e por humanização. Na primeira, ações próprias de um **ser vivo**, mas não necessariamente de um humano, são projetadas para conceituar uma

experiência ou objeto físico; na segunda, ações próprias de um **ser humano** é que são projetadas para fazer a conceptualização (ESPÍNDOLA, 2011, p.16).

Em 2003, Lakoff e Johnson publicam uma nova edição de *Metaphors we live by*, na qual consta um posfácio contendo algumas revisões sobre a teoria da metáfora conceptual, incluindo a divisão das metáforas em estruturais, orientacionais e ontológicas. Os autores consideram artificial essa classificação inicial, pois "todas as metáforas são estruturais (na medida em que mapeiam estruturas com estruturas), todas são ontológicas (pois criam entidades no domínio-alvo), e muitas são orientacionais (pois mapeiam esquemas imagéticos orientacionais)." (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 265, tradução nossa)[14]

A seguir, optamos por detalhar um pouco mais sobre este posfácio de 2003, diante da relevância das novas pesquisas e descobertas para o estudo da metáfora conceptual.

2.3.1. A revisão da teoria da metáfora conceptual de Lakoff e Johnson

De acordo com Lakoff e Johnson (2003), havia uma necessidade de se repensar algumas ideias mais fundamentais no estudo da mente, como o significado, a verdade, a natureza do pensamento e o papel do corpo na formação da mente. E isto teve como consequência implicações em diversos campos de estudo, não apenas na linguística, filosofia ou ciências cognitivas, mas também na literatura, política, religião, direito, psicologia clínica, e até mesmo na matemática e filosofia da ciência.

Para isso, era preciso afastar definitivamente quatro falácias persistentes em relação ao entendimento da metáfora conceptual, ainda herdadas da tradição Ocidental:

1- A metáfora é uma questão de palavras e não de conceitos. ;
2- A metáfora é baseada na similaridade;
3- Todos os conceitos são literais e nenhum pode ser metafórico;
4- O pensamento racional não é moldado pela natureza dos nossos cérebros e corpos.

Novas pesquisas sobre a natureza do pensamento metafórico e sua profundidade concluíram que essas visões são falsas, pois: o lócus da metáfora está em conceitos não em

14 All metaphors are structural (in that they map structures to structures); all are ontological (in that they create target do-main entities); and many are orientational (in that they map orientational image-schemas). (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 265)

palavras; a metáfora não é, em geral, baseada em similaridades, mas em correlações entre domínios da nossa experiência, e isto permite estabelecer semelhanças entre os dois domínios dentro da metáfora; até os conceitos mais profundos, como tempo, eventos, moralidade etc. são entendidos e raciocinados através de múltiplas metáforas; o sistema de metáforas conceptuais não é arbitrário ou apenas historicamente contingente, e sim moldado pela natureza dos nossos corpos e pela forma como funcionamos no mundo.

No entanto, mesmo com todas as evidências para a onipresença da metáfora conceptual, essas visões filosóficas antigas, não apenas sobre a metáfora, mas sobre o significado em geral, persistiram. E estão tão profundamente enraizadas em nossa mente que temos dificuldade em entender que a metáfora não é apenas uma questão de expressões linguísticas, mas de pensamento, pois estamos pensando metaforicamente a todo o momento.

> O maior obstáculo para a compreensão das nossas descobertas tem sido a recusa em reconhecer a natureza *conceptual* da metáfora. A ideia de que as metáforas não são nada além de expressões linguísticas – uma mera questão de palavras - é uma falácia tão comum que tem impedido muitos leitores de mesmo cogitar a ideia de que nós pensamos metaforicamente. A falácia é que a metáfora é apenas sobre a forma de *falar* e não sobre conceptualização e raciocínio. (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 245, tradução nossa)[15]

Outro ponto discutido e revisado por Lakoff e Jonhson (2003) diz respeito às teorias científicas sobre o funcionamento da metáfora conceptual. A primeira delas, lançada em 1980, fundamentava-se na matemática, pois se acreditava que havia um mapeamento matemático entre os domínios conceptuais, em que entidades do domínio origem correspondiam a entidades do domínio alvo. Logo, já se falava em correspondências sistemáticas e o mapeamento permitia o uso de padrões de inferência do domínio fonte para se pensar sobre o domínio alvo. No entanto, essa teoria não se aplicaria aos casos em que se cria uma entidade no domínio alvo, como no exemplo TEMPO É DINHEIRO, em que a metáfora "impõe ao domínio tempo muitos aspectos de recursos. Ao fazê-lo, adiciona elementos para o domínio tempo, criando uma nova compreensão do tempo." (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 253, tradução nossa). [16] Ou seja, no momento em que se cria uma entidade para conceituar o tempo,

15 The single biggest obstacle to understanding our findings has been the refusal to recognize the *conceptual* nature of metaphor. The idea that metaphors are nothing but linguistic expressions—a mere matter of words—is such a common fallacy that it has kept many readers from even entertaining the idea that we think metaphorically. The fallacy is that metaphor is only about the ways we *talk* and not about conceptualization and reasoning. (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 245)

16 imposes on the time domain various aspects of resources. In doing so, it adds elements to the time domain, creating a new understanding of time. (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 245)

como um recurso limitado ou um bem valioso, ele passa a ser entendido de outra maneira. Apesar das limitações existentes, não podemos deixar de reconhecer que esta teoria foi uma boa primeira aproximação da atual teoria da metáfora conceptual.

Em seguida, surge uma segunda teoria para explicar a metáfora conceptual, a metáfora de Projeção, cujo funcionamento se assemelhava a um retroprojetor: o domínio alvo seria um slide inicial e a projeção metafórica se daria colocando um outro slide em cima do primeiro, acrescentando, assim, toda a estrutura do domínio fonte ao domínio alvo. Dessa forma, ao contrário da primeira teoria, a metáfora da Projeção permitia adicionar entidades e relações ao domínio alvo. Porém, ainda havia um problema, pois seria necessária a transferência de toda a estrutura do domínio fonte, e já sabemos que isto não ocorre porque o mapeamento entre domínios é apenas parcial. É o que acontece na metáfora TEORIAS SÃO CONSTRUÇÕES, por exemplo, em que apenas alguns aspectos da construção são mapeados para o domínio da teoria, como é o caso do alicerce, mas outros não o são, como os cômodos, os telhados e a pintura. "Em suma, os mapeamentos tendem a ser parciais, mas a metáfora da projeção não permite isso." (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 254, tradução nossa) [17]

Diante das limitações encontradas até então, Narayanan desenvolve em 1997 uma teoria na qual as metáforas conceituais são computadas neuralmente através de redes neurais. Este trabalho, somado aos pressupostos de Feldman e Lakoff (1997) sobre a Teoria Neural da Linguagem, constituíram a base para o desenvolvimento da atual investigação que explica o funcionamento da metáfora conceptual, a Teoria Neural da Metáfora.

De acordo com esse estudo, as inferências metafóricas acontecem através das representações do domínio fonte, e esses resultados são conduzidos ao domínio alvo pelas ligações neurais. Sendo assim, o mapeamento metafórico passa a ser entendido como um tipo de operação que ocorre fisicamente como mapas neurais, isto é, circuitos neurais que ligam o sistema sensório-motor às maiores áreas corticais. Em consequência, temos o aparecimento das metáforas primárias, ainda na infância, de forma automática e inconsciente, devido à maneira como nossos corpos e cérebros funcionam no mundo. É a partir das metáforas primárias que o pensamento metafórico complexo é estruturado.

> Metáfora é um fenômeno neural. O que chamamos de mapeamentos metafóricos parecem ser realizados fisicamente como mapas neurais. Eles

---

17 In short, mappings tend to be partial, but the Projection metaphor doesn't allow this. (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 254)

> constituem o mecanismo neural que naturalmente, e inevitavelmente, recruta a inferência sensório-motor para uso no pensamento abstrato. As metáforas primárias surgem espontaneamente e automaticamente sem que tenhamos consciência delas. Existem centenas de tais metáforas conceituais primárias, a maioria delas aprendidas inconscientemente e automaticamente na infância simplesmente funcionando no mundo cotidiano com um corpo humano e cérebro. Existem metáforas primárias para o tempo, causalidade, eventos, moralidade, emoções e outros domínios que são centrais para o pensamento humano. Tais metáforas também fornecem uma superestrutura para nossos sistemas de pensamento e linguagem metafóricos complexos. (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 256, 257, tradução nossa)[18]

Os autores trazem como exemplo a metáfora AFETO É CALOR, encontrada nas expressões "ele é uma pessoa calorosa" ou "ela é um bloco de gelo", que surge da experiência vivida ainda na infância, quando a criança é abraçada carinhosamente pelos pais. Em termos de mapeamento neural, a afeição ocorre junto com o calor, ou seja, há a ativação neuronal simultânea em duas partes separadas do cérebro: aquelas dedicadas às emoções e aquelas dedicadas à temperatura. Portanto, as conexões neurais apropriadas entre as regiões do cérebro são recrutadas para constituir fisicamente a metáfora AFETO É CALOR. (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 256)

Por fim, observamos que no estudo inicial de Lakoff e Johnson sobre as metáforas orientacionais, estruturais e ontológicas, eles pareciam destacar mais uma do que a outra. No trecho "A nossa experiência com substâncias e objetos físicos propicia uma outra base para a compreensão – uma base que vai além da simples *orientação.*" (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p.75, grifo nosso), podemos verificar que as metáforas ontológicas são mais evidentes que as orientacionais. Já no trecho "As metáforas estruturais permitem-nos fazer mais do que simplesmente orientar conceitos, referirmo-nos a eles, quantificá-los etc., como fazemos com simples metáforas ontológicas e orientacionais." (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p.134), entendemos que os autores consideravam as metáforas estruturais as mais importantes. No entanto, acreditamos que esse julgamento inicial deixou de existir a partir da revisão feita em 2003, quando os autores realizam novos estudos e passam a considerar artificial a divisão das metáforas em três categorias, desconsiderando, assim, a supremacia de uma sobre a outra.

---

18 Metaphor is a neural phenomenon. What we have referred to as metaphorical mappings appear to be realized physically as neural maps. They constitute the neural mechanism that naturally, and inevitably, recruits sensory-motor inference for use in abstract thought. Primary metaphors arise spontaneously and automatically without our being aware of them. There are hundreds of such primary conceptual metaphors, most of them learned unconsciously and automatically in childhood simply by functioning in the everyday world with a human body and brain. There are primary metaphors for time, causation, events, morality, emotions, and other domains that are central to human thought. Such metaphors also provide a superstructure for our systems of complex metaphorical thought and language. (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 256, 257)

2.3.2. Metáfora convencional x metáfora nova

Conforme vimos anteriormente, a teoria contemporânea da metáfora revelou que o lócus da metáfora deixou de ser a linguagem e passou a ser o pensamento; ela é parte indispensável da nossa maneira convencional e ordinária de conceptualizar o mundo, e o nosso comportamento diário reflete a compreensão metafórica da nossa experiência.

Sendo assim, as metáforas estão enraizadas na mente do falante, que normalmente não percebe que está utilizando aspectos de um conceito mais concreto para se referir a outro mais abstrato. É o que acontece nas expressões "eu sou louco por ela" ou "Maria fez loucuras por João", que atualizam a metáfora AMOR É LOUCURA, em que o conceito de amor tem seu sentido metaforicamente construído. Por deixar os amantes loucos e desorientados, aproximamos o amor a algo que deixa as pessoas fora de si, como num estado de loucura.

Entretanto, se a experiência estiver fora do alcance dos mecanismos convencionais, é preciso utilizar domínios de origem menos convencional. Por exemplo, a metáfora não convencional AMOR É UMA OBRA DE ARTE COLABORATIVA dá ênfase às questões que se referem ao lado colaborativo e cooperativo do amor, enquanto que as metáforas mais convencionais destacam os aspectos emocionais do amor. Dessa forma, se o amor é uma obra de arte colaborativa, os amantes deveriam ser capazes de dividir responsabilidades, ter objetivos em comum, resolver problemas em conjunto, dentre outras coisas (KÖVECSES, 2002, p.36). Portanto, podemos dizer que esta é uma metáfora nova, pois revela um entendimento atípico do amor, quando comparado à noção trazida pelas metáforas convencionais, em que os amantes "vivem" por amor.

Importante ressaltar que o povo brasileiro não conceptualiza o amor dessa forma. Conforme observado por Lakoff e Johnson (2002 [1980]), a metáfora em questão pode ser vista em culturas norte-americanas, onde o lado ativo do amor é iluminado pela noção de trabalho, tanto em TRABALHO COLABORATIVO como em OBRA DE ARTE, enquanto que certos aspectos do amor, vistos como passivos, são mascarados.

Lakoff e Johnson (2002 [1980]) fazem uma comparação das metáforas AMOR É UMA OBRA DE ARTE COLABORATIVA e AMOR É LOUCURA, explicando qual é a compreensão que temos do amor quando processamos mentalmente cada uma delas:

> Certas ações, inferências e metas são ditadas pela metáfora AMOR É UMA OBRA DE ARTE COLABORATIVA, mas não pela metáfora AMOR É LOUCURA. Se o amor é loucura, não me concentro no que tenho de fazer para mantê-lo. Porém se é trabalho, então ele exige atividade e, se é uma

> obra de arte, requer um tipo muito especial de atividade e, se é colaborativa, então ela é ainda mais restrita e específica. (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 239)

Assim, as metáforas conceptuais destacam determinados aspectos da experiência, bem como atenuam ou mesmo ocultam outros aspectos. Conforme já vimos, quando realizamos o mapeamento entre o domínio fonte e o domínio alvo, não trazemos todos os aspectos daquele para este, senão uma coisa seria a outra. Em AMOR É UMA OBRA DE ARTE COLABORATIVA, alguns aspectos de nossas experiências amorosas são deixados de lado (ex: as loucuras cometidas por amor), para colocar outros em evidência (ex: a face colaborativa do amor). "Assim fazendo, induz a um conjunto de similaridades entre as experiências amorosas que são iluminadas pela metáfora e as experiências reais ou imaginadas de colaborar em uma obra de arte." (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 248)

Contrariando a visão clássica, bem como a teoria da comparação, que apenas levava em consideração a semelhança entre duas coisas e fazia uma comparação entre elas, a metáfora conceptual caracteriza uma similaridade entre um domínio inteiro das experiências em evidência e alguns outros domínios de experiências. Os autores afirmam que na metáfora AMOR É UMA OBRA DE ARTE COLABORATIVA, por exemplo, temos um *tipo* exclusivo de similaridade, isto é, uma experiência amorosa frustrante pode ser compreendida em termos similares a uma experiência artística frustrante, não somente por ser frustrante, mas por iluminar o *tipo* de frustação que envolve o trabalho de produzir obras de arte colaborativas.

Os postulados de Lakoff e Johnson vão de encontro à teoria clássica da metáfora, segundo a qual as similaridades são sempre objetivas, mas ainda assim eles consideram a tese básica dessa visão de que as metáforas podem ser fundamentadas em similaridades isoladas. De uma forma geral, eles discordam da teoria da comparação, afirmando que:

> 1. A metáfora é primordialmente uma questão de pensamento e ação e somente secundariamente uma questão de linguagem.
> 2. *a*. As metáforas podem ser baseadas em similaridades, apesar de, em muito casos, essas similaridades serem elas mesmas baseadas em metáforas convencionais que não são baseadas em similaridades. Essas similaridades baseadas em metáforas convencionais são, entretanto, *reais em nossa cultura*, pois as metáforas convencionais definem parcialmente o que entendemos por real.
>   *b*. Embora a metáfora possa ser baseada parcialmente em similaridades isoladas, consideramos similaridades importantes aquelas criadas pela metáfora [...].
> 3. A função primeira da metáfora é dar uma compreensão parcial de um tipo de experiência em termos de um outro tipo de experiência. Isso

> pode envolver similaridades preexistentes isoladas, a criação de novas similaridades e assim por diante. (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 253, 254)

Dessa forma, observamos que as metáforas novas são "criadoras de similaridades", e seu objetivo vai muito além do embelezamento e persuasão, como acontecia na filosofia objetivista. Nesta, as similaridades eram vistas como *objetivas*, ou seja, inerentes às próprias entidades, e não havia espaço para a criação. Já na teoria contemporânea da metáfora, as similaridades realmente relevantes para a metáfora são aquelas *experienciadas* pelas pessoas, independentemente da existência prévia de similaridades objetivas.

Além disso, Espíndola (2005) revela que a publicidade apresenta metáforas novas, e expressões linguísticas novas atualizadoras de metáforas convencionais, que são utilizadas para divulgar um produto ou serviço. Elas representam para a publicidade justamente uma "estratégia que aproxima o que está sendo veiculado (divulgado) do leitor." (ESPÍNDOLA, 2005, p.23). A seguir, analisamos alguns exemplos discutidos pela autora:

- ✓ "Novo Samsung Light. "Preços *magros*" (Vivo, Revista Veja).
- ✓ "Saiba *se o coração do seu carro anda bem*. Faça revisão preventiva" (WebMotors).
- ✓ "*Sede de verdade a gente doma é no laço*" (Propaganda da Cerveja Cristal, Revista Veja).

Segundo Espíndola (2005), as expressões acima atualizam as metáforas novas CELULAR É SER VIVO, CARRO É SER VIVO e SEDE É ANIMAL respectivamente. Elas têm como principal propósito a divulgação de produtos (celular e cerveja) e serviço (manutenção preventiva em veículo) através da personificação e animação. Ou seja, determinados verbos e adjetivos próprios dos seres humanos e animais são mapeados para o domínio alvo (celular, carro e sede), como estratégia para persuadir o possível comprador. Portanto, podemos dizer que metáforas novas, e expressões linguísticas novas atualizadoras de metáforas convencionais, são de visível relevância no contexto da publicidade, e não podem, jamais, ser consideradas um desvio, conforme acontecia na teoria clássica.

Importante destacar que, no contexto da publicidade, ainda de acordo com Espíndola (2005), algumas expressões linguísticas metafóricas são inéditas, como em "Saiba *se o coração do seu carro anda bem*. Faça revisão preventiva." ou "*Sede de verdade a gente doma é no laço.*" Nesses exemplos, verificamos que um objeto (carro) possui característica de um

ser vivo (ter um coração), e um estado (sede) pode ser domado assim como se faz com um animal. Essas expressões linguísticas inovadoras atualizam metáforas conceptuais ontológicas em que o domínio alvo é conceptualizado como uma entidade (ser vivo), sendo geralmente utilizada como recurso persuasivo.

Lakoff (2006) mostra ainda como esses usos novos e imaginativos podem ser compreendidos instantaneamente devido à existência do nosso sistema conceptual. Ele traz como exemplo parte de uma canção "Estamos dirigindo na faixa rápida na estrada do amor." [19], que se caracteriza por ser uma expressão linguística inovadora, mas atualiza a metáfora convencional AMOR É UMA VIAGEM. Neste caso, entendemos que, quando se dirige numa faixa rápida, percorre-se um longo caminho num curto espaço de tempo e isto pode ser emocionante e perigoso. Fazendo as correspondências ontológicas entre o domínio fonte viagem e o domínio alvo amor, verificamos que o perigo pode estar no veículo (o relacionamento pode não durar), ou nos passageiros (os amantes podem se machucar emocionalmente). Ou seja, nosso entendimento da letra da canção é uma consequência das correspondências metafóricas preexistentes da metáfora em questão. Dessa forma, conforme explica o autor, a utilização de expressões metafóricas novas ou imaginativas são extensões desses usos convencionais (LAKOFF, 2006, p. 193, 194).

Por fim, Lakoff (1993, p. 244, 245) ressalta que a Teoria Contemporânea da Metáfora é revolucionária, pois traz os seguintes aspectos básicos que a tornam diferente das teorias anteriores:

Quanto à natureza da metáfora:

- ✓ A metáfora é o principal mecanismo pelo qual compreendemos conceitos abstratos e raciocinamos abstratamente.
- ✓ Muitos assuntos, do mais comum à mais complexa teoria científica, somente podem ser compreendidos via metáfora.
- ✓ A metáfora é fundamentalmente conceptual, não linguística, por natureza.
- ✓ A linguagem metafórica é uma manifestação superficial da metáfora conceptual.
- ✓ Embora grande parte do nosso sistema conceptual seja metafórica, uma parte significativa é não metafórica. A compreensão metafórica é fundamentada na compreensão não metafórica.

19 We're driving in the fast lane on the freeway of love.

- ✓ A metáfora nos permite compreender um assunto relativamente abstrato ou inerentemente desestruturado em termos de um mais concreto ou pelo menos mais altamente estruturado.

Quanto à estrutura da metáfora:

- ✓ As metáforas são mapeamentos entre domínios conceptuais.
- ✓ Tais mapeamentos são assimétricos e parciais.
- ✓ Cada mapeamento é um conjunto estabelecido de correspondências ontológicas entre entidades num domínio-fonte e entidades no domínio-alvo.
- ✓ Quando essas correspondências estabelecidas são ativadas, os mapeamentos podem projetar padrões de inferência do domínio-fonte para os padrões de inferência do domínio-alvo.
- ✓ Os mapeamentos metafóricos obedecem ao Princípio da Invariância[20]: a estrutura esquema-imagem do domínio fonte é projetada no domínio-alvo de modo que seja coerente com a estrutura inerente do domínio-alvo.
- ✓ Os mapeamentos não são arbitrários, mas fundamentados no corpo e nas experiências e conhecimentos cotidianos.
- ✓ O sistema conceptual contém milhares de mapeamentos metafóricos convencionais que formam um subsistema altamente estruturado do sistema conceptual.
- ✓ Há dois tipos de mapeamentos: os mapeamentos conceptuais e os de imagem; os dois obedecem ao Princípio da Invariância.

2.3.3. Metáfora primária

Em nossa vida diária, experiências corpóreas são muitas vezes utilizadas para explicar conceitos subjetivos que geralmente não são tão bem compreendidos por nós. É o caso, por exemplo, de conceitos como afeto e proximidade, que podem ser entendidos a partir de experiências sensório-motoras como a temperatura, atualizando as metáforas AFETO É CALOR e PROXIMIDADE É CALOR. Elas são observadas ainda na primeira infância,

20 De acordo com esse princípio, as metáforas que se baseiam em esquemas de imagens dão origem ao raciocínio abstrato, que tem por base o raciocínio espacial por meio de projeções metafóricas de esquemas de imagens. Segundo Lakoff (1993), estruturas proposicionais e conceitos abstratos são entendidos por meio de metáforas em termos de conceitos espaciais construídos por esquemas de imagens.

quando o calor do corpo materno é experienciado por meio do carinho e da proximidade da criança no colo da mãe, e por isso são chamadas de metáforas primárias.

Sendo assim, os conceitos fontes de metáforas primárias possuem um conteúdo que corresponde à percepção física ou às variadas sensações. De acordo com Grady (2007), essas experiências físicas têm um caráter universal, estão relacionadas às nossas interações com o mundo, e são independentes de fatores culturais. Para dar mais um exemplo, citamos a metáfora DIFICULDADE É PESO, que pode ser atualizada através das expressões "este curso está muito pesado" ou "eu carrego este fardo há anos", e que é gerada pela correlação existente entre a percepção de peso e a sensação de desconforto ao carregar algo pesado. "As metáforas primárias, então, são naturais ou mesmo inevitáveis consequências de recorrentes associações no cotidiano." (GRADY, 2007, p.194, tradução nossa) [21]

Kövecses (2005) postula que as metáforas primárias são as mais propensas a serem universais, enquanto Grady (2007) propõe a universalidade das metáforas primárias de forma abrangente porque os indivíduos ao redor do mundo compartilham padrões básicos de percepção e experiência. Ou seja, trazendo os exemplos anteriores, podemos afirmar que o calor da mãe sentido pelo bebê, ou o desconforto percebido por alguém ao segurar alguma coisa pesada, pode ser experienciado por qualquer um, independentemente do lugar em que ele viva. Logo, é possível dizer que as metáforas primárias são difundidas através das línguas e não deve haver diferenças relevantes na sua compreensão mesmo entre culturas muito diferentes. (GRADY, 2007, p.194)

Lakoff e Johnson (1999) também se debruçaram sobre a Teoria da Metáfora Primária e trouxeram importantes contribuições. Em seus estudos, com base em Grady (1997), os autores citam várias correlações entre a dimensão subjetiva e o domínio sensório-motor de muitas experiências primárias. Vejamos algumas delas:

IMPORTANTE É GRANDE

Julgamento subjetivo: Importância.

Domínio sensório-motor: Tamanho.

Exemplo: "Amanhã é um grande dia".

Experiência primária: Quando criança, seus pais, grandes em tamanho, são importantes e podem exercer força sobre você e dominar sua experiência visual.

21 Primary metaphors, then, are natural or even inevitable consequences of recurring associations in daily life. (GRADY, 2007, p.194)

FELIZ É PARA CIMA

Julgamento subjetivo: Felicidade.

Domínio sensório-motor: Orientação corporal.

Exemplo: “Estou me sentindo pra cima hoje”.

Experiência primária: Sentir-se feliz e cheio de energia e ter uma postura ereta (correlação entre estado afetivo e postura).

INTIMIDADE É PROXIMIDADE

Julgamento subjetivo: Intimidade.

Domínio sensório-motor: Estar fisicamente próximo.

Exemplo: “Nós estivemos próximos por anos, mas estamos começando a nos afastar”.

Experiência primária: Estar fisicamente próximo a pessoas com quem você tem intimidade.

TEMPO É MOVIMENTO

Julgamento subjetivo: A passagem do tempo

Domínio sensório-motor: Movimento

Exemplo: “O tempo voa”

Experiência primária: Experienciar a passagem do tempo enquanto alguém se move ou observa o movimento.

De acordo com Lakoff e Johnson (1999), as metáforas primárias são como átomos que, ao serem postos juntos, formam moléculas, que seriam as metáforas complexas. Além disso, as metáforas complexas também servem como base para formar outras metáforas complexas. Neste contexto, os autores analisam a metáfora complexa AMOR É UMA JORNADA, que possui o seguinte desdobramento:

1. Crença: os objetivos de vida comuns dos amantes são destinos, os amantes são viajantes e suas dificuldades são impedimentos ao movimento.

2. Metáforas primárias que compõem a metáfora complexa:

   RELACIONAMENTO É UM RECINTO
   INTIMIDADE É PROXIMIDADE

3. Crença a partir das metáforas primárias: um relacionamento amoroso, por ser íntimo, é um recinto fechado.

4. Prerrogativa adicional: dado que os amantes são viajantes, o recinto fechado mais natural é um veículo.

Logo, a fusão das afirmações 3 e 4 dá origem à metáfora complexa AMOR É UMA JORNADA com o seguinte mapeamento metafórico:

Fonte: JORNADA		Alvo: AMOR
uma jornada	➔	o amor
os viajantes	➔	os amantes
o veículo	➔	o relacionamento
os impedimentos ao movimento	➔	as dificuldades no relacionamento

Kövecses (2010) acrescenta outras correspondências sistemáticas para esta metáfora:

a jornada	➔	eventos no relacionamento
a distância percorrida	➔	os progressos realizados
decisões sobre qual caminho seguir	➔	escolhas sobre o que fazer
o destino da jornada	➔	a(s) meta(s) do relacionamento

Vejamos alguns exemplos de expressões linguísticas subjacentes à metáfora AMOR É UMA JORNADA, trazidos por Lakoff (2006, p.189, tradução nossa) [22]:

- ✓ Olha o quão longe nós viemos.
- ✓ Tem sido uma estrada longa e acidentada.

[22] Look how far we've come.
It's been a long, bumpy road.
We can't turn back now.
We're at a crossroads.
We may have to go our separate ways.
The relationship isn't going anywhere.
Our relationship is off the track.
The marriage is on the rocks.
We may have to bail out of this relationship. (LAKOFF, 2006, p. 189)

- ✓ Não podemos voltar atrás agora.
- ✓ Estamos em uma encruzilhada.
- ✓ Podemos ter que seguir nossos caminhos separados.
- ✓ O relacionamento não vai a lugar algum.
- ✓ Nosso relacionamento está sem rumo.
- ✓ O casamento está nas rochas.
- ✓ Talvez tenhamos que sair dessa relação.

Aqui o amor é conceituado como uma jornada, porém com a implicação de que o relacionamento está paralisado, que os amantes não podem continuar como estão, que eles devem voltar atrás ou desistir completamente da relação. Portanto, a metáfora AMOR É UMA JORNADA está sendo utilizada não apenas para falar sobre o amor, mas para raciocinar sobre ele também.

> Em nossa cultura, esta é uma compreensão bem enraizada, estável e convencional de um relacionamento amoroso e as dificuldades envolvidas na definição e realização de objetivos em conjunto. [...] A metáfora AMOR É UMA JORNADA relaciona sistematicamente o significado literal dessas expressões sobre a viagem aos significados correspondentes no domínio do amor. (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 38, tradução nossa)[23]

Verificamos que elementos constitutivos do domínio fonte estão em correspondência sistemática com elementos do domínio alvo. Apesar de parecer que já havia semelhanças preexistentes entre os elementos nos dois domínios, o domínio do amor não possuía tais elementos antes de ser estruturado pelo domínio da jornada. Foi exatamente a aplicação do domínio da jornada ao domínio do amor que forneceu o conceito de amor com esta estrutura particular. De certa forma, foi o conceito de jornada que "criou" o conceito de amor (KÖVECSES, 2010, p.9).

Assim, podemos dizer que AMOR É UMA JORNADA é uma metáfora complexa, formada a partir de metáforas primárias, e que é inerente a diversas culturas, inclusive a cultura brasileira. De acordo com Kövecses (2005), as metáforas (tanto as primárias quanto as complexas) podem ser potencial ou parcialmente universais, constituem o nosso sistema

---

23 In our culture, this is a well-entrenched, stable, conventionalized understanding of a love relationship and the difficulties involved in setting and achieving joint purposes. […] The Love Is A Journey metaphor systematically links the literal the meanings of these expressions about travel to corresponding meanings in the domain of love. (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 38)

conceptual, e afetam a maneira como pensamos e agimos no mundo, conforme discutiremos na próxima seção.

2.4. A relação entre metáfora, cultura e ideologia

Já sabemos que a metáfora conceptual deixou de ser uma operação exclusivamente linguística e passou a ser entendida como uma operação da mente humana, responsável pela conceptualização e compreensão do mundo. Sendo assim, além da relação com o pensamento e as experiências corpóreas e sociais, a metáfora conceptual também apresenta forte ligação com os aspectos culturais e ideológicos inerentes a uma determinada sociedade. Nesse sentido, Kövecses (2005) procura explicar como se dá essa relação entre metáfora e cultura, assim como Goatly (2007), a relação entre metáfora e ideologia, temas que iremos abordar nesta seção.

De acordo com Kovecses (2005), cultura é um conjunto de conhecimentos compartilhados por um grupo de pessoas inseridas numa determinada sociedade. Estes conhecimentos englobam valores, crenças, expressões artísticas e folclore. Adotaremos este conceito de cultura em nossa pesquisa.

Um dos objetivos do trabalho de Kövecses (2005) foi construir uma teoria abrangente que pudesse dar conta da universalidade e da variação no uso da metáfora. Para o autor, as metáforas primárias são as mais propensas a serem universais, como em AFEIÇÃO É CALOR, apreendida ainda na infância de forma automática e inconsciente a partir dos abraços calorosos dos pais, conforme vimos na seção anterior. Ou seja, metáforas como essa são observadas em diversas culturas, senão em todas, podendo ser classificadas como metáforas universais.

A partir das metáforas primárias surgem as metáforas complexas, que apresentam maior possibilidade de apresentar variação entre as culturas. O autor traz como exemplo as metáforas complexas VIDA É VIAGEM e AMOR É VIAGEM, que funcionam como correspondências conceptuais entre o domínio fonte VIAGEM e os domínios alvos VIDA e AMOR. Essas metáforas, diferentemente das metáforas primárias, não se caracterizam como universais, pois são determinadas por cada cultura.

> O ponto é que as metáforas primárias são mais propensas a serem universais, enquanto que as complexas que são formadas a partir delas são muito menos propensas. Culturas influenciam grandemente em quais metáforas complexas

> emergem das metáforas primárias. (KÖVECSES, 2005, p. 4, tradução nossa)[24]

Com o intuito de exemplificar a variação de metáforas entre as diversas culturas, Kövecses (2010) revela que, de acordo com Matsuki (1995), a maioria das metáforas referentes ao sentimento da raiva em inglês também pode ser encontrada em japonês. No entanto, existe um grupo de expressões na cultura japonesa relacionadas à raiva que são compreendidas a partir do conceito de "barriga", o que faz com que a metáfora RAIVA É (está na) BARRIGA seja limitada ao japonês (KÖVECSES, 2010, p. 216).

Em outros casos, afirma o autor, duas línguas podem compartilhar a mesma metáfora conceptual, mas com formas de elaboração diferentes. Por exemplo, no inglês, a metáfora RAIVA É UM FLUIDO QUENTE EM UM RECIPIENTE surge a partir da percepção de que um fluido quente num recipiente produz vapor. Contudo, não observamos essa mesma elaboração em zulu, por exemplo. Já as metáforas CORPO É UM RECIPIENTE PARA AS EMOÇÕES e RAIVA É FOGO são compartilhadas entre os húngaros e os ingleses, mas também são elaboradas de maneiras diferentes entre essas duas línguas, pois, somente para os húngaros, o interior do corpo e do fogo é comparado a um tubo, onde há uma substância queimando dentro do recipiente (KÖVECSES, 2010, p. 216).

Há também a variação da metáfora dentro de uma mesma cultura, que pode ser motivada por certas dimensões, como a social. É o que verificamos nas diferenças entre as expressões metafóricas utilizadas por homens e aquelas utilizadas por mulheres, conforme exemplo abaixo:

> Em países de língua inglesa (mas também em outros), é comum que os homens usem expressões como coelho, gatinho, pássaro, pintinho, biscoito, prato e docinho descrevendo as mulheres. Estas expressões metafóricas correspondem a certas metáforas conceituais: as mulheres são (pequenos) animais peludos (coelho, gatinho), as mulheres são pássaros (pássaro, pintinho, galinha), e as mulheres são comida doce (biscoito, prato, docinho). No entanto, quando mulheres falam sobre homens, elas não parecem usar essas metáforas dos homens, ou as usam de forma mais limitada. Os homens não são chamados coelhos ou gatinhos pelas mulheres. Nem os homens são caracterizados como pássaros ou pintinhos, mas podem ser considerados como grandes animais peludos, como ursos. E as mulheres são mais comumente vistas pelos homens como comida doce do que os homens são vistos por mulheres, embora as mulheres também possam algumas vezes

24 The point is that the primary metaphors are likely to be universal, whereas the complex ones that are formed from them are much less likely to be so. Cultures greatly influence what complex conceptual metaphors emerge from the primary metaphors. (KÖVECSES, 2005, p. 4)

> descrever os homens como alimento, especialmente num contexto sexual. (KÖVECSES, 2005, p. 89,90, tradução nossa)[25]

Através desse exemplo, observamos uma variação na forma como os homens falam sobre as mulheres, e vice-versa, nos países de língua inglesa. Para os homens, MULHERES SÃO (PEQUENOS) ANIMAIS PELUDOS, MULHERES SÃO AVES e MULHERES SÃO COMIDAS DOCES. Já para as mulheres, HOMENS SÃO GRANDES ANIMAIS PELUDOS. Estas são formas comuns de conceptualizar homens e mulheres em determinadas regiões e evidenciam a variação na utilização de metáforas dentro de uma mesma cultura.

Kövecses (2000), em seu livro *Metaphor and emotion: Language, Culture and Body in Human Feeling*, aborda a questão da universalidade e da variação cultural na conceptualização das emoções. Ele conclui, mais uma vez, que as metáforas podem ser tanto universais, comum a todas as culturas, como é o caso das metáforas primárias, bem como podem variar entre culturas diferentes (interculturais) ou dentro de uma mesma cultura (intraculturais).

Em acréscimo às descobertas sobre a universalidade e variação no uso das metáforas, o autor alerta para os seguintes pontos: experiências universais não conduzem necessariamente a metáforas universais; a experiência corporal pode ser usada seletivamente na criação de metáforas; a experiência corporal pode ser ultrapassada tanto pela cultura como por processos cognitivos; metáforas primárias não são, necessariamente, universais; metáforas complexas podem ser potencialmente ou parcialmente universais; metáforas não são, necessariamente, baseadas na experiência corporal, visto que muitas são baseadas em considerações culturais e processos cognitivos de vários tipos.

No posfácio de *Metaphors we live by* (2003, p. 22), Lakoff e Johnson afirmam que os valores fundamentais de uma cultura são coerentes com a estrutura metafórica dos conceitos mais fundamentais daquela cultura. É o caso, por exemplo, dos valores culturais que são coerentes com as metáforas de espacialização PARA CIMA-PARA BAIXO, e cujos opostos não o seriam:

---

25 In English-speaking countries (but also in others), it is common for men to use expressions such as bunny, kitten, bird, chick, cookie, dish, and sweetie pie in describing women. These metaphorical expressions assume certain conceptual metaphors: women are (small) furry animals (bunny, kitten), women are birds (bird, chick, hen party), and women are sweet food (cookie, dish, sweetie pie). However, when women talk about men they do not appear to use these metaphors of men, or they use them in a more limited way. Men are not called bunnies or kittens by women. Neither are men characterized as birds or chicks, but they can be thought of as large furry animals, such as bears, instead. And women are more commonly viewed by men as sweet food than men are by women, although women can also sometimes describe men as food, especially in a sexual context. (KÖVECSES, 2005, p. 89,90)

- ✓ “Mais é melhor” é coerente com MAIS É PARA CIMA e BOM É PARA CIMA. “Menos é melhor” não seria coerente com estas metáforas.
- ✓ “Maior é melhor” é coerente com MAIS É PARA CIMA e BOM É PARA CIMA. “Menor é melhor” não seria coerente com estas metáforas.
- ✓ “O futuro será melhor” é coerente com FUTURO É PARA CIMA e BOM É PARA CIMA. “O futuro será pior” não seria coerente com estas metáforas.

Vale ressaltar que os valores que são priorizados pelo indivíduo são parte advindos da subcultura[26] em que ele vive e parte uma questão de valores pessoais, o que pode gerar algum conflito. Por exemplo, MAIOR É MELHOR pode entrar em conflito com HAVERÁ MAIS NO FUTURO quando se trata, por exemplo, da compra de um carro maior financiado em muitas parcelas. Há subculturas americanas em que é comum comprar um carro grande e não se preocupar com as dívidas futuras e há outras em que o futuro é priorizado e por isso a opção passa a ser comprar um carro pequeno e mais barato. Portanto, em alguns casos, a metáfora ECONOMIZAR DINHEIRO É MELHOR tem prioridade sobre MAIOR É MELHOR, o que comprova que as metáforas escolhidas pelo indivíduo são baseadas não só em valores culturais, mas também pessoais.

Até o momento, vimos que as metáforas funcionam na nossa mente e são culturais. Mas, para que haja a criação/compreensão de uma metáfora, é necessário que o criador/interlocutor possua um elevado grau de percepção/abstração, dentro do contexto cultural em questão:

> Produto de operação mental, a metáfora é enunciado que pressupõe “perícia” de construção e de recepção: impõe ao emissor a codificação de uma imagem particularmente construída cuja interpretação cabe ao receptor que deve ser capaz de percebê-la, para, em seguida, tentar apreender o seu significado. Aquele que “desconstrói” a metáfora, da mesma forma do “construtor”, deve perceber as peculiaridades de um enunciado metafórico (DELL’ISOLA, 1998, p. 41).

No contexto brasileiro, também observamos uma gama de expressões inusitadas que possivelmente só serão entendidas no Brasil, uma vez que elas são criação da nossa cultura. Através delas, percebemos a capacidade produtiva da língua para a construção de expressões com sentido metafórico, como revela Dell’Isola (1998):

---

26 Uma subcultura é parte de uma cultura dominante, e surge a partir da preservação de alguns valores desta, e ao mesmo tempo da criação de seus próprios valores. (FERREIRA, 2015, p. 60)

> A língua é produtiva no que se refere à possibilidade de criação de termos e expressões que veiculam sentido metafórico. Expressões como "ficar uma seda"(em oposição a "ficar uma arara"), "ter sangue de barata", "cantar de galo", "ser amigo da onça", dar zebra", "encher linguiça", "pagar o maior mico", dentre tantas outras, incorporam-se no léxico da língua portuguesa do Brasil cristalizando sua forma e seu significado enquanto identidades culturais brasileiras. O que há de interessante nessas expressões é a criação linguística inusitada que elucida uma relação conceitual, nem sempre percebida como metafórica. (DELL'ISOLA, 1998, p.40)

No artigo intitulado *A Metáfora e seu Contexto Cultural* (1998), Dell'Isola traz outros casos que revelam as peculiaridades dos termos que fazem parte da cultura brasileira. Sobre o termo "carnaval", por exemplo, ela explica que, além do seu sentido denotativo (o carnaval como uma manifestação cultural), a palavra também pode significar "desordem", "bagunça", principalmente no contexto político em que a falta de organização dos políticos e das instituições é uma característica marcante do Brasil. Para evidenciar esta situação, ela apresenta no artigo um texto que faz parte de um recorte de entrevista publicada pela revista Veja em maio/1996, cujo título é *Carnaval vai acabar*, e o entrevistado é o prefeito de São Paulo Paulo Maluf. Observamos, neste caso, que o termo tem um sentido metafórico, próprio da cultura brasileira, que tem uma política pautada pela desordem e pelo descrédito.

Outros exemplos de expressões metafóricas encontradas no Brasil são as palavras "pepino" e "anta", podendo a primeira ser interpretada como "problema" e a segunda como "pessoa desinformada". O termo "pepino", que é indigesto, está associado às dificuldades, ou às situações de difícil solução, enquanto que o termo "anta" está relacionado à pessoa que está por fora do noticiário. A percepção da intenção metafórica destes termos só é possível quando o sujeito está inserido ou tem conhecimento das especificidades da cultura brasileira. (DELL'ISOLA, 1998, p.49)

Através da investigação realizada em seu trabalho, a autora conclui que o conhecimento linguístico é importante para a comunicação, mas não determina o sucesso da interpretação metafórica. Palavras como "carnaval", "pepinos" e "antas" apresentam correspondentes lexicais em diversas línguas, mas também são consideradas expressões metafóricas culturalmente marcadas, o que dificulta o entendimento fora do contexto brasileiro.

Sardinha (2007) apresenta mais algumas evidências de que muitas metáforas são culturais e precisam ser aceitas pelo grupo social em questão para que funcionem como verdadeiras:

> Eu posso dizer ‘economizar tempo’ porque, na nossa cultura capitalista ocidental, tempo e dinheiro são coisas preciosas. Não tenho liberdade de conceitualizar tempo como bem entenda. Eu não poderia normalmente dizer algo como ‘descascar tempo’, sugerindo uma metáfora como o tempo é uma fruta. Na maioria das situações de comunicação humana, essa expressão soaria muito esquisita. (SARDINHA, 2007, p. 15)

Assim como a metáfora é inerente à cultura, ela também tem forte relação com a ideologia, pois todo pensamento é ideológico, e a metáfora faz parte do pensamento. Mas o que entendemos por ideologia?

Segundo Dijk (2000), o termo ideologia, apesar de vago e controverso, pode ser definido como um conjunto de crenças fundamentais de um grupo e seus membros. Ele afirma que uma das práticas sociais fortemente influenciadas pela ideologia é o discurso, que, por sua vez, tem influência na forma como aprendemos ou mudamos de ideologia. Nós adquirimos muitas de nossas crenças ainda na infância, ouvindo outros membros do grupo, especialmente pais e familiares, e mais tarde, através da televisão, livros, jornais, revistas, conversas com colegas etc. Os discursos geralmente são repletos de opiniões de bases ideológicas.

O termo discurso apresenta muitos significados. No sentido comum, ele pode ser definido como uma exposição metódica sobre determinado tema, muitas vezes com o intuito de convencer alguém, como na frase “o candidato fez um excelente discurso a respeito do futuro da educação do Brasil”. Ou ainda, conforme explica Brandão (2006), pode ter um sentido pejorativo de fala bonita, porém sem conteúdo, ou seja, fala vazia, como em “isso que ele promete é somente discurso”.

Outro significado muito usado entre os estudiosos da linguagem é o discurso como algo que sustenta e ao mesmo tempo é sustentado pela ideologia de um grupo ou instituição, ou seja, é aquele baseado em um conjunto de opiniões, pensamentos e visões de mundo, apoiando determinados valores (SILVA, 2014, p.2). Este conceito de discurso, também adotado em nosso trabalho, é muito observado no dia a dia das pessoas, revelando as posições sociais, culturais e ideológicas dos sujeitos e dos seus grupos em uma sociedade.

Existem vários outros significados para o termo discurso, mas que não serão objetos de estudo desta pesquisa. A variedade de acepções em que se emprega a noção de discurso resulta em que perspectivas teóricas bastante divergentes e até antagônicas façam uso corrente do termo, como é o caso da Análise do Discurso, as teorias enunciativas (por exemplo, Benveniste), a Linguística Textual, a Sociolinguística Interacional, a Análise da Conversação, dentre outras, que utilizam o termo em seus próprios campos, reconceitualizando-o conforme

os seus respectivos referenciais teóricos. Em nosso trabalho, vamos aplicar o conceito de discurso como um conjunto de ideias organizadas por meio da linguagem com o objetivo de persuadir o ouvinte ou leitor, e que está intrinsicamente ligado à ideologia do sujeito que o profere.

Complementando esta noção de discurso, Brandão (2006) revela que ele pode ser definido como:

> toda atividade comunicativa entre interlocutores; atividade produtora de sentidos que se dá na interação entre falantes. O falante/ouvinte, escritor/leitor são seres situados num tempo histórico, num espaço geográfico; pertencem a uma comunidade, a um grupo e por isso carregam crenças, valores culturais, sociais, enfim a ideologia do grupo, da comunidade de que fazem parte. Essas crenças, ideologias são veiculadas, isto é, aparecem nos discursos. É por isso que dizemos que não há discurso neutro, todo discurso produz sentidos que expressam as posições sociais, culturais, ideológicas dos sujeitos da linguagem. (BRANDÃO, 2006, p.2)

Ainda de acordo com Brandão (2006), com base em Maingueneau (2004), a noção de discurso apresenta algumas características fundamentais, dentre elas:

- ✓ Não se apoia apenas na gramática da língua (o fonema, a palavra, a frase), mas também no contexto situacional, incluindo os interlocutores, lugar e tempo geográfico. Portanto, deve ser entendido como algo que ultrapassa o nível puramente linguístico.
- ✓ Sendo assim, os interlocutores, além de dominar a língua, as regras gramaticais, organização de uma narrativa etc., precisam ter conhecimentos extralinguísticos para que sejam capazes de produzir discursos adequados às diversas situações diárias.
- ✓ É contextualizado, ou seja, só tem sentido no contexto em que é proferido.
- ✓ É produzido por um sujeito, que assume a responsabilidade pelo que fala, e em torno dele se organizam as referências de tempo e espaço.
- ✓ É interativo, ou seja, é necessária a presença de, no mínimo, dois interlocutores para que seja desenvolvido.
- ✓ É também uma maneira de agir sobre o outro, geralmente visando modificar um comportamento ou uma situação.
- ✓ É composto por enunciados concretos, isto é, falas/escritas realmente produzidas. Dessa forma, o discurso é estudado com o objetivo de verificar como funciona a língua no seu uso efetivo.

- ✓ É construído numa rede de outros discursos. Logo, nenhum discurso é único, mas está sempre interagindo com os discursos pré-existentes e com aqueles que estão sendo produzidos.

Podemos verificar as características citadas acima nos mais diversos tipos de discursos, inclusive naqueles que abordaram o processo de impeachment da presidente Dilma, e que serão analisados neste trabalho. São discursos que se configuram como uma verdadeira "arena de lutas em que locutores, vozes, falando de posições ideológicas, sociais, culturais diferentes procuram interagir e atuar uns sobre os outros" (BRANDÃO, 2006, p.5).

Sabemos que a arena política é geralmente um espaço conturbado, onde as pessoas envolvidas precisam estar constantemente argumentando a fim de convencer e alcançar aquilo que desejam. É necessário mostrar ao outro que a sua ideia é a melhor ou que a sua posição é a mais correta. Portanto, as atividades políticas não existem sem o uso da palavra, e, como em qualquer discurso, a linguagem utilizada na política nunca é neutra e imparcial.

> O governo da palavra não é tudo na política, mas a política não pode agir sem a palavra: a palavra intervém no espaço de discussão para que sejam definidos o ideal dos fins e os meios da ação política; a palavra intervém no espaço de ação para que sejam organizadas e coordenadas a distribuição das tarefas e a promulgação das leis, regras e decisões de todas as ordens; a palavra intervém no espaço de persuasão para que a instância política possa convencer a instância cidadã dos fundamentos de seu programa e das decisões que ela toma ao gerir os conflitos de opinião em seu proveito. (CHARAUDEAU, 2016, p.21)

Não há política sem discurso; este é constitutivo daquela. Sendo assim, a ação política e o discurso político estão intrinsicamente ligados, o que justifica o estudo político pelo discurso (CHARAUDEAU, 2016). Esta relação pode ser vista não apenas entre os representantes dessa área, mas também na opinião pública, sob diferentes enfoques. Todavia, tendo em vista o escopo deste trabalho, a nossa discussão limitar-se-á à dimensão metafórica de discursos de pessoas comuns, pessoas públicas e políticos sobre o processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff.

Observamos, até o momento, que os discursos estão carregados de ideologias, mas estas nem sempre são aceitas por todos os membros de uma mesma sociedade ou cultura e, por isso, há a geração de conflitos de opiniões que podem resultar até mesmo em guerras.

> Assim, porque dentro da mesma sociedade ou cultura há muitas ideologias, precisamos restringir ideologias a grupos ou movimentos sociais. Ou seja, ao contrário do conhecimento do terreno comum, ideologias não são socioculturais, e não podem ser pressupostas para serem aceitas por todos. Pelo contrário, assim como as atitudes, as ideologias tipicamente dão origem a diferenças de opinião, conflitos e guerras. E ainda, o mesmo "grupo ideológico" pode ser definido precisamente pelo fato de que seus membros compartilham mais ou menos a mesma ideologia, como é o caso dos socialistas, feministas ou anti-racistas enquanto grupos. Há, naturalmente, subgrupos com variantes da ideologia geral, e membros individuais de um grupo pode também ter opiniões individuais sobre certas questões. (DIJK, 2000, p. 14, tradução nossa)[27]

Goatly (2007), em seu livro *Washing the brain - Metaphor and Hidden Ideology,* faz uma discussão sobre o significado de ideologia, afirmando que não há um pensamento que não seja ideológico, e que ela é tão imperceptível quanto o ar que respiramos. Reforça que somos membros de uma comunidade e compartilhamos pensamentos, linguagens e conhecimentos que tornam possível vivermos em sociedade.

O autor revela que o conhecimento admitido como verdadeiro através do discurso, geralmente é visto como senso comum, e a ideologia que está por trás, chamada de ideologia *latente*, tem forte influência sobre o nosso pensamento e percepção da realidade (GOATLY, 2007, p. 27). Logo, o senso comum pode ser definido como o modo de pensar da maioria das pessoas, isto é, são verdades, vistas como inquestionáveis, que servem para explicar pontos de vista sobre determinados assuntos.

Ainda segundo Goatly (2007), a ideologia é também uma forma de manter as relações de poder e está presente em nossas crises sociais e ambientais. Sendo considerada uma representação enganosa da realidade, a ideologia pode ser transmitida de geração a geração pela classe dominante de forma imperceptível, através do senso comum. Dessa maneira, as pessoas são levadas a agirem conforme os valores hegemônicos, muitas vezes sem terem a consciência desta situação.

Apesar da aparente conotação negativa no que se refere a essa visão de ideologia, Goatly (2007), com base em Balkin (1998), ressalta que é importante adotarmos uma atitude ambivalente frente ao conceito, visto que

---

27 Thus, because within the same society or culture there are many ideologies, we need to restrict ideologies to groups or social movements. That is, unlike common ground knowledge, ideologies are not sociocultural, and cannot be presupposed to be accepted by everyone. On the contrary, as is the case for attitudes, ideologies typically give rise to differences of opinion, to conflict and struggle. Yet, the same 'ideological group' may be defined precisely by the fact that its members share more or less the same ideology, as is the case for socialists, feminists or anti-racists as groups. There are of course subgroups with variants of the general ideology, and individual members of a group may again have individual opinions on certain issues. (DIJK, 2000, p. 14)

> a análise ideológica não termina com uma demonstração de que uma determinada crença ou forma simbólica é parcial ou totalmente falsa ou distorcida. Deve-se perguntar como esta falsidade, ou distorção, pode criar ou sustentar condições sociais injustas ou relações injustas de poder social. (BALKIN, 1998, p. 111, *apud* GOATLY, 2007, p. 03, tradução nossa)[28]

Neste sentido, por ser a metáfora conceptual inerente ao pensamento, que está carregado de ideologias, "provavelmente todas as metáforas expressam um substrato ideológico, do qual nós geralmente não temos consciência." [29] (GOATLY, 1997, p. 157, tradução nossa). Logo, da mesma forma que a cultura, a ideologia tem um papel importante na criação e compreensão de muitas das metáforas convencionais que justificam alguns dos nossos comportamentos pessoais, ambientais, sociais e políticos.

Na obra supracitada, Goatly (2007) explica que as metáforas são importantes veículos na reprodução de ideologias. Ele mostra, em seus estudos, algumas metáforas da língua inglesa que são utilizadas como instrumentos de poder, como SEXO É VIOLÊNCIA, derivada das metáforas SER HUMANO É COMIDA e SEXO É COMER, que refletem as práticas sexuais violentas, especialmente contra as mulheres, e reproduzem a ideia de que uma das funções do sexo feminino é satisfazer os prazeres sexuais do sexo masculino. Outros exemplos de metáforas e expressões linguísticas metafóricas que refletem essas relações de poder são: HOMEM É MÁQUINA ("a equipe está funcionando a toda velocidade), HOMEM É UTENSÍLIO ("ele é a peça que faltava para este trabalho") e HOMEM É FERRAMENTA ("precisamos calibrá-lo para este serviço"), em que o homem é tratado como uma máquina/utensílio/ferramenta pronta para o uso de uma pessoa ou grupo de maior prestígio social.

Charteris-Black (2004), criador da Teoria Crítica da Metáfora Conceptual (análise de metáforas com o objetivo de investigar quais as intenções/ideologias estão presentes na linguagem), revela que as metáforas escolhidas estão diretamente relacionadas ao propósito comunicativo e ao contexto discursivo do falante. Dessa forma, o autor aponta que, além da dimensão cognitiva, a dimensão pragmática deve ser considerada para a obtenção de um estudo completo da metáfora.

---

28 ideological analysis does not end with a demonstration that a particular belief or symbolic form is partly or wholly false or distorted. It must ask how this falsity or distortion might create or sustain unjust social conditions or unjust relations of social power. (BALKIN, 1998, p. 111, *apud* GOATLY, 2007, p. 03)

29 Probably all metaphors express an ideological substratum, of which we are generally unaware. (GOATLY, 1997, p. 157)

> As metáforas são - como muitos aspectos da linguagem - escolhidas por falantes para alcançar objetivos de comunicação específicos dentro de contextos particulares ao invés de serem predeterminadas pela experiência corporal. Afirmo, portanto, que uma teoria completa da metáfora também deve incorporar uma perspectiva pragmática que interprete a escolha da metáfora com referência aos propósitos de uso dentro de contextos específicos do discurso. (CHARTERIS-BLACK, 2004, p. 247, tradução nossa)[30]

Portanto, a experiência corporal não é a única determinante para a escolha da metáfora. Nossa experiência sobre o conceito de batalha, por exemplo, é inerente tanto à experiência social quanto à experiência física. Neste sentido, o autor sugere que a noção de batalha unifica a experiência física - como acontece no parto de uma criança- com a social - como ocorre nas competições no ambiente de trabalho. E ainda acrescenta que "um fator importante na escolha da metáfora é o objetivo retórico da persuasão." [31] (CHARTERIS-BLACK, 2004, p. 247, tradução nossa), revelando que o uso de metáforas está ligado também a fatores intencionais, além de fatores físicos e sociais.

O autor ressalta, mais uma vez, que a semântica cognitiva não dá conta de explicar porque empregamos determinadas metáforas em um discurso, e utilizamos outro conjunto de metáforas quando mudamos de discurso. Contudo, é fundamental perceber estas diferenças quando o objetivo é entender quais são as ideologias que estão por trás de cada discurso. Dessa forma, ele conclui que a semântica cognitiva fornece somente uma explicação de *como* as metáforas são compreendidas ao invés de *porque* elas são escolhidas dentro de um contexto discursivo específico, o que deixa o estudo da metáfora conceptual incompleto.

Resumindo, podemos dizer que a Teoria Crítica da Metáfora Conceptual aponta que a metáfora deve ser estudada em três dimensões: cognitiva, pragmática (considerando o contexto e a intenção do falante) e crítico-discursiva (considerando o seu potencial de persuasão). "A motivação cultural, ideológica e afetiva se combinam para tornar a metáfora persuasiva de acordo com o propósito comunicativo." [32] (CHARTERIS-BLACK, 2004, p. 249, tradução nossa).

---

30 Metaphors are - like many aspects of language - chosen by speakers to achieve particular communication goals within particular contexts rather than being predetermined by bodily experience. I claim, therefore, that a complete theory of metaphor must also incorporate a pragmatic perspective that interprets metaphor choice with reference to the purposes of use within specific discourse contexts. (CHARTERIS-BLACK, 2004, p. 247)

31 An important factor in metaphor choice is the rhetorical aim of persuation. (CHARTERIS-BLACK, 2004, p. 247)

32 Cultural, ideological and affective motivation combine in order to make the metaphor persuasive according to the communicative purpose. (CHARTERIS-BLACK, 2004, p. 249)

Nesse sentido, investigamos, em nosso trabalho, não apenas como as metáforas que constituem o *corpus* foram construídas/compreendidas, mas também porque elas foram escolhidas em cada contexto particular. Ou seja, além de analisar a dimensão cognitiva, ousaremos fazer uma breve análise das metáforas encontradas em suas outras duas dimensões (pragmática e crítico-discursiva), ressaltando as limitações existentes a este tipo de estudo.

É através da linguagem, metafórica por natureza, que externamos as ideologias presentes em nossa mente e em nossa cultura. Nesta pesquisa, observamos que o discurso desempenha um papel fundamental na reprodução de ideologias, inclusive quando este tem um cunho político, como veremos mais adiante.

3. CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS E CONTEXTUALIZAÇÃO/ LEVANTAMENTO DO *CORPUS*

Nesta seção, abordamos inicialmente a trajetória da presidente Dilma Rousseff, desde o início da sua vida política até a cassação do seu mandato de presidente. Em seguida, apresentamos alguns conceitos de golpe e acrescentamos uma breve análise do Golpe (ou Revolução?) de 64. Posteriormente, mostramos os aspectos metodológicos utilizados para elaboração desta pesquisa, bem como a investigação e a descrição das metáforas encontradas.

3.1. Trajetória de Dilma Rousseff: de chefe da Casa Civil a presidente cassada.

Dilma Vana Rousseff, primeira mulher a se tornar presidente da República Federativa do Brasil, nasceu em 14 de dezembro de 1947, na cidade de Belo Horizonte (MG). É a filha do meio do casal Pedro Rousseff, imigrante búlgaro, e Dilma Jane da Silva, professora carioca (PALÁCIO DO PLANALTO, 2014).

O início da sua vida política foi aos 16 anos, integrando organizações de combate ao regime militar. Aos 23 anos, devido a perseguições da Justiça Militar, Dilma foi condenada e passou quase três anos no presídio Tiradentes em São Paulo. Em 1973, após sair da prisão, mudou-se para Porto Alegre e, junto com o seu marido, o advogado gaúcho Carlos Araújo, ajudou a fundar o Partido Democrático Trabalhista (PDT) no Rio Grande do Sul. Em 1986, Dilma foi escolhida para ocupar o cargo de Secretária da Fazenda de Porto Alegre, e em 1993, tornou-se Secretária de Energia, Minas e Comunicação do Rio Grande do Sul. Em 1998, foi nomeada ao mesmo cargo, após a aliança entre PDT e PT eleger Olívio Dutra governador do Rio Grande do Sul. No ano 2000, Dilma passou a integrar o Partido dos Trabalhadores (PALÁCIO DO PLANALTO, 2014).

Com a posse do presidente Lula em 2003, Dilma Rousseff passou a ocupar o cargo de ministra de Minas e Energia, período em que comandou mudança na área com a criação do marco regulatório (leis, regulamentos e normas técnicas) para as práticas em Minas e Energia. Em 2005, Dilma foi escolhida para ocupar a chefia da Casa Civil e coordenar o trabalho de todo ministério. Nesse período, a ministra assumiu a direção do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e do programa de habitação popular Minha Casa, Minha Vida, programas estratégicos para o Governo (PALÁCIO DO PLANALTO, 2014).

Em 2009, após passar por um procedimento cirúrgico em que extraiu um nódulo na axila esquerda, Dilma foi diagnosticada com um linfoma, um tipo de câncer nos glânglios,

com grande chance de sucesso no tratamento quando diagnosticado a tempo, como foi o caso. Mesmo consciente da gravidade da situação: "- A vida não é fácil. Nunca foi." (Dilma Rousseff *apud* AMARAL, 2016, p.12), a ministra permaneceu segura e seguiu com os seus projetos políticos.

Em abril de 2010, Dilma deixou o Governo Federal para se tornar candidata à Presidência da República pelo PT. Em outubro desse mesmo ano, aos 63 anos de idade, com quase 56 milhões de votos, Dilma Rousseff foi eleita presidente da República Federativa do Brasil.

Apesar da alta popularidade inicial, em 2013 o governo passou a enfrentar forte rejeição por uma parcela da população, incluindo a classe média, devido a sérios problemas no país, principalmente na economia, mas também na educação, saúde, transporte e políticas públicas. Muitos manifestantes foram às ruas em várias cidades brasileiras clamar por melhorias nesses setores e protestar contra a corrupção, o aumento da inflação e consequente aumento dos preços, os gastos considerados com a Copa do Mundo, dentre outros problemas, o que levou ao questionamento sobre a viabilidade da candidatura da presidente Dilma à reeleição.

Em 2014, veio à tona o Petrolão, famoso escândalo de corrupção do governo Dilma, investigado pela operação Lava-Jato da Polícia Federal. Foi um esquema criado para desviar dinheiro da Petrobras, a maior empresa estatal brasileira, a partir de contratos superfaturados e dinheiro sujo usado para comprar votos, financiar campanhas políticas e beneficiar políticos de partidos como o Partido Trabalhista (PT), Partido Progressista (PP) e o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB).

Mesmo diante dos problemas crescentes da economia, dos escândalos de corrupção e do desejo de mudança de grande parte do eleitorado, Dilma foi reeleita presidente do Brasil em 2014, derrotando o candidato Aécio Neves (PSDB), na disputa, até então, mais acirrada da história do país.

A presidente, então, começou seu segundo mandato sendo alvo de muitos questionamentos, críticas e denúncias. Cada vez mais crescia o movimento pelo impeachment de Dilma, pouco tempo depois da sua reeleição, provocando grande polarização e instabilidade no país.

O impeachment é um procedimento constitucional que "despoja definitivamente do cargo e afasta transitoriamente do poder a autoridade considerada inconveniente ou prejudicial ao governo e que em relação ao governo se mostrou incompatibilizada, por atos ou omissões entre nós denominados 'crimes de responsabilidade.'" (BROSSARD, 1992, p.6).

Embora esteja previsto nos artigos 85 e 86 da Constituição de 1988 e na Lei nº 1079/50 (Lei do Impeachment), o processo não poderia ser aberto em razão da baixa popularidade ou insatisfação com o governo, pois não seriam motivos legais para o impedimento da continuidade do mandato da presidente.

Dessa forma, era necessário justificar o pedido de impeachment. Naquele momento, 46 denúncias por crime de responsabilidade, alegando desrespeito à lei orçamentária e à lei de improbidade administrativa por parte da presidente, foram registradas no período de março a dezembro de 2015. Até que, no dia 2 de dezembro do mesmo ano, o então presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, aceitou a denúncia por crime de responsabilidade, realizada pelo procurador da justiça, Hélio Bicudo, e pelos advogados Miguel Reale Júnior e Janaína Paschoal, formalizando o início do processo de impeachment de Dilma Rousseff.

As denúncias mais relevantes que levaram à abertura do processo foram duas: a abertura de créditos suplementares sem autorização legislativa e as pedaladas fiscais. Entretanto, alguns juristas contestaram essas denúncias, visto que as denominadas "pedaladas fiscais" não se configuravam como improbidade administrativa e que não havia provas da participação da presidente em crime doloso que justificasse o seu impedimento. Além disso, a maioria dos envolvidos na articulação do impeachment são investigados e réus em vários processos, situação que levou à alta desconfiança por parte daqueles que não acreditavam na legalidade do impeachment e o enxergavam como uma verdadeira farsa.

Por outro lado, os problemas econômicos e sociais do país só aumentavam. Muitas pessoas estavam descontentes e gritavam pelo afastamento de Dilma do cargo da presidência. O momento político do país era bastante grave diante da profunda crise de representatividade. O Poder Legislativo e o Poder Executivo estavam afundados na grande quantidade de escândalos que revelavam uma traição aos mandatos conferidos nas urnas.

Diante de muitas divergências e com a sociedade visivelmente dividida, houve o desenrolar do impeachment. Para a análise do processo, foi formada uma comissão especial na Câmara dos Deputados, cujo relatório foi favorável à sua continuidade. Em abril de 2016, o plenário da Câmara aprovou o relatório que foi enviado ao Senado Federal, e que também foi favorável ao impedimento da presidente. Em maio de 2016, o Senado aprovou a abertura do processo de impedimento, afastando Dilma da presidência provisoriamente, até a conclusão do processo.

Finalmente, no dia 31 de agosto de 2016, após um julgamento marcado por inúmeras ofensas e controvérsias no Senado, que resultou em 61 votos a favor e 20 contra o

impedimento, Dilma Rousseff teve cassado o seu mandato de presidente da República Federativa do Brasil.

3.2. O que é o golpe?

Antes de iniciarmos a investigação das redes metafóricas que compõem esta pesquisa, vamos discorrer um pouco sobre o conceito de golpe. De acordo com o Dicionário Michaelis On-line (2018), podemos encontrar vários significados para o termo golpe, alguns listados abaixo:

1- Movimento brusco e violento, de ataque ou defesa, que atinge uma pessoa: "Quando vou catar as pedras, recebo na face direita um golpe violento […]".

2- Contusão causada por esse movimento: "Depois da briga, o rapaz ficou com um imenso golpe no peito".

3- Pancada violenta com objeto contundente ou cortante sobre um objeto ou sobre uma pessoa ou um animal: "O golpe que levou na cabeça, causado por um pedaço da marquise que despencou, quase a matou".

4- (Esporte) Recurso técnico nas modalidades de luta ou de artes marciais "Os golpes de kung fu livraram-no de um assalto".

5- (Figurado) Estratégia desleal para se obter vantagens: "– Bom, no meu entender a coisa toda não passou duma farsa mal representada… O Jânio arquitetou um golpe. Não podia governar com minoria no Congresso, sentia-se de mãos amarradas. Escreveu então a carta de renúncia… que não era pra valer".

6- (Figurado) Desvio de dinheiro alheio: "Levou o maior golpe do sócio, que lhe roubou todo o dinheiro aplicado na sociedade e fugiu".

7- (Figurado) Acontecimento inesperado e infeliz: "A viúva que mal resistira ao golpe da perda do filho, ainda mais se aterrava agora […]".

Em acréscimo, o dicionário traz o significado de uma série de expressões com a palavra golpe, conforme observamos abaixo:

1- Golpe baixo: a) golpe tecnicamente proibido por atingir a região abaixo da cintura do adversário; b) atitude desonesta com o objetivo de prejudicar alguém.

2- Golpe de ar: corrente súbita de ar.

3- Golpe de ariete: impacto provocado pela parada súbita do fluxo de líquido em um conduto forçado.

4- Golpe de mar: impacto de grande onda contra o costado de uma embarcação.

5- Golpe de mestre: ação de grande audácia, praticada com perfeição.

6- Golpe de misericórdia: a) procedimento final praticado contra uma pessoa que está prestes a morrer, para minimizar-lhe o sofrimento; b) (Figurado) ação que contribui para pôr fim em algo decadente.

7-Golpe de vista: a) olhar lançado rapidamente para alguma coisa; b) constatação imediata e inteligente de uma situação.

8-Golpe do baú: casamento realizado apenas por interesse financeiro.

9-Golpe militar (Política): ruptura de um governo, realizada por militares das Forças Armadas, que passam a comandar uma nação.

10-Golpe de Estado (Política): ato de se apoderar, pela força, do governo estabelecido, para implantar um novo sistema governamental, sem aprovação do povo.

Constatamos, assim, que existem diversas acepções para o termo golpe. Contudo, conforme veremos adiante, aquela que é usada como domínio origem para construir o domínio alvo impeachment sofrido pela presidente Dilma, é o golpe como "movimento brusco ou violento que atinge uma pessoa". Ou seja, Dilma Rousseff foi golpeada com a instauração do governo do presidente Michael Temer, pois, na concepção de algumas pessoas, o processo democrático que a elegeu Presidente da República, com 54 milhões de votos, foi interrompido sem a imposição de uma ditadura militar ou alteração constitucional e por isso foi considerado um golpe, e mais especificamente, um Golpe de Estado.

Também observamos que o sentido figurado[33] trazido pelo dicionário que melhor explica o conceito de golpe no contexto em questão é o golpe como uma "estratégia desleal para se obter vantagens". Para uma parcela da sociedade, o golpe de Dilma ocorreu devido a interesses diversos, como, por exemplo, interromper as investigações sobre a corrupção, e por isso utilizou-se de estratégia inconstitucional para que um grupo de políticos corruptos não fosse condenado.

Ideologicamente, verificamos que, para uma parte dos brasileiros, é comum entender o impeachment de presidentes eleitos democraticamente como golpe, quando o processo acontece via ruptura de ordem institucional. Como exemplos, temos as derrubadas dos governos João Goulart, no Brasil (1964), Manuel Zelaya, em Honduras (2009) e Fernando Lugo, no Paraguai (2012) (JINKINGS, 2016, p. 12,13), além do mais recente caso, o da presidente Dilma Rousseff, também no Brasil (2016), objeto de análise do nosso trabalho.

33 Em dicionários da língua portuguesa, o s*entido figurado* é aquele em que a palavra ou expressão tem seu significado ampliado ou alterado no contexto em que é empregada, contrapondo-se ao *sentido literal*, em que a palavra ou expressão se apresenta no seu sentido básico ou usual, e pode ser compreendida sem a ajuda do contexto.

Abordaremos, a seguir, um pouco da história do golpe sofrido pelo presidente João Goulart em 1964, com o objetivo de ajudar na contextualização do intitulado "golpe de 2016" por aqueles que assim o conceptualizaram.

3.3. Golpe (ou Revolução?) de 64

Fato que marcou a história do Brasil, o Golpe de 64, como ficou conhecido, foi um movimento dos militares deflagrado contra o governo de João Goulart, legalmente constituído. Jango, como era chamado, havia sido democraticamente eleito vice-presidente da República na mesma eleição que conduziu Jânio da Silva Quadros à presidência, em janeiro de 61. Após a renúncia de Jânio Quadros, em agosto de 61, João Goulart passa a ocupar o cargo de presidente do Brasil, o que durou aproximadamente três anos, até que, no dia 31 de março de 64, em meio a uma série de turbulências em seu governo, os militares tomam o poder. Nesse momento, conforme estabelecia a constituição de 1946, assume interinamente a presidência o então presidente da Câmara dos Deputados, Ranieri Mazilli. Todavia, o poder real já estava sob o domínio dos militares.

Em seguida, após eleição indireta ocorrida no dia 11 abril de 1964, o marechal Castelo Branco é nomeado presidente do Brasil, apoiado por um grupo de militares e pelos principais líderes políticos civis favoráveis ao golpe. Dentre as promessas do novo presidente estavam a retomada do crescimento econômico e a volta do país à "normalidade democrática". No entanto, a democracia só foi de fato retomada no ano de 1985, quando Tancredo Neves foi eleito presidente para um mandato de seis anos (FGV CPDOC, 2017).

Durante os 21 anos de ditadura militar, uma violenta repressão tomou conta do Brasil, atingindo fortemente setores como o Comando Geral dos Trabalhadores (CGT), as Ligas Camponesas, a União Nacional dos Estudantes (UNE), dentre outros. Prisões irregulares e casos de torturas eram bastante comuns, principalmente no Nordeste, como aconteceu com o líder comunista Gregório Bezerra, amarrado e arrastado pelas ruas de Recife (FGV CPDOC, 2017).

Nos primeiros dias após o golpe, como é chamado até hoje por aqueles que assim o classificam, o governo militar baixou um "Ato Institucional", sem qualquer base legal, com a finalidade de justificar os atos de exceção que se seguiram. Inquéritos Policiais-Militares, chefiados por coronéis, foram instaurados, para apurar atividades classificadas como subversivas. Milhares de cidadãos tiveram seus direitos políticos suspensos, e funcionários públicos foram demitidos ou aposentados. Muitos parlamentares também tiveram seus

mandatos cassados, a exemplo de João Goulart, Miguel Arraes, Leonel Brizola, Jânio Quadros e Luís Carlos Prestes. Daí em diante, com os militares no poder, implantava-se um regime jurídico regido pelo autoritarismo, em que o Estado tinha total poder sobre os indivíduos, assim como o Poder Executivo tinha o poder sobre o Legislativo e o Judiciário (FGV CPDOC, 2017).

No entanto, na opinião de uma parcela da sociedade, não houve golpe, e sim uma revolução justificada pela necessidade de restaurar a disciplina e a hierarquia das Forças Armadas e afastar a ameaça da implantação do comunismo, através da subversão da ordem existente. Essa visão era reforçada nas escolas superiores das Forças Armadas, através das teorias de "guerra anti-subversiva" ou "anti-revolucionária", difundindo a ideia de que os militares estavam no comando para o bem da nação (FGV CPDOC, 2017).

Em outras palavras, algumas pessoas acreditam que o que houve em 1964, de fato, foi uma revolução, pois o país estava sob uma ameaça comunista. Para elas, se os militares não tivessem tomado o poder, o Brasil teria entrado numa ditatura comunista, visto que o presidente João Goulart tinha suas alianças com os chineses e com os cubanos e queria, a qualquer custo, implantar a reforma agrária no país, mesmo sem ter o apoio do Congresso. Nesse contexto, o golpe de Estado da esquerda já estava preparado e a população já não tinha mais nenhuma saída. O ataque dos militares foi a única escapatória para os brasileiros, uma espécie de "contragolpe" contra a expropriação que os chamados comunistas queriam fazer no país, e contra a extinção da propriedade privada. Além disso, os apoiadores da revolução dizem que os subversivos pretendiam usar de violência para chegar ao poder, visto que já se observavam diversos ataques da esquerda em lugares como aeroportos, ruas e consulados (UOL EDUCAÇÃO, 2014).

Assim como o golpe de 1964 foi entendido como um golpe por ter sido imposto um novo governo sem o consentimento da maioria, o processo de impeachment da presidente Dilma também foi visto, por uma parcela da população, como um golpe, sob a alegação de que não houve o embasamento constitucional necessário. Já para outro grupo, o impeachment foi um procedimento legal, realizado de acordo com a Constituição, e, portanto, não pode ser categorizado como um golpe.

3.4. Metodologia

Os seguintes passos foram necessários para realização do nosso trabalho: leitura e elaboração da resenha com base na bibliografia selecionada, definição dos objetos de análise e

coleta do *corpus*, levantamento das expressões linguísticas e respectivas metáforas conceptuais, e análise dos dados.

Com relação ao referencial teórico, procedemos à leitura de livros e trabalhos sobre a Teoria da Metáfora Conceptual e a sua relação com a cultura e a ideologia. Além disso, buscamos por textos que auxiliassem na contextualização desta pesquisa, com temas sobre o processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff.

Quanto ao levantamento do *corpus*, optamos por investigar comentários/opiniões que abordassem o processo do impeachment ocorrido em 2016, por ter sido um fato marcante para a história do Brasil e caracterizado por polêmicas e divergências no Parlamento e na sociedade. Para a obtenção desse *corpus*, escolhemos os seguintes objetos de análise que colaboraram para uma pretensa neutralidade da pesquisa, pois apresentaram posições ideológicas distintas: 1- livro "20 horas na história: a longa sessão de admissibilidade do Impeachment da presidente Dilma Rousseff", constituído pela transcrição das falas dos participantes do julgamento de admissibilidade do processo de impeachment, ocorrido no Senado Federal nos dia 11 e 12 de maio de 2016; 2- livro "Impeachment: o julgamento da presidente Dilma Rousseff pelo Senado Federal", constituído pela transcrição das falas dos participantes do julgamento final do impeachment da presidente Dilma, ocorrido no Senado Federal nos dia 25 a 31 de agosto de 2016; 3 - sites Yahoo! Respostas, Uol notícias Política, Revista Glamour, O Povo, Socialista Morena e Gazeta do Povo[34] , onde pessoas comuns e pessoas públicas opinaram livremente a respeito do tema em questão.

O Yahoo! é um portal web, com sede na Califórnia, fundado por Jerry Yang e David Filo em janeiro de 1994, e que se tornou o site mais popular dos EUA. Possui vários serviços globalmente conhecidos como o Yahoo! Search, Yahoo! Directory, Yahoo! Mail, Yahoo! News, Yahoo! Finance, Yahoo! Grupos, bem como o Yahoo! Respostas, site composto de

---

34 Sites para acesso:
Yahoo! Respostas:
https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20160413075854AAC1fwe&page=1:
https://br.answers.yahoo.com/question/index;_ylt=AwrC1DEwmy1ZGkQAZGrz6Qt.;_ylu=X3oDMTByOHZyb21tBGNvbG8DYmYxBHBvcwMxBHZ0aWQDBHNlYwNzcg--?qid=20160422085600AATeKlL
UOL Notícias Política:
https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2016/08/31/foi-impeachment-ou-golpe-veja-opiniao-de-que-foi-a-protestos-em-sp-e-no-rj.htm
Revista Glamour: http://revistaglamour.globo.com/Celebridades/noticia/2016/04/famosos-compartilham-suas-opinioes-sobre-o-impeachment-na-web.html
O Povo: http://www20.opovo.com.br/app/opovo/dom/2016/04/16/noticiasjornaldom,3603614/depoimentos-voce-e-contra-ou-a-favor-do-impeachment.shtml
Socialista Morena: http://www.socialistamorena.com.br/por-que-sou-contra-o-impeachment/
Gazeta do Povo: http://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/editoriais/impeachment-nao-e-golpismo-eh284arjqmq8rk1g0ear4tiku

perguntas e respostas que tem como objetivo tirar dúvidas que não violem as diretrizes da comunidade. As perguntas são inicialmente abertas em qualquer tempo, e o autor da questão pode optar por escolher uma melhor resposta para a pergunta após um mínimo de uma hora. Também é possível comentar as respostas dos usuários a qualquer momento. Além disso, o usuário pode utilizar qualquer nome como identificação. Através do site Yahoo! Respostas, encontramos expressões linguísticas metafóricas nas respostas dadas às perguntas "Você é contra ou a favor do Impeachment?" e "Afinal, Impeachment é golpe ou não?" que versaram sobre o impeachment da presidente Dilma Rousseff.

O Universo Online, conhecido pela sigla UOL, foi fundado pelo Grupo Folha em abril de 1996, e, desde então, ganhou mais de 100 prêmios como um dos maiores portais do Brasil. O portal oferece serviços como hospedagem de sites, venda de publicidade, armazenagem de dados, pagamento on-line e segurança. Possui ainda sites de bate-papo, esporte, entretenimento, estilo de vida, TV e famosos, além de notícias sobre ciência e saúde, economia, tecnologia, política, notícias internacionais, dentre outras. No site Uol Notícias Política, a reportagem publicada no dia 31 de agosto de 2016 fala sobre a opinião de pessoas comuns que foram aos protestos em São Paulo e Rio de Janeiro, e foram solicitadas a responder à pergunta "Foi impeachment ou golpe?". Em muitas dessas respostas, pudemos encontrar metáforas conceptuais que caracterizam o referido processo.

A Revista Glamour é uma revista para mulheres, fundada em 1939 nos Estados Unidos, e lançada no Brasil em abril 2012 pela Editora Globo, em substituição à revista Criativa. Ela aborda temas como moda, beleza, celebridades, estilo de vida, amor e sexo, dentre outros. Na edição digital de abril de 2016, seção Celebridades, a revista trouxe uma matéria em que os famosos compartilharam suas opiniões sobre o impeachment na web, onde pudemos visualizar expressões linguísticas metafóricas sobre esse processo.

O Povo é um jornal brasileiro, sediado na cidade de Fortaleza, e que foi fundado em janeiro de 1928 pelo jornalista Demócrito Rocha. É o segundo maior jornal em número de tiragem no Estado do Ceará, atrás somente do Diário do Nordeste. Sua versão virtual, chamada O POVO online, está dividida em seções como Notícias, Esportes, Entretenimento, Empregos e Carreiras, etc. A edição do dia 17 de abril de 2016 trouxe uma reportagem intitulada "Depoimentos. Você é contra ou a favor do impeachment?" em que visualizamos opiniões sobre o impeachment da presidente Dilma, e evidenciamos mais algumas metáforas conceptuais sobre o tema.

Socialista Morena é um blog criado em 2013 pela jornalista Cynara Menezes, que foi repórter em veículos de comunicação de destaque, como Folha de São Paulo, Veja e Carta

Capital. O blog apresenta predominantemente uma temática política, com um viés ideológico de esquerda, mas, além do conteúdo jornalístico, aborda também o tema literatura e outros tipos de informação. No dia 13 de março de 2015, a jornalista publicou uma matéria chamada "Por que sou contra o impeachment" em que muitos internautas fizeram comentários contra ou a favor da matéria. Através destes comentários, pudemos observar, mais uma vez, expressões linguísticas metafóricas sobre o processo de impeachment.

A Gazeta do Povo é um jornal brasileiro, sediado na cidade de Curitiba, sendo considerado o maior e mais antigo jornal em circulação do estado do Paraná. Foi fundado em fevereiro de 1919 pelo paraibano Benjamin Lins e o alagoano Oscar Joseph de Plácido e Silva. Recentemente, em junho de 2017, o jornal passou por uma transformação editorial e física, quando deixou de ser publicado no formato jornal, com circulação diária, e passou a ser impresso e vendido no formato revista com a circulação semanal. Em sua versão digital do dia 05 de dezembro de 2014, o jornal publicou um editorial intitulado "Impeachment não é golpismo", argumentando que o impeachment da presidente Dilma não pode ser considerado golpe. Através dos comentários dos leitores ao final do editorial, foi possível identificar mais algumas metáforas conceptuais sobre o tema.

Por último, buscamos compreender através dos livros "20 horas na história: a longa sessão de admissibilidade do Impeachment da presidente Dilma Rousseff" e "Impeachment: o julgamento da presidente Dilma Rousseff pelo Senado Federal" como os atores envolvidos nesse processo conceptualizaram o impeachment de 2016. Ambos foram publicados pelo Senado Federal e são compostos por depoimentos e pronunciamentos dos senadores, advogados, e outros participantes do julgamento em questão, realizado em dois momentos no Senado. O primeiro aconteceu entre os dias 11 e 12 de maio de 2016, numa sessão que durou 20 horas, onde foi votada a admissibilidade do processo de impeachment. O segundo ocorreu nos dias 25 a 31 de agosto de 2016, em que foi realizada a votação do impedimento da presidente Dilma Rousseff, culminando com a cassação do seu mandato por mais de dois terços dos membros da Casa. Os registros foram feitos por Luiz Fernando Bandeira de Mello Filho, escrivão do processo de impeachment, Secretário-Geral da Mesa do Senado Federal, e autor dos respectivos livros.

A partir dos objetos de análise, selecionamos *o corpus* utilizado nesta pesquisa, que representou apenas um recorte das expressões linguísticas metafóricas encontradas. Devido ao elevado número de repetições, escolhemos somente uma expressão por autor e por objeto de análise para cada metáfora identificada. Também optamos por selecionar todas as expressões

que apresentaram diferentes elementos linguísticos atualizadores da metáfora em questão, mesmo se proferidas pelo mesmo autor e encontradas no mesmo objeto de análise.

Para a análise dos dados propriamente ditos, separamos as expressões linguísticas metafóricas e, consequentemente, as metáforas que as atualizam em duas categorias de análise. A primeira é constituída por metáforas que dialogam com a metáfora IMPEACHMENT É GOLPE, e que revelam um posicionamento contrário ao impeachment; a segunda é constituída por metáforas que se relacionam com a metáfora IMPEACHMENT NÃO É GOLPE, revelando um posicionamento a favor do impeachment.

A questão da *incongruência*, estudada por Cameron (2003), entre o conteúdo do contexto situacional e o conteúdo da expressão linguística, foi utilizada em nossa pesquisa como um instrumento metodológico fundamental na identificação das expressões linguísticas metafóricas. A autora cita alguns exemplos em sua obra *Metaphor in Educational Discourse*, retiradas do contexto educacional, que explica como a incongruência pode ser percebida:

- ✓ Você está *no caminho certo* [35] - incentivo dado por uma professora de matemática a uma criança que ofereceu uma resposta incorreta à sua pergunta;

- ✓ Um substantivo que *está falando sobre* mais de uma coisa (é plural) [36] – um professor explicando o conteúdo durante uma aula de inglês

- ✓ A atmosfera é o *cobertor* de gases que envolve a Terra [37] – trecho de um livro sobre a camada de ozônio escrito para crianças.

Cada um desses exemplos apresenta uma palavra ou enunciado que é, de alguma forma, incongruente com sua situação de uso: no primeiro, não existe nenhum caminho percorrido, trata-se apenas da evolução da criança no conteúdo da lição; no segundo, uma classe gramatical (o substantivo) não está falando de fato, mas apenas se referindo a algo; já no terceiro, o cobertor mencionado não é o objeto que usamos para cobrir o corpo ou a cama, e sim uma camada que cobre o planeta Terra. "A incongruência ou anomalia existe porque

35 You're on the right track.

36 A noun which is talking about more than one thing (is plural)

37 The atmosphere is the blanket of gases that surrounds the earth.

podemos encontrar alguma outra maneira de interpretar a palavra ou frase que contrasta com a interpretação apropriada do discurso.” [38] (CAMERON, 2003, p.4)

Portanto, podemos dizer que a essência da metáfora está na incongruência entre o conteúdo do contexto discursivo e o conteúdo do item. Quando falamos, “nosso relacionamento não está indo a lugar algum”, entendemos que o relacionamento não está caminhando de fato, mas sim que ele não está dando certo. Essa incongruência só é percebida quando se trata de um objeto de estudo, pois expressões desse tipo são ditas de forma inconsciente.

Na seção seguinte, apresentamos, em forma de tabela, as expressões linguísticas metafóricas representantes do nosso *corpus*, bem como as respectivas metáforas conceptuais subjacentes. As expressões são seguidas do número da página do livro (p.), ou do número do comentário (c.) retirado dos sites (comentários enumerados de 01 a 45, conforme anexo). Na mesma tabela, são mencionados o autor e o local (livro ou site) de cada expressão. Identificamos como livro 1 o livro “20 horas na história: a longa sessão de admissibilidade do Impeachment da presidente Dilma Rousseff”, e como livro 2 o livro “Impeachment: o julgamento da presidente Dilma Rousseff pelo Senado Federal”. Encontra-se em **negrito** a parte específica da expressão que atualiza uma metáfora conceptual, ressaltando que há casos em que aparece, na mesma expressão linguística, mais de uma metáfora. Quando isso ocorre, a expressão é repetida em mais de uma tabela, e a parte da expressão que atualiza a metáfora específica em cada caso é destacada em negrito.

Optamos por utilizar, nesta pesquisa, a metodologia qualitativa, com foco na análise e interpretação dos dados. No entanto, a metodologia quantitativa também foi explorada, visto que a quantidade das diferentes expressões linguísticas metafóricas encontradas foi fundamental para identificar as principais metáforas que marcaram o processo de impeachment.

Procuramos testar a hipótese de que a conceptualização do impeachment da presidente Dilma Rousseff pode ser investigada a partir das metáforas conceptuais que refletem dois posicionamentos político-ideológicos antagônicos na sociedade brasileira, a saber, um contrário e o outro favorável ao impeachment.

Conforme os objetivos estabelecidos, buscamos identificar a conceptualização do conceito de impeachment no *corpus* mencionado, a partir de expressões linguísticas

38 The incongruity or anomaly exists because we can find some other way of interpreting the word or phrase that contrasts with the discourse-appropriate interpretation

metafóricas, e sua relação com aspectos ideológicos e culturais. Também investigamos se há a ocorrência de uma ou mais metáfora (s) específica (s) que categoriza(m) o conceito em questão.

A análise do *corpus* tem como base a Teoria da Metáfora Conceptual estabelecida por Lakoff e Johnson (1987, 2002 [1980], 2003) e outros, a noção de Modelo Cognitivo Idealizado (MCI), na visão de Lakoff (1987), e a relação entre metáfora, cultura e ideologia, conforme postulados de Kövesces (2005) e de Goatly (2007).

Sendo assim, apresentamos, em três etapas, a análise dos objetos de análise investigados: 1- identificação das expressões metafóricas existentes, utilizando o método de leitura proposto por Sardinha (2007), que consiste em procurar metáforas a partir da leitura do material escrito. Lembramos que a incongruência semântica entre o conteúdo do contexto situacional e o conteúdo da expressão linguística foi o gatilho acionado que nos fez perceber a presença das metáforas conceptuais; 2- seleção das expressões linguísticas metafóricas encontradas e agrupamento de acordo com as respectivas metáforas conceptuais subjacentes; 3- análise e discussão das metáforas à luz da Teoria da Metáfora Conceptual, explicando quais foram as possíveis motivações ideológicas/culturais no uso dessas expressões que levaram à divisão da conceptualização do impeachment de Dilma em duas categorias divergentes.

3.5. Categorias de análise

A seguir, apresentamos o levantamento das expressões linguísticas e respectivas metáforas conceptuais subjacentes que caracterizaram o processo de impeachment, separando-as em duas categorias de análise: a primeira constituída por metáforas que fazem parte da rede metafórica IMPEACHMENT É GOLPE e a segunda constituída por metáforas que fazem parte da rede metafórica IMPEACHMENT NÃO É GOLPE.

Salientamos que somente as metáforas com recorrências mais significativas foram consideradas em nosso estudo, sendo selecionada apenas uma expressão linguística metafórica por autor e por objeto de análise para cada metáfora identificada (todas as expressões de um mesmo autor e objeto de análise, mas com diferentes elementos linguísticos atualizadores de uma determinada metáfora, também foram selecionadas), visto o seu caráter predominantemente qualitativo. Ressaltamos ainda que a identificação do domínio alvo impeachment também ocorreu pela utilização de outras palavras relacionadas ao termo, como “processo” e “procedimento”.

3.5.1. Rede metafórica 1: metáforas contra o impeachment

A partir de agora, elencamos as metáforas conceptuais e as expressões linguísticas metafóricas que convergem para o estabelecimento da metáfora macro IMPEACHMENT É GOLPE, encontradas nos livros e sites, identificados nos respectivos quadros. As metáforas aqui apresentadas fazem parte do discurso de pessoas que não concordaram com o impeachment da presidente Dilma Rousseff, revelando um posicionamento político-ideológico contrário ao processo em questão. Portanto, são metáforas que conceptualizam o impeachment como algo negativo.

Destacamos ainda que a ordem de descrição das metáforas está de acordo com a recorrência de diferentes expressões linguísticas atualizadoras, isto é, a metáfora com o maior número de diferentes expressões é a que aparece na primeira posição.

METÁFORA 1

Quadro 1: Expressões encontradas nos sites investigados que atualizam a metáfora IMPEACHMENT É GOLPE

IMPEACHMENT É GOLPE	AUTOR (A)	SITE
*Não ao **golpe!**!! (c.2)*	Anônimo	Yahoo! Respostas
*Sou contra o **golpe** que querem dar na democracia (c.3)*	Anônimo	Yahoo! Respostas
*Sabemos muito bem que esse é **mais um dos golpes** do mama-tetas.. (c.5)*	Oswaldo	Yahoo! Respostas
*#nãoVaiTer**Golpe** (c.7)*	Anjo Caído	Yahoo! Respostas
*O de Dilma foi como **um golpe** de Marcola em Beira Mar.(c.10)*	Lucas	Yahoo! Respostas
*Sim, **é um golpe** do ponto de vista que quem está julgando tem igual culpa ou maior de quem está sendo julgado...(c.13)*	R.Souza	Yahoo! Respostas

*Pelo ponto de vista legal ,é **um golpe**...(c.14)*	Bianca	Yahoo! Respostas
*Eu não concordo com esse **golpe**... (c.15)*	Suzana Vieira	UOL notícias Política
*Foi dado **um golpe** no país. É um dia muito triste, que representa perda de direitos. **Um golpe** no país e na democracia.(c.16)*	Ney Robinson	UOL notícias Política
*...um verdadeiro **golpe** (c.18)*	Ronilson Brazão	UOL notícias Política
*Sou contra esse **golpe** fascista, machista, armamentista e homofóbico...(c.19)*	Natália Guimarães	UOL notícias Política
*Não só foi **golpe,** como foi a única maneira de Temer chegar no poder...(c.24)*	kaskatoa	UOL notícias Política
*...resumindo, é **um golpe** farsesco (c.25)*	maubruno	UOL notícias Política
*...É **um golpe** contra o voto direto da população ...(c.26)*	Fogo 7	UOL notícias Política
*...Não vai ter **golpe**! (c.32)*	Marta Aurélia	O Povo
*Então fica fácil perceber que é um grande **golpe** maquinado pela elite do nosso País... (c.34)*	Fernando Catatau	O Povo
*...Trata-se de um **golpe** armado por uma elite brutal, inculta, perversa e corrupta,...Se houver **esse golpe...**(c.36)*	Rosemberg Cariry	O Povo
*...**Não sou golpista** e estou segura que manter a estabilidade democrática, com Dilma no cargo, é o melhor caminho para o Brasil.(c.37)*	Cynara	Socialista Morena
*Sou contra pois temos uma condução **ao GOLPE**, porque sem crime é e sempre será **GOLPE**...(c.39)*	Carlos Garcia	Socialista Morena
*Impeachment sem PROVAS **é golpe sim** (c.40)*	Daniel Campos	Gazeta do Povo
***golpistas** bolivarianistas.(c.41)*	Juliano Winkert	Gazeta do Povo
***É golpismo sim** (c.42)*	José Gil	Gazeta do Povo

*Passou a adotar o apoio **ao golpe** de uma presidente eleita, jornalismo **golpista**(c.43)*	Marco Antonio	Gazeta do Povo

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Quadro 2: Expressões encontradas no livro 1 que atualizam a metáfora IMPEACHMENT É GOLPE

IMPEACHMENT É GOLPE	**AUTOR (A)**
P*ortanto, aqui está se tomando um mandato. **É o que eu chamo de golpe branco. Por que é golpe branco**? Porque, **para o golpe**, não estão usando armas de fogo, Senador Paulo Paim. Estão usando aqui a caneta, os conchavos, os acordos, o oportunismo, as traições! E a Presidente está perdendo o mandato que ela conseguiu democraticamente na disputa das urnas. (p. 78)*	Telmário Mota (PDT-RR)
*Eu queria também dizer, Sr. Presidente, que outra inverdade que eu ouvi hoje e tenho ouvido ao longo dos dias é que, **neste golpe institucional que estão aplicando**, o Brasil que a Presidenta Dilma está entregando é o Brasil do caos. Parem para pensar, reflitam um pouco. Eu vou dar alguns números do Brasil que nós recebemos do PSDB e o Brasil que está sendo tomado de nós, do nosso Governo hoje. **Tomado, neste golpe**. (p. 112)*	Jorge Viana (PT-AC)
*Os golpistas buscam tirar do poder a Presidenta Dilma Rousseff, democraticamente eleita e, para tanto, usam todos os artifícios possíveis para tentar cobrir com o manto da legalidade o que, de fato, **é um golpe de Estado**. **Um golpe** que prescinde da presença de tanques de guerra nas ruas, mas que se utiliza dos mesmos ataques aos direitos humanos.(p.120)*	Fátima Bezerra (PT-RN)
*Caso este Plenário aprove a instauração do processo, estaremos diante de uma das maiores afrontas perpetradas à Constituição brasileira, uma das maiores fraudes ao Estado democrático de direito, **um verdadeiro golpe parlamentar** destinado a atender a interesses pouco republicanos de uma elite inconformada com o resultado das urnas em 2014. (p.162)*	Vanessa Grazziotin (PCdoB-AM)
***Os atores desse golpe** não afiançam esses motivos. É, sim, para a elite retomar o poder sob a batuta de setores do grande empresariado, simbolizado na Fiesp, nos banqueiros, no agronegócio e na mídia para reimplantar o seu projeto de exclusão social: o Brasil para poucos.(p.182)*	Regina Sousa (PT-PI)

Queiram ou não admitir os defensores da admissibilidade do impeachment, ***este processo se caracteriza como um golpe jurídico, parlamentar e midiático****. (p.215)*	Lídice Da Mata (PSB-BA)
Senhores, não se enganem! Eu quero falar aqui para cada senador: eu não tenho a menor dúvida que, para a história do nosso País, isso aqui vai passar ***como um golpe parlamentar contra a democracia brasileira****. (p.229)*	Lindbergh Farias (PT-RJ)
A Presidenta da República não cometeu crime de responsabilidade, mas isso não tem a menor importância ***para servir e justificar o golpe****. O que vale, como estamos cansados de ouvir, é "o conjunto da obra". A primeira etapa dessa batalha tende a terminar como* ***os golpistas*** *e os conspiradores planejaram: o conjunto da obra. (p.233)*	Paulo Rocha (PT-PA)
Por isso, nós temos repetido que esse impeachment, por não ter base constitucional, por ser exatamente um instrumento para que a elite e a direita coloquem o seu projeto de governo no Poder sem passar pelo voto, ***é um golpe****. Não temos o que esperar desse futuro. (p.246)*	Gleisi Hoffmann (PT-PR)
Esse golpe*, no seu conteúdo, tem uma semelhança com outros momentos da nossa História, que dão origem* ***à sanha golpista atual****, cujo desejo é sempre o mesmo: combate à corrupção, crise econômica, governos populares democráticos ou de esquerda. (p.267)*	Donizeti Nogueira (PT-TO)
Portanto, ***este é o golpe****: tirar do povo brasileiro a oportunidade de tirar o Governo, ainda que reconheçamos que muita coisa boa foi feita. Mas ainda há muito por fazer. (p.184)*	Walter Pinheiro (Sem Partido-BA)
Agora, como lá atrás, ***o golpe se repete****, mas de forma soft. Estão substituindo os tanques e os fuzis pelos contorcionismos legais e pelas fraudes constitucionais. Estão substituindo a UDN e os militares pelo PMDB. (p.290)*	Humberto Costa (PT-PE)
A palavra "golpe"*, quando eu a usei, fui recriminado por Parlamentares:* ***"O senhor não pode usar a palavra golpe"****. Não posso? Por que não posso? Não vivemos mais na ditadura. Se eu tenho a afirmação de que a Constituição está sendo desrespeitada, se eu tenho a afirmação de que existe uma violação e que a melhor forma de traduzir essa realidade é uma expressão de todos conhecida,* ***é golpe****, por que eu não posso usá-la? (p.325)*	José Eduardo Cardozo Advogado-Geral da União e Defensor da Presidente da República

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Quadro 3: Expressões encontradas no livro 2 que atualizam a metáfora IMPEACHMENT É GOLPE

IMPEACHMENT É GOLPE	AUTOR (A)
*...em havendo uma decisão que autorize o impeachment sem crime de responsabilidade, nós não só estaremos diante de um **golpe**, mas, sobretudo, Senadora, diante de uma verdadeira eleição indireta. (p.412)*	Vanessa Grazziotin Mata (PCdoB-AM)
*Esse **é um golpe** contra a senhora, **é um golpe** contra a democracia, mas é fundamentalmente **um golpe** contra os mais pobres, **um golpe** contra os trabalhadores; **é um golpe** de classe, Senhora Presidente. (p.431)*	Lindbergh Farias (PT-RJ)
***O golpe** só pode ser feito contra a população deste País, contra quem me elegeu. **O golpe** é feito contra um princípio democrático da eleição direta que escolhe um Presidente da República. Utilizar de pretextos para meu afastamento não passa disto, Senador: **de um golpe**. A maioria neste Congresso, aliás, neste Senado não pode... A maioria absoluta neste Congresso, aliás, neste Senado não pode pretender substituir a exigência da Constituição. E a Constituição é clara, a Constituição é cristalina: é possível, sim, um impeachment... mas um impeachment sem crime de responsabilidade **é um golpe.** (p.465)*	Dilma Rousseff (PT)
*Será que vai ser necessário os veículos de comunicação pedirem perdão ao País daqui a algumas décadas por terem apoiado explicitamente – alguns grandes veículos de comunicação – **esse golpe?** (p.506)*	Jorge Viana (PT-AC)
*Agora que os ganhos sociais estão ameaçados por um governo que não visa ao bem de todos, mas somente ao dos arquitetos **do golpe**, mantenho acesa a esperança na luta do povo brasileiro por uma vida digna, por um Brasil para todos. **Se o golpe** parlamentar for concretizado, nos restará contar com a consciência crítica e a disposição para a luta do povo brasileiro. (p.522)*	Angela Portela (PT-RR)

*Outro fator fundamental para fortalecer o **movimento golpista** foi a atuação ostensiva e partidária da grande mídia empresarial. Basta ler os editoriais, analisar as capas de revista e resgatar a cobertura parcial e sensacionalista das grandes redes de televisão para perceber que o oligopólio da mídia, assim como ocorreu durante a ditadura civil-militar, colocou-se a serviço **do golpe.** (p.525)*	Fátima Bezerra (PT-RN)
*Por isso, defendo o caminho da pacificação e da união nacional, a convocação de um plesbicito, para consultar o povo sobre a antecipação das eleições presidenciais. Ao contrário do que alardeiam **as cassandras do golpe,** o povo tem dado sinais de que essa é a sua vontade. (p.528)*	Lídice da Mata (PSB-BA)
*Assim é a história brasileira, secularmente: cada vez que os deserdados afloram, por uma ou outra concessão, há um recuo, **seja na clássica forma de golpe de Estado**, como estamos vivendo agora, seja na tomada de medidas governamentais de cortes de investimento público, de arrocho salarial, de reforma da Previdência, como o que está anunciado pelo interino. (p.534)*	Gleisi Hoffmann (PT-PR)
*Não podemos aqui patrocinar **esse golpe** parlamentar. E não adianta ficarem irritados por que nós usamos a expressão "**golpe**". Não somos nós apenas, é o mundo inteiro, é a opinião pública mundial, são os grandes órgãos da imprensa do mundo. Um dia desses, num desses grupos fascistas de extrema direita, ouvi um diálogo em que um "militonto"dizia assim: "O PT comprou a imprensa internacional. Vai ver que foi isso que aconteceu mesmo." Por isso, nós não podemos dar sequência ao que ocorre aqui. (p.540)*	Humberto Costa (PT-PE)
***O golpe** – os senhores que estão me assistindo – é contra você, dona de casa; **o golpe** é contra você, pequeno empreendedor; **o golpe** é contra você, trabalhador; é contra você, aposentado e pensionista, que deram a vida para este País. (p.558)*	Paulo Paim (PT-RS)
*Governabilidade tão artificial que o principal sustentáculo dessa governabilidade é o PMDB, ator central **do golpe** a que hoje assistimos. (p.573)*	Randolfe Rodrigues (Rede-AP)

*É por esses e tantos outros avanços que os poderosos do País são favoráveis **ao golpe.** Vergonhosamente defendem **o golpe** de uma Presidente legitimamente eleita. Não podemos negar todos os avanços realizados por este Governo. A Presidenta Dilma está pagando de novo com **o golpe** Parlamentar. (p.631)*	Paulo Rocha (PT-PA)

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

METÁFORA 2

Quadro 4: Expressões encontradas nos sites investigados que atualizam a metáfora IMPEACHMENT É FARSA

IMPEACHMENT É FARSA	AUTOR (A)	SITE
*...esse impeachment foi **uma farsa** descabrosa...(c.27)*	Lucas Ten	UOL notícias Política
*Posso discordar de ações do governo de Dilma ou de algumas práticas do PT, mas acho **essa farsa do impeachment** um golpe vergonhoso contra a soberania do povo brasileiro (c.36)*	Rosemberg Cariry	O Povo

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Quadro 5: Expressões encontradas no livro 1 que atualizam a metáfora IMPEACHMENT É FARSA

IMPEACHMENT É FARSA	AUTOR (A)
*Estou segura, senhoras e senhores, de que todas essas conquistas correm grande risco com o afastamento da Presidenta Dilma. Portanto, é com muita convicção, é com muito senso de justiça, que **votarei contra esta farsa**. (p. 122)*	Fátima Bezerra (PT-RN)
*O Senado deve assumir, neste momento extremamente delicado para a democracia, a sua missão histórica da Casa Legislativa de moderação e do equilíbrio e se negar a admitir **esse processo falso**, que não aponta nenhum crime. (p.165)*	Vanessa Grazziotin (PCdoB-AM)

Num contexto de um presidencialismo absolutamente esgotado, em que não há reformas políticas que realmente transformem o Estado brasileiro, votar e aceitar o impedimento da Presidente, como solução para a crise, é uma mentira, ***é uma falácia****. (p.216)*	Lídice Da Mata (PSB-BA)
Esse instrumento foi concebido agora para cancelar o resultado das eleições de 2014, o que se tenta, aliás, desde 2015. Por isso, dizemos que ***é uma farsa política, que é uma fraude jurídica****. (p.244, 245)*	Gleisi Hoffmann (PT-PR)
Mas antes disso eu quero dizer que eu sou contra o impeachment porque ***ele é uma farsa*** *mais uma vez montada por aqueles que não conseguem ganhar no voto e querem ganhar no golpe. (p. 270)*	Donizeti Nogueira (PT-TO)

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Quadro 6: Expressões encontradas no livro 2 que atualizam a metáfora IMPEACHMENT É FARSA

IMPEACHMENT É FARSA	**AUTOR (A)**
...desconhecendo completamente a opinião da mídia internacional, que é praticamente unânime em dizer que o Brasil é vítima de um golpe, ***é vítima de uma farsa.*** *(p.423)*	Gleisi Hoffmann (PT-PR)
Desculpem-me, isso é uma infâmia! Isso é um escárnio, Sr. Presidente! É por tudo isso que me nego a fazer parte ***desta farsa,*** *que me nego a ser coautora deste crime! (p.526)*	Fátima Bezerra (PT-RN)
Impeachment, sem crime de responsabilidade comprovado, queiram ou não os defensores do afastamento da Presidenta Dilma, não tem outro nome: é golpe parlamentar. Um jogo de cartas marcadas. ***Farsa****, como a que se viu no plenário do Senado... (p.527)*	Lídice da Mata (PSB-BA)
Mas como? Não deveria ter esse juiz se declarado impedido de examinar a denúncia contra um seu inimigo? Mas sigamos, porque ***a farsa*** *apenas começou. (p.537)*	Vanessa Grazziotin (PCdoB-AM)
Mas, Sr. Presidente, estamos vivendo hoje, no nosso País, a ***maior das farsas*** *da nossa história recente, talvez equiparável àquela que foi feita em 1937, e denominada Plano Cohen, que ensejou um golpe de Estado, que criou o Estado Novo. (p.539)*	Humberto Costa (PT-PE)

*O PMDB, com sete ministérios, Vice-Presidência da República, comando da Câmara e do Senado, é quem articula **essa farsa** chamada impeachment. (p.573)*	Randolfe Rodrigues (Rede-AP)
*Ontem, Presidenta Dilma, a senhora nos orgulhou. Desmontou para o Brasil, para o mundo e para a história esse golpe. Toda a imprensa internacional reconheceu que seu discurso foi histórico, demolidor. Mesmo assim, eles não querem saber da verdade. **Isto aqui é uma farsa!** Seus argumentos são irrefutáveis. Todos aqui sabem que não houve crime de responsabilidade. Este processo não passa de mero pretexto. (p.582)*	Lindbergh Farias (PT-RJ)
*...enquanto a Presidente Dilma Rousseff entrará para a História como exemplo de dignidade, honestidade e altivez, os Senadores favoráveis **às farsas do impeachment** serão sempre conhecidos como aqueles que vergonhosamente condenaram uma Presidente sem crime de responsabilidade. (p.631)*	Paulo Rocha (PT-PA)

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

METÁFORA 3

Quadro 7: Expressões encontradas nos sites investigados que atualizam a metáfora IMPEACHMENT É ESPETÁCULO

IMPEACHMENT É ESPETÁCULO	AUTOR (A)	SITE
*Impeachment? Você quis dizer **Carnaval**? (c.4)*	Marcelo	Yahoo! Respostas
*...o impeachment está sendo esquecido **pelo teatro** que se foi construído.(c.13)*	R.Souza	Yahoo! Respostas
*...A votação do impeachment não passou de **um teatro**...(c.17)*	Antonio Eugenio	UOL notícias Política
*Nada mais útil à essa corja podre sustentada por empresários, fazendeiros e donos de meios de comunicação do que formar duas frentes de batalha e coloca-las em campo para brigar. Foi **o maior teatro** já feito no governo brasileiro...(c.21)*	Gwan	UOL notícias Política

Um show de horror. *Fora Temer. Fora Cunha. Diretas já.(c.31)*	Fernanda Paes	Revista Glamour

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Quadro 8: Expressões encontradas no livro 1 que atualizam a metáfora IMPEACHMENT É ESPETÁCULO

IMPEACHMENT É ESPETÁCULO	**AUTOR (A)**
Exmo Sr. Presidente, Srªs Senadoras, Srs. Senadores, querido povo brasileiro, ***tragédia*** *e farsa é o que País enfrenta no momento; é o que presenciamos no Congresso Nacional no dia de hoje.(p.120)*	Fátima Bezerra (PT-RN)
A votação do impeachment na Câmara, resultado dessa conspiração, ***foi aquele espetáculo dantesco*** *de que o Brasil e o mundo se envergonharam. Com raras exceções, o voto não foi pelo País, o voto foi pelos filhos e filhas, pelos parentes e aderentes. Certamente, alguns desses se envergonham. Só faltou o voto pelo direito da cachorrinha comer ração importada dos Estados Unidos. (p.182)*	Regina Sousa (PT-PI)

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Quadro 9: Expressões encontradas no livro 2 que atualizam a metáfora IMPEACHMENT É ESPETÁCULO

IMPEACHMENT É ESPETÁCULO	**AUTOR (A)**
Nos últimos dias, novos fatos evidenciaram ***outro aspecto da trama*** *que caracteriza este processo de impeachment. (p.374)*	Dilma Rousseff (PT)
Portanto, tendo por base pretensas razões jurídicas, estamos aqui, Presidenta Dilma, diante ***desse teatro de absurdos****. O que está por trás deste processo é a disputa política. (p.444)*	Angela Portela (PT-RR)
E o juízo, formado por 513 Deputados e Deputadas, ofereceu ao País ***um verdadeiro espetáculo de horror****, onde declararam publicamente que a Presidenta Dilma estava sendo julgada ali, admitindo-se uma denúncia, não pelo que estava no processo, mas pelo tal conjunto da obra. (p.537)*	Vanessa Grazziotin (PCdoB-AM)

O Brasil e o mundo assistem hoje ***o último capítulo de uma trama bem armada****, uma conspiração bem articulada por uma maioria política que se formou pós-eleição de 2014. (p.543)*	Regina Sousa (PT-PI)
Para chegar ao impeachment, ***uma rede de atores foi montada, cada um no seu papel*** *de respaldar uma acusação frágil para usurpar um mandato legítimo.* ***O enredo envolveu os seguintes atores****... (p.543)*	Regina Sousa (PT-PI)
O Vice Michel Temer assistia ***a todo o desenrolar dessa suja trama*** *na primeira fila, a esperar a oportunidade de acenar ao público no final, mesmo que* ***a plateia*** *lhe dê as costas. E* ***o ator principal****, a grande rede de comunicação Rede Globo... (p.543)*	Regina Sousa (PT-PI)
Governabilidade tão artificial que o principal sustentáculo dessa governabilidade é o PMDB, ***ator central*** *do golpe a que hoje assistimos. O PMDB, com sete ministérios, Vice-Presidência da República, comando da Câmara e do Senado, é quem articula essa farsa chamada impeachment. (p.573)*	Randolfe Rodrigues (Rede-AP)

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

METÁFORA 4

Quadro 10: Expressões encontradas no livro 1 que atualizam a metáfora IMPEACHMENT É INJUSTIÇA

IMPEACHMENT É INJUSTIÇA	**AUTOR (A)**
Eu subo a esta tribuna com indignação. Indignação contra ***um julgamento injusto****, por vícios e nulidades, da primeira Presidenta eleita neste País. (p.16,17)*	Gleisi Hoffmann (PT-PR)
Eu tenho razão de estar aqui, sim, porque estou vendo que a Presidente Dilma está sendo tirada por ***uma grande injustiça****. (p.79)*	Telmário Mota (PDT-RR)
Eu queria, Sr. Presidente, dizer, compartilhando também com os colegas, que, ao longo do processo de apreciação desse pedido de impeachment, ***que por si só é injusto****, temos ouvido muitas injustiças, muitas inverdades contra o Presidente Lula e também contra o primeiro Governo da Presidenta Dilma. (p.112)*	Jorge Viana (PT-AC)

O Senado da República, cujo patrono tanto nos orgulha, está prestes a cometer nesta noite ***uma grande injustiça*** *com a história e, principalmente, com o povo brasileiro. Não podemos ser justos sem trilharmos o caminho da verdade. (p.160)*	Vanessa Grazziotin (PCdoB-AM)
E toda injustiça*, Sr. Presidente que se faz contra um pode virar ameaça para todos. É essa ameaça para todos que, hoje, se se aprovar aqui a admissibilidade e, amanhã, a cassação, vai valer para prefeitos e governadores, que estarão submetidos a uma lei retrógrada que veio depois da Constituição de 1946, que é a Lei nº 1.079, de 1950, uma lei que precisa ser modificada para não ceifar, de forma liminar, quem foi eleito nas urnas livres e soberanas do Brasil. (p.223)*	Otto Alencar (PSD-BA)
Não! Nós estamos aqui na luta, com altivez, sabendo que a presidenta Dilma está sofrendo ***uma injustiça****. Nós estamos lutando de cabeça erguida, sabe por quê? Porque nós temos uma causa. E sabe qual é a nossa causa? É inclusão, são os mais pobres. A nossa causa é o povo trabalhador. (p.230)*	Lindbergh Farias (PT-RJ)
Aqui, o que estamos fazendo é ***uma das maiores injustiças*** *a que já assisti na minha vida. Sou advogado, acompanhei muitos casos, mas igual a esse só uma coisa assiste: a frustração, a vontade de ser governo, que disputou quatro eleições nacionais com o Partido dos Trabalhadores e que perdeu. (p.277)*	José Pimentel (PT-CE)
Estamos diante de ***uma absurda injustiça histórica****. E eu queria chamar, neste momento, a atenção do Plenário e do Brasil para esta foto que eu trago aqui. Eu peço que observem. Uma foto de 46 anos atrás, onde nós vemos uma mulher correta, honesta, honrada, que não havia cometido qualquer crime, ser submetida à arbitrariedade de um tribunal de golpistas. Ela está impassível, com a cabeça erguida, enquanto eles tentam esconder o próprio rosto. (p.291)*	Humberto Costa (PT-PE)
Está-se neste momento utilizando um pretexto jurídico para acusar uma Presidente da República legitimamente eleita de atos que todos os governos anteriores praticaram. Está-se cometendo ***uma injustiça histórica****. Está-se condenando um inocente. (p. 326)*	José Eduardo Cardozo Advogado-Geral da União e Defensor da Presidente da República

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Quadro 11: Expressões encontradas no livro 2 que atualizam a metáfora IMPEACHMENT É INJUSTIÇA

IMPEACHMENT É INJUSTIÇA	AUTOR (A)
*Ela trouxe mais que isso: os argumentos necessários para qualquer colega que tinha juízo formado ou que estava em dúvida poder decidir seu voto e não permitir que **uma injustiça** se cometa contra ela, contra a democracia, contra o País. (p.505)*	Jorge Viana (PT-AC)
*"A pior tortura para um ser humano é carregar para o resto da vida ter cometido uma injustiça." Não cometam **injustiça** com a Senhora Presidenta.(p.506)*	Jorge Viana (PT-AC)
*Aliás, **justiça** é algo que não se pode dizer desse processo. E os algozes da Presidenta Dilma sabem disso. Como bem salientou o Advogado de Defesa, José Eduardo Cardozo, a culpa os acompanhará pelo resto de suas vidas, porque não há tortura pior para um ser humano do que a culpa de condenar um inocente. (p.521)*	Angela Portela (PT-RR)
*A história será implacável e cobrirá de vergonha todos os que cometerem **essa grosseira injustiça**, como fez com torturadores e ditadores no passado. (p.583)*	Lindbergh Farias (PT-RJ)

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

METÁFORA 5

Quadro 12: Expressões encontradas no livro 1 que atualizam a metáfora IMPEACHMENT É JOGO

IMPEACHMENT É JOGO	AUTOR (A)
*Sinceramente, eu quero dizer, Sr. Presidente, vou estar amanhã, junto com a Presidenta Dilma, na saída, certamente – **é um jogo de carta marcada** –, mas o Senado está escrevendo uma das páginas mais tristes dos seus 190 anos, dando o aval ao golpe do Eduardo Cunha e do PSDB. (p.114)*	Jorge Viana (PT-AC)

*Sairemos **deste jogo de cartas marcadas** de cabeça erguida, com mais disposição ainda para a luta, pois não há derrota definitiva para quem assume o lado certo da história. (p.122)*	Fátima Bezerra (PT-RN)
***Fez parte do jogo também** manter Eduardo Cunha, reconhecidamente sem condições de dirigir a Câmara, até que ele cumprisse a tarefa que lhe cabia na conspiração. (p. 182)*	Regina Sousa (PT-PI)
*Reafirmo que esse era, desde o início, **um jogo jogado**, decidido. Já estava escrito que a casa-grande, por descuido, deixou os escravos chegarem à sala, mas ia devolvê- -los à senzala. (p. 182)*	Regina Sousa (PT-PI)
*Por isso, Sr. Presidente, **as cartas já estão dadas** na admissão do impeachment da Presidente Dilma Rousseff, que será aprovada pela maioria deste Plenário, apesar do seu vício de origem e da manipulação com que foi conduzida na Câmara. Aqui no Senado, como denunciamos – e pedimos que isso fosse evitado –, tivemos parcialidade no relatório, que impôs rigores inéditos nas contas fiscais da União. (p. 233)*	Paulo Rocha (PT-PA)

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Quadro 13: Expressões encontradas no livro 2 que atualizam a metáfora IMPEACHMENT É JOGO

IMPEACHMENT É JOGO	**AUTOR (A)**
*Então, impeachment sem crime de responsabilidade é **uma violação dessa regra do jogo.** (p.441)*	Dilma Rousseff (PT)
*Julgaremos se houve ou não crime de responsabilidade fiscal. Mas não é apenas **isso que está em jogo.** Este também será um julgamento político, com toda a complexidade que envolve a política brasileira. (p.515)*	Acir Gurgacz (PDT-RO)
*Mas, quando os brasileiros entenderem **o verdadeiro jogo** político-econômico que está por trás desse processo, o seu poder vai se impor. (p.522)*	Angela Portela (PT-RR)
*Impeachment, sem crime de responsabilidade comprovado, queiram ou não os defensores do afastamento da Presidenta Dilma, não tem outro nome: é golpe parlamentar. **Um jogo de cartas marcadas.** Farsa, como a que se viu no plenário do Senado... (p.527)*	Lídice da Mata (PSB-BA)

***Se o que vencer hoje for o impeachment**, abriremos as portas da democracia brasileira... (p.573)*	Randolfe Rodrigues (Rede-AP)
*Vejam bem, senhoras e senhores, **o que está em jogo**: aplicar a mais dura pena que uma mulher honesta pode receber, tirando-lhe o mandato legítimo que lhe foi dado pelas urnas. (p.631)*	Paulo Rocha (PT-PA)

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

METÁFORA 6

Quadro 14: Expressões encontradas no livro 1 que atualizam a metáfora IMPEACHMENT É CONSPIRAÇÃO

IMPEACHMENT É CONSPIRAÇÃO	AUTOR (A)
*Pois bem, **a conspiração** começou a tomar forma em meados de abril de 2015, três meses depois da posse. No mês seguinte, o PSDB encomendou o parecer da Drª Janaína Paschoal, que recebeu R$ 45 mil. Reuniões semanais aconteciam no QG do impeachment para construir o processo de afastamento da Presidenta... (p.181)*	Regina Sousa (PT-PI)
*O presente processo tem outro componente igualmente corrosivo da atividade política e condenável, **o da conspiração**, a mais aberta. (p. 215)*	Lídice Da Mata (PSB-BA)
*A Presidenta da República não cometeu crime de responsabilidade, mas isso não tem a menor importância para servir e justificar o golpe. O que vale, como estamos cansados de ouvir, é "o conjunto da obra". A primeira etapa dessa batalha tende a terminar como os golpistas **e os conspiradores planejaram**: o conjunto da obra. (p.233)*	Paulo Rocha (PT-PA)
*O golpe que estamos denunciando **é uma conspiração** mais sofisticada. No lugar da baioneta, seus autores foram buscar cúmplices no Judiciário e no Ministério Público, com apoio das mesmas empresas de mídia que atentaram contra Getúlio Vargas, contra Juscelino Kubitschek, contra João Goulart, e agora contra Lula e contra a Dilma. Em todas as vezes, ao lado dos que não conquistaram o poder pelo voto e a favor do golpe. (p.234)*	Paulo Rocha (PT-PA)

Este dia, Srªs e Srs. Senadores, vai ficar marcado na História do nosso País. E hoje vivenciamos o ápice ***de uma conspiração*** *engendrada pelo Vice-Presidente da República, auxiliado por alguns ex-Ministros do Governo da Presidenta Dilma... (p.267)*	Donizeti Nogueira (PT-TO)
Estão substituindo o voto dos brasileiros de todos os cantos do País por um acerto de gabinete operado no Palácio do Jaburu, ***a sede da conspiração****, o balcão de feira da República.(p.290)*	Humberto Costa (PT-PE)

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Quadro 15: Expressões encontradas no livro 2 que atualizam a metáfora IMPEACHMENT É CONSPIRAÇÃO

IMPEACHMENT É CONSPIRAÇÃO	**AUTOR (A)**
Não tenho dúvida de que este impeachment ***é uma conspiração*** *que nasceu da vingança sórdida de Eduardo Cunha e ganhou forma na ganância sem limites de um pequeno grupo pelo poder. (p.380)*	Kátia Abreu (PMDB-TO)
Por isso aqui a defesa é não ao golpe, não à ***conspiração política.*** *(p.468)*	Paulo Rocha (PT)
Como não citar mais uma vez a frase símbolo dessa ***conspiração?*** *"Tem de mudar o governo para estancar essa sangria!" (p.522)*	Angela Portela (PT-RR)
O Brasil e o mundo assistem hoje o último capítulo de uma trama bem armada, ***uma conspiração*** *bem articulada por uma maioria política que se formou pós-eleição de 2014. (p.543)*	Regina Sousa (PT-PI)

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

METÁFORA 7

Quadro 16: Expressões encontradas no livro 1 que atualizam a metáfora IMPEACHMENT É VIAGEM

IMPEACHMENT É VIAGEM	AUTOR (A)
Falta à elite deste País um projeto de Nação. Por não ter generosidade para elaborar um projeto que contemple e conquiste votos na urna, ***escolheram o atalho para chegar ao poder por via indireta****. (p.17)*	Gleisi Hoffmann (PT-PR)
É lamentável que ***esse processo contra a presidenta Dilma tenha avançado*** *a ponto de hoje estarmos discutindo seu afastamento. (p.273)*	Donizeti Nogueira (PT-TO)
Ora, Sr. Presidente, com este impeachment, nós estamos abrindo um gravíssimo precedente. Estamos pervertendo a Constituição Federal por meio de uma quartelada civil para que os derrotados de 2014 ***tomem um atalho para chegar ao poder****. (p.289)*	Humberto Costa (PT-PE)

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Quadro 17: Expressões encontradas no livro 2 que atualizam a metáfora IMPEACHMENT É VIAGEM

IMPEACHMENT É VIAGEM	AUTOR (A)
Este processo de impeachment tem um desvio inicial*, o chamado pecado original, reconhecido, inclusive, por um dos meus acusadores: a chantagem explícita. (p.427)*	Dilma Rousseff (PT)
Acolhida a denúncia, ***o processo avança*** *para uma nova instância, onde se constitui uma comissão especial e, na comissão especial, elegem um relator do mesmo partido acusador, ou seja, que comunga das mesmas ideias, compartilha da mesma legenda, joga no mesmo time. (p.537)*	Vanessa Grazziotin (PCdoB-AM)

O enredo envolveu os seguintes atores: o TCU, por meio de um conluio entre um procurador e um auditor, já comprovado aqui; o partido que perdeu a eleição encomendando um parecer jurídico ***para apontar os atalhos para derrubar o governo eleito legitimamente****; um grupo de Parlamentares, principalmente da Câmara - acho que só da Câmara –, chamado G-8, para planejar a conspiração - são palavras deles, que se reuniam toda semana. (p.543)*	Regina Sousa (PT-PI)
O Governo da Presidente Dilma estava pronto para levar adiante essa agenda, tendo inclusive enviado um projeto de lei, este ano, propondo um mecanismo de limitação do crescimento do gasto público. Entretanto, o clima de confrontação e radicalização já estava presente no Congresso e o interesse maior era o de garantir ***o avanço do processo de impeachment*** *e, a partir dele, o afastamento da Presidente da República. (p.568)*	Armando Monteiro (PTB-PE)
Reafirmo aqui o risco da banalização do mecanismo do impeachment. ***Tal caminho*** *pode ser uma trincheira perigosa e deixar graves feridas no processo da escolha pela legitimidade popular (p.618)*	Roberto Muniz (PP-BA)

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

METÁFORA 8

Quadro 18: Expressões encontradas nos sites investigados que atualizam a metáfora IMPEACHMENT É RETROCESSO

IMPEACHMENT É RETROCESSO	AUTOR (A)	SITE
...O impeachment é o ***retrocesso*** *de um século... (c.19)*	Natália Guimarães	UOL Notícias Políticas
...É ***um retrocesso*** *violento, simbolicamente tão destrutivo e nocivo... (c.36)*	Rosemberg Cariry	O Povo

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Quadro 19: Expressões encontradas no livro 1 que atualizam a metáfora IMPEACHMENT É RETROCESSO

IMPEACHMENT É RETROCESSO	AUTOR (A)
Tenham certeza de que medidas antipovo e antinação, de nossa parte aqui, no plenário deste Congresso, no plenário do Senado, terão o firme combate. ***Não aceitaremos retrocessos*** *nas conquistas sociais que o povo brasileiro já teve. Não aceitaremos!* ***Não será com o meu voto que será chancelado o retorno ao atraso no dia de hoje****. Por isso que o meu voto será "não". (p.151)*	Randolfe Rodrigues (Rede-AP)
E por fim, quero aqui ler uma mensagem que recebi hoje do Orlando Silva que sei não é só para mim, mas serve para todos nós, parlamentares e militantes do PCdoB que estão nas ruas defendendo a democracia, ***dizendo não ao retrocesso*** *ao lado do povo brasileiro. (p.164)*	Vanessa Grazziotin (PCdoB-AM)

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Quadro 20: Expressões encontradas no livro 2 que atualizam a metáfora IMPEACHMENT É RETROCESSO

IMPEACHMENT É RETROCESSO	AUTOR (A)
...diante de uma verdadeira eleição indireta, portanto, um ***retrocesso*** *às práticas que nós superamos depois da resistência democrática e do fim da ditadura militar. (p.412)*	Vanessa Grazziotin Mata (PCdoB-AM)
...me aperta o coração ***o retrocesso*** *que este País terá, que será o maior desastre da nossa história...(p.534)*	Gleisi Hoffmann (PT-PR)
...nada mais é que ***um retrocesso*** *de todos os direitos conquistados pelos trabalhadores. (p.631)*	Paulo Rocha (PT-PA)

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

METÁFORA 9

Quadro 21: Expressões encontradas nos sites investigados que atualizam a metáfora IMPEACHMENT É VIOLÊNCIA

IMPEACHMENT É VIOLÊNCIA	AUTOR (A)	SITE
*... É lamentável que na história do Brasil ainda se registre tamanho **barbarismo**... (c.5)*	Osvaldo	Yahoo!Respostas
*Vim para mostrar a minha indignação com esse processo de impeachment, que foi uma **violência** desnecessária... (c.18)*	Ronilson Brazão	UOL Notícias Políticas
*...É um retrocesso **violento**, simbolicamente tão destrutivo e nocivo... (c.36)*	Rosemberg Cariry	O Povo

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Quadro 22: Expressões encontradas no livro 1 que atualizam a metáfora IMPEACHMENT É VIOLÊNCIA

IMPEACHMENT É VIOLÊNCIA	AUTOR (A)
***E nem a barbaridade de hoje, que este processo representa, nem a violência do afastamento do cargo de Presidente da República** que o povo lhe conferiu pelo voto serão capazes de levá-la a deixar de acreditar na justiça, no Brasil e, principalmente, na força da nossa democracia. (p.191)*	Humberto Costa (PT-PE)

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Quadro 23: Expressões encontradas no livro 2 que atualizam a metáfora IMPEACHMENT É VIOLÊNCIA

IMPEACHMENT É VIOLÊNCIA	AUTOR (A)
*Neste momento em que **a violência** institucional golpeia a nossa democracia, em 13 anos de governos dos trabalhadores, o povo pobre finalmente teve voz e vez. (p.521)*	Angela Portela (PT-RR)

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

METÁFORA 10

Quadro 24: Expressões encontradas no livro 1 que atualizam a metáfora IMPEACHMENT É SER VIVO

IMPEACHMENT É SER VIVO	AUTOR (A)
*Quando eu falo que **esse impeachment nasceu** do revanchismo, do ódio e da vingança, nós temos os indícios bem encaminhados. (p.78)*	Telmário Mota (PDT-RR)
*Concluo reafirmando que **esse processo nos empurra** para o confronto, a profunda crise política e econômica e poderá inclusive comprometer as investigações em curso que pela primeira vez alcançam a elite política e econômica do nosso País. (p.213)*	João Capiberibe (PSB-AP)
*E ele, então, deu uma coletiva – eu estava assistindo: "Olha, agora resolvi que vou aplicar o impeachment". **E o impeachment chegou aqui** por obra dele. (p.252)*	Paulo Paim (PT-RS)
*Jamais estaria este processo aqui e eu fazendo esta defesa agora se Eduardo Cunha, com o seu desvio de poder, com a sua chantagem explícita, com o seu agir degenerado, não tivesse efetivamente **colocado esse processo para andar**. (p.325)*	José Eduardo Cardozo

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Quadro 25: Expressões encontradas no livro 2 que atualizam a metáfora IMPEACHMENT É SER VIVO

IMPEACHMENT É SER VIVO	AUTOR (A)
*Temos um golpe **travestido de impedimento**, cujo objetivo é tirar uma Presidente democraticamente eleita e substituir o projeto que ela defende por uma política que já foi derrotada nas urnas quatro vezes seguidas. Quatro vezes seguidas, Sr. Presidente! (p.539)*	Humberto Costa (PT-PE)

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

3.5.2. Rede metafórica 2: metáforas a favor do impeachment

Nesta seção, apresentamos as metáforas conceptuais e as expressões linguísticas metafóricas que convergem para o estabelecimento da metáfora macro IMPEACHMENT NÃO É GOLPE, e que também foram encontradas nos livros e sites que fazem parte da nossa pesquisa. As metáforas elencadas constituem o discurso de pessoas que concordaram com o impeachment de Dilma Rousseff, revelando um posicionamento político-ideológico favorável à cassação do mandato da presidente. Logo, são metáforas que conceptualizam o impeachment de forma positiva.

Lembramos que a ordem de descrição das metáforas aqui também está conforme a recorrência de diferentes expressões linguísticas atualizadoras, isto é, a metáfora com o maior número de expressões é a que descreveremos em primeiro lugar, aquela com o segundo maior número de diferentes expressões é a que descreveremos em segundo lugar, e assim por diante.

METÁFORA 1

Quadro 26: Expressões encontradas nos sites investigados que atualizam a metáfora IMPEACHMENT NÃO É GOLPE

IMPEACHMENT NÃO É GOLPE	AUTOR (A)	SITE
...Trata-se de processo legal. A alegação de golpe é porque todos os governos anteriores e todos os governos estaduais praticamente fazem o mesmo, mas como a rejeição dela é imensa e está sem apoio no congresso está dizendo ser golpe, mas ***não é golpe****. (c.8)*	Anônimo	Yahoo! Respostas
Mas, esses imundos comunistas ***insistem em chamar esse processo legal, de golpe****... Afinal bandidos sempre vivem de golpes!!! (c.12)*	Papa Charlie	Yahoo! Respostas

*Os petistas **querem forçar uma barra chamando de "golpe"** aquilo que é legítimo, simplesmente porque perderam a "boquinha" (c.22)*	JÁ CHEGA	Uol Notícias Política
*(44) Impeachment quando parte das hostes do PT é democrático, é legítimo, como foi no "Fora FHC". **Quando parte da oposição é golpismo**. Esse partido não me representa (c.44)*	Dirceu Gabriel	Gazeta do Povo

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Quadro 27: Expressões encontradas no livro 1 que atualizam a metáfora IMPEACHMENT NÃO É GOLPE

IMPEACHMENT NÃO É GOLPE	**AUTOR (A)**
***a retórica de que haveria um golpe em curso** não para em pé, não resiste a um minuto sequer de conversa séria e comprometida com o bem do País. **Onde já se viu golpe num ambiente de imprensa livre, com pessoas nas ruas, intensa movimentação nas redes sociais e nos diversos foros de debates políticos e parlamentares, com plena possibilidade de atuação?** (p.43)*	José Medeiros (PSD-MT)
*Pois eu afirmo, com convicção: processo de impeachment é previsto na Constituição. **E este, em especial, não é golpe**. Ele é constitucional. Ele foi regido nos mais amplos princípios constitucionais da ampla defesa, do contraditório e do devido processo legal. Mais do que isso: ele é democrático. **O que nós estamos vendo aqui não é golpe**, é democracia, porque assim disse o Supremo Tribunal Federal. Ele é democracia, porque é isso que diz todo dia, nas ruas, a população brasileira. (p.92)*	Simone Tebet (PMDB-MS)
*A esquerda que está há 13 anos no poder, o que demonstra um desapego à democracia, manipulando, cooptando, criando narrativas em vez de análises; com a preferência pelo assistencialismo em vez de uma preferência pela transformação social; com um apego ao poder que consegue, inclusive, driblar a Constituição, fazendo com que o Presidente Lula tenha quatro mandatos: dois em seu nome e dois em nome da Presidente Dilma Rousseff; com o vício de corrupção, que nenhum de nós imaginava... **e com gosto por narrativas como essa de que o que estamos fazendo aqui, dentro de todo o rigor constitucional, é golpe.** (p. 94, 95)*	Cristovam Buarque (PPS-DF)

Há ferimento à Constituição Federal. ***Depois dizem que é golpe, é golpe, é golpe! É golpe à Constituição****! (p.109)*	José Agripino (DEM-RN)
Alguém propaga que este processo é um golpe*. Acreditar nessa mentira é o mesmo que defender que quem tem mandato está autorizado a praticar arbitrariedade sem lhe atribuir qualquer responsabilidade. (p.132)*	Wilder Morais (PP-GO)
Portanto, Srs. Senadores e Srªs Senadoras, ***impeachment não é golpe, não.*** *Impeachment é assunto constitucional, é assunto legal e, por esse mecanismo legal e constitucional e também pela decisão do Supremo Tribunal Federal em nosso País, ele está seguindo o seu trâmite e nós estamos absolutamente dentro da lei, praticando o que a lei manda* ***e não praticando golpe algum****. (p.201)*	Paulo Bauer (PSDB-SC)
A Presidente peca ainda pela arrogância e falta de humildade. Em vez de reconhecer os próprios erros, prefere esconder-se no papel de vítima, ***atribuindo às elites, à mão invisível do mercado, à imprensa a construção de um golpe****. (p.239)*	Tasso Jereissati (PSDB-CE)
Ora, minha gente, aqui o PT, ao longo desse tempo todo, ***usou um mantra do golpe: "É golpe! É golpe!" Golpe?*** *Golpe foi o que foi dado na Nação brasileira nas eleições de 2014. (p.248)*	Flexa Ribeiro (PSDB-PA)
Os defensores, os que se opõem, a maioria deles, à destituição, ao impeachment da Presidente ***martelam o refrão do golpe****, como se a sua retórica pudesse sobrepor-se à Carta de 1988. (p.286)*	José Serra (PSDB-SP)

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Quadro 28: Expressões encontradas no livro 2 que atualizam a metáfora IMPEACHMENT NÃO É GOLPE

IMPEACHMENT NÃO É GOLPE	**AUTOR (A)**
O impeachment ***não é golpe****, é o jeito que o Congresso Nacional tem de proteger a população contra um Executivo irresponsável, infrator e descumpridor da lei. (p.444)*	Wilder Morais (PP-GO)
Desculpem-me os defensores da Presidenta afastada Dilma Rousseff, mas ***não vejo como golpe****... (p.502)*	Gladson Cameli (PP-AC)

Não estamos mudando a "regra do jogo" por ocasião deste julgamento. Essa é uma das razões por que ***não estamos diante de um golpe.*** *(p.523)*	Antonio Carlos Valadares (PSB-SE)
O País não vive*, como alardeiam setores mais radicais,* ***qualquer clima de golpe*** *até porque a Nação não suporta mais tal prática. O que o povo brasileiro deseja, e tem manifestado seguidamente, é a decência e a firmeza traduzidas na transparência e probidade no trato da coisa pública. (p.532)*	Fernando Collor (PTC-AL)
Importante deixar registrado para o povo brasileiro e, em especial, para o povo do meu Estado, Sergipe, que ***não há golpe.*** *(p.545)*	Eduardo Amorim (PSC-SE)
Também aqui no Senado ficou patente ***a impropriedade de se chamar de golpe*** *um processo integralmente pautado pelos preceitos legais... (p.553)*	Valdir Raupp (PMDB-RO)
Não, ***não é golpe****, como insiste em afirmar a Presidente da República afastada. Não,* ***não é golpe*** *político ou parlamentar, porque ocorre em razão de um crime... (p.563)*	Paulo Bauer (PSDB-SC)
Na conta de uma insensata chamada de ordem, ingredientes inexistentes ***no suposto golpe*** *acabam por confundir a opinião internacional, jogando a imagem nacional no ralo da desinformação institucional. (p.579)*	Benedito de Lira (PP-AL)
Por essas razões, Presidente, pensando no futuro de 206 milhões de brasileiros, eu votarei pelo impeachment da Presidente Dilma Rousseff, ***sem medo de ficar na história como golpista. Não sou golpista! Repito: não sou golpista!*** *Golpe é o que fizeram em meu Estado, na BR-364, que liga Rio Branco a Cruzeiro do Sul. Deram um golpe de 2 bilhões – 2 bilhões! O dinheiro sumiu, e a nossa estrada corre o risco de, nesse inverno, ficar fechada. E passaria a noite toda aqui falando de outros golpes que foram realizados no meu Estado. (p.586, 587)*	Sérgio Petecão (PSD-AC)
Ouvi muito falar aqui em golpe. *Golpe é governar desrespeitando a Constituição Federal... (p.604)*	Reguffe (sem partido-DF)
A retórica de golpe parlamentar*, que muitos agora sustentam, é produto típico dessa cultura de descaso. Estou convencido de que todos reconhecem a conduta ilícita da Presidente,* ***mas apoiam o discurso do golpe*** *por menosprezo à Constituição Federal. (p.620)*	Eduardo Lopes (sem partido-DF)
Nosso Supremo Tribunal Federal, por exemplo, já foi provocado inúmeras vezes a respeito desse processo de impeachment ***e refutou o discurso do golpe,*** *atestando a regularidade de todo o procedimento, inclusive quanto ao ato de recebimento da denúncia pelo então Presidente da Câmara dos Deputados.(p.628)*	Antonio Carlos Valadares (PSB-SE)

Presenciei diversos momentos de crise política na história do Brasil – essa é uma das poucas vantagens de 62 anos de vida pública – e posso assegurar que ***não há golpe,*** *como afirmam os defensores da Presidente afastada. (p.630)*	José Maranhão (PMDB-PB)

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

METÁFORA 2

Quadro 29: Expressões encontradas nos sites investigados que atualizam a metáfora IMPEACHMENT É VIAGEM

IMPEACHMENT É VIAGEM	AUTOR (A)	SITE
Que esse seja apenas ***o primeiro passo na direção*** *de dias melhores para o nosso país. Depois disso tudo, nada mais será como antes. O povo agora tá acordado (c.28)*	Ellen Jabour	Revista Glamour
Mesmo com discursos vazios, pra mãe, pros filhos e pras netas, o dia de hoje é uma conquista do povo! Que fique a lição de que o Brasil não é um país impune. ***Que o processo siga e vá até o fim****! E que esse espírito de justiça que aflorou no coração de nós brasileiros não desapareça (c.29)*	Daniella Sarahyba	Revista Glamour
O impeachment ***é o melhor caminho*** *porque precisamos de mudança. Precisamos de um basta (c.35)*	Hedla Lopes	O Povo

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Quadro 30: Expressões encontradas no livro 1 que atualizam a metáfora IMPEACHMENT É VIAGEM

IMPEACHMENT É VIAGEM	AUTOR (A)
*retiramos a lição de que o impeachment tem forte ingrediente político **e só avança** na medida em que o Governo que transgride os bens constitucionalmente protegidos por sua figura se distancia da sociedade. (p.72)*	Ricardo Ferraço (PSDB-ES)
*Esse sistema promíscuo, que não se justifica e que é, sim, a razão direta desse **processo de impeachment em curso** agora no Senado Federal. (p.136)*	Álvaro Dias (PV-PR)
*Sr. Presidente, Srªs e Srs. Senadores, não bastasse isso tudo para justificar o seguimento desse processo de impeachment, **avançando** para a fase de julgamento propriamente dito, há um fato incontestável da realidade política... (p.239)*	Tasso Jereissati (PSDB-CE)
*Ninguém tem a ilusão, acredito, de que o impeachment vai resolver as questões da economia, do desenvolvimento, da justiça social. Não. É o começo do começo. **Estamos prestes a dar esse passo**. (p.288)*	José Serra (PSDB-SP)

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Quadro 31: Expressões encontradas no livro 2 que atualizam a metáfora IMPEACHMENT É VIAGEM

IMPEACHMENT É VIAGEM	AUTOR (A)
*... por que, sabendo disso tudo, a senhora **não atalhou esse processo** recorrendo ao Supremo Tribunal ou ao Ministério Público Federal?(p.393)*	Aloysio Nunes Ferreira (PSDB-SP)
*...há aqueles que apelam de uma forma e outros que entendem a necessidade do impeachment **como caminho** para a mudança real desejada pela sociedade brasileira. Eu estou convicto de que **o impeachment é o caminho.** (p.519)*	Alvaro Dias (PV-PR)
*Sr. Presidente, **o procedimento do impeachment chega à etapa final.** Cada Senadora e cada Senador emitirá seu juízo individual sobre tudo o que foi apresentado até agora**.** (p.523)*	Antonio Carlos Valadares (PSB-SE)

*...finalmente **estamos caminhando para a reta final do processo** de votação do impeachment, processo esse que já se prolonga por quase um ano desde que seu pedido foi protocolado na Câmara dos Deputados. Não há dúvidas – e nisso acredito que todos concordem – que o processo que trata do impedimento da Presidente Dilma Rousseff vem sendo realizado de acordo com os ditames constitucionais da legítima defesa e do respeito ao contraditório. (p.545)*	Eduardo Amorim (PSC-SE)
*...a aprovação do impeachment **não é um ponto de chegada, de forma nenhuma, mas, sim, um ponto de partida**; será o início da reconstrução do otimismo, da reconstrução da esperança e do desenvolvimento nacional; será, com toda certeza, o início do respeito à coisa pública por aqueles que nunca pensaram em respeitar. (p.546)*	Eduardo Amorim (PSC-SE)
*...e aí é que entra a capacidade e a paciência do Ministro Lewandowski, que, de acordo com suas próprias palavras, se comporta **como um piloto de um Boeing em voo turbulento, que vai corrigindo a rota com precisão e cuidado.** (p.589)*	Hélio José (PMDB-DF)
*Muito bem, **o último passo desse processo** ocorreu ontem, um dos mais importantes, a vinda da Presidente da República, Dilma Rousseff, que esteve sentada nesta cadeira, para proferir seu discurso, um discurso bem elaborado, bem escrito, bem pronunciado, e para se submeter à oitiva, ao interrogatório, em que acho que ela deixou de responder as perguntas fulcrais. Por essa razão, ela não conseguiu reunir elementos de convicção capazes de dar a ela sucesso na votação que se avizinha. (p.610)*	José Agripino (DEM-RN)
***O impeachment não é um ponto de partida.** É a oportunidade para a retomada do nosso otimismo, das melhorias sociais, do cuidado com a coisa pública e do respeito com o povo brasileiro (p.622)*	Davi Alcolumbre (DEM-AP)
*E, graças a Deus, **nesse caminho que já está chegando ao fim**, mantive essa cordialidade com todos os companheiros... (p.625)*	José Maranhão (PMDB-PB)
*...eu quero aqui também fazer uma homenagem a você como a adversária mais aguerrida, mais corajosa e mais valente e que está aqui **até o fim da jornada.** (p.626)*	José Maranhão (PMDB-PB)

Sr. Presidente, é um momento triste quando se decide afastar uma Presidente da República. É um momento grave, ***é um caminho*** *que se usa apenas quando a força da lei e o peso de um crime de responsabilidade não deixam nenhuma opção. (p.627)*	Romário (PSB-RJ)

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

METÁFORA 3

Quadro 32: Expressões encontradas no livro 1 que atualizam a metáfora IMPEACHMENT É SER VIVO

IMPEACHMENT É SER VIVO	**AUTOR (A)**
E agora, a decisão final do Ministro Teori deixa claro o quanto ***o processo de impeachment da Presidente da República está correndo*** *dentro das normas preestabelecidas pela legislação. (p.55)*	Ronaldo Caiado (DEM-GO)
que o interesse maior do impeachment é proteger *o Estado,* ***e não punir*** *o delinquente. Uma vez afastado o governante do seu cargo, o processo já não tem mais sentido algum e não prosseguirá.* ***O que motiva o processo*** *é o governante que gere erroneamente a coisa pública, e sua condenação não tem caráter de pena, visando apenas que ele deixe a gestão. (p.72)*	Ricardo Ferraço (PSDB-ES)
Quando há notícias diárias de desemprego, de inflação, de corrupção, de falta de governo, de governo que não ouve, de governo que não fala, de governo que não tem articulação política, de governo que não tem interlocução com o Parlamento nem com a sociedade, é óbvio que nós temos razões suficientes para valorizar ***um processo de impeachment que vai julgar*** *crimes de responsabilidade. (p. 202)*	Paulo Bauer (PSDB-SC)
Esperamos, no entanto, Srs. Senadores, ***que este evento de hoje do impeachment, signifique um marco, com suas lições****, de que estamos vivendo a abertura de uma nova era, uma era de transparência, de um Brasil mais justo. (p. 159)*	Lasier Martins (PDT-RS)

*Entendo que **o processo de impeachment nasce** de um fundamento jurídico. Contudo, o processo é político, tanto que **ele corre** no Congresso Nacional. Não fosse assim, ele seria nos tribunais. (p.258)*	Roberto Rocha (PSB-MA)
*Portanto, eu pensava que se a Câmara e o Governo, no momento correto**, tivessem deixado o processo de impeachment correr**, talvez, a Presidenta, naquele momento, alcançasse na Câmara dos Deputados votos suficientes para que esse processo não viesse até aqui. Mas não foi o que aconteceu, a Presidente não conseguiu reunir os votos necessários **para escapar do processo de impeachment** na Câmara. E, portanto, nós só estamos hoje aqui legitimando aquilo que a Câmara fez. (p.264)*	Blairo Maggi (PR-MT)
***O processo de impeachment nasce**, como sabemos, exatamente da limitação ao poder do monarca na Inglaterra. Em 1215, quando a Carta Magna é lavrada, estabelece- se a limitação ao poder de tributar e, logo depois, as determinações para a alocação das despesas públicas. **Mas o impeachment, como um processo político, tem nos Estados Unidos da América o seu figurino praticamente definitivo. E é esse figurino que veio para o Brasil, o figurino norte-americano**, deixando claro que se trata de um processo que é jurídico e que é administrativo. (p.315)*	Antonio Anastasia (PSDB-MG)

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Quadro 33: Expressões encontradas no livro 2 que atualizam a metáfora IMPEACHMENT É SER VIVO

IMPEACHMENT É SER VIVO	**AUTOR (A)**
*Que possamos, em nome do Brasil, que já não aguenta mais o retardamento deste processo, que **sangra** diante de uma crise grave. (p.21)*	Cássio Cunha Lima (PSDB-PB)
*E esquece Sua Excelência a Presidente Dilma que este impeachment **não nasceu** no Congresso Nacional; este impeachment **nasceu** nas ruas do Brasil.(p.413)*	Cássio Cunha Lima (PSDB-PB)

O plenário ainda está cheio de Senadores. Na primeira fila, está uma figura que quero e tenho o prazer de fazer o registro, porque ela, Presidente Lewandowski, ***é a cara do impeachment****, a Drª Janaina Paschoal. (p.609)*	José Agripino (DEM-RN)
Mas a democracia que todos prezamos nos obriga a respeitar a decisão, e fazemos isso com naturalidade. Assim também, Srªs e Srs. Senadores, é o que acontece conosco neste momento: somos juízes ***de um processo de impeachment que se move contra a*** *maior autoridade da República, a Presidente Dilma Rousseff.(p.611)*	Dalirio Beber (PSDB-SC)
O impeachment cuida de uma infração *que, apesar de ter o nome de "crime de responsabilidade", não leva o governante à prisão. Trata-se de uma infração de natureza política, como bem nos ensina o saudoso jurista Paulo Brossard. É uma violação às regras e princípios constitucionais mais caros ao funcionamento do Estado brasileiro. (p.628)*	Antonio Carlos Valadares (PSB-SE)
Hoje, Sr. Presidente, é uma dessas escassas ocasiões. Alcançamos o ponto culminante de ***um processo que deixará lições para todos****, para sempre. Por isso, como Presidente do Senado Federal, cabe a mim dialogar não com as paixões do momento, mas com o perene espírito do tempo.(p.650)*	Renan Calheiros (PMDB-AL)

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

METÁFORA 4

Quadro 34: Expressões encontradas no livro 1 que atualizam a metáfora IMPEACHMENT É REMÉDIO

IMPEACHMENT É REMÉDIO	**AUTOR (A)**
É verdade que nós estamos diante de um corpo febril e assaltado de taxas altíssimas de diabetes. O Brasil hoje é como um corpo diabético, um corpo febril, com uma taxa muito alta e com uma perna cheia de gangrena, já há muito tempo, pronta para ser amputada... Este País febril vai ter restituída a sua saúde, as suas energias no momento em que, de forma corajosa e ainda com sentimentos, amputarmos a perna apodrecida para salvarmos o corpo. E uma perna amputada debilita mais ainda o corpo. ***É preciso ter o tempo de recuperação, de cicatrização. Isso demanda cuidados, cuidados que temos que ter no pós-impeachment.*** *(p. 67)*	Magno Malta (PR-ES)

E é nesse sistema de controle que se insere o impeachment, ***o mais amargo dos remédios*** *para se afastar um mau governante, que pratica crimes cuja gravidade reside na agressão aos valores em que se funda o Estado e à ideia do bom governo. (p. 71)*	Ricardo Ferraço (PSDB-ES)
Nós deveríamos, de toda maneira, procurar evitá-lo se pudéssemos e se fossem outras as circunstâncias. Isso é que não foi possível. E agora, esse impedimento, esse processo se impõe ***como um remédio que é amargo, mas é essencial****. (p.285)*	José Serra (PSDB-SP)

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Quadro 35: Expressões encontradas no livro 2 que atualizam a metáfora IMPEACHMENT É REMÉDIO

IMPEACHMENT É REMÉDIO	**AUTOR (A)**
Além do mais, a nossa Constituição reconhece o instituto do impeachment como ***um remédio*** *constitucional. (p.545)*	Eduardo Amorim (PSC-SE)
... com o uso do impeachment ***como remédio*** *constitucional para afastar o mal governante que pratica o crime de responsabilidade.(p.575)*	Ricardo Ferraço (PSDB-ES)
O impeachment é consequência da crise, foi o desfecho e ***seu remédio*** *absolutamente constitucional. (p.576)*	Ricardo Ferraço (PSDB-ES)
Este processo é um marco na história de nosso povo, talvez momento um pouco doloroso, mas não insuportável ***e um remédio, ainda que amargo.*** *(p.586)*	Sérgio Petecão (PSD-AC)

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

METÁFORA 5

Quadro 36: Expressões encontradas nos sites investigados que atualizam a metáfora IMPEACHMENT É JUSTIÇA

IMPEACHMENT É JUSTIÇA	AUTOR (A)	SITE
*Sou a favor, querer o fim desse governo corrupto não é golpe, é apenas **justiça!** ...(c.1)*	Mateus	Yahoo! Respostas

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Quadro 37: Expressões encontradas no livro 1 que atualizam a metáfora IMPEACHMENT É JUSTIÇA

IMPEACHMENT É JUSTIÇA	AUTOR (A)
*Sr. Presidente, se esse processo, que parece será instaurado nesta Casa a partir de agora, **deve buscar a Justiça**, peço a Deus que sejamos justos e não justiceiros. (p.147)*	Marcelo Crivella (PRB-RJ)
*E o Senado Federal, hoje, **faz justiça**, ao tomar a decisão de afastar temporariamente a Presidente Dilma Rousseff de suas funções de Presidente, mais do que qualquer outra coisa, o Senado Federal **fará justiça** à luz da Constituição, em respeito à nossa legislação, votando "sim" ao relatório do Senador Antonio Anastasia. (p.178)*	Cássio Cunha Lima (PSDB-PB)

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Quadro 38: Expressões encontradas no livro 2 que atualizam a metáfora IMPEACHMENT É JUSTIÇA

IMPEACHMENT É JUSTIÇA	AUTOR (A)
*E o que faremos, neste instante, com a decisão e com o veredicto que será dado provavelmente no dia de amanhã, **é justiça.** (p.542)*	Cássio Cunha Lima (PSDB-PB)

*Posso atestar que o Senado Federal jamais poderá ser acusado de cometer **qualquer injustiça** com a Presidente afastada, que teve o amplo direito de defesa e contraditório assegurados à exaustão. (p.586)*	Sérgio Petecão (PSD-AC)
*Devemos considerar que votar pelo impedimento da Presidente Dilma é cometer um ato de injustiça? Para mim **não é uma injustiça**, ao contrário. (p.621)*	Davi Alcolumbre (DEM-AP)

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Por fim, com o objetivo de facilitar a visualização da quantidade de expressões linguísticas metafóricas que compõem o nosso *corpus*, apresentamos abaixo um quadro com o resumo quantitativo dos dados:

Quadro 39: Resumo quantitativo das metáforas encontradas no *corpus*

REDE METAFÓRICA 1: METÁFORAS CONTRA O IMPEACHMENT				
IMPEACHMENT É...	SITES	LIVRO 1	LIVRO 2	TOTAL
GOLPE	23	13	12	48
FARSA	2	5	8	15
ESPETÁCULO	5	2	7	14
INJUSTIÇA	0	10	4	14
JOGO	0	5	6	11
CONSPIRAÇÃO	0	6	4	10
VIAGEM	0	3	5	8
RETROCESSO	2	2	3	7
VIOLÊNCIA	3	1	1	5
SER VIVO	0	4	1	5
REDE METAFÓRICA 2: METÁFORAS A FAVOR DO IMPEACHMENT				
IMPEACHMENT...	SITES	LIVRO 1	LIVRO 2	**TOTAL**
NÃO É GOLPE	4	9	13	**26**
É VIAGEM	3	4	11	**18**
É SER VIVO	0	7	6	**13**
É REMÉDIO	0	3	4	**7**
É JUSTIÇA	1	2	3	**6**

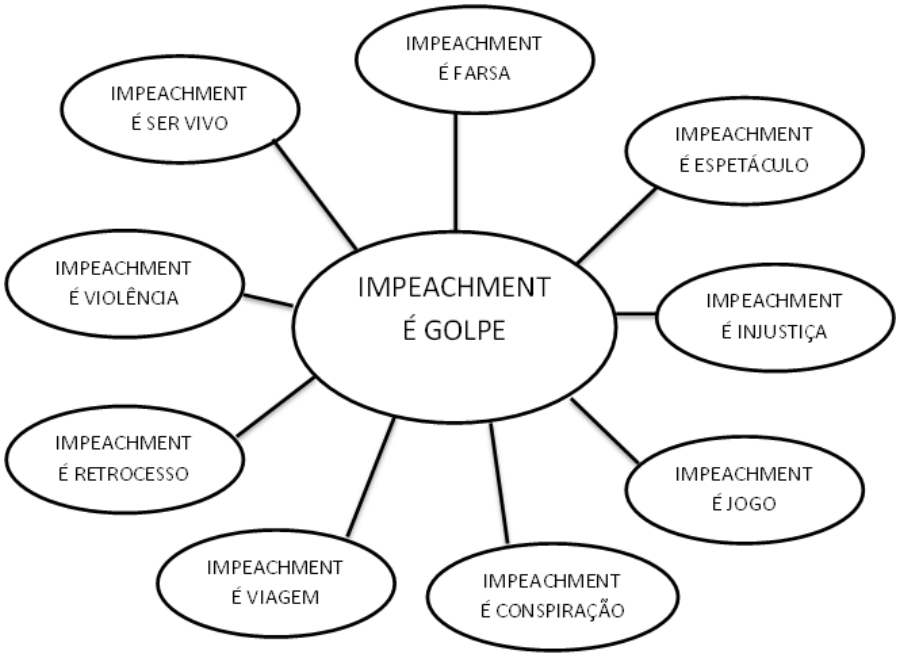
Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

No capítulo anterior, apresentamos os dados quantitativos da nossa pesquisa, que corresponderam ao levantamento das expressões linguísticas metafóricas e das metáforas por elas atualizadas. A partir desses dados, fazemos, neste quarto capítulo, uma análise qualitativa, à luz da Teoria da Metáfora Conceptual, agrupando as metáforas em duas redes metafóricas, a saber: IMPEACHMENT É GOLPE e IMPEACHMENT NÃO É GOLPE, que constituem nossas categorias de análise e que fundamentam a conceptualização do processo de impeachment.

Redes metafóricas são aquelas constituídas por um grupo de metáforas que estão a serviço de uma metáfora macro, com o objetivo de consolidá-la. No caso da rede IMPEACHMENT É GOLPE, temos um grupo de dez metáforas (IMPEACHMENT É GOLPE/FARSA/ESPETÁCULO/INJUSTIÇA/JOGO/CONSPIRAÇÃO/VIAGEM/RETRO-CESSO/VIOLÊNCIA/SER VIVO) que consolida a metáfora macro IMPEACHMENT É GOLPE, pois trata de visões comuns, fundamentadas numa ideologia que se contrapõe ao processo de impeachment da presidente Dilma.

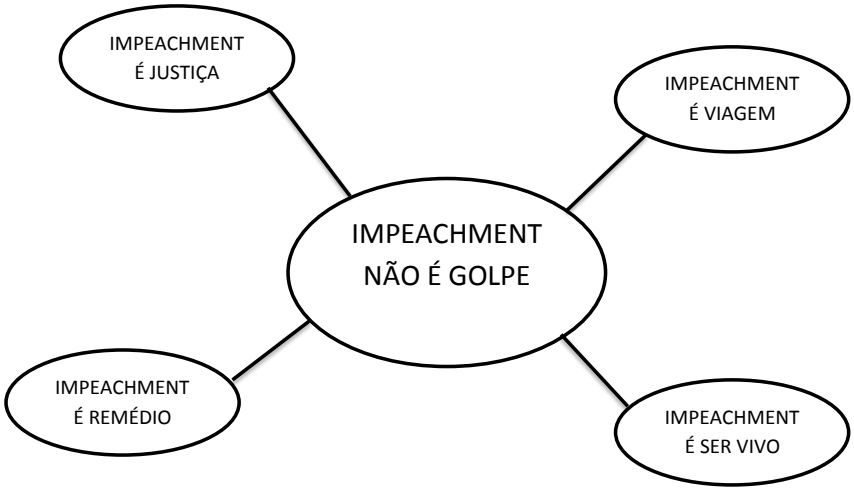
Figura 1: Representação da rede metafórica IMPEACHMENT É GOLPE.



Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

O mesmo acontece com a segunda rede metafórica, IMPEACHMENT NÃO É GOLPE, em que um grupo de cinco metáforas (IMPEACHMENT NÃO É GOLPE, IMPEACHMENT É VIAGEM/SER VIVO/REMÉDIO/JUSTIÇA) está a serviço da metáfora macro IMPEACHMENT NÃO É GOLPE, e representa a visão daqueles que são favoráveis à cassação do mandato de Dilma, conforme podemos observar na figura abaixo:

Figura 2: Representação da rede metafórica IMPEACHMENT NÃO É GOLPE.



Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Em nossa análise, para cada metáfora identificada em cada uma das redes metafóricas, fazemos o mapeamento entre os seus domínios fonte e alvo. Conforme estudamos no capítulo 2, o domínio fonte, que geralmente possui propriedades mais concretas da experiência, fornece elementos para estruturar o domínio alvo, que tende a ser mais abstrato. É através do mapeamento metafórico, fortemente estruturado, que podemos raciocinar abstratamente. Após descrevermos o mapeamento de cada metáfora, apresentamos uma discussão sobre as possíveis inferências que podem ser levantadas sobre a utilização daquela metáfora em nossa cultura, e sua relação com a rede metafórica da qual faz parte.

Por fim, fazemos uma discussão "imparcial" sobre o tema, confrontando as duas metáforas macros que conceptualizaram o impeachment da presidente Dilma Rousseff, IMPEACHMENT É GOLPE e IMPEACHMENT NÃO É GOLPE, e relacionando com a Teoria Crítica da Metáfora Conceptual, proposta por Charteris-Black (2004), que sugere que as metáforas também devem ser analisadas com a finalidade de investigar as intenções presentes na linguagem, além da análise cognitiva.

4.1. IMPEACHMENT É GOLPE

A fim de agrupar as metáforas que revelassem um posicionamento político-ideológico [39] contrário ao impeachment da presidente Dilma Rousseff, optamos por nomear a primeira rede metafórica analisada nesta pesquisa de IMPEACHMENT É GOLPE, em que situamos 10 metáforas identificadas em nosso *corpus*, as quais discorreremos mais adiante.

Observamos nos livros "20 horas na história: a longa sessão de admissibilidade do Impeachment da presidente Dilma Rousseff" e "Impeachment: o julgamento da presidente Dilma Rousseff pelo Senado Federal", e nos comentários retirados dos sites analisados, que o impeachment da presidente Dilma Rousseff é estruturado a partir do domínio fonte *golpe*, atualizando a metáfora IMPEACHMENT É GOLPE, sendo esta a primeira metáfora analisada neste trabalho. O termo golpe (ou similar) se mostrou bastante recorrente, aparecendo em 48 expressões linguísticas diferentes, o que justificou a escolha pelo nome da rede metafórica em questão, IMPEACHMENT É GOLPE.

A seguir, apresentamos o mapeamento da metáfora em análise, e suas respectivas correspondências:

Fonte: GOLPE		Alvo: IMPEACHMENT
ato violento para atingir alguém, pancada	➔	o processo de impedimento
os golpistas	➔	os articuladores do impeachment

Correspondências: o processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff, por ser entendido como um procedimento arbitrário, sem base legal, corresponde ao ato de golpear uma pessoa.

Por ser o impeachment uma entidade abstrata, nós buscamos mapear aspectos de uma entidade mais concreta, no caso em evidência *o golpe*, para vivenciar este conceito. Corroborando com Lakoff e Jonhson (2002 [1980], p. 48, grifo dos autores), para quem "*A essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra*", partimos de nossa experiência física com o golpe, que é um movimento brusco e violento para atingir uma pessoa, para compreendermos o significado do impeachment da presidente Dilma.

39 Ter um posicionamento político-ideológico é ter uma atitude/opinião frente a um tema político. Dessa forma, entendemos que um indivíduo, ou grupo de indivíduos, pode ser a favor ou contra, indiferente, ou mesmo não se posicionar (que também é uma forma de posicionamento) em relação a alguma questão política.

Nas 48 expressões linguísticas levantadas, verificamos uma alta recorrência do termo golpe, ou outro similar, evidenciando o posicionamento daqueles que não acreditaram na transparência do processo, como em "*Portanto, aqui está se tomando um mandato.* ***É o que eu chamo de golpe branco. Por que é golpe branco****? Porque,* ***para o golpe****, não estão usando armas de fogo, Senador Paulo Paim.", "****Os golpistas*** *buscam tirar do poder a Presidenta Dilma Rousseff, democraticamente eleita e, para tanto, usam todos os artifícios possíveis para tentar cobrir com o manto da legalidade o que, de fato,* ***é um golpe de Estado. Um golpe*** *que prescinde da presença de tanques de guerra nas ruas, mas que se utiliza dos mesmos ataques aos direitos humanos", "Queiram ou não admitir os defensores da admissibilidade do impeachment,* ***este processo se caracteriza como um golpe jurídico, parlamentar e midiático.****", "A Presidenta da República não cometeu crime de responsabilidade, mas isso não tem a menor importância* ***para servir e justificar o golpe****. O que vale, como estamos cansados de ouvir, é 'o conjunto da obra'. A primeira etapa dessa batalha tende a terminar como* ***os golpistas*** *e os conspiradores planejaram: o conjunto da obra.", "Esse* ***é um golpe*** *contra a senhora,* ***é um golpe*** *contra a democracia, mas é fundamentalmente* ***um golpe*** *contra os mais pobres,* ***um golpe*** *contra os trabalhadores;* ***é um golpe*** *de classe, Senhora Presidente."*, "*Sim,* ***é um golpe*** *do ponto de vista que quem está julgando tem igual culpa ou maior de quem está sendo julgado", "Foi dado* ***um golpe*** *no país. É um dia muito triste, que representa perda de direitos.* ***Um golpe*** *no país e na democracia.", "Não só foi* ***golpe****, como foi a única maneira de Temer chegar no poder".* Para essa parcela da sociedade, o impeachment não passou de um ato político violento e arbitrário, utilizado para cassar o mandato de uma presidente inocente e eleita democraticamente. Sendo assim, para essas pessoas, o impeachment da presidente Dilma é conceptualizado como um golpe, e a metáfora IMPEACHMENT É GOLPE é posta em evidência.

Fato semelhante ocorreu na década de 1960, com a saída de João Goulart da Presidência da República e a imposição de um governo militar, como vimos anteriormente. Assim como em 2016, a ordem institucional no ato de 1964 foi interrompida, dando lugar a um governo impopular e ilegítimo. Logo, a derrubada de João Goulart também tem sido entendida metaforicamente como um golpe por uma parte da população, pois representou um ato violento para se apoderar do governo estabelecido.

> No Brasil de 1964, o engodo foi denominado de "revolução". Nenhum golpista admite que se denomine sua ação em português claro: golpe de Estado. Em 2016 isso se repete no país. A presidente legitimamente eleita foi derrubada por um processo político baseado em leituras elásticas da

> Constituição e artimanhas jurídicas de diversos matizes, que tentam mostrar como lícito o conluio do judiciário com um Parlamento em sua maior parte corrupto e uma mídia corporativa a serviço das elites financeiras. (JINKING, 2016, p. 12)

Assim, a ideologia que sustenta a afirmação do golpe é de que o impeachment da presidente Dilma não seguiu o rito constitucional necessário, culminando na instauração de um ato antidemocrático para dar lugar a um governo ilegítimo. Para este grupo ideológico, isto se deu, principalmente, porque o governo substituto visava concretizar um plano de concentração de renda e retirada de direitos da população, além de acobertar os envolvidos em embaraços com a lei e suspeitos de corrupção para que não fossem punidos. Logo, para colocar o plano em prática, seria necessário golpear a presidente Dilma Rousseff com o impeachment, validando a metáfora IMPEACHMENT É GOLPE, que não é universal, mas faz parte de algumas culturas, como é o caso do Brasil.

A segunda metáfora com o maior número de ocorrências encontradas em nossa pesquisa foi IMPEACHMENT É FARSA, na qual podemos verificar que o impeachment da presidente Dilma Rousseff é compreendido a partir do domínio *farsa*. O termo farsa ou seus sinônimos, como fraude e processo fraudulento, aparece em 15 expressões linguísticas atualizadoras da metáfora em questão.

Observamos, a seguir, o mapeamento da metáfora IMPEACHMENT É FARSA, e suas correspondências.

Fonte: FARSA		Alvo: IMPEACHMENT
uma mentira, trapaça, fraude	➔	o processo de impedimento
os farsantes	➔	os articuladores do impeachment

Correspondências: o processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff, por ser visto como um esquema ilícito ou de má fé, corresponde a uma farsa ou mentira.

Na opinião dos brasileiros que utilizaram essa metáfora, o processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff não foi um ato honesto. Isto pode ser observado tanto na opinião de pessoas comuns, conforme vimos nos sites analisados, por exemplo, "*esse impeachment foi* ***uma farsa*** *descabrosa*" (Lucas Ten- Uol notícias Política) e "*posso discordar de ações do governo de Dilma ou de algumas práticas do PT, mas acho* ***essa farsa do impeachment*** *um golpe vergonhoso contra a soberania do povo brasileiro*" (Rosemberg Cariry-O Povo), como também no discurso de alguns senadores que participaram do

julgamento da presidente no Senado Federal, por exemplo, "*Esse instrumento foi concebido agora para cancelar o resultado das eleições de 2014, o que se tenta, aliás, desde 2015. Por isso, dizemos que* ***é uma farsa política, que é uma fraude jurídica****."* (Gleisi Hoffmann-PT-PR), "*Mas antes disso eu quero dizer que eu sou contra o impeachment porque* ***ele é uma farsa*** *mais uma vez montada por aqueles que não conseguem ganhar no voto e querem ganhar no golpe."* (Donizeti Nogueira-PT-TO), "*Mas como? Não deveria ter esse juiz se declarado impedido de examinar a denúncia contra um seu inimigo? Mas sigamos, porque* ***a farsa*** *apenas começou.*" (Vanessa Grazziotin-PCdoB-AM), "*Desculpem-me, isso é uma infâmia! Isso é um escárnio, Sr. Presidente! É por tudo isso que me nego a fazer parte* ***desta farsa,*** *que me nego a ser coautora deste crime!*" (Fátima Bezerra-PT-RN), "*Impeachment, sem crime de responsabilidade comprovado, queiram ou não os defensores do afastamento da Presidenta Dilma, não tem outro nome: é golpe parlamentar. Um jogo de cartas marcadas.* ***Farsa****, como a que se viu no plenário do Senado...*" (Lídice da Mata-PSB-BA), "*Mas, Sr. Presidente, estamos vivendo hoje, no nosso País, a* ***maior das farsas*** *da nossa história recente...*" (Humberto Costa-PT-PE), "*Mesmo assim, eles não querem saber da verdade.* ***Isto aqui é uma farsa!*** *Seus argumentos são irrefutáveis*" (Lindbergh Farias-PT-RJ), "*os Senadores favoráveis* ***às farsas do impeachment*** *serão sempre conhecidos como aqueles que vergonhosamente condenaram uma Presidente sem crime de responsabilidade.*" (Paulo Rocha-PT-PA).

Percebemos, pelo uso da metáfora IMPEACHMENT É FARSA, que não apenas integrantes do PT acreditam na desonestidade do processo, mas também membros de outros partidos, como PCdoB, PSB e Rede, compreendem o impeachment como uma farsa. Conforme vimos no capítulo 2, sabemos que os valores que são priorizados pelo indivíduo advêm não apenas do grupo cultural do qual ele faz parte, mas também da subcultura ou de valores pessoais, o que pode gerar algum conflito, visto que os valores do grupo cultural podem não estar alinhados aos valores da subcultura ou pessoais. Adicionalmente, Charteris-Black (2005) afirma que as metáforas aparecem com grande frequência em discursos políticos porque elas representam certas formas de ver o mundo, além de serem utilizadas como instrumentos de persuasão. Logo, entendemos que a metáfora IMPEACHMENT É FARSA é utilizada por integrantes de diferentes partidos, além do PT, devido à intenção de convencer a sociedade brasileira de que o processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff não passou de uma grande mentira, articulado para beneficiar uma minoria, como colocou o senador Randolfe Rodrigues, do partido Rede-AP: "*O PMDB, com sete ministérios, Vice-*

Presidência da República, comando da Câmara e do Senado, é quem articula essa farsa chamada impeachment".

Estudiosos do assunto, como o professor Marcelo Braz da UFRJ, classificam o impeachment como uma operação política que teve como principal objetivo usurpar o mandato de Dilma Rousseff, e, portanto, é considerado uma grande farsa parlamentar-judicial, validando a metáfora IMPEACHMENT É FARSA.

> A farsa evidenciou-se na peça jurídica que embasou o processo de impedimento da presidente, claramente forjada para tornar "crime de responsabilidade" alguns atos de governo (créditos suplementares envolvendo instituições do Estado) praticados na gestão. Tratou-se de uma operação claramente política voltada, exclusivamente, para suspender o mandato de Dilma Rousseff. (BRAZ, 2017, p. 88)

Como podemos observar, as metáforas IMPEACHMENT É GOLPE e IMPEACHMENT É FARSA fazem parte da mesma rede metafórica, pois são integrantes do discurso de pessoas que não apenas discordaram do processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff, mas o conceptualizaram como um procedimento fraudulento, com o único propósito de derrubar/golpear a presidente. GOLPE e FARSA, portanto, são domínios utilizados por indivíduos, para conceptualizar o impeachment, os quais compartilham a mesma ideologia sobre o processo em análise, embora nem sempre façam parte do mesmo grupo político.

A terceira metáfora mais recorrente foi IMPEACHMENT É ESPETÁCULO, atualizada por 14 expressões linguísticas metafóricas. Aqui, podemos observar que o impeachment da presidente Dilma Rousseff é estruturado a partir do domínio *espetáculo*, identificado também por outras palavras pertencentes ao mesmo campo semântico, como teatro, carnaval, show e trama. O termo *espetáculo* se refere àquilo que atrai a vista ou prende a atenção, como numa representação que impressiona ou é destinada a impressionar (por exemplo, uma apresentação musical, teatral, cinematográfica, circense etc.). Em algumas situações, recebe o sentido pejorativo de escândalo.

Abaixo, apresentamos o mapeamento da metáfora IMPEACHMENT É ESPETÁCULO, e suas respectivas correspondências:

Fonte: ESPETÁCULO		Alvo: IMPEACHMENT
uma cena escandalosa	➔	o processo de impedimento
os atores	➔	os articuladores do impeachment

a plateia ➔ o povo que assiste ao impeachment
o propósito de chamar a atenção ➔ o propósito do impeachment

Correspondências: o processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff, por ser visto como um escândalo político, corresponde a uma encenação.

Analisando a metáfora em questão, podemos observar que expressões como as que se seguem revelam que muitos aspectos do domínio do espetáculo (*carnaval, show, teatro, horror, atores, papel, enredo, trama, plateia, dantesco*, etc.) são empregadas nos discursos como forma de desqualificar o processo de impeachment: *"Impeachment? Você quis dizer* ***Carnaval****?"*, "***Um show de horror***. *Fora Temer. Fora Cunha. Diretas já*", "*Portanto, tendo por base pretensas razões jurídicas, estamos aqui, Presidenta Dilma, diante* ***desse teatro de absurdos***", "*E o juízo, formado por 513 Deputados e Deputadas, ofereceu ao País* ***um verdadeiro espetáculo de horror****"* "*Para chegar ao impeachment,* ***uma rede de atores foi montada, cada um no seu papel*** *de respaldar uma acusação frágil para usurpar um mandato legítimo.* ***O enredo envolveu os seguintes atores****...*", "*O Vice Michel Temer assistia* ***a todo o desenrolar dessa suja trama*** *na primeira fila, a esperar a oportunidade de acenar ao público no final, mesmo que* ***a plateia*** *lhe dê as costas. E* ***o ator principal****, a grande rede de comunicação Rede Globo...", "A votação do impeachment na Câmara, resultado dessa conspiração, foi aquele espetáculo dantesco de que o Brasil e o mundo se envergonharam"*. Ou seja, o impeachment da presidência Dilma é entendido como uma encenação, e por isso é categorizado como um espetáculo/trama, do tipo teatro/show/carnaval, gênero drama/horror, em que atores com diferentes papéis entram em cena, guiada por um enredo, e assistida por uma plateia. Verificamos, assim, que algumas características que categorizam o domínio espetáculo também são empregadas para categorizar o domínio impeachment, classificando-o como um modelo cognitivo idealizado, conforme postulados de Lakoff (1987). A categorização que temos de espetáculo, entendido como uma representação ou encenação que busca chamar a atenção de uma plateia, é mapeada para o domínio impeachment, que corresponde ao próprio espetáculo, atualizando a metáfora conceptual IMPEACHMENT É ESPETÁCULO nas expressões linguísticas acima mencionadas.

Em outras palavras, para os indivíduos que compreendem o impeachment como espetáculo, os atores seriam os políticos considerados corruptos, que prepararam com antecedência o espetáculo do impeachment, com o propósito de chamar a atenção de uma

plateia (o povo brasileiro) para a pretensa luta contra a corrupção. Outros atores também teriam participado dessa ação, como a mídia e os institutos privados, promovendo as disputas ideológicas, e os movimentos financiados, que articularam a população para que saísse às ruas pedindo a cassação da presidente.

> O golpe político, no Brasil, foi desferido a jato. Mas sua preparação levou anos, com o trabalho de deslegitimação dos governos eleitos, levado a cabo pela mídia, pelos institutos privados destinados à disputa ideológica e pelos movimentos pretensamente "espontâneos", mas que, como já está comprovado, foram financiados e treinados por fundações estadunidenses. (MIGUEL, 2016, p. 31)

Contrariamente ao que defende Lakoff e Johnson (1980), os quais afirmam que geralmente utilizamos as metáforas de forma inconsciente, constatamos que as expressões linguísticas metafóricas atualizadoras da metáfora IMPEACHMENT É ESPETÁCULO foram utilizadas de forma consciente com a finalidade de chamar a atenção para um processo pautado em ações escandalosas. Ou seja, a escolha lexical foi planejada por aqueles que foram contrários ao impedimento, pois aspectos como *cena*, *teatro*, *show*, *atores*, *plateia*, dentre outros, que geralmente não são observados na conceptualização do impeachment, foram utilizados para deixar claro que todo o processo não passou de uma ficção, com o propósito real de afastar a presidente do cargo.

Vejamos outro exemplo de pronunciamento em que o processo de impeachment da presidente Dilma foi claramente conceptualizado como espetáculo, pois aspectos como *episódio*, *palco* e *show*, todos do domínio fonte *espetáculo*, são transferidos para o domínio alvo impeachment:

> Entre os dias 25 e 31 de agosto ocorreu mais um pobre episódio de nossa pobre democracia. O palco foi o Senado. Não repetiu exatamente o show de horrores que foi o 17 de abril na Câmara dos Deputados, insuperável como espetáculo que apresentou aos brasileiros e ao mundo o nível desclassificado dos parlamentares. (BRAZ, 2017, p. 88, grifos do autor)

Podemos dizer, assim, que esta metáfora representa o posicionamento ideológico das pessoas que acreditam que tudo não passou de uma cena política, pois, para elas, não existiu nenhum motivo real para a aprovação do impeachment da presidente Dilma, visto que não foi apresentado qualquer crime de responsabilidade dolosamente cometido. O impeachment é o último recurso aplicado pela Constituição contra um mandato democraticamente eleito, logo, para que ele vigorasse, seria necessário "encenar", "representar", trazendo à tona a metáfora

IMPEACHMENT É ESPETÁCULO que também está a serviço da metáfora macro IMPEACHMENT É GOLPE, consolidando esta primeira rede metafórica.

A próxima metáfora que constituiu o nosso *corpus*, também atualizada por 14 expressões linguísticas metafóricas, foi IMPEACHMENT É INJUSTIÇA, em que o impeachment da presidente Dilma Rousseff é estruturado a partir do domínio *injustiça* como veremos mais adiante. Apresentamos abaixo o seu mapeamento e respectivas correspondências:

Fonte: INJUSTIÇA		Alvo: IMPEACHMENT
uma situação desigual, parcial, tendenciosa	➔	o processo de impedimento
os injustos	➔	os articuladores do impeachment

Correspondências: o processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff, por ser visto como parcial e tendencioso, corresponde a um procedimento em que a justiça não foi praticada.

Mais uma vez, temos uma metáfora utilizada por pessoas que discordaram do impeachment da presidente Dilma e o classificaram negativamente, neste caso como um processo injusto, como em "*O Senado da República, cujo patrono tanto nos orgulha, está prestes a cometer nesta noite* ***uma grande injustiça*** *com a história e, principalmente, com o povo brasileiro. Não podemos ser justos sem trilharmos o caminho da verdade", "Não! Nós estamos aqui na luta, com altivez, sabendo que a presidenta Dilma está sofrendo* ***uma injustiça.****", "Aqui, o que estamos fazendo é* ***uma das maiores injustiças*** *a que já assisti na minha vida", "Está-se neste momento utilizando um pretexto jurídico para acusar uma Presidente da República legitimamente eleita de atos que todos os governos anteriores praticaram. Está-se cometendo* ***uma injustiça histórica****. Está-se condenando um inocente.", "...e não permitir que* ***uma injustiça*** *se cometa contra ela, contra a democracia, contra o País*", *"A pior tortura para um ser humano é carregar para o resto da vida ter cometido uma injustiça. Não cometam* ***injustiça*** *com a Senhora Presidenta", "Aliás,* ***justiça é algo que não se pode dizer desse processo****", "A história será implacável e cobrirá de vergonha todos os que cometerem* ***essa grosseira injustiça****, como fez com torturadores e ditadores no passado"*. Essas expressões atualizam a metáfora IMPEACHMENT É INJUSTIÇA, em que o domínio fonte injustiça é utilizado para estruturar o domínio alvo impeachment. O termo *injustiça* significa falta de justiça, ou o desrespeito pelos direitos tanto do cidadão comum como da

sociedade como um todo. Dessa forma, entendemos que o posicionamento político-ideológico das pessoas que utilizam esta metáfora é de que o impeachment não foi considerado um processo justo, imparcial, muito pelo contrário, ele foi tendencioso e usado para a obtenção de vantagens. Ou seja, a cassação do mandato da presidente Dilma teria beneficiado alguns em prol do prejuízo de outros, e por isto é compreendido metaforicamente como uma injustiça.

Os conceitos metafóricos IMPEACHMENT É GOLPE, IMPEACHMENT É FARSA e IMPEACHMENT É INJUSTIÇA se relacionam fortemente entre si, pois os domínios fontes remetem a campos semânticos bem semelhantes. Essas metáforas são atualizadas no sistema cognitivo daqueles que se posicionaram contra o impeachment da presidente Dilma e vivenciadas como se fosse uma realidade objetiva. Carregam, portanto, a mesma ideologia latente, o que justifica a categorização destas metáforas na mesma rede metafórica, IMPEACHMENT É GOLPE, que é a metáfora macro.

Em seguida, encontramos as metáforas IMPEACHMENT É JOGO e IMPEACHMENT É CONSPIRAÇÃO, atualizadas por onze e dez expressões linguísticas metafóricas respectivamente. Mesmo não sendo uma grande quantidade de expressões, acreditamos que seja suficiente para dizer que o impeachment da presidente Dilma Rousseff também pode ser compreendido a partir desses dois domínios, jogo e conspiração, como veremos mais adiante.

Com relação à metáfora IMPEACHMENT É JOGO, verificamos que ela acontece de acordo com o mapeamento a seguir:

Fonte: JOGO		Alvo: IMPEACHMENT
um esquema para atingir um objetivo	➔	o processo de impedimento
os jogadores	➔	os articuladores do impeachment
as regras que definem ganhadores/perdedores	➔	as regras do impeachment
as cartas marcadas num jogo	➔	as estratégias utilizadas no impeachment

Correspondências: o processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff, por ser entendido como um esquema com o propósito de retirar a presidente do cargo, corresponde a um jogo.

Em nosso estudo, observamos que alguns aspectos do domínio jogo como *vencer, regras, cartas* etc, caracterizam a metáfora IMPEACHMENT É JOGO, atualizada por expressões linguísticas como "*Por isso, Sr. Presidente,* ***as cartas já estão dadas*** *na admissão*

do impeachment da Presidente Dilma Rousseff, que será aprovada pela maioria deste Plenário, apesar do seu vício de origem e da manipulação com que foi conduzida na Câmara.", "Reafirmo que esse era, desde o início, ***um jogo jogado****, decidido. Já estava escrito que a casa-grande, por descuido, deixou os escravos chegarem à sala, mas ia devolvê- -los à senzala.", "****Se o que vencer hoje for o impeachment****, abriremos as portas da democracia brasileira", "Impeachment, sem crime de responsabilidade comprovado, queiram ou não os defensores do afastamento da Presidenta Dilma, não tem outro nome: é golpe parlamentar.* ***Um jogo de cartas marcadas****".* Constatamos, nesses exemplos, que o nosso conhecimento sobre jogos (ou sobre as propriedades que são inerentes aos jogos) é mapeado para o domínio impeachment. Portanto, para muitos que não concordaram com o processo, o impeachment de Dilma Rousseff foi compreendido como um jogo, ou seja, como uma manipulação da oposição para alcançar um objetivo, qual seja, o de retirar do poder uma presidente eleita democraticamente.

Essas expressões revelam o posicionamento político-ideológico daqueles que veem o impeachment como um jogo, isto é, como uma atividade submetida a regras que estabelecem quem ganha e quem perde, como em *"Então, impeachment sem crime de responsabilidade é uma violação dessa regra do jogo"*. Especificamente, também pode ser visto como um "jogo sujo", pautado por atitudes desonestas, como em *"Sairemos deste jogo de cartas marcadas de cabeça erguida, com mais disposição ainda para a luta, pois não há derrota definitiva para quem assume o lado certo da história.".* As cartas marcadas em um jogo representam maneiras de trapacear o adversário, com a intenção de obter uma vitória injusta. Logo, para algumas pessoas, este impeachment não passou de uma enganação, um jogo sem ética, utilizado apenas para destituir a presidente do cargo, o que valida a metáfora IMPEACHMENT É JOGO, que não é universal, e sim cultural.

A metáfora conceptual, de acordo com Lakoff e Jonhson (2002 [1980]), é um mecanismo que permite conceptualizar as experiências cotidianas, em que ocorre um mapeamento entre dois domínios, um domínio fonte e um domínio alvo. O domínio fonte possui propriedades mais concretas da experiência, enquanto que o domínio alvo tende a ser mais abstrato. Sabemos que nos jogos, de uma forma geral, existem regras, vencedores, perdedores e, algumas vezes, até mesmo cartas que são marcadas como uma maneira de fraudar o jogo. Sendo assim, observamos, nas expressões linguísticas metafóricas que atualizam a metáfora IMPEACHMENT É JOGO, que a categoria jogo fornece importantes atributos para a categorização do domínio alvo impeachment, caracterizando-o como um modelo cognitivo idealizado, do tipo metafórico.

Importante destacar que a metáfora IMPEACHMENT É JOGO não somente faz parte da cultura brasileira, como também é essencialmente ideológica. Conforme vimos anteriormente, a ideologia tem um papel fundamental na criação e compreensão de muitas metáforas, o que justifica o surgimento desta metáfora, vivenciada pelas pessoas que apresentam um posicionamento contrário à saída da presidente Dilma. Esse grupo ideológico afirma que o resultado do impeachment representou uma vitória desleal de um grupo de políticos corruptos contra o governo da presidente Dilma, contra a classe trabalhadora e contra a democracia brasileira, numa disputa frenética pelo poder, e por isso é entendido como um jogo. Dessa forma, concordando com os postulados de Goatly (2007), as metáforas são também importantes veículos na reprodução de ideologias, visto que "provavelmente todas as metáforas expressam um substrato ideológico, do qual nós geralmente não temos consciência." [40] (GOATLY, 1997, p. 157, tradução nossa)

Passando à análise da metáfora IMPEACHMENT É CONSPIRAÇÃO, observamos que ela ocorre conforme o mapeamento abaixo:

Fonte: CONSPIRAÇÃO		Alvo: IMPEACHMENT
uma trama, complô, conluio	➔	o processo de impedimento
os conspiradores	➔	os articuladores do impeachment

Correspondências: o processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff, por ser compreendido como um arranjo para cassar o cargo da presidente, corresponde a uma trama ou um complô.

Aqui, o termo *conspiração* ou derivado aparecem em todas as expressões linguísticas atualizadoras da metáfora IMPEACHMENT É CONSPIRAÇÃO: "*Pois bem, **a conspiração** começou a tomar forma em meados de abril de 2015, três meses depois da posse.", "E hoje vivenciamos o ápice **de uma conspiração** engendrada pelo Vice-Presidente da República, auxiliado por alguns ex-Ministros do Governo da Presidenta Dilma...", "A primeira etapa dessa batalha tende a terminar como os golpistas **e os conspiradores planejaram**: o conjunto da obra", "Estão substituindo o voto dos brasileiros de todos os cantos do País por um acerto de gabinete operado no Palácio do Jaburu, **a sede da conspiração**, o balcão de feira da República.", "Não tenho dúvida de que este impeachment **é uma conspiração** que nasceu*

40 Probably all metaphors express an ideological substratum, of which we are generally unaware. (GOATLY, 1997, p. 157)

da vingança sórdida de Eduardo Cunha...", *"Por isso aqui a defesa é não ao golpe, não à* ***conspiração política.****", "Como não citar mais uma vez a frase símbolo dessa* ***conspiração****? 'Tem de mudar o governo para estancar essa sangria!'", "O Brasil e o mundo assistem hoje o último capítulo de uma trama bem armada,* ***uma conspiração*** *bem articulada por uma maioria política que se formou pós-eleição de 2014."*. Isso mostra que o impeachment da presidente Dilma é visto como um complô, ou um conluio, no qual um grupo de políticos interessados em derrubar a presidente armou uma trama, acusando-a de crimes sem provas para condená-la. Portanto, para uma parcela da população, esse processo é entendido como uma verdadeira trama, validando a metáfora IMPEACHMENT É CONSPIRAÇÃO.

Enfatizamos que a metáfora em análise faz parte da rede metafórica IMPEACHMENT É GOLPE, pois também constitui o discurso de pessoas que conceptualizaram de forma negativa o impeachment da presidente Dilma. IMPEACHMENT É CONSPIRAÇÃO é uma metáfora utilizada por aqueles que foram contra a condenação da presidente, e que, consequentemente, fazem parte do mesmo grupo ideológico e por isto empregam o mesmo grupo de metáforas para se referirem a esse processo. Sendo assim, verificamos que os domínios CONSPIRAÇÃO, GOLPE, FARSA, ESPETÁCULO, INJUSTIÇA, JOGO e todos os outros que ainda serão apresentados nessa pesquisa, foram importantes para estruturar o domínio alvo impeachment e principalmente para demarcar um grupo específico, qual seja, aquele com ideologia contrária à cassação do mandato de uma presidente, fato marcante para a história do Brasil em 2016.

As próximas metáforas mais recorrentes encontradas em nosso trabalho foram: IMPEACHMENT É VIAGEM e IMPEACHMENT É RETROCESSO, atualizadas por oito e sete expressões linguísticas metafóricas respectivamente. Aqui, o impeachment da presidente Dilma Rousseff é estruturado a partir dos domínios *viagem e retrocesso*, conforme nossa análise mais detalhada a seguir.

Em relação à metáfora IMPEACHMENT É VIAGEM, observamos que ela ocorre conforme o mapeamento abaixo:

Fonte: VIAGEM		Alvo: IMPEACHMENT
um deslocamento para atingir um objetivo	➔	o processo de impedimento
os viajantes	➔	os articuladores do impeachment
o percurso da viagem	➔	a progressão do impeachment
o destino da viagem	➔	as metas do impeachment

> Correspondências: o processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff, por ser visto como um movimento em direção à cassação do seu mandato, corresponde a uma viagem.

Nesse caso, o processo de impeachment é a própria viagem. Essa metáfora é atualizada pelas seguintes expressões: *"Por não ter generosidade para elaborar um projeto que contemple e conquiste votos na urna,* ***escolheram o atalho para chegar ao poder por via indireta.****", "É lamentável que* ***esse processo contra a presidenta Dilma tenha avançado*** *a ponto de hoje estarmos discutindo seu afastamento", "Estamos pervertendo a Constituição Federal por meio de uma quartelada civil para que os derrotados de 2014* ***tomem um atalho para chegar ao poder****.",* "***Este processo de impeachment tem um desvio inicial****",* "***o processo avança*** *para uma nova instância",* *"Reafirmo aqui o risco da banalização do mecanismo do impeachment.* ***Tal caminho*** *pode ser uma trincheira perigosa",* *"os líderes que patrocinaram* ***esse caminho*** *não podem se assentar apenas na vitória ou nas motivações do próprio impedimento",* *"o partido que perdeu a eleição encomendando um parecer jurídico* ***para apontar os atalhos para derrubar o governo eleito legitimamente****".* Constatamos, dessa forma, que todos estes aspectos (*desvio, avanço, caminho, atalhos*), que são do domínio da viagem, são também usados para caracterizar sistematicamente o conceito de impeachment. No entanto, observamos que os elementos em destaque estão relacionados apenas ao deslocamento e ao percurso da viagem, e que outros elementos como, *o veículo e as bagagens*, não foram identificados nestas expressões, corroborando com os postulados de Lakoff e Jonhson (2002 [1980]) de que apenas alguns aspectos do domínio fonte são destacados na realização da metáfora, enquanto outros são atenuados ou mesmo escondidos.

Vale ressaltar que a metáfora IMPEACHMENT É VIAGEM faz parte de ambas as redes metafóricas, ou seja, ela é utilizada por pessoas que são contra este processo, conforme vimos nas expressões acima, e também por pessoas que concordaram com o impedimento da presidente Dilma, como veremos na análise da segunda rede. A contextualização da expressão linguística atualizadora da metáfora em questão foi fundamental para classificá-la na rede metafórica adequada. Ou seja, para esta metáfora, diferentemente das outras estudadas até o momento que pertencem a apenas uma rede metafórica, foi necessário avaliar em que contexto a expressão linguística foi proferida para alocá-la adequadamente na rede metafórica IMPEACHMENT É GOLPE ou IMPEACHMENT NÃO É GOLPE. Vejamos um exemplo: a expressão "*o interesse maior era o de garantir o avanço do processo de impeachment"* nos remete a metáfora IMPEACHMENT É VIAGEM devido ao termo "avanço", que faz parte do

conceito de viagem. Contudo, não é possível identificar se esta expressão integra o discurso de alguém que é contra ou a favor do impeachment da presidente Dilma, se não tivermos acesso a uma parte maior do discurso, como segue:

> O Governo da Presidente Dilma estava pronto para levar adiante essa agenda, tendo inclusive enviado um projeto de lei, este ano, propondo um mecanismo de limitação do crescimento do gasto público. Entretanto, o clima de confrontação e radicalização já estava presente no Congresso e o interesse maior era o de garantir o avanço do processo de impeachment e, a partir dele, o afastamento da Presidente da República. (BRASIL, 2016, p. 568)

O autor do trecho acima é o senador Armando Monteiro, do partido PTB-PE, que revela que havia uma intenção por parte do governo de Dilma em limitar o crescimento do gasto público, o que é positivo, mas o **avanço** do processo de impeachment impediu a ideia de seguir em frente. Dessa forma, inferimos que o senador possui um posicionamento político-ideológico contrário ao impeachment, conceptualizando-o como uma viagem, porém uma viagem que não deveria ter acontecido. Logo, a metáfora IMPEACHMENT É VIAGEM, neste caso, consolida a metáfora macro IMPEACHMENT É GOLPE, e faz parte do grupo de metáforas que representa a primeira rede metafórica.

Em se tratando da metáfora IMPEACHMENT É RETROCESSO, constatamos o seguinte mapeamento e respectivas correspondências:

Fonte: RETROCESSO		Alvo: IMPEACHMENT
decadência, declínio, atraso	➔	o processo de impedimento
retorno à situação de origem	➔	o processo de impedimento

Correspondências: o processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff, por ser visto como uma regressão para o país, ou um retorno à situação de origem, corresponde a um estado de decadência ou declínio.

Para muitos brasileiros, o processo de impeachment da presidência Dilma Rousseff representou um recuo no desenvolvimento da nação. A evidência disto está na opinião dos cidadãos comuns, *"O impeachment é* ***o retrocesso*** *de um século..."* (Natália Guimarães- Uol notícias Política) e *"É* ***um retrocesso*** *violento, simbolicamente tão destrutivo e nocivo..."* (Rosemberg Cariry-O Povo), como também na opinião daqueles que participaram do julgamento da presidente no Senado Federal, "***Não aceitaremos retrocessos*** *nas conquistas*

*sociais que o povo brasileiro já teve. Não aceitaremos! N**ão será com o meu voto que será chancelado o retorno ao atraso no dia de hoje**. Por isso que o meu voto será 'não'."(*Randolfe Rodrigues-Rede-AP), *"...diante de uma verdadeira eleição indireta, portanto, **um retrocesso** às práticas que nós superamos depois da resistência democrática e do fim da ditadura militar."* (Vanessa Grazziotin Mata - PCdoB-AM), *"...me aperta o coração **o retrocesso** que este País terá, que será o maior desastre da nossa história."* (Gleisi Hoffmann-PT-PR), *"...nada mais é que **um retrocesso** de todos os direitos conquistados pelos trabalhadores"* (Paulo Rocha-PT-PA). Sendo assim, para uma parcela da sociedade, a concretização do impeachment de 2016 correspondeu a uma involução, ou seja, a um regresso, após uma época de mudanças positivas realizadas pela presidente Dilma em seu governo. Com a sua destituição do cargo de presidente da República, a nação brasileira perde, regride, retrocede, visto que o IMPEACHMENT É RETROCESSO, metáfora relacionada àquele momento histórico e que, portanto, faz parte do pensamento e da cultura do povo brasileiro.

O uso dessas expressões linguísticas metafóricas mostram que os discursos estão carregados de ideologias, revelando a posição social, cultural e política de um grupo diante de um determinado tema. Na metáfora em questão, o processo de impeachment, por ser uma experiência abstrata, foi conceptualizado como retrocesso, experiência mais concreta, com a qual lidamos mais costumeiramente, além de ser marcadamente opinativa.

Por fim, apresentamos as metáforas menos recorrentes, mas ainda significantes, encontradas na primeira rede metafórica: IMPEACHMENT É VIOLÊNCIA e IMPEACHMENT É SER VIVO, ambas atualizadas por cinco expressões linguísticas. Nestes casos, o impeachment da presidente Dilma Rousseff é estruturado a partir dos domínios *violência e ser vivo*, como veremos mais adiante.

Em IMPEACHMENT É VIOLÊNCIA, observamos que esta metáfora apresenta o seguinte mapeamento e respectivas correspondências:

Fonte: VIOLÊNCIA		Alvo: IMPEACHMENT
uma agressão ou intimidação moral	➔	o processo de impedimento
os agressores	➔	os articuladores do impeachment

Correspondências: o processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff, por ser entendido como um ato violento, corresponde a uma agressão ou intimidação moral

Observamos que esta metáfora é atualizada por expressões linguísticas que contêm o termo *violência*, ou palavras correlatas: "*É lamentável que na história do Brasil ainda se registre tamanho* ***barbarismo***.", *"Vim para mostrar a minha indignação com esse processo de impeachment, que foi* ***uma violência*** *desnecessária."*, *"É um retrocesso* ***violento****, simbolicamente tão destrutivo e nocivo..."*, "***E nem a barbaridade de hoje, que este processo representa, nem a violência do afastamento do cargo de Presidente da República*** *que o povo lhe conferiu pelo voto serão capazes de levá-la a deixar de acreditar na justiça, no Brasil e, principalmente, na força da nossa democracia."*, *"Neste momento em que* ***a violência*** *institucional golpeia a nossa democracia, em 13 anos de governos dos trabalhadores, o povo pobre finalmente teve voz e vez".* O impeachment aqui é conceptualizado como violência, ou seja, como uma agressão, mas não no sentido de agressividade física, mas sim moral. Expressões como *barbarismo*, *barbaridade*, *destrutivo e nocivo*, *violência institucional* estão no discurso de indivíduos que compreendem o impeachment como uma violência que foi cometida contra a presidente e contra a nação brasileira. Dessa forma, a metáfora IMPEACHMENT É VIOLÊNCIA também faz parte da rede metafórica IMPEACHMENT É GOLPE, pois é utilizada por aqueles que se posicionaram contrariamente ao impeachment da presidente Dilma, e, por isso, fazem parte do mesmo grupo ideológico.

De forma geral, o uso desses aspectos relacionados à violência em referência ao processo de impeachment da presidente Dilma não faz parte da linguagem comum. Por isso, quando proferidos, chamam a atenção do interlocutor, propagando a ideologia pretendida, que é aquela que define o impeachment como uma ação violenta, com o objetivo de chegar ao poder "a qualquer preço". Violência esta constatada, sobretudo, no desrespeito à Constituição vigente e ao regime democrático que elegeu a presidente Dilma com mais de 54 milhões de votos. Goatly (2007) postula que as metáforas têm o papel de construir e reproduzir ideologias, situação que, implicitamente, justifica determinados comportamentos individuais ou de grupos na sociedade. Logo, para este grupo ideológico, o impeachment da presidente Dilma, além de ser categorizado como ilegítimo, foi também categorizado como um ato bárbaro ou violento.

A última metáfora identificada nesta primeira rede metafórica foi IMPEACHMENT É SER VIVO, atualizada por cinco expressões linguísticas metafóricas. Ela acontece conforme o mapeamento a seguir:

Fonte: SER VIVO		Alvo: IMPEACHMENT
um ser que age no mundo	➔	o processo de impedimento
um ser com características específicas	➔	o processo de impedimento

Correspondências: a capacidade do ser vivo de agir no mundo, e de possuir características específicas, corresponde ao processo de impeachment.

Nesse caso, verificamos a utilização de algumas expressões que personificam o processo em análise, como em "*Quando eu falo que **esse impeachment nasceu** do revanchismo, do ódio e da vingança, nós temos os indícios bem encaminhados.", "Concluo reafirmando que **esse processo nos empurra** para o confronto, a profunda crise política e econômica e poderá inclusive comprometer as investigações em curso que pela primeira vez alcançam a elite política e econômica do nosso País.", "E ele, então, deu uma coletiva – eu estava assistindo: 'Olha, agora resolvi que vou aplicar o impeachment'. **E o impeachment chegou aqui** por obra dele.", "Jamais estaria este processo aqui e eu fazendo esta defesa agora se Eduardo Cunha, com o seu desvio de poder, com a sua chantagem explícita, com o seu agir degenerado, não tivesse efetivamente **colocado esse processo para andar**."*, "*Temos um golpe **travestido de impedimento**, cujo objetivo é tirar uma Presidente democraticamente eleita e substituir o projeto que ela defende por uma política que já foi derrotada nas urnas quatro vezes seguidas."*

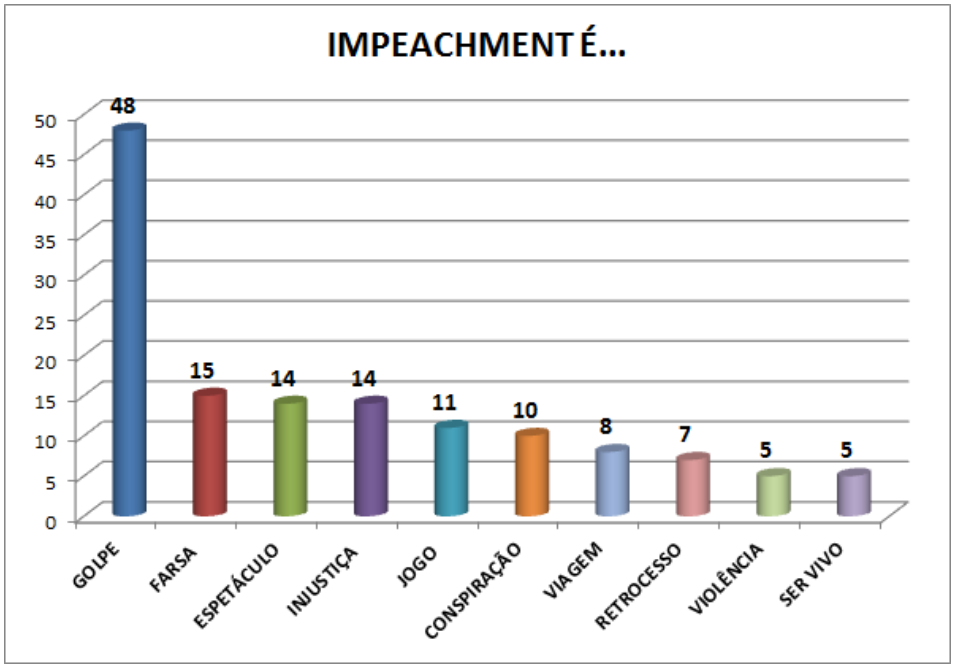
O impeachment da presidência Dilma é categorizado como um ser vivo, pois ele pode nascer, empurrar, chegar, andar, tirar, ou mesmo ter uma vestimenta, assim como acontece com os seres vivos, em especial, os seres humanos. Observamos, dessa forma, que determinados verbos e atributos próprios dos seres humanos são mapeados para o domínio alvo impeachment, atualizando a metáfora IMPEACHMENT É SER VIVO. Ou seja, o impeachment da presidente Dilma Rousseff é vivenciado com base em nossas experiências reais enquanto membros dessa categoria, e por isso compreendemos o impeachment como um ser vivo.

Destacamos, porém, que esta metáfora não faz parte apenas do discurso daqueles que não concordaram com o referido processo. Assim como aconteceu com a metáfora IMPEACHMENT É VIAGEM, verificamos que a metáfora IMPEACHMENT É SER VIVO também constitui as duas redes metafóricas, IMPEACHMENT É GOLPE e IMPEACHMENT NÃO É GOLPE, sendo necessário contextualizar a expressão linguística atualizadora da metáfora em análise para classifica-la na rede metafórica apropriada. No

exemplo "*E o impeachment chegou aqui por obra dele.*", podemos dizer que o impeachment está sendo categorizado como um ser vivo, pois a ação de chegar a algum lugar é típica deste. Entretanto, só conseguimos identificar que a expressão foi proferida por alguém que é contra o impeachment da presidente Dilma ao realizar a leitura do discurso na íntegra e perceber que o termo *dele* se refere ao então presidente da Câmara, Eduardo Cunha, que encaminhou o processo de impeachment ao Senado por vingança pessoal, como veremos na próxima seção. Logo, para o autor dessa expressão, o impeachment foi fruto de uma revanche, sem base legal, pois não seguiu os critérios estabelecidos na Constituição. E a metáfora IMPEACHMENT É SER VIVO, nesse caso, revela uma posição contrária à cassação do mandato da presidente Dilma, consolidando a metáfora macro IMPEACHMENT É GOLPE.

De acordo com a análise do *corpus* deste trabalho, verificamos a presença de dez metáforas conceptuais categorizadas nesta primeira rede metafórica, IMPEACHMENT É GOLPE, a partir do levantamento das expressões linguísticas metafóricas e da identificação das respectivas metáforas conceptuais subjacentes. Nessa rede, o impeachment da presidente Dilma foi conceptualizado como *golpe, farsa, espetáculo, injustiça, jogo, conspiração, viagem, retrocesso, violência e ser vivo*, com destaque para a metáfora IMPEACHMENT É GOLPE, que foi a categorizadora "mor" do processo em análise. Para uma melhor visualização destes resultados, apresentamos o gráfico a seguir.

Gráfico 1: Domínios origem que estruturaram o impeachment da presidente Dilma Rousseff na rede metafórica IMPEACHMENT É GOLPE.



Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Conforme podemos observar no gráfico, há uma grande diferença quantitativa entre a primeira metáfora conceptual, com 48 expressões linguísticas, e as outras metáforas, que apresentaram 15, 14, 14, 11, 10, 8, 7, 5 e 5 respectivamente. A metáfora IMPEACHMENT É GOLPE foi a que apresentou forte predominância de expressões linguísticas, evidenciando a importância dessa metáfora para a conceptualização negativa do impeachment da presidente Dilma, motivo pelo qual deu nome à rede metafórica em análise.

Sendo assim, o domínio origem golpe foi o norteador do discurso daqueles que se posicionaram contra o impedimento da presidente. Seja na opinião de pessoas comuns, públicas ou políticas, conforme vimos nos livros "20 horas na história: a longa sessão de admissibilidade do Impeachment da presidente Dilma Rousseff" e "Impeachment: o julgamento da presidente Dilma Rousseff pelo Senado Federal", bem como nos sites analisados, este foi, nitidamente, o domínio que mais se destacou. Inferimos, portanto, que o uso de determinadas expressões linguísticas metafóricas, e não de outras, é planejado e, de forma implícita ou explícita, reflete as posições ideológicas/sociais/políticas dos produtores do discurso.

Ao longo desta primeira análise, observamos a presença de uma ideologia de negação ao impedimento da presidente Dilma no discurso de pessoas que compreendem o impeachment como golpe, ou domínios relacionados. Através dos modelos cognitivos, elas se valeram de características dos domínios *golpe, farsa, espetáculo, injustiça, jogo, conspiração, viagem, retrocesso, violência e ser vivo* para categorizar o impeachment de Dilma Rousseff. Vamos falar agora um pouco mais sobre a ideologia que sustenta o posicionamento deste primeiro grupo.

Na opinião de uma parcela da sociedade, Dilma foi arrancada da presidência da República porque já não era capaz de permanecer à frente dos interesses capitalistas, mesmo tendo feito um governo voltado prioritariamente para a classe burguesa. O pacto de classes já não era mais útil e o que a burguesia precisava agora era de um governo que servisse exclusivamente ao grande capital, sem olhar para o trabalhador, retirando-lhes tudo o que conquistaram. Sendo assim, já estava na hora de acontecer *o golpe*, mas não necessariamente um golpe no modelo militar; a grande sacada era dar um golpe travestido de democracia.

> *Não* achamos que isso se constituiu num *golpe clássico*, uma vez que se desenvolve sem rupturas institucionais significativas. Ao contrário, ocorre dentro do funcionamento regular das instituições democráticas burguesas, ou seja, com o aval da Justiça e do Legislativo. O *impeachment* vem se constituindo recentemente, em especial na América Latina, numa forma "democrática" de depor governos que, embora já tenham servido aos

> interesses do grande capital, já não servem ou os contrariam em alguma medida. As deposições de governos latino-americanos "inconvenientes" não têm resultado na instalação de ditaduras apoiadas nas forças militares e são feitas com rasgados discursos que apelam ao "republicanismo" e, claro, à democracia. (BRAZ, 2017, p. 89, grifos do autor)

Antes mesmo do impeachment, o governo Dilma já afundava desde a sua reeleição, em 2014. Estudiosos revelam que um poderoso conluio entre o Legislativo, setores do Judiciário, Polícia Federal, organizações empresariais e a grande mídia burguesa foi o responsável por criar uma situação que não somente derrubou o governo, mas levou o país a uma crise bastante séria, piorada, deliberadamente, pelas classes dominantes para que seus objetivos políticos fossem alcançados.

Dentre esses objetivos, segundo Braz (2017), estava a construção de uma nova hegemonia que estabelecesse condições necessárias para o desenvolvimento dos interesses capitalistas num novo cenário, visto que o modelo anterior já não atendia mais às demandas das classes dominantes. Era preciso, portanto, alavancar um novo poder que buscasse uma nova forma de dominação, sem parecer ditatorial, mas que conspirasse fortemente contra os avanços democráticos e contra os avanços sociais conquistados até então pela classe trabalhadora. Logo, para uma parcela da população, foi a partir dessa crise de hegemonia que surgiu a necessidade do golpe, usurpando o governo Dilma Rousseff e "legitimando" um novo governo, impopular, fruto de uma fraude, e que chegou ao poder sem a aprovação da maioria.

> O derrube de Dilma e do PT significa mais que um atentado à democracia: significa, para as classes dominantes, que é hora de uma *nova hegemonia* que crie condições ideais para a reprodução dos interesses capitalistas num cenário novo *que substitua a forma hegemônica que até então serviu*. Ou seja, se a forma anterior já não é mais eficaz, trata-se de construir um *novo bloco de poder* para criar as condições ideais. (BRAZ, 2017, p. 94, grifos do autor)

Historicamente falando, estudiosos afirmam que as classes dominantes brasileiras sempre apresentaram este comportamento cultural de intolerância aos avanços sociais e ao crescimento da classe trabalhadora. Isso se deve, principalmente, à nossa formação social, iniciada à época da escravidão, que nos legou uma burguesia mesquinha, egoísta preconceituosa e antidemocrática. Não é à toa que, muitas vezes, a democracia no Brasil é classificada como uma *democracia burguesa*, pois está restrita ao âmbito da sociedade capitalista e não permite a participação real da população na condução do Estado, como sugere a definição do conceito de democracia. Sendo assim, para o grupo que apresenta um

posicionamento político-ideológico contrário ao impeachment, quando a democracia já não serve mais aos interesses dominantes, o governo passa a ser desestabilizado e o *golpe* é consumado, nas suas mais diversas formas.

A seguir, passaremos a análise da segunda rede metafórica, intitulada IMPEACHMENT NÃO É GOLPE, que, contrariamente à primeira rede, é constituída de metáforas utilizadas por pessoas que concordaram com o impeachment de Dilma Rousseff.

4.2. IMPEACHMENT NÃO É GOLPE

Na direção oposta à rede metafórica IMPEACHMENT É GOLPE, verificamos nos livros "20 horas na história: a longa sessão de admissibilidade do Impeachment da presidente Dilma Rousseff" e "Impeachment: o julgamento da presidente Dilma Rousseff pelo Senado Federal", bem como nos comentários retirados dos sites analisados, que o impeachment da presidente Dilma Rousseff é estruturado a partir da negação do domínio fonte golpe, o que remete a metáfora, IMPEACHMENT NÃO É GOLPE, nome dado a essa segunda rede metafórica.

Aqui, agrupamos 05 metáforas identificadas no *corpus* selecionado, as quais revelam um posicionamento político-ideológico favorável ao impeachment da presidente Dilma Rousseff.

Assim como na primeira rede a metáfora IMPEACHMENT É GOLPE foi a que mais se destacou, a metáfora IMPEACHMENT NÃO É GOLPE também foi a mais recorrente nesta segunda rede, aparecendo em 26 expressões linguísticas metafóricas.

Abaixo, fazemos a análise das possíveis correspondências da metáfora IMPEACHMENT NÃO É GOLPE a partir do mapeamento da metáfora IMPEACHMENT É GOLPE, já apresentado na primeira rede metafórica:

Fonte: GOLPE		Alvo: IMPEACHMENT
um ato violento para atingir alguém, pancada	➔	o processo de impedimento
os golpistas	➔	os articuladores do impeachment

Correspondências: o processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff, por ser entendido como um procedimento legal e constitucional, ocorrido sem o uso de qualquer forma de violência, **não** corresponde ao ato de golpear uma pessoa.

Dessa forma, observamos que a metáfora IMPEACHMENT NÃO É GOLPE surgiu a partir da negação da metáfora IMPEACHMENT É GOLPE. Conforme estudado por Lakoff e Jonhson (2002 [1980]), as metáforas de nosso sistema conceptual produzem um grande número de similaridades possíveis, como neste caso, em que o impeachment da presidente Dilma é comparado ao ato de golpear uma pessoa, e a similaridade é, então, criada. Logo, compreendemos que o conceito de golpear através de um movimento brusco ou pancada violenta (sentido literal) é independente da metáfora, porém o conceito de golpear com o impeachment emerge apenas em virtude da metáfora. Ainda que uma parcela da sociedade compreenda o impeachment como **não** sendo golpe, como é o caso da metáfora em análise, para que esta compreensão aconteça, é necessário que exista a similaridade entre os domínios impeachment e golpe. "As similaridades surgem como *resultado* das metáforas conceptuais" (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 329, grifo do autor).

Passando à análise das expressões linguísticas metafóricas, constatamos que expressões como as mencionadas a seguir, revelam o posicionamento daqueles que refutam a ideia de que o impeachment foi um golpe, ou um ato arbitrário, violento, com o objetivo de usurpar o mandato da presidente Dilma Rousseff: *"Trata-se de processo legal. A alegação de golpe é porque todos os governos anteriores e todos os governos estaduais praticamente fazem o mesmo, mas como a rejeição dela é imensa e está sem apoio no congresso está dizendo ser golpe, mas* ***não é golpe****", "Mas, esses imundos comunistas* ***insistem em chamar esse processo legal, de golpe****... Afinal bandidos sempre vivem de golpes!!!", "Os petistas* ***querem forçar uma barra chamando de ´golpe´*** *aquilo que é legítimo, simplesmente porque perderam a ´boquinha´", "****a retórica de que haveria um golpe em curso*** *não para em pé, não resiste a um minuto sequer de conversa séria e comprometida com o bem do País.* ***Onde já se viu golpe num ambiente de imprensa livre, com pessoas nas ruas, intensa movimentação nas redes sociais e nos diversos foros de debates políticos e parlamentares, com plena possibilidade de atuação?****", "O que nós estamos vendo aqui* ***não é golpe****, é democracia, porque assim disse o Supremo Tribunal Federal. Ele é democracia, porque é isso que diz todo dia, nas ruas, a população brasileira.", "O impeachment* ***não é golpe****, é o jeito que o Congresso Nacional tem de proteger a população contra um Executivo irresponsável, infrator e descumpridor da lei.", "Não estamos mudando a ´regra do jogo´ por ocasião deste julgamento. Essa é uma das razões por que* ***não estamos diante de um golpe****", "Importante deixar registrado para o povo brasileiro e, em especial, para o povo do meu Estado, Sergipe, que* ***não há golpe****.",* "*Não,* ***não é golpe****, como insiste em afirmar a Presidente da República afastada. Não,* ***não é golpe*** *político ou parlamentar, porque ocorre em razão de um crime"*.

Logo, a metáfora IMPEACHMENT NÃO É GOLPE também é parte integrante deste momento político-social-histórico do Brasil, opondo-se ideologicamente à metáfora IMPEACHMENT É GOLPE, analisada na rede metafórica anterior.

Os opositores ao governo Dilma afirmam que o impeachment não é golpe porque o processo está previsto na Constituição Federal. Ou seja, para esse grupo, o impedimento de Dilma Rousseff obedeceu estritamente o texto constitucional, e, por isso, não houve golpe. Além disso, foi assegurado à presidente o direito de defesa e o Supremo Tribunal Federal acompanhou o andamento do processo na íntegra, afastando todas as condições que configurariam o processo como um golpe. "O impeachment existe como um mecanismo de defesa da Constituição, de proteção dos valores nela cristalizados, contra o exercício abusivo do poder pelo titular do Poder Executivo. Ele é, por isso, um instrumento fundamental da democracia!" (VALADARES, p. 628, 2016). Verificamos, dessa forma, a presença de uma ideologia apoiada na metáfora IMPEACHMENT NÃO É GOLPE, que entende que o impeachment da presidente Dilma Rousseff foi um mecanismo constitucional necessário utilizado em prol da democracia, e por isso não pode ser caracterizado como golpe.

A segunda metáfora mais recorrente nesta rede foi IMPEACHMENT É VIAGEM, com dezoito expressões linguísticas. Apresentamos abaixo o seu mapeamento, já mencionado na primeira rede metafórica, com o objetivo de identificar as respectivas correspondências da metáfora nesta segunda rede:

Fonte: VIAGEM		Alvo: IMPEACHMENT
um deslocamento para atingir um objetivo	➔	o processo de impedimento
os viajantes	➔	os articuladores do impeachment
o percurso da viagem	➔	a progressão do impeachment
o destino da viagem	➔	as metas do impeachment

Correspondências: o processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff, por ser visto como um movimento em direção à substituição da presidente, corresponde a uma viagem.

Aqui o processo de impeachment também é estruturado como uma viagem, mas com uma finalidade diferente quando comparada à primeira rede metafórica. Citamos como exemplos algumas expressões que atualizam esta metáfora: "*Que esse seja apenas* ***o primeiro passo*** *na direção de dias melhores para o nosso país.", "Que fique a lição de que o Brasil não é um país impune.* ***Que o processo siga e vá até o fim****!", "O impeachment* ***é o melhor***

caminho *porque precisamos de mudança. Precisamos de um basta", "Esse sistema promíscuo, que não se justifica e que é, sim, a razão direta desse* ***processo de impeachment em curso*** *agora no Senado Federal.", "Ninguém tem a ilusão, acredito, de que o impeachment vai resolver as questões da economia, do desenvolvimento, da justiça social. Não. É o começo do começo****. Estamos prestes a dar esse passo****.", "há aqueles que apelam de uma forma e outros que entendem a necessidade do impeachment* ***como caminho*** *para a mudança real desejada pela sociedade brasileira. Eu estou convicto de que* ***o impeachment é o caminho****", "a aprovação do impeachment* ***não é um ponto de chegada, de forma nenhuma, mas, sim, um ponto de partida****; será o início da reconstrução do otimismo, da reconstrução da esperança e do desenvolvimento nacional", "e aí é que entra a capacidade e a paciência do Ministro Lewandowski, que, de acordo com suas próprias palavras, se comporta* ***como um piloto de um Boeing em voo turbulento, que vai corrigindo a rota com precisão e cuidado****".* Nesse caso, termos como *passo, em curso, siga, caminho, ponto de chegada, ponto de partida, piloto e rota*, todos do domínio fonte viagem, são transferidos para o domínio alvo impeachment. Assim como na primeira rede, verificamos que os elementos em destaque estão mais relacionados ao deslocamento (passo, em curso, siga, ponto de chegada, ponto de partida) e ao percurso (caminho, rota), e que outros elementos do domínio viagem, como o veículo e as bagagens, não foram identificados nestas expressões, reafirmando a teoria de Lakoff e Johnson (2003) de que os mapeamentos tendem a ser parciais, ou seja, nem todos os elementos do domínio fonte são mapeados para o domínio alvo.

Lembramos que a metáfora IMPEACHMENT É VIAGEM faz parte da rede em análise, IMPEACHMENT NÃO É GOLPE, bem como da rede analisada anteriormente, IMPEACHMENT É GOLPE, pois constitui o discurso de pessoas que se posicionaram tanto a favor como contra ao impeachment da presidente Dilma. Sendo assim, informamos, mais uma vez que, para classificar a metáfora na rede metafórica adequada, foi preciso fazer a identificação do contexto em que a expressão linguística metafórica foi utilizada. Tencionando ilustrar esta situação, comparemos dois exemplos retirados do livro "Impeachment: o julgamento da Presidente Dilma Rousseff pelo Senado Federal": *"Sr. Presidente, é um momento triste quando se decide afastar uma Presidente da República. É um momento grave, é um* ***caminho*** *que se usa apenas quando a força da lei e o peso de um crime de responsabilidade não deixam nenhuma opção"*(Romário – PSB/RJ) e "*Reafirmo aqui o risco da banalização do mecanismo do impeachment. Tal* ***caminho*** *pode ser uma trincheira perigosa e deixar graves feridas no processo da escolha pela legitimidade*

popular" (Roberto Muniz – PP/BA). Observamos, nesses casos, que as duas expressões atualizam a mesma metáfora, IMPEACHMENT É VIAGEM, inclusive utilizando o mesmo elemento linguístico, caminho, o que indica que o impeachment da Presidente Dilma é visto como uma viagem, em que há um caminho a ser percorrido. Entretanto, a finalidade da viagem é diferente em cada situação, visto que, no primeiro caso, a intenção era afastar legalmente a presidente do cargo por ter cometido crime de responsabilidade, já no segundo caso a intenção era cassar o mandato de uma presidente inocente e eleita democraticamente. Portanto, para afirmar que tais expressões fazem parte da primeira ou segunda rede metafórica, foi necessário analisar mais elementos do contexto em que a metáfora IMPEACHMENT É VIAGEM foi empregada, além do elemento linguístico que a atualiza, o que permitiu identificar o posicionamento político-ideológico do autor de cada discurso.

Acreditamos que o uso desses aspectos relacionados à viagem na estruturação do conceito do impeachment faz parte do senso comum. Neste caso, inferimos que a ideologia daqueles que utilizam a metáfora IMPEACHMENT É VIAGEM, ao contrário do que foi constatado na rede metafórica anterior, é de que o impeachment foi conceptualizado como um caminho (viagem) que precisava ser percorrido com o objetivo de punir as infrações cometidas pela presidente Dilma Rousseff. Conforme vimos em Goatly (2007), as línguas dispõem de categorias prontas, que, apesar de serem consideradas senso comum, representam apenas uma possibilidade. Logo, entendemos que a metáfora em questão traz pelo menos duas ideologias latentes e divergentes, dificilmente percebidas enquanto tal, por ser vivenciada como sendo do senso comum.

A próxima metáfora com o maior número de expressões linguísticas metafóricas nesta segunda rede foi IMPEACHMENT É SER VIVO, em que evidenciamos treze casos. Aqui, podemos observar que o impeachment da presidente Dilma Rousseff é estruturado a partir do domínio *ser vivo*, identificado por alguns verbos e atributos pertencentes a este campo semântico, como correr, proteger, punir, julgar, sangrar, nascer, mover-se, deixar lições e ter uma face (cara).

A seguir, mencionamos o mapeamento de IMPEACHMENT É SER VIVO, e suas respectivas correspondências, já apresentado anteriormente, quando analisamos esta mesma metáfora na primeira rede metafórica:

Fonte: SER VIVO		Alvo: IMPEACHMENT
um ser que age no mundo	➔	o processo de impedimento
um ser com características específicas	➔	o processo de impedimento

> Correspondências: a capacidade do ser vivo de agir no mundo, e de possuir características específicas, corresponde ao processo de impeachment.

Analisando a metáfora em questão, verificamos que algumas expressões são empregadas nos discursos como forma de personificar o processo em análise, como em: "*E agora, a decisão final do Ministro Teori deixa claro o quanto* ***o processo de impeachment da Presidente da República está correndo*** *dentro das normas preestabelecidas pela legislação", "****que o interesse maior do impeachment é proteger*** *o Estado,* ***e não punir*** *o delinquente.", "...****um processo de impeachment que vai julgar*** *crimes de responsabilidade.", "Entendo que* ***o processo de impeachment nasce*** *de um fundamento jurídico.",* "*Que possamos, em nome do Brasil, que já não aguenta mais o retardamento deste processo, que* ***sangra*** *diante de uma crise grave*", "*E esquece Sua Excelência a Presidente Dilma que* ***este impeachment não nasceu*** *no Congresso Nacional;* ***este impeachment nasceu*** *nas ruas do Brasil*", "*Mas a democracia que todos prezamos nos obriga a respeitar a decisão, e fazemos isso com naturalidade. Assim também, Sr^a^s e Srs. Senadores, é o que acontece conosco neste momento: somos juízes* ***de um processo de impeachment que se move contra*** *a maior autoridade da República, a Presidente Dilma Rousseff.*", "***O impeachment cuida de uma infração*** *que, apesar de ter o nome de 'crime de responsabilidade', não leva o governante à prisão. Trata-se de uma infração de natureza política, como bem nos ensina o saudoso jurista Paulo Brossard. É uma violação às regras e princípios constitucionais mais caros ao funcionamento do Estado brasileiro*", "*Hoje, Sr. Presidente, é uma dessas escassas ocasiões. Alcançamos o ponto culminante de* ***um processo que deixará lições para todos****, para sempre.*", "*O plenário ainda está cheio de Senadores. Na primeira fila, está uma figura que quero e tenho o prazer de fazer o registro, porque ela, Presidente Lewandowski,* ***é a cara do impeachment****, a Dr^a^ Janaina Paschoal*". Assim, o impeachment da presidência Dilma é categorizado como um ser vivo, pois somente um ser com vida pode correr, proteger, punir, julgar, sangrar, nascer, mover-se contra, cuidar, deixar lições, ou mesmo possuir algumas características físicas, como ter uma face (cara). Dessa forma, a metáfora IMPEACHMENT É SER VIVO, já analisada na primeira rede metafórica, também faz parte dessa segunda rede ao sustentar o posicionamento ideológico de um grupo favorável ao impedimento da presidente Dilma Rousseff.

Vale ressaltar que todas as características presentes nessas expressões linguísticas são atribuídas ao ser humano, que é um tipo específico de ser vivo, pois as pessoas são seres que

correm, protegem, punem, julgam, sangram, nascem, movem-se contra, cuidam, deixam lições, e têm uma face (cara). Contudo, sabendo que o animal também é um ser vivo que apresenta algumas dessas características, optamos por elencar essas expressões numa metáfora mais geral, qual seja, IMPEACHMENT É SER VIVO.

O impeachment é compreendido e experienciado como se fosse uma entidade concreta, neste caso, um ser vivo, que possui características específicas e é capaz de agir no mundo. Sendo assim, o nosso conhecimento sobre as propriedades que fazem com que uma determinada experiência seja conceptualizada como própria dos seres vivos é mapeado para o domínio alvo impeachment. Conceber o impeachment como uma entidade permite nos referirmos a ele, identificar um aspecto particular dele e até mesmo agir em relação a ele, visto que "metáforas ontológicas como essa são necessárias para tentar lidar racionalmente com nossas experiências." (LAKOFF E JOHNSON, 2002 [1980], p. 77). Embora Lakoff e Johnson tenham revisado esta classificação em 2003, quando os autores passam a considerar artificial a divisão das metáforas em três categorias (orientacional, estrutural e ontológica), consideramos que ela foi produtiva para o caso da metáfora em análise.

A metáfora IMPEACHMENT É SER VIVO faz parte da cultura do povo brasileiro, sendo utilizada por representantes da rede IMPEACHMENT É GOLPE e da rede IMPEACHMENT NÃO É GOLPE. Este último grupo, investigado nesta seção, apresenta uma ideologia favorável à saída da presidente Dilma Rousseff, identificada a partir da personificação do impeachment. Isto porque à medida que o impeachment ganha vida, sendo capaz de correr, proteger, punir, julgar, nascer, sangrar, cuidar, deixar lições etc., ele é equiparado, em capacidade e importância, a um ser vivo. Dessa forma, o domínio ser vivo é utilizado e facilmente aceito para a compreensão do domínio impeachment, e a metáfora IMPEACHMENT É SER VIVO é posta em evidência, contribuindo na sustentação da rede metafórica em questão.

A quarta metáfora mais recorrente encontrada nessa segunda rede metafórica foi IMPEACHMENT É REMÉDIO, atualizada por sete expressões linguísticas metafóricas. Neste caso, observamos que o impeachment da presidente Dilma Rousseff é estruturado a partir do domínio *remédio*, termo que faz referência a tudo aquilo que é utilizado para eliminar uma inconveniência ou um mal.

Apresentamos, abaixo, o mapeamento da metáfora IMPEACHMENT É REMÉDIO, e suas respectivas correspondências:

Fonte: REMÉDIO		Alvo: IMPEACHMENT
um recurso usado para combater uma moléstia	➔	o processo de impedimento
a finalidade do remédio	➔	a finalidade do impeachment

Correspondências: o processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff, por ser visto como um recurso utilizado para combater um mau governo, corresponde a um remédio.

Constatamos, nesse caso, que o termo *remédio* aparece na maior parte das expressões linguísticas atualizadoras da metáfora IMPEACHMENT É REMÉDIO: "*E é nesse sistema de controle que se insere o impeachment, **o mais amargo dos remédios** para se afastar um mau governante, que pratica crimes cuja gravidade reside na agressão aos valores em que se funda o Estado e à ideia do bom governo.", "E agora, esse impedimento, esse processo se impõe **como um remédio que é amargo, mas é essencial**.", "Além do mais, a nossa Constituição reconhece o instituto do impeachment como **um remédio** constitucional.", "com o uso do impeachment **como remédio** constitucional para afastar o mal governante que pratica o crime de responsabilidade.", "O impeachment é consequência da crise, foi o desfecho e **seu remédio** absolutamente constitucional.", "Este processo é um marco na história de nosso povo, talvez momento um pouco doloroso, mas não insuportável e **um remédio, ainda que amargo**."* Isso evidencia que o impeachment da presidente Dilma é compreendido como um remédio utilizado para aplacar os sofrimentos causados pelo seu governo, diante da crise econômica, social e política instaurada. Logo, para os opositores ao governo Dilma, o impeachment, mais do que uma solução, é um remédio que cura o mal, através da eliminação de um governo prejudicial à saúde da sociedade brasileira.

Ressaltamos que a metáfora IMPEACHMENT É REMÉDIO constitui a rede metafórica IMPEACHMENT NÃO É GOLPE, pois faz parte do discurso daqueles que conceptualizaram o impeachment da presidente Dilma de forma positiva. Entendemos que o posicionamento político-ideológico das pessoas que utilizam essa metáfora é de que o impedimento precisava acontecer para poder curar um país doente, visto que a permanência de Dilma no governo resultaria em agravamento da crise. Dessa forma, o impeachment da presidente Dilma Rousseff é compreendido metaforicamente como um remédio, validando a metáfora IMPEACHMENT É REMÉDIO, que também faz parte da cultura brasileira e marca este momento histórico em nossa sociedade.

Por fim, a última metáfora identificada na rede metafórica IMPEACHMENT NÃO É GOLPE, atualizada por seis expressões linguísticas metafóricas, foi IMPEACHMENT É JUSTIÇA. Ela acontece conforme o seguinte mapeamento e respectivas correspondências:

Fonte: JUSTIÇA		Alvo: IMPEACHMENT
igualdade, imparcialidade, neutralidade	➔	o processo de impedimento
os justos	➔	os articuladores do impeachment

Correspondências: o processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff, por ser compreendido como imparcial e neutro, corresponde a um procedimento justo.

Ao contrário do que verificamos na primeira rede metafórica, aqui o impeachment da presidente Dilma foi classificado como um procedimento justo, como podemos observar em: *"Sou a favor, querer o fim desse governo corrupto não é golpe, é apenas* ***justiça****!", "E o Senado Federal, hoje,* ***faz justiça****, ao tomar a decisão de afastar temporariamente a Presidente Dilma Rousseff de suas funções de Presidente, mais do que qualquer outra coisa, o Senado Federal* ***fará justiça*** *à luz da Constituição, em respeito à nossa legislação, votando "sim" ao relatório do Senador Antonio Anastasia.", "E o que faremos, neste instante, com a decisão e com o veredicto que será dado provavelmente no dia de amanhã,* ***é justiça****.", "****Posso atestar que o Senado Federal jamais poderá ser acusado de cometer qualquer injustiça*** *com a Presidente afastada, que teve o amplo direito de defesa e contraditório assegurados à exaustão.", "Devemos considerar que votar pelo impedimento da Presidente Dilma é cometer um ato de injustiça? Para mim* ***não é uma injustiça****, ao contrário".* Essas expressões estão no discurso de pessoas que compreendem o impeachment como um ato justo, imparcial, e que, portanto, nenhuma injustiça foi cometida contra Dilma Rousseff, como alegam os defensores da presidente. Nesse sentido, a metáfora IMPEACHMENT É JUSTIÇA é atualizada no sistema cognitivo daqueles que se posicionaram a favor do impeachment da presidente e experienciada como se fosse uma realidade objetiva.

O impeachment é um mecanismo constitucional utilizado para destituir um presidente da república que comete um crime de responsabilidade, sem a necessidade de uma revolução ou golpe. Portanto, para esse grupo ideológico, o impedimento foi aplicado justamente, conforme prevê a Constituição Federal, diante da acusação que recai sobre a presidente Dilma de cometer crime de responsabilidade devido à prática de atos que atentaram contra a probidade administrativa e a lei orçamentária. Sendo assim, o impeachment é compreendido

metaforicamente como justiça e a metáfora IMPEACHMENT É JUSTIÇA é posta em evidência.

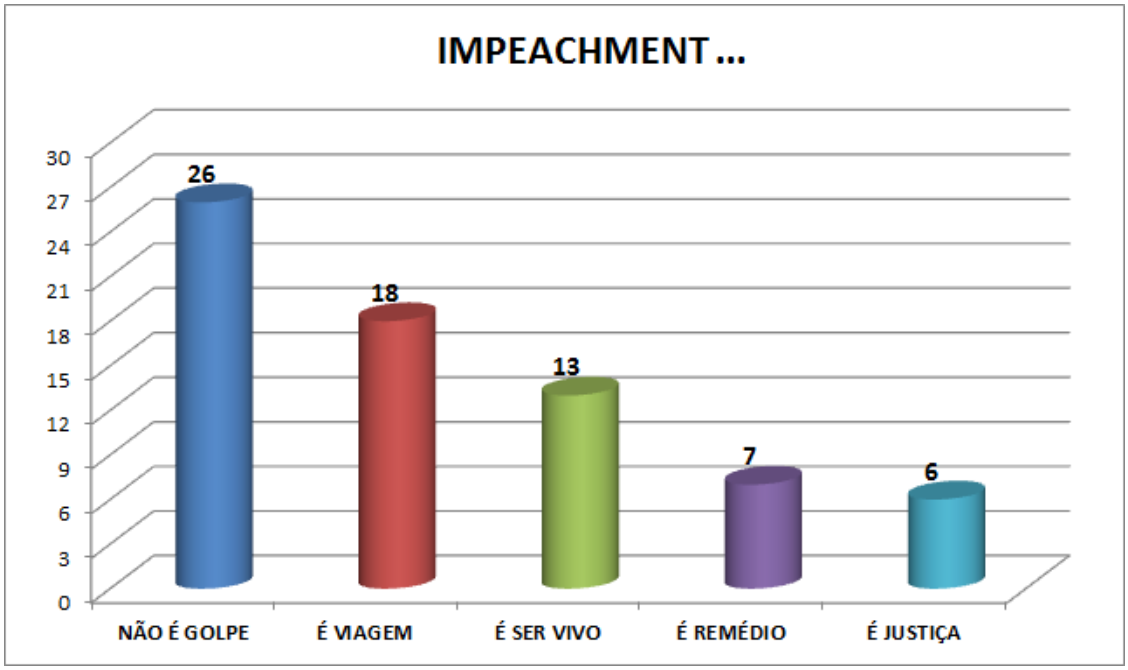
Mais uma vez, destaca-se o antagonismo entre duas metáforas encontradas nessa pesquisa: IMPEACHMENT É INJUSTIÇA, que faz parte da primeira rede metafórica, e IMPEACHMENT É JUSTIÇA, que constitui a segunda rede metafórica. Ou seja, o mesmo domínio alvo, impeachment, está sendo estruturado a partir de dois domínios fontes antagônicos, justiça e injustiça, sendo um a negação do outro, o que pode ocasionar algum conflito se não houver a devida contextualização. Essa situação é muito comum no meio político, caracterizado como um espaço conturbado, ou como uma verdadeira "arena de lutas em que locutores, vozes, falando de posições ideológicas, sociais, culturais diferentes procuram interagir e atuar uns sobre os outros" (BRANDÃO, 2006, p.5). Além disso, de acordo com Lakoff (1987), podemos construir diferentes modelos cognitivos, determinados pelos valores/crenças/necessidades de cada um, para compreender um mesmo conceito, mesmo que estes modelos sejam contraditórios. Levantamos, portanto, a seguinte questão: afinal IMPEACHMENT É JUSTIÇA ou IMPEACHMENT É INJUSTIÇA? Conforme analisamos ao longo do trabalho, a resposta só pode ser encontrada a partir do posicionamento político-ideológico de cada locutor, o que torna perfeitamente possível a coexistência das duas metáforas.

Por carregar a mesma ideologia latente, as metáforas IMPEACHMENT NÃO É GOLPE, IMPEACHMENT É VIAGEM, IMPEACHMENT É SER VIVO, IMPEACHMENT É REMÉDIO e IMPEACHMENT É JUSTIÇA estão categorizadas na mesma rede metafórica, IMPEACHMENT NÃO É GOLPE, que representa a metáfora macro. Elas constituem o discurso dos indivíduos que apresentam um posicionamento favorável ao impedimento da presidente, revelado através do uso inconsciente destas metáforas. Constatamos, assim, que os domínios NÃO É GOLPE, VIAGEM, SER VIVO, REMÉDIO e JUSTIÇA, foram essenciais para estruturar o domínio alvo impeachment e para demarcar mais um grupo, qual seja, aquele que acredita que o processo de cassação do mandato da presidente seria a única forma do Brasil sair da crise, pois só assim haveria a retomada da estabilidade política, econômica e social do país.

Vale lembrar que o uso dos domínios origens analisados em ambas as redes metafóricas na construção do conceito de impeachment caracteriza os Modelos Cognitivos Idealizados, conforme explica Lakoff (1987), visto que eles estruturam e organizam nossa experiência com o processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff.

Em resumo, observamos nessa segunda categoria de análise, ou rede metafórica, intitulada IMPEACHMENT NÃO É GOLPE, a presença de cinco metáforas conceptuais encontradas na análise do *corpus* investigado. Nesse caso, o impeachment da presidente Dilma Rousseff foi conceptualizado como *não é golpe, viagem, ser vivo, remédio e justiça*, conforme apresentamos no gráfico abaixo:

Gráfico 2: Domínios origem que estruturaram o impeachment da presidente Dilma Rousseff na rede metafórica IMPEACHMENT NÃO É GOLPE.



Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

A partir da leitura do gráfico, verificamos que não há uma grande diferença quantitativa entre as metáforas. Ainda assim, a metáfora IMPEACHMENT NÃO É GOLPE foi a que apresentou o maior número de expressões linguísticas, com 26 casos, e por isso nomeou a segunda rede metafórica analisada em nosso trabalho. Essa metáfora, juntamente com as outras representantes desse grupo, com 18, 13, 7 e 6 expressões linguísticas respectivamente, foram de grande importância na conceptualização do impeachment da presidente Dilma Rousseff, e na análise do posicionamento político-ideológico das pessoas que foram favoráveis ao processo em questão.

Ao contrário do que observamos na primeira rede metafórica, o domínio origem *não é golpe*, direcionou o discurso daqueles que concordaram ou mesmo apoiaram a saída de Dilma Rousseff da presidência. Na opinião desse grupo, o impeachment da presidente foi um

mecanismo legítimo, justo e plenamente constitucional, e por isso não pode ser classificado como golpe. Adiante, procuramos analisar a ideologia que estar por trás do comportamento dos defensores desse processo.

De acordo com aqueles que "levantaram a bandeira pró-impeachment", a presidente Dilma foi penalizada legalmente com o afastamento do cargo por agir de forma irresponsável na condução da Presidência da República. Ela foi acusada de cometer pedaladas fiscais no ano de 2014 que caracterizaram crime de responsabilidade, na medida em que despesas, subsídios e subvenções econômicas de responsabilidade do Governo Federal foram custeadas pelo Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal e BNDES, sem a devida autorização do Congresso Nacional, infringindo, dessa forma, a Lei de Responsabilidade Fiscal, dentre outros dispositivos legais.

Nesse contexto, em artigo publicado no jornal Estadão de abril de 2016, o jurista e desembargador do Tribunal de Justiça de São Paulo, Nelson Calandra, afirma que o impeachment é o instrumento adequado ao caso.

> O impeachment é um instrumento de tutela da probidade e de responsabilização do gestor ímprobo. Logo, mecanismo de concretização do sistema democrático e republicano. Assim sendo, uma vez comprovados os lamentáveis fatos de pedaladas fiscais o impeachment pode acontecer por simples consequência da Lei.

Além disso, diz-se que a presidente foi prepotente, não se preocupou com a costura política necessária da base de apoio, alguns membros do seu governo foram acusados de envolvimento em escândalos de propinas da Petrobrás, já não mais possuía a confiança do mercado e tinha a maior parte da população contra ela, fatores que contribuiriam para justificar o impeachment. Contudo, aquilo que mais agravou e acelerou o seu afastamento, segundo a oposição, foram os graves erros cometidos na condução da economia, o que levou o país a uma séria recessão.

> empresas e famílias, atordoadas pelos impasses políticos e pelas gravíssimas incertezas que haviam acobertado o país, pararam de investir e consumir, levando o Brasil à pior recessão da história.[...] Dois anos consecutivos de encolhimento dramático da atividade econômica, acompanhados de inflação alta, eram o resultado dos gravíssimos desequilíbrios fiscais que o governo tratava como se nada de tão importante fosse. (BOLLE, 2016, p. 181, 182)

Diante de tal cenário, os opositores ao governo Dilma afirmam que o impeachment além de ser *constitucional*, pois está previsto na Constituição da República de 1988, também é *legítimo*, visto o alto índice de impopularidade da presidente Dilma, conforme demonstram as manifestações que levaram milhares de pessoas às ruas desde o início do seu segundo mandato, incluindo muitos dos seus eleitores, que clamavam por redução de privilégios do governo e melhorias reais em diversas áreas, como saúde, educação, segurança, transporte público, habitação, dentre outras.

> Para o governo reforma política é reforma para os políticos, ajuste fiscal é aumento de tributos. A população quer a redução das despesas públicas desnecessárias, não as relativas aos serviços públicos, mas as resultantes da diminuição de ministérios, dos cargos de confiança e outros, dos milhares de municípios que não têm condições para sê-los e incham a federação, 20% desvinculados das Receitas da União. Esses recursos devem ir para a educação, saúde, habitação, mobilidade urbana com metrô, estradas de ferro, segurança e lazer. Entretanto estas medidas diminuirão as receitas do partido e o número de verdadeiros cabos eleitorais. Queriam a participação popular e tiveram no dia 15/03/2015 uma autêntica e sem manipulação e controle, como desejam, por decreto. Nela estiveram quem não votou e quem votou na presidente, na oposição. Foram representadas todas as classes. Os inocentes úteis já não são tão inocentes e muito menos úteis. Enganar está mais difícil e a verborreia torna-se ridícula. (RAMOS, 2016, p.235)

Esse grupo ideológico afirma ainda que a repetição da narrativa do golpe faz parte do espetáculo da esquerda, sendo utilizada como estratégia para a construção de um discurso vitimista que ecoa entre o povo brasileiro. Acrescentam que só é coerente dizer que um processo de impeachment é golpe se o procedimento que está previsto na Constituição não for seguido à risca, ou se negarem ao acusado seus direitos fundamentais (como ampla defesa, contraditório, etc.), mas que não foi o caso da presidente Dilma Rousseff, que teve todos os seus direitos respeitados.

É fato que a política brasileira entrou em convulsão nos últimos anos. A partir desta pesquisa, constatamos que o impeachment da presidente Dilma Rousseff foi marcado por duas ideologias antagônicas, que ainda estão presentes e acaloram os debates políticos atuais. Pretendemos, agora, fazer uma discussão para confrontamento desses dois pontos de vista, um contrário e outro favorável ao impeachment, levando em consideração as metáforas que, conforme analisamos, conceptualizaram o processo.

4.3. É GOLPE ou NÃO É GOLPE? uma discussão “imparcial”

Verificamos, até então, a partir das metáforas conceptuais levantadas em nosso *corpus*, a presença de dois posicionamentos político-ideológicos divergentes e inerentes à cultura brasileira sobre o processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff, ocorrido em 2016. Buscaremos, neste momento, confrontar estas duas posições e mostrar que as metáforas utilizadas por cada grupo ideológico/cultural estão fortemente relacionadas a fatores persuasivos.

Para esta discussão, almejamos à imparcialidade ao tema abordado, mesmo sabendo que estamos diante de uma tarefa praticamente impossível. Como seres ideológicos que somos, também possuímos o nosso posicionamento a respeito das questões tratadas nesta pesquisa, que pode aparecer no nosso dizer. Contudo, ressaltamos que não pretendemos defender qualquer ponto de vista, ou, muito menos, encontrar reposta para a pergunta que abre a seção “É golpe ou não é golpe?”. Essa é uma missão que cabe a cada leitor, a partir de suas próprias interpretações com a leitura deste trabalho, e claro, a partir das suas bases ideológicas.

Inicialmente, retornemos ao cenário do impeachment. Dilma Rousseff, a presidente cassada em agosto de 2016, venceu em outubro de 2014 a eleição mais acirrada do país desde o fim da ditatura militar. Era a sua segunda disputa eleitoral, que levou à derrota o candidato do PSDB Aécio neves, com 51,6% dos votos válidos, mas a vitória apertada nas urnas indicava que a festa poderia não durar muito tempo.

A ex-ministra chefe da Casa Civil foi eleita para o cargo de presidente da República pela primeira vez em 2010, indicada pelo então presidente Lula, mas nunca tinha disputado uma eleição. Nesse período, o Brasil crescia exponencialmente e fazia história ao nomear a primeira presidente mulher para governá-lo. Conhecida como a “mãe” do Plano de Aceleração do Crescimento (PAC), Dilma Rousseff representava uma esperança para muitos brasileiros em acelerar o ritmo do reformismo da era Lula e reduzir a fissura entre incluídos e excluídos que o país herdara desde a sua condição de colônia. Durante a posse do seu primeiro mandato, a presidente afirmou que “a erradicação da miséria nos próximos anos é assim uma meta que assumo.” (Dilma Rousseff *apud* SINGER, 2018, p.12), e que o Brasil seria “uma das nações mais desenvolvidas e menos desiguais do mundo - um país de classe média sólida e empreendedora.” (Dilma Rousseff *apud* SINGER, 2018, p.11). No entanto, a realidade não foi bem essa.

As metas estabelecidas pela presidente não foram alcançadas. A festa deu lugar à tristeza. O sonho se transformou em um pesadelo. Ainda na primeira metade do seu segundo mandato, em meio a uma grave crise econômica e política que tomava conta do país, a chefe do Poder Executivo foi acusada, julgada e condenada por cometer crime de responsabilidade. A era Lula chegava ao fundo do poço.

> Em 2015, o PIB caíra 3,8%, o desemprego chegara à casa dos 11%, a renda estava em queda de 5%, 2,7 milhões de brasileiros tinham voltado à miséria e quase 3,6 milhões à pobreza. Dilma, com rejeição de 70%, criticada pela esquerda e por setores populares, odiada pela direita e pela classe média, desprezada pelos empresários, abandonada pela base parlamentar, fora afastada pelo Legislativo e se recolhera à residência presidencial, de onde sairia três meses depois, condenada a perder o cargo. Líderes petistas, supostamente envolvidos em desvios descobertos pela Operação Lava Jato, estavam presos. Lula, denunciado em diversos processos criminais, procurava organizar a própria defesa. O PT perdera quase dois terços do apoio que tinha até março de 2013. O lulismo estava despedaçado. (SINGER, 2018, p.13)

Estudiosos apontam alguns "responsáveis" por essa situação, a começar pela própria presidente Dilma. Segundo eles, sua política gerou déficits sucessivos durante os quatro anos do seu primeiro mandato, o que a levou a entregar o Ministério da Fazenda a um economista aliado à oposição. Ela também não deu a devida importância ao problema dos desfalques na Petrobrás, conhecido como Petrolão, tratando-o apenas como irresponsabilidade de alguns servidores, "como se o escândalo não envolvesse altos dirigentes da empresa e políticos dos maiores partidos que a apoiam." (FRANCO, 2018, p.15). Mesmo não havendo provas de envolvimento da presidente no Petrolão, o esquema contaminou a imagem da presidente, que no início de 2015 já era vista como "desonesta" por grande parte da população.

Dilma também foi acusada de tratar o seu vice-presidente, Michel Temer, do PMDB, como uma figura decorativa do governo, desde que os dois subiram a rampa do Planalto pela primeira vez em 2011. Esquecido em seu gabinete no Palácio ou enviado para missões internacionais a milhares de quilômetros de Brasília, Temer estava sempre de fora do núcleo político. Mas, o cenário mudou em 2015, quando os peemedebistas conseguiram eleger o deputado Eduardo Cunha (PMDB-RJ) para a presidência da Câmara, o que representou uma derrota para o governo do PT. A partir de então, aumentaram as especulações sobre um processo de impeachment, o que obrigou a presidente Dilma a procurar se reconciliar com o PMDB e, consequentemente, a reaproximar Michel Temer das questões políticas. Nesse contexto, Temer assumiu a responsabilidade pelas negociações com o Congresso, e passou a

lidar com a tentação de substituir a presidente e de exercer o poder sem intermediários. (FRANCO, 2018)

Aproveitando-se do desgaste do governo, o presidente da Câmara, Eduardo Cunha, tratou logo de ensaiar uma jogada para instaurar o processo de impeachment de Dilma Rousseff. Jogador habilidoso, Cunha usou da prerrogativa do cargo de poder aceitar ou rejeitar os pedidos de impeachment para escapar da cassação do seu mandato, visto que estava sendo acusado pela Lava Jato de embolsar cinco milhões de dólares do petróleo e de intimidar testemunhas do processo em Curitiba. Além disso, era investigado por possuir contas não declaradas na Suíça, onde guardava o dinheiro que desviava da Petrobrás.

Uma das estratégias de Cunha para derrubar a presidente foi avaliar a contabilidade dos governos anteriores, desde o governo Itamar em 1992, com o objetivo claro de rejeitar as contas de Dilma em 2014, que foram consideradas pedaladas fiscais pelo Tribunal de Contas da União. A partir daí, ele poderia instaurar o processo de impeachment contra a presidente Dilma, amparado pelas manifestações de rua. Para alguns, a manobra contábil do chefe da Câmara foi uma jogada "suja", visto que, pela lei, um presidente só pode perder o cargo se for comprovado que ele cometeu crime de responsabilidade.

> O afastamento de um presidente é previsto em lei, mas só pode ser aprovado se houver prova de crime de responsabilidade, como ocorreu com Collor. Usar uma manobra contábil para derrubar o governo lembra os piores momentos do futebol: o pênalti inventado, a virada de mesa para evitar o rebaixamento. É com esses métodos que Cunha quer chegar lá. (FRANCO, 2018, p.31)

Destaca-se também o descontentamento da população com o governo Dilma Rousseff em 2015. Pesquisas do Instituto Datafolha apontavam que o índice de reprovação da presidente batia recorde. Pessoas insatisfeitas com a atuação de Dilma e a situação do país, como a executiva Carla Zambelli, líder do movimento Nas Ruas, com 25 mil seguidores no Facebook, enviavam petições ao Congresso pedindo o impeachment da presidente. Inicialmente, a ativista alegava que o impedimento era necessário devido às descobertas de corrupção da operação Lava Jato, envolvendo alguns petistas. Posteriormente, com medo de que não ficasse provado que Dilma Rousseff teria responsabilidade na Petrobrás, Carla adicionou mais fatos ao pedido, acusando-a de envolvimento em pedaladas fiscais. Além disso, ela afirmava que não protestaria contra o presidente da Câmara Eduardo Cunha porque o impeachment dependia dele, mesmo sabendo que Cunha estava fortemente envolvido em esquemas de corrupção. O importante para a Carla (e para muitos brasileiros), naquele

momento, era derrubar a presidente, o que caracterizava uma indignação seletiva. (FRANCO, 2018)

Outro ponto negativo referente à presidente Dilma, segundo Franco (2018), era a sua falta de carisma. Diante dos problemas encontrados no país, ela tentava vender esperança, mas a falta de empatia dificultava a tarefa. Tentava ser otimista em seus discursos, afirmando que o governo federal iria enfrentar os desafios e superar os momentos ruins, que a retomada da economia brasileira seria num prazo bem mais curto do que muitos imaginavam, que, apesar da crise, a economia estava bem mais sólida do que alguns anos atrás. Mas o tom monocórdio e o olhar baixo enquanto discursava sugeriam que Dilma não acreditava muito naquilo que ela mesma dizia. Além da falta de carisma, a presidente não se esforçava em parecer mais simpática, mantinha um comportamento arrogante, destratava aliados, e não procurava cultivar amizades no Congresso.

Conforme vimos acima, anteriormente à abertura do processo contra a presidente Dilma, o deputado Eduardo Cunha, alvo de graves acusações, ameaçava acolher os pedidos de impeachment se o PT não impedisse a cassação do seu mandato. As chantagens passaram a ficar cada vez mais explícitas e o Planalto começou a pressionar os deputados petistas a intervirem a favor do presidente da Câmara com o objetivo de salvá-lo no Conselho de Ética, e, consequentemente, salvar o mandato de Dilma Rousseff. No entanto, a proposta indecente não foi aceita pelo PT, que já andava com a imagem da sigla bastante desgastada. Logo em seguida, numa rápida retaliação, Eduardo Cunha instaurou o processo de impeachment, marcado por sua vingança pessoal.

Mesmo sendo acusada de cometer crime de responsabilidade e condenada ao impeachment, a conduta pessoal de Dilma Rousseff em relação aos escândalos de corrupção que assolavam o país ainda era a sua mais forte aliada. Apesar de estar à frente de um governo rejeitado pela maioria e com diversas falhas de gestão, não havia contra ela nenhuma suspeita referente a ganhos pessoais com esquemas de corrupção, como comprovadamente existia contra o seu maior rival, o deputado Eduardo Cunha.

> A bomba estourou no colo de Dilma Rousseff. Na primeira reação, ela afirmou que não desviou dinheiro público e não tem conta no exterior, em referência explícita ao deputado [Eduardo Cunha]. A comparação de biografias será um trunfo de sua defesa. A presidente pilota um governo errático e impopular, mas não foi atingida, ao menos até aqui, por nenhuma suspeita sobre a sua conduta pessoal. (FRANCO, 2018, p.51,52)

Então, surgiu a pergunta: mas afinal, vai ter *golpe*? De acordo com a Teoria Crítica da Metáfora Conceptual (CHARTERIS-BLACK, 2004), a escolha de metáforas conceptuais está diretamente relacionada aos propósitos comunicativos do falante. Nesse sentido, a presidente Dilma prometia em discurso que iria defender a saúde da democracia brasileira contra *o golpe*. A plateia apoiava, respondendo em coro que *o golpe* não iria adiante. Conforme analisamos no início do capítulo, o domínio golpe foi usado aqui para estruturar o domínio impeachment, compreendido como um procedimento ilegal e arbitrário, o que corresponde ao ato de golpear uma pessoa. Sendo assim, a metáfora conceptual IMPEACHMENT É GOLPE foi utilizada em um contexto específico, em que havia o desejo de um grupo contrário à cassação do mandato da presidente Dilma Rousseff de impedir a continuidade do processo de impeachment, e por isso tem um valor que vai além do cognitivo, mas, marcadamente, persuasivo.

Segundo Franco (2018), o impeachment não pode ser considerado um golpe, pois está previsto em lei e na Constituição. Contudo, se não houver razões consistentes ou confessáveis, ele se torna uma forma ilegítima para destituir presidentes escolhidos legalmente. Para o autor, há fortes indícios que este é o caso da ação contra Dilma Rousseff, instituída por Eduardo Cunha, que abriu o processo de impedimento da presidente para adiar a cassação do seu próprio mandato.

> Apesar de ter previsão legal, o impeachment pode não ser legítimo. Se as suas razões forem inconsistentes ou inconfessáveis, ele se reduz a um atalho para destituir governantes escolhidos pelo povo. Há fortes motivos para acreditar que este é o caso do processo em debate na Câmara. Embora a oposição tente negar, a ação contra Dilma está tão contaminada por Eduardo Cunha quanto o rio Doce pela lama da Samarco. Denunciado por corrupção, o deputado usou o pedido para chantagear o governo e o aceitou para adiar sua queda. Até aqui, deu certo. Ao detonar a bomba, ele saiu do foco das atenções. (FRANCO, 2018, p.55)

O autor acrescenta ainda que o impeachment não pode ser utilizado como um caminho para chegar ao poder sem o voto popular, nem por vices que almejam à titularidade, nem por candidatos que perderam as eleições. Dilma Rousseff estava na presidência porque foi eleita pela maioria dos brasileiros em 2014, contudo, se ela permanecesse com aquela gestão lastimável nos próximos anos, ela e o PT possivelmente seriam exortados pelo povo na eleição seguinte. Dessa forma, a concretização do impeachment de Dilma remete a ideia de que a vitória nas urnas não é requisito suficiente para garantir que presidentes eleitos pelo

povo governem por quatro anos, conforme definido na Constituição. “Quando o Congresso quiser, e a maioria do empresariado apoiar, o caminho para derrubar o governo estará aberto. Encontrar uma fundamentação legal, como as pedaladas, será só um detalhe.” (FRANCO, 2018, p.131).

Dessa forma, conforme já era esperado, o impeachment aconteceu. Em abril de 2016, a Câmara dos Deputados votou e aceitou o pedido de impeachment contra a presidente Dilma Rousseff e o processo foi encaminhado para o Senado. Aproximadamente um mês depois, por 55 votos a 22, o Senado aprovou a admissibilidade do impedimento, que prosseguiu para julgamento. A partir de então, o vice-presidente Michel Temer assumiu a presidência da República interinamente, até que o processo fosse julgado. Finalmente, no último dia agosto de 2016, por 61 votos a 20, o Senado proclamou o afastamento definitivo da presidente Dilma Rousseff, que perdeu o cargo dois anos e sete meses antes do fim do mandato, livrando o presidente Michel Temer do rótulo de interino.

Sim, houve golpe. Segundo Singer (2018), a ação contra Dilma Rousseff foi um golpe parlamentar, característico da pós-modernidade, sem a necessidade da ação das Forças Armadas. Um golpe deferido pelos partidos da oposição, PMDB e PSDB, que já não mais aceitavam estar tanto tempo fora do poder, e por isso alegaram a existência de pedaladas fiscais, e, consequentemente, crime de responsabilidade, para condenar a presidente. Contanto, ainda segundo o autor, estes argumentos são insuficientes para destituí-la do cargo, embora fosse evidente a má conduta da presidente. Nesse sentido, constatamos que o autor não apenas conceptualiza o impeachment como golpe, mas utiliza expressões linguísticas que atualizam a metáfora IMPEACHMENT É GOLPE, para persuadir o leitor e fazê-lo aceitar que a sua posição política-ideológica, contrária ao impedimento da presidente Dilma, é a mais sensata.

> Houve um golpe por dentro da Constituição. Um golpe pós-moderno, na expressão do cientista político Bernardo Ricupero, embora sustentado pelo velho atraso brasileiro. O PMDB e o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) se uniram para, sem comprovação de crime de responsabilidade da presidente, retirar o PT do Executivo, depois deste obter, em 2014, a quarta vitória consecutiva em eleições presidenciais. A falta de evidência de crime de responsabilidade, que a Constituição exige para decretar o impedimento, foi reconhecida pela *Folha de S.Paulo*, jornal sem simpatia pelo governo deposto: “Embora existam motivos para o impedimento, até porque a legislação estabelece farta gama de opções, nenhum deles é irrefutável. Não que faltem indícios de má conduta; falta, até agora, comprovação cabal. Pedaladas fiscais são razão questionável numa cultura orçamentária ainda permissiva.” (SINGER, 2018, p.15,16)

Não, não houve golpe. Para o senador Wilder Morais (PP-GO), "o impeachment não é golpe, é o jeito que o Congresso Nacional tem de proteger a população contra um Executivo irresponsável, infrator e descumpridor da lei." (BRASIL, 2016, p.444). Ele se referia à abertura de créditos suplementares e as pedaladas fiscais que levaram à acusação da presidente por crime de responsabilidade e ao consequente pedido de destituição de Dilma Rousseff. Já para o senador e ex-presidente da República Fernando Collor (PTC-AL), que também teve o seu mandato cassado em 1992, "o País não vive, como alardeiam setores mais radicais, qualquer clima de golpe até porque a Nação não suporta mais tal prática. O que o povo brasileiro deseja, e tem manifestado seguidamente, é a decência e a firmeza traduzidas na transparência e probidade no trato da coisa pública." (BRASIL, 2016, p.532). Collor se referia à indignação geral com os crimes de corrupção que tomaram conta do país nos últimos 13 anos de governo do PT. Sendo assim, corroborando com os postulados de Charteris –Black (2004) para quem "um fator importante na escolha da metáfora é o objetivo retórico da persuasão", observamos que estes dois representantes do grupo ideológico favorável à saída de Dilma Rousseff não somente compreendem o impeachment da presidente como uma operação justa, legítima e constitucional, e, portanto, longe de ser um golpe, mas, sobretudo, utilizam a metáfora IMPEACHMENT NÃO É GOLPE em seus discursos na tentativa de convencer os seus interlocutores de que a cassação da presidente Dilma Rousseff precisava acontecer, para o bem da nação.

De acordo com Bolle (2016), o impeachment de Dilma Rousseff aconteceu de forma natural e não pode ser considerado ilegítimo, visto que foi resultante de uma solicitação que veio das ruas em meio ao caos instalado no país, gerado por um governo incompetente, e que parecia não ter solução.

> Em meio a tantos desarranjos, era natural que o impeachment da presidente, formalmente aceito pelo presidente da Câmara, aquele que também cairia, ganhasse força. Era natural que uma parcela considerável da população brasileira, cansada de ouvir bobagens governistas, diagnósticos distantes da realidade, e de testemunhar a gritante incompetência de um governo suicida, começasse a roncar nas ruas do país. (BOLLE, 2016, p. 187)

Conforme investigamos nesta pesquisa, o impeachment da presidente Dilma Rousseff foi categorizado por alguns brasileiros como IMPEACHMENT É GOLPE, metáfora consolidada por um grupo de metáforas que apresentam o mesmo viés ideológico. Este grupo é constituído pelas metáforas IMPEACHMENT É GOLPE / FARSA / ESPETÁCULO /

INJUSTIÇA / JOGO / CONSPIRAÇÃO / VIAGEM / RETROCESSO / VIOLÊNCIA / SER VIVO que foram utilizadas não somente para conceptualizar o impeachment de 2016, mas, principalmente, para tentar impor um posicionamento político-ideológico contrário ao afastamento da presidente. Nesse contexto, observamos que Dilma Rousseff, ao discursar em defesa do seu mandato, costumava utilizar expressões linguísticas que fazem parte dessa rede metafórica, evidenciando a intencionalidade da sua ação, como em "condenar alguém por um crime que não praticou é a maior violência que se pode cometer", "estão tentando montar uma fraude para interromper, no Congresso, o mandato que me foi conferido pelos brasileiros. Na verdade, trata-se da maior fraude jurídica e política de nossa história", "se havia alguma dúvida de que há um golpe de Estado em andamento, não pode haver mais" (Dilma Rousseff *apud* FRANCO, 2018, p.112,127). Esses exemplos remetem às metáforas IMPEACHMENT É VIOLÊNCIA, IMPEACHMENT É FARSA e IMPEACHMENT É GOLPE respectivamente, utilizadas pela presidente Dilma (e seus defensores) de forma consciente, com o objetivo de chamar a atenção para um processo pautado em ações culturalmente reprováveis, de acordo com os integrantes desse grupo ideológico.

Mas será que a presidente foi de fato afastada pelos motivos alegados no pedido de impeachment, ou seja, por praticar crime de responsabilidade em atos orçamentários, como as pedaladas fiscais e a abertura de créditos suplementares por decreto? Segundo Franco (2018), estes foram apenas pretextos. "Dilma foi ao cadafalso por razões como a crise econômica, a indignação geral com o petrolão e o instinto de autopreservação dos políticos." (FRANCO, 2018, p.129).

A crise econômica foi o pontapé inicial para a sua derrubada. O aumento da inflação, o crescimento do desemprego e o rombo nos cofres públicos, que começaram ainda no primeiro mandato de Dilma Rousseff, fizeram um estrago no segundo. Em acréscimo, as revelações da Lava Jato referentes aos desfalques bilionários da Petrobrás, soterraram o PT, embora pouco se questionasse sobre a honestidade pessoal da presidente: "Ela é correta e decente, mas voto pelo impeachment." (Maluf *apud* FRANCO, 2018, p. 126). O mesmo não era possível dizer de alguns políticos investigados na operação, como o deputado Eduardo Cunha, um dos pivôs do petrolão. Para ele, e outros suspeitos de receberem propina do esquema, o impeachment da presidente era uma questão de sobrevivência. Nesse contexto, "com dezenas de pescoços na berlinda, o sistema intuiu que poderia cortar uma só cabeça e saciar a multidão faminta por punições." (FRANCO, 2018, p. 130). E então, a cabeça de Dilma Rousseff foi cortada.

De acordo com Ramos (2016), para quem o IMPEACHMENT NÃO É GOLPE, o afastamento de Dilma Rousseff representou uma forma justa de responsabilização da

presidente pelo abuso de poder e pela omissão em reagir aos escândalos de corrupção que afundaram o Brasil. Segundo o autor, a justiça foi praticada com a destituição da presidente, pois já estava na hora de dar um basta aos erros cometidos pelo PT que levaram o país a uma das mais graves crises econômicas e sociais da sua história.

> São bilhões em corrupção apurada [...] Saquearam o Brasil. O povo sofreu um arrastão de poucos contra 200 milhões de habitantes, além dos demais crimes de responsabilidade. Um ministro vem à mídia alegando necessidade de tolerância. O que é esta? Deixar desviar recursos, abusar do poder é tolerar? Realmente, como diz ela [Dilma], conquistou o Brasil democraticamente e acabou com ele autoritariamente. Escrevi há alguns anos, nesta coluna, acabem com eles, politicamente, antes que eles acabem com o Brasil. (RAMOS, 2016, p. 266)

Além da metáfora IMPEACHMENT NÃO É GOLPE, conforme constatamos neste trabalho, as metáforas IMPEACHMENT É SER VIVO / VIAGEM / REMÉDIO / JUSTIÇA também fazem parte do grupo de metáforas utilizadas pelos brasileiros que concordaram com o afastamento da presidente Dilma Rousseff. Elas representam diferentes maneiras de conceptualizar o impeachment de 2016, bem como de persuadir o interlocutor sobre a ideologia que está por trás das metáforas. No livro "Impeachment: o julgamento da presidente Dilma Rousseff pelo Senado Federal" pudemos observar exemplos de pronunciamentos como "há aqueles que apelam de uma forma e outros que entendem a necessidade do impeachment como caminho para a mudança real desejada pela sociedade brasileira. Eu estou convicto de que o impeachment é o caminho." (BRASIL, 2016, p.519), do senador Álvaro Dias (PV-PR), que utiliza a metáfora IMPEACHMENT É VIAGEM, através da expressão linguística "impeachment é o caminho", para convencer a população que a destituição da presidente seria a ação, ou o caminho, que levaria a real mudança no país. Outro exemplo encontrado no mesmo livro foi o discurso do senador Sérgio Petecão (PSD-AC): "este processo é um marco na história de nosso povo, talvez momento um pouco doloroso, mas não insuportável e um remédio, ainda que amargo." (BRASIL, 2016, p.586), que escolheu intencionalmente a metáfora IMPEACHMENT É REMÉDIO, atualizada pela expressão "este processo é um remédio" para convencer de que a solução para a recuperação de um país em crise, ou doente, seria a cassação do mandato de Dilma Rousseff.

Situação semelhante aconteceu no país em 1964, período em que houve a tomada do poder pelos militares, derrubando o presidente João Goulart, legalmente constituído. Assim como ocorreu no impeachment de 2016, havia (e ainda há) uma divisão da sociedade

brasileira quanto à conceptualização daquela situação, considerada, para alguns, um Golpe, e para outros, uma Revolução.

Para uma parcela da população, o movimento dos militares foi classificado como um golpe, e ficou conhecido como o Golpe de 64, devido à violenta repressão que assolou o país com os militares no poder e à imposição de uma ditadura militar. De acordo com esse grupo, o Brasil só retomou à sua normalidade democrática depois de 21 anos, com a eleição do presidente Tancredo Neves para um mandato de 6 anos.

Mas, para outra parte da sociedade, o que houve em 1964 foi uma Revolução, visto que o país estava sob uma ameaça comunista, e, portanto, havia a necessidade de restaurar a disciplina e a hierarquia das Forças Armadas para que o comunismo não fosse implantado. Ou seja, era preciso que os militares realizassem uma revolução, denominada Revolução de 64, e assumissem o poder, em favor da nação.

Dessa forma, constatamos que o Golpe (ou Revolução) de 64, assim como a categorização do impedimento da presidente Dilma Rousseff em 2016 (IMPEACHMENT É GOLPE / IMPEACHMENT NÃO É GOLPE), são representações cognitivas fundamentais de momentos históricos da sociedade brasileira. Apesar da aparente relação ideológica entre o Golpe de 64 e o Golpe de 2016, bem como entre a Revolução de 64 e o processo constitucional do impeachment de 2016, não podemos afirmar que o grupo que concebe como golpe o impeachment de 2016 é o mesmo grupo que concebe como golpe a tomada de poder pelos militares em 1964, assim como, se o grupo que compreende o impeachment de 2016 como um processo legal, portanto, longe de ser um golpe, é o mesmo grupo que entende que aquilo que os militares fizeram em 1964 foi uma revolução. Essa é uma questão que acreditamos ser importante em investigações futuras.

Corroborando com a Teoria Crítica da Metáfora Conceptual, proposta por Charteris-Black (2004), concluímos que as metáforas conceptuais devem ser analisadas, não apenas em sua dimensão cognitiva. A investigação da sua dimensão pragmática, analisando o contexto e a intenção do falante, e da sua dimensão crítico-discursiva, considerando o seu potencial persuasivo, deve ser inserida para a obtenção de um estudo mais completo das metáforas. Através desta pesquisa, observamos que a escolha de determinadas metáforas foi importante, senão fundamental, não somente para conceptualizar o polêmico processo que levou à derrubada da presidente do Brasil em 2016, mas também para argumentar e induzir o leitor/ouvinte de que o impeachment da presidente Dilma Rousseff (não) foi um golpe.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o desenvolvimento da trajetória de análise apresentada, pretendemos, neste momento, tecer algumas breves considerações em torno dos resultados alcançados com essa pesquisa.

Partindo do pressuposto de que as metáforas conceptuais são essenciais para a compressão dos mais variados conceitos, conforme estudado por Lakoff e Johnson (2002 [1980]), buscamos investigar, de uma forma geral, como o impeachment da presidente Dilma Rousseff, ocorrido em 2016, foi conceptualizado pelo povo brasileiro a partir de metáforas conceptuais que fundamentaram a construção/compreensão desse conceito.

A ex-presidente Dilma Rousseff foi acusada de cometer crime de responsabilidade, devido à inobservância à lei orçamentária e à lei de improbidade administrativa, o que culminou na cassação do seu mandato. Juristas afirmaram que a destituição da presidente do cargo foi inconstitucional, pois não existiu qualquer prova de envolvimento da mesma em crime doloso que justificasse a aplicação do procedimento do impeachment. Nesse cenário, opiniões divergentes levaram à divisão da sociedade brasileira em dois grupos antagônicos, um contrário e o outro favorável ao impeachment, como pudemos constatar ao longo do trabalho.

Diante do contexto supracitado, nossa pesquisa teve como objetivo verificar especificamente que metáforas conceptuais foram empregadas para conceptualizar o impeachment da presidente Dilma Rousseff em discursos marcadamente opinativos e quais foram os valores culturais e os aspectos ideológicos que sustentaram as metáforas evidenciadas. Também investigamos a ocorrência de metáforas específicas que categorizaram o conceito em questão.

De acordo com as evidências levantadas, a hipótese de que a conceptualização do impeachment de Dilma Rousseff pode ser investigada a partir das metáforas conceptuais que refletem dois posicionamentos político-ideológicos antagônicos, isto é, um contra e o outro a favor do processo de cassação do mandato da presidente, inerentes à sociedade brasileira, foi confirmada.

Os discursos que constituíram o *corpus* deste trabalho são recortes de pronunciamentos de participantes do julgamento ocorrido no Senado Federal que compõem os livros “20 horas na história: a longa sessão de admissibilidade do Impeachment da presidente Dilma Rousseff” e “Impeachment: o julgamento da presidente Dilma Rousseff pelo Senado Federal”, além de comentários e opiniões de pessoas comuns e pessoas públicas a respeito do tema em análise,

extraídos dos seguintes sites de jornais, revistas e blog: Yahoo! Respostas, Uol notícias Política, Revista Glamour, O Povo, Socialista Morena e Gazeta do Povo.

Tomamos como referencial teórico a Teoria da Metáfora Conceptual (TCM), estudada, principalmente, por Lakoff e Johnson (1987, 1999, 2002 [1980], 2003), Lakoff e Turner (1989) e Kövecses (2000, 2010 [2002], 2005), que serviu como teoria-base para a identificação das expressões linguísticas metafóricas, e respectivas metáforas conceptuais, encontradas no *corpus*. Também utilizamos a noção de Modelo Cognitivo Idealizado (MCI), na visão de Lakoff (1987), que revela que a metáfora conceptual, por ser uma operação cognitiva, também é um tipo de MCI, modelo este criado culturalmente. E ainda investigamos a relação entre metáfora e cultura, discutida por Kövesces (2005), e metáfora e ideologia, discutida por Goatly (2007), a partir da observação de que muitas ideologias, presentes na cultura de uma determinada sociedade, são difundidas através das metáforas conceptuais.

A análise dos dados mostrou que o domínio IMPEACHMENT, mais especificamente, o impeachment de 2016, foi conceptualizado através de metáforas conceptuais, atualizadas por diferentes expressões linguísticas metafóricas, que refletiram posicionamentos político-ideológicos divergentes do povo brasileiro. Procuramos, então, agrupar as metáforas levantadas em duas redes metafóricas, IMPEACHMENT É GOLPE e IMPEACHMENT NÃO É GOLPE, sendo a primeira formada por metáforas que revelaram um posicionamento contrário ao impeachment, e a segunda por metáforas que revelaram um posicionamento a favor do processo. Essas duas redes metafóricas constituíram as categorias de análise da nossa pesquisa.

Na execução do tratamento dos dados, buscamos levantar, além das expressões metafóricas e respectivas metáforas conceptuais subjacentes, as possibilidades de mapeamentos. Também procuramos recuperar as ideologias que estavam por trás da utilização de cada metáfora, empregadas por representantes de diferentes grupos culturais em seus discursos.

Conforme postulado por Goatly (2007), as metáforas conceptuais estão a serviço da construção e reprodução de ideologias, o que justifica a escolha de determinadas expressões linguísticas metafóricas, e não de outras, de acordo com as intenções do autor do discurso. A metáfora, portanto, é um mecanismo cognitivo fundamental para a compreensão dos mais variados conceitos que integram os diferentes discursos e para a construção da realidade social e cultural dos grupos onde vivemos e convivemos.

Os resultados da investigação do *corpus* desta pesquisa revelaram a presença de dez metáforas conceptuais na primeira rede metafórica e cinco metáforas conceptuais na segunda rede metafórica, de acordo com o resumo abaixo:

Quadro 40: Resumo das metáforas encontradas no *corpus*

REDE METAFÓRICA	METÁFORAS CONCEPTUAIS
IMPEACHMENT É GOLPE	IMPEACHMENT É GOLPE
	IMPEACHMENT É FARSA
	IMPEACHMENT É ESPETÁCULO
	IMPEACHMENT É INJUSTIÇA
	IMPEACHMENT É JOGO
	IMPEACHMENT É CONSPIRAÇÃO
	IMPEACHMENT É VIAGEM
	IMPEACHMENT É RETROCESSO
	IMPEACHMENT É VIOLÊNCIA
	IMPEACHMENT É SER VIVO
IMPEACHMENT NÃO É GOLPE	IMPEACHMENT NÃO É GOLPE
	IMPEACHMENT É VIAGEM
	IMPEACHMENT É SER VIVO
	IMPEACHMENT É REMÉDIO
	IMPEACHMENT É JUSTIÇA

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

As metáforas IMPEACHMENT É GOLPE e IMPEACHMENT NÃO É GOLPE foram as que apresentaram o maior número de expressões linguísticas, destacando-se na conceptualização negativa e positiva, respectivamente, do impeachment da presidente Dilma, e, por isso, foram utilizadas na nomeação das redes metafóricas em questão. Logo, o domínio *golpe*, assim como a sua negação, *não é golpe*, nortearam o discurso dos dois grupos que apresentaram opiniões antagônicas a respeito do processo em análise.

Na primeira rede metafórica, além do conceito de golpe, observamos a presença de mais nove conceitos - farsa, espetáculo, injustiça, jogo, conspiração, viagem, retrocesso, violência e ser vivo - que ajudaram a estruturar o conceito de impeachment da presidente Dilma Rousseff entre as pessoas que discordaram desse processo. Ao passo que na segunda rede metafórica, os conceitos de (não é) golpe, viagem, ser vivo, remédio e justiça, contribuíram na compreensão do conceito de impeachment entre as pessoas que concordaram com a saída da presidente Dilma.

Além do levantamento das metáforas conceptuais, buscamos empreender uma análise das ideologias que sustentaram o posicionamento de cada grupo. Em suma, constatamos que para os defensores do governo Dilma, a presidente foi golpeada com o impeachment porque já não era capaz de atender aos interesses da burguesia, e por isso, foi preciso impor um novo governo, fruto de uma fraude, e sem aprovação da maioria. Já para os opositores ao governo, o impeachment não pode ser considerado um golpe, mas um processo justo, legítimo e constitucional, visto que a presidente foi penalizada legalmente por ter sido acusada de cometer crime de responsabilidade e porque a maior parte da população manifestava insatisfação com a sua gestão.

Ressaltamos ainda que as metáforas utilizadas por cada grupo ideológico/cultural analisado neste trabalho estão intrinsicamente relacionadas a fatores persuasivos. Conforme verificamos nos postulados de Chartelis-Black (2004, p. 247), "as metáforas são - como muito aspectos da linguagem - escolhidas por falantes para alcançar objetivos de comunicação específicos dentro de contextos particulares ao invés de serem predeterminadas pela experiência corporal." Portanto, através desta pesquisa, confirmamos que um aspecto importante das metáforas é o seu poder de persuasão, observado no comportamento dos grupos com posicionamento político-ideológico antagônicos, que escolhiam, muitas vezes de forma inconsciente, expressões linguísticas atualizadoras de metáforas conceptuais específicas para convencer o seu interlocutor de que a sua posição, seja ela contrária ou a favor do impedimento da presidente Dilma Rousseff, era a mais correta.

Vejamos agora um resumo da análise realizada referente às metáforas encontradas em cada uma das redes metafóricas, e a relação com os aspectos ideológicos / culturais:

Rede metafórica 1 – metáforas contra o impeachment:

- IMPEACHMENT É GOLPE – metáfora utilizada por aqueles que acreditam que o impeachment da presidente Dilma foi um ato político arbitrário, antidemocrático e sem embasamento legal, realizado para dar lugar a um governo ilegítimo, e por isso corresponde à ação de golpear com um movimento brusco e violento.
- IMPEACHMENT É FARSA - metáfora utilizada por aqueles que julgam o impeachment da presidente Dilma como uma mentira, um ato desonesto. Ou seja, uma operação política que teve como principal objetivo usurpar o mandato da presidente através de um processo de impedimento forjado para tornar "crime de responsabilidade" alguns atos do governo.

- IMPEACHMENT É ESPETÁCULO - metáfora utilizada por aqueles que veem o impeachment da presidente Dilma como uma grande encenação, em que os atores seriam os políticos considerados corruptos, que realizaram o espetáculo do impeachment para chamar a atenção de uma plateia (a sociedade brasileira) para a pretensa luta a favor do restabelecimento do país. Porém, tudo não passou de uma ficção com o propósito real de cassar a presidente ilegitimamente.
- IMPEACHMENT É INJUSTIÇA - metáfora utilizada por aqueles que compreendem o impeachment da presidente Dilma como um processo tendencioso, realizado para a obtenção de vantagens. Para este grupo, a suspenção do mandato da presidente beneficiou alguns, em especial os políticos da oposição, em prol do prejuízo do governo Dilma e da população, logo foi um processo injusto.
- IMPEACHMENT É JOGO - metáfora utilizada por aqueles que dizem que o impeachment da presidente Dilma não passou de um esquema com o propósito de afastar a presidente do cargo. Ou seja, foi uma manipulação da oposição a fim de derrubar uma presidente eleita democraticamente. Expressões como *jogo sujo* e *jogo de cartas marcadas* foram utilizadas por representantes deste grupo para ressaltar a falta de ética na condução do processo.
- IMPEACHMENT É CONSPIRAÇÃO - metáfora utilizada por aqueles que veem o impeachment da presidente Dilma como um complô, em que um conluio de políticos corruptos, possuindo interesses diversos, como tomar o poder ou ser inocentado pelos seus crimes, armou uma trama, acusando a presidente de crimes sem provas para derrubá-la.
- IMPEACHMENT É VIAGEM - metáfora utilizada por aqueles que entendem o impeachment da presidente Dilma como um movimento em direção a suspenção ilegal do seu mandato. Para esta parcela da sociedade, o impeachment é uma viagem que não deveria ter acontecido, visto a ausência de provas suficientes que comprovem que a presidente cometeu crime de responsabilidade.
- IMPEACHMENT É RETROCESSO - metáfora utilizada por aqueles que julgam o impeachment da presidente Dilma como um atraso para o país, após um período de mudanças positivas realizadas em seu governo. Logo, o processo de impedimento representou um declínio ou um regresso para a nação brasileira.
- IMPEACHMENT É VIOLÊNCIA - metáfora utilizada por aqueles que conceptualizam o impeachment da presidente Dilma como uma agressão ou

intimidação moral. Para essas pessoas, a cassação do seu mandato foi uma violência cometida não somente contra a presidente, mas também contra a nação brasileira.

- IMPEACHMENT É SER VIVO - metáfora utilizada por aqueles que categorizam o impeachment da presidente Dilma como um ser com vida, à medida que o impeachment pode *nascer, correr, proteger, punir, julgar* etc. Ou seja, o procedimento é equiparado a um ser vivo, em especial, a um ser humano, que pode agir no mundo, inclusive com atitudes erradas, como foi o caso da ação contra Dilma Rousseff.

Rede metafórica 2 – metáforas a favor do impeachment:

- IMPEACHMENT NÃO É GOLPE – metáfora utilizada por aqueles que refutam a ideia de que o impeachment da presidente Dilma foi um ato arbitrário e violento. Para esses indivíduos, o impedimento é um instrumento constitucional, utilizado em defesa da democracia para punir o Executivo irresponsável, que não cumpre o que determinam as leis brasileiras. Opõe-se ideologicamente à metáfora IMPEACHMENT É GOLPE.
- IMPEACHMENT É VIAGEM – metáfora utilizada por aqueles que compreendem o impeachment de Dilma Rousseff como um movimento em direção à substituição necessária da presidente. Conforme verificamos acima, esta metáfora também faz parte da primeira rede metafórica, mas nesta segunda rede o impeachment é visto como uma viagem que deveria ter acontecido, pois a presidente foi condenada legalmente por cometer crime de responsabilidade.
- IMPEACHMENT É SER VIVO – assim como ocorreu na primeira rede, essa metáfora também foi utilizada por aqueles que categorizam o impeachment de Dilma Rousseff como um ser com vida, pois ele pode *sangrar, nascer, mover-se, deixar lições* etc. Ou seja, para este grupo, da mesma forma que um ser humano, o impeachment é capaz de realizar ações, e por isso ele agiu na substituição legítima da presidente da República.
- IMPEACHMENT É REMÉDIO – metáfora utilizada por aqueles que veem o impeachment da presidente Dilma Rousseff como um recurso para combater um mau governo. Para essa parcela da população, diante da crise econômica, política e

social instaurada no país, o impedimento da presidente foi o remédio empregado para aplacar o sofrimento da sociedade brasileira.

- IMPEACHMENT É JUSTIÇA – metáfora utilizada por aqueles que conceptualizam o impeachment da presidente Dilma Rousseff como um ato justo, imparcial, visto que é um mecanismo constitucional utilizado contra presidentes que cometem crimes de responsabilidade. Opõe-se ideologicamente a metáfora IMPEACHMENT É INJUSTIÇA.

Diante do que foi analisado, observamos que a aplicação da Teoria da Metáfora Conceptual na conceptualização do impeachment da presidente Dilma Rousseff ocorrido em 2016 foi produtiva para o entendimento desse conceito, dentro do atual contexto político-histórico-social brasileiro. Verificamos ainda que as expressões linguísticas metafóricas identificadas no *corpus* investigado refletem a posição ideológica do sujeito produtor do discurso, que também é influenciado pelo grupo cultural do qual ele faz parte. Por fim, enfatizamos que o estudo até aqui demonstrado é apenas uma possibilidade de leitura, e que outras intepretações do objeto em análise podem ser apresentadas.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. Arte Poética. São Paulo: Martin Claret, 2006.

AMARAL, R. B. *A vida quer é coragem: a trajetória de Dilma Rousseff, a primeira presidenta do Brasil*. Rio de Janeiro: Sextante, 2011. (Ebook)

AZEVEDO, K. F. *(Des)legitimação: ações discursivo-cognitivas para o processo de categorização social*. Recife, 682 p. Tese (Doutorado em Linguística)-Universidade Federal de Pernambuco, 2008.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal* (trad. M.E.G. Gomes). São Paulo: Martins Fontes, 2000 (1992).

BARCELONA, A. *Metaphor and metonymy at the crossroads*.New York, 2003.

BLACK, M. *Models and Metaphors.* New York: Cornell University Press, 1962.

BOLLE, M. B. *Como matar a Borboleta azul.* Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2016.

BORBOREMA FILHO, E. de A. *A metáfora na construção da percepção da realidade no discurso jornalístico*. Recife, 265 p. Tese (Doutorado em Linguística)-Universidade Federal de Pernambuco, 2004.

BRANDÃO, H. H. N. "Analisando o discurso". In: Ataliba Teixeira de Castilho. (Org.). *Portal da Língua Portuguesa*. São Paulo: Fundação Roberto Marinho, 2006.

BRASIL. Congresso Nacional. Senado Federal. *Impeachment: o julgamento da presidente Dilma Rousseff pelo Senado Federal*. Brasília: Senado Federal, SAJS, 2016.

BRASIL. Congresso Nacional. Senado Federal. *20 horas na história: a longa sessão de admissibilidade do impeachment da presidente Dilma Rousseff*. Brasília: Senado Federal, Presidência, 2016.

BRAZ, M. O golpe nas ilusões democráticas e a ascensão do conservadorismo reacionário. In: *Serviço Social & Sociedade*. São Paulo: Cortez, 2017.

CAMERON, L. *Metaphor in educational discourse.* London: Continuum, 2006.

CARNEIRO, P. L. *Metáforas conceptuais da corrupção na charge e no blog jornalístico*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012. 212f.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso Político*. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

CHARTERIS-BLACK, J. *Politicians and Rhetoric: The Persuasive Power of Metaphor*. New York: Palgrave Macmillan, 2005.

_____. *Corpus approaches to Critical Metaphor Analysis*. New York: Palgrave Macmillan, 2004.

DIJK, T. A. V. *Ideology and discourse: a Multidisciplinary Introduction*. Pompeu Fabra University, Barcelona, 2000.

DIRVEN, R.; PÖRINGS, R. (org.) *Metaphor and metonymy in comparison and contrast*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2003.

KONZEN, P. C. *Ensaios sobre a arte da palavra*. Cascavel: Edunioeste, 2002.

ESPÍNDOLA, L. *Metáforas conceptuais no discurso*. João Pessoa: Idéia/ Editora da UFPB, 2011.

_____. *A metáfora conceptual ontológica na publicidade*. Revista Gelne. João Pessoa, v. 7, n. 1/2, p. 19-28, 2005.

_____. Metáforas conceptuais, gêneros discursivos e sentido. In: *VI Congresso Internacional da ABRALIN*. João Pessoa: Idéia, 2009.

ESPÍNDOLA, L.; MENDES, T. Metáforas conceptuais em editoriais com tema sobre economia. In: *Revista do GELNE – Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste*. João Pessoa: Idéia, 2006.

EVANS, V; GREEN, M. *Cognitive Linguistics: an Introduction*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.

FARACO, S. P. D. *TEMPO AMIGO ou INIMIGO? Conceptualizações metafóricas de TEMPO no discurso de mulheres brasileiras*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008. 179f.

FELTES, H. P.M. *Semântica Cognitiva: ilhas, pontes e teias*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

FERRARI, L. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

FERREIRA, B. C. *Dilma: mãe ou madrasta? Metáforas conceptuais que caracterizam a presidente em charges*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015. 223f.

FILIPAK, F. *Teoria da Metáfora.* Curitiba: HDV, 1983.

FRANCO, B. M. *Mil dias de tormenta: a crise que derrubou Dilma e deixou Temer por um fio.* Objetiva, 2018.

GEERAERTS, D. *Cognitive Linguistics: basic readings*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006.

GOATLY, A. *The Language of metaphors*. London/New York: Routledge, 1997.

_____. *Washing the brain: metaphor and hidden ideology*. Philadelphia: John Benjamins, 2007.

GRADY, Joseph. E. *Fundations of meaning: primary metaphors and primary scenes***.** 1997. 299f. Dissertation (PhD. in Linguistics), University of California, Berkeley

GRADY, J. E. Metaphor. In: GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Huberb (Ed.). *The Oxford Handbook of Cognitive linguistics*. New York: Oxford University Press, 2007

HOFFMAN, R. Metaphor in science, in: HONECK, R.P e HOFFMAN, R.R. (org.) *Cognition and figurative language*. Hillsdale, N.J., Lawrence Erlbaum Associates, 1980.

JINKINGS, I.; DORIA, K.; CLETO, M. (org.) *Porque gritamos golpe?: para entender o impeachment e a crise*. São Paulo; Boitempo, 2016.

JÚNIOR, M. A. Introdução. In: ARISTÓTELES. *Retórica*. Biblioteca de autores clássicos. Lisboa, 2005 (coordenação de tradução: Manuel Alexandre Júnior).

KNOWLES, M. MOON, R. *Introducing Methaphor*.London and New York, 2006.

KOVECSES, Z. *Metaphor and emotion: Language, Culture, and Body in Human Feeling*. Cambridge: CUP, 2000.

_____. *Metaphor in Culture: Universality and Variation*. Cambridge: CUP, 2005.

_____. *Metaphor: a practical introduction*. Oxford: OUP, 2010.

LAKOFF, G. Conceptual metaphor: The contemporary theory of metaphor. In: GEERAERTS, Dirk. *Cognitive Linguistcs: Basic Reading*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006, p. 185-238

_____. *Women, fire, and dangerous things*. University of Chicago Press: Chicago, 1987.

_____. The contemporary theory of metaphor. In: ORTONY, A. (Org.) *Metaphor and Thought*. Nova York: CUP, 1993, p. 202-251.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 2003.

_____. *Metáforas da vida cotidiana*. (coordenação da Tradução Mara Sophia Zanotto). Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo : EDUC, 2002.

_____. *Philosophy in the Flesh.* New York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, G.; TURNER, M. *More than cool reason: a field to poetic metaphor.* Chicago: University of Chicago Press, 1989.

LEEZENBERG, M. *Contexts of metaphor*. Amsterdam: Elsevier, 2001.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. *Gêneros Textuais: o que são e como se classificam*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2000.

_____. Gêneros Textuais: Definição e Funcionalidade. In: *Gêneros Textuais e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MIGUEL.L.F. "A democracia na encruzilhada". In: JINKINGS, I.; DORIA, K.; CLETO, M. (org.) *Porque gritamos golpe?: para entender o impeachment e a crise*. São Paulo; Boitempo, 2016.

MIRANDA, N. S.; NAME, M. C.. (Org.). *Linguística e Cognição*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

ORTONY, A. (org.). *Metaphor and thought*. 2ª ed. Nova York: Cambridge University Press, 1993.

PAIVA, V. L. M. O. *Metáforas do cotidiano*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

PINTO, P. B. S. *O impeachment*. São Paulo: Saraiva, 1992.

RAMOS, D.T. Impeachment Sustação do Processo e Perda de Mandato Parlamentar. In: RAMOS, D.T. (Org.) (2016) *Impeachment: Instrumento da Democracia*.

REDDY, M. The conduit metaphor: a case of frame conflict in our language about language. In: ORTONY, A. (Org.) (1979) *Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 284-324.

SARDINHA, T. B. *Metáfora*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

SILVA, J. M. J. *A construção metafórica do conceito relacionamento: uma perspectiva cognitiva*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016. 215f.

SILVA, M. Poder local, ideologia e representações sociais. In: *Mercator, Revista de Geografia da Universidade Federal do Ceará,* v. 13, n. 2, p. 39-51, Fortaleza, mai./ago, 2014.

SINGER, A. *O lulismo em crise: um quebra cabeça do período Dilma (2011-2016)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SOARES DA SILVA, A. A linguística Cognitiva: uma breve introdução, a um novo paradigma em Linguística. *Revista Portuguesa de Humanidades* 1, 1997, p. 59-101.

STEEN, G. *Understanding metaphor in literature*. New York : Logman, 1994.

VAN DIJK, T.A. *Discurso e contexto:* uma abordagem sociocognitiva (Tradução de Rodolfo Ilari). São Paulo: Contexto, 2002.

VEREZA, S. C. *Literalmente falando: sentido literal e metáfora na metalinguaguem*. Niterói: EdUFF, 2007.

VEREZA, S. C. *Sob a ótica da metáfora: tempo, conhecimento e guerra*. Niterói: Editora da UFF, 2012.

Sites consultados:

https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20160413075854AAC1fwe&page=1:
https://br.answers.yahoo.com/question/index;_ylt=AwrC1DEwmy1ZGkQAZGrz6Qt.;_ylu=X3oDMTByOHZyb21tBGNvbG8DYmYxBHBvcwMxBHZ0aWQDBHNlYwNzcg--?qid=20160422085600AATeKlL

https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2016/08/31/foi-impeachment-ou-golpe-veja-opiniao-de-que-foi-a-protestos-em-sp-e-no-rj.htm

http://revistaglamour.globo.com/Celebridades/noticia/2016/04/famosos-compartilham-suas-opinioes-sobre-o-impeachment-na-web.html

http://www20.opovo.com.br/app/opovo/dom/2016/04/16/noticiasjornaldom,3603614/depoimentos-voce-e-contra-ou-a-favor-do-impeachment.shtml

http://www.socialistamorena.com.br/por-que-sou-contra-o-impeachment/

http://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/editoriais/impeachment-nao-e-golpismo-eh284arjqmq8rk1g0ear4tiku

http://www2.planalto.gov.br/presidencia/presidenta/biografia

https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/golpe/

https://www.estudopratico.com.br/saiba-o-que-motivou-o-impeachment-de-dilma-rousseff/

https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/Golpe1964

https://educacao.uol.com.br/noticias/2014/03/27/1964-golpe-ou-revolucao.htm

https://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/impeachment-nao-e-golpe/

Acesso entre setembro de 2017 e janeiro de 2019

ANEXOS

Comentários

- **Site: Yahoo! Respostas**

Pergunta: Você é contra ou a favor do Impeachment?

(1) *Sou a favor, querer o fim desse governo corrupto não é golpe, **é apenas justiça**! e não acho que vai ficar pior, não tem que ter medo de mudança, o PT é o mais corrupto e gente já aturou o governo deles por tempo demais e viu no que deu! O Temer não é santo, mas acredito que não seja tão ruim como a Dilma e Lula.*

Locutor (a): Mateus

(2) *Não ao **golpe**!!!*

Locutor (a): Anônimo

(3) *Sou contra o **golpe** que querem dar na democracia*

Locutor (a): ?

(4) *Impeachment? Você quis dizer **Carnaval**?*

Locutor (a): Marcelo

(5) *SABEMOS MUITO BEM QUE ESSE É MAIS UM DOS **GOLPES** DO MAMA-TETAS QUE NÃO QUEREM PERDER AS BENESSES... É LAMENTAVEL QUE NA HISTORIA DO BRASIL AINDA SE REGISTRE TAMANHO **BARBARISMO**...SERÁ QUE O POVÃO VAI TER QUE SUPORTAR TAIS ENTRAVES DESSE TIPO DE JOGOS MALEDICENTES?. . .PRECISA-SE DAR UM BASTA. . .NÃO AGUENTAMOS MAIS VER TANTOS CASOS DE CORRUPTOS E GOLPITAS. . .TD*

Locutor (a): Osvaldo ·

(6) *Impeachment é **golpe***

Locutor (a): Anônimo

(7) *#nãoVaiTer**Golpe***

Locutor (a): Anjo Caído

Pergunta: Afinal, Impeachment é golpe ou não?

(8) ***...Trata-se de processo legal***. *A alegação de golpe é porque todos os governos anteriores e todos os governos estaduais praticamente fazem o mesmo, mas como a rejeição dela é imensa e está sem apoio no congresso está dizendo ser golpe, mas não é golpe.*

Locutor (a): ?

(9) *Golpe é ataque pelas costas injusto,sem julgamento...,impeachment* ***é um recurso legal*** *previsto na constituição que é votado em várias instâncias com comprovação,e, defesa,quando tem ....se defender dizendo que é golpe você já imagina,e, até as crianças veem a situação do desgoverno que entende o impeachment como golpe.*

Locutor (a): lourdes aparecida

(10) *O de Dilma foi como* ***um golpe*** *de Marcola em Beira Mar.*

Locutor (a): Lucas ·

(11) *A questão é o crime de responsabilidade.*
Se houve crime de responsabilidade então o processo de impeachment ***é perfeitamente legal***. *Claro que o acusado vai dizer que não fez nada...*

Locutor (a): Leandro

(12)*Claro que não é golpe.*
Se fosse golpe não estaria previsto no Artigo 85 de nossa Constituição Federal.
Mas, esses imundos comunistas insistem em chamar ***esse processo legal****, de golpe... Afinal bandidos sempre vivem de golpes!!!*
Entendeu agora! Boa sorte e continue um bom patriota, pois todos comunistas são traidores de nossa Pátria!!!

Locutor (a): Papa Charlie

(13) *Sim,* ***é um golpe*** *do ponto de vista que quem está julgando tem igual culpa ou maior de quem está sendo julgado, para depois que seja decretada a sentença de impeachment, os que estão julgando tenham seus crimes esquecidos ou abafados. Mas de fato ela cometeu o crime de irresponsabilidade fiscal e esse que seria o motivo certo para o impeachment está sendo esquecido* ***pelo teatro***

Locutor (a): R. Souza

(14)*Pelo ponto de vista legal ,****é um golpe****, sendo que outros presidentes cometeram as mesmas pedaladas e não foram punidos.*

Locutor (a): bianca

- **Site: UOL notícias Política**

Reportagem: Foi impeachment ou golpe? Veja a opinião de quem foi a protestos em SP e RJ.

(15)*"Eu não concordo com esse **golpe**, com a maneira como ele foi feito. Temer tem um projeto [de governo] ilegítimo. Dilma foi eleita democraticamente e não teve a chance de concluir o seu mantado"*

Locutor (a): Suzana Vieira, 21, estudante

(16)*"Foi dado um **golpe** no país. É um dia muito triste, que representa perda de direitos. Um **golpe** no país e na democracia"*

Locutor (a): Ney Robinson, 66, engenheiro

(17) *"Eu estou na rua para tentar limpar o nosso país dessa roubalheira. A votação do impeachment não passou de um **teatro.** Nosso Brasil precisa de uma faxina geral em Brasília, tem que tirar (os ministros) do STF do poder, e todos os políticos corruptos que estão lá"*

Locutor (a): Antonio Eugenio de Melo, 47, trabalha com construção civil

(18) *"Vim para mostrar a minha indignação com esse processo de impeachment, que foi uma **violência** desnecessária, um verdadeiro **golpe**.*

Locutor (a): Ronilson Brazão, 56, engenheiro

(19) *"Sou contra esse **golpe** fascista, machista, armamentista e homofóbico. O impeachment é o **retrocesso** de um século, um completo absurdo. Eu não votei na Dilma, mas tem que respeitar os 54 milhões de votos"*

Locutor (a): Natália Guimarães, 49, funcionária pública estadual

Comentários internautas:

(20) *.....pelo visto deram clara preferencia a coletar opiniões de desequilibrados que pelo visto nunca leram a Constituição Federal, ...golpe armamentista e homofóbico ???? .....é coisa de doido, desequilibrado, ...e ainda outros adolescentes que nunca leram a Constituição e que, pelo visto sofreram lavagem cerebral, ...foi um **processo constitucional** e correto, e que apenas visa afastar um governo criminoso e irresponsável, ...com fatos que a lavajato está paulatinamente revelando..... É um começo de uma tarefa árdua de colocar o país nos trilhos.*

Locutor (a): Walter Lacerda

(21) *Se você acredita que esse impeachment foi legítimo, você está iludido! Se você acredita que esse impeachment foi um golpe, você está iludido! Nada mais útil à essa corja podre sustentada por empresários, fazendeiros e donos de meios de comunicação do que formar duas frentes de batalha e coloca-las em campo para brigar. Isso tudo foi o maior* ***teatro*** *já feito no governo brasileiro com intuito de tirar uma presidente incompetente do poder para colocar o outo lado da chapa eleita democraticamente como bola da vez. Agora, a quem esse impeachment favorece? A quem é interessante o PMDB no governo? Quem se favorece com as novas políticas? Dilma aceitou tudo de bom grado e conforme sua parte no acordo ficou com seus direitos políticos intocados. Vocês que estão achando que tudo é uma disputa entre "golpe" e "legal", "certo" e "errado", "PT" e "PSDB", "Comunas" e "Tucanos", "mortadela" e "coxinha", vocês estão realmente cegos para o que acontece.*

Locutor (a): Gwan

(22) *Os petistas querem forçar uma barra chamando de "golpe" aquilo que é* ***legítimo****, simplesmente porque perderam a "boquinha". Estão todos "revoltadinhos" porque agora vão ter que voltar a trabalhar, ou seja, os 13 anos de férias terminaram.*

Locutor (a): JÁ CHEGA

(23) *Coisa absurda essa reportagem, como se a proporção de quem foi a favor fosse a mesma de quem foi contra. Primeiramente que foi um* ***procedimento legal****, pois houve o crime de responsabilidade. Se não houvesse crime de responsabilidade seria golpe, mas houve crime, que foi devidamente tipificado pela acusação. Simples assim.*

Locutor (a): Norivaldo Mucleino

(24) *Não só* ***foi golpe****, como foi a única maneira de Temer chegar no poder, já que se encontra inelegível pela Lei da Ficha Limpa.*

Locutor (a): kaskatoa

(25) *Cada argumento, hein! Um pior que o outro. Acharam um motivo, pagaram r$ "tucano" mil para uma jurista levar adiante; pegaram um ex-filiado (não fundador) amargurado e outro jurista emplumado para dar, digamos, mais seriedade; deram entrada em outubro na câmara a esse processo e foi aceito só em dezembro por vingança do "ético" presidente da câmara; daí em diante foi uma guerra midiática de vazamentos seletivos de uma operação de Curitiba que só enxerga uma cor na frente; advogados, juristas, técnicos e economistas começaram a desmontar a tese das "pedaladas", mas foi adiante politicamente, pois o mérito já era; mudaram o discurso para o "conjunto da obra"; um senado que tem membros envolvidos com tráfico, falsidade ideológica, trabalho escravo, homicídio, corrupção, peculato, entre outros,*

*julgou a presidenta (sim, existe o termo) e decidiu tirá-la para um grupo tão ou mais nocivo no governo sem esperar eleição: resumindo, é um **golpe** farsesco.*

Locutor (a): maubruno

(26) *Temer nunca teria votos para comandar a Nação (assim como Eduardo Cunha também não tem, além dos derrotados Aécio, Alkimim e Serra)!!! Infelizmente o brasileiro vai sofrer o golpe de não decidir a condução do país, já que buscaram o jeitinho para que se prevaleça o voto indireto e que o parlamento mais corrupto da história eleja indiretamente o seu chefe de governo!!! É um **golpe** contra o voto direto da população e que afronta o programa de governo vencedor que foi registrado na Justiça Eleitoral e que vai ser substituído por pensamento ultrapassado diametralmente oposto ao que a população queria!!! Os patos achavam que combatiam a corrupção e entrega o Brasil para os corruptos do PMDB, PSDB, PP, PSD, etc... Para fazerem o que mais querem - por isso querem o parlamentarismo! Brasil é o país da desigualdade, cegueira seletiva, e por isso... também da hipocrisia!!!*

Locutor (a): Fogo 7

(27) *Tá na cara de milhões de brasileiros que esse impeachment foi uma **farsa** descabrosa. Observem...governos anteriores usaram da mesma estratégia de Dilma na tal das pedaladas fiscais e nem assim nunca se ouviu falar na mídia, apesar do PT a cada ano vim perdendo popularidade ainda vinha ou "vem" ameaçando outros partidos que não o aceitam. , é notório que Dilma não tem poder de articulação com uma câmara de deputados e senado corruptos que realmente não tem excrúpulos, a questão em si é o seguinte se Dilma com todas as trapalhadas foi execrada quero ver a mesma população veemente nas ruas pedir a cassação de Sr. Cunha, pedir a continuação da Lava Jato sem barreiras... ou será que Dilma era a corrupção no Planalto? Na minha opinião Dilma deveria continuar seu mandato até o final e já que todas as midias informava que a popularidade dela e seu partido estava em baixa era provavel que o PT não ganharia eleições, continuação da Lava Jato*

Locutor (a): Lucas Ten

- **Site: Revista Glamour**

Reportagem: Famosos compartilham suas opiniões sobre o impeachment

(28) *"Que **esse seja apenas o primeiro passo** na direção de dias melhores para o nosso país. Depois disso tudo, nada mais será como antes. O povo agora tá acordado".*

Locutor (a): Ellen Jabour (apresentadora)

(29) *"Mesmo com discursos vazios, pra mãe, pros filhos e pras netas, o dia de hoje é uma conquista do povo! Que fique a lição de que o Brasil não é um país impune.* ***Que o processo siga e vá até o fim!*** *E que esse espírito de justiça que aflorou no coração de nós brasileiros não desapareça".*

Locutor (a): Daniella Sarahyba (modelo)

(30) *"Começou* ***a faxina*** *no Executivo. Agora vamos seguir pressionando para limpar o Legislativo. Dois podres poderes. Vamos limpar essa bagunça".*

Locutor (a): Juliano Cazarré (ator)

(31) *"****Um show de horror****. Fora Temer. Fora Cunha. Diretas já".*

Locutor (a): Fernanda Paes Leme (atriz)

- **Site: O Povo**

Reportagem: Depoimentos- você é contra ou a favor do impeachment?

(32)*Sou contra o impeachment porque o que está sendo articulado é um golpe. Um golpe contra a democracia, conquistada tão duramente e há tão pouco tempo. A presidente não é corrupta, não cometeu crime algum. Numa democracia, quando a gente não concorda com algo, conversa, negocia, luta de forma ética pelo que acredita. Tenho várias críticas ao governo (falta de política para os indígenas, questões ambientais etc), mas é inaceitável que esse caso esteja em mãos tão corruptas quanto às de Cunha, de Temer e da maioria dos deputados que vão votar o processo de impeachment. Eu acredito nessa força que se reorganiza e se levanta diante da injustiça. A força da união na diversidade!* ***Não vai ter golpe****!*

Locutor (a): Marta Aurélia, cantora e atriz

(33)*Eu sou a favor do impeachment, pois a responsabilidade maior na situação atual do País passa pela Dilma Rousseff. Ela tinha obrigação de, como presidente da República, ter evitado muitas coisas de errado, toda essa corrupção que agora é mostrada nas investigações. Caso a Dilma tivesse agido corretamente, os fatos não teriam acontecido da forma que aconteceram. Claro que nós só vamos saber se o* ***impeachment será mesmo a melhor solução*** *quando ocorrer. Mas, a princípio,o que precisamos é de uma mudança. Da forma que está não pode ficar. Esperamos que quem assuma faça a diferença, procure tirar o País dessa crise horrorosa na qual se encontra. A gente precisa fazer cobranças por um Brasil mais civilizado, mais estável economicamente e que dê qualidade de vida às pessoas mais necessitadas.*

Locutor (a): Sérgio Alves, ex-jogador do Ceará e filiado ao PR

(34) *Vivemos hoje no País um momento histórico em que vemos vir a tona vários escândalos de corrupção. Observar o povo brasileiro se posicionando contra tudo isso é algo muito valioso. Eu que não me identifico com nenhum partido, acho esse pedido de impeachment* ***um grande equívoco*** *até porque a presidente Dilma não tem nenhuma acusação contra ela. Então fica fácil perceber que é* ***um grande golpe*** *maquinado pela elite do nosso País e que estão manipulando as pessoas que não procuram se aprofundar. Espero realmente que prendam todas as pessoas envolvidas nesses escândalos da lava-jato. A corrupção está encravada na nossa cultura. Temos um ótimo momento para mudar tudo isso, mas que façamos da maneira certa.* ***Golpe não!***

Locutor (a): Fernando Catatau, músico

(35) *Estou indignada. E é para se indignar mesmo com o que está acontecendo no País. A vontade que dá é de ir embora. Dá um desânimo. A coisa é tão clara em tudo o que tem acontecido de errado no Brasil e as pessoas não veem. Como tem gente contra o impeachment? Será que somos tão ignorantes? A Dilma Rousseff diz que não vê nada, não participou de nada, não sabe de nada. Não podemos acreditar nisso. Não dá para apoiar alguém assim.* ***O impeachment é o melhor caminho*** *porque precisamos de mudança. Precisamos de um basta. Se uma coisa está fedendo na nossa frente, porque vamos continuar cheirando? Simplesmente o Brasil pede por mudança. O que não posso mais admitir é que o nosso País seja conduzido da forma que está. Estamos sendo tratados como palhaços pela governante da nação.*

Locutor (a): Hedla Lopes, triatleta com títulos no Iron Man

(36) *Posso discordar de ações do governo de Dilma ou de algumas práticas do PT, mas acho* ***essa farsa do impeachment*** *um golpe vergonhoso contra a soberania do povo brasileiro.* ***Trata-se de um golpe*** *armado por uma elite brutal, inculta, perversa e corrupta, representada pela bancada do boi, da bíblia e da bala, que entrará para a história como a "conspiração dos infames". É um* ***retrocesso violento****, simbolicamente tão destrutivo e nocivo quanto o golpe de 1964. Se houver* ***esse golpe****, a nação brasileira retrocederá à condição de colônia absoluta do grande mercado e haverá perseguições à nossa diversidade cultural e aos princípios mais sagrados da liberdade humana. Será um tempo de obscurantismos e de ódios.*

Locutor (a): Rosemberg Cariry, cineasta e escritor

- **Site: Socialista Morena**

Matéria: Porque sou contra o impeachment

(37)*...Quero a reforma política, quero que Dilma avance. Votei nela por convicção que era a melhor candidata e não me arrependo. Prefiro me mobilizar para exigir que faça as coisas que prometeu ao ser reeleita do que para derrubá-la.* ***Não sou golpista*** *e estou segura que manter a estabilidade democrática, com Dilma no cargo, é o melhor caminho para o Brasil.*

Locutor (a): Cynara

(38)*Na verdade nao.. Eu sou contra a Dilma e contra o impeachment. Nao estou gostando do governo dela e votei no Aecio, porem como ela disse, nao existe motivos para o Impeachment acontecer. A Dilma foi eleita pelo povo e o pedido de Impeachment dela eh* ***um ato antidemocratico.***

Locutor (a): Rubel

(39)*Sou contra pois temos* ***uma condução ao GOLPE****,* ***porque sem crime é e sempre será GOLPE****, temos um processo sendo conduzido por um INDIVIDUO, sem pudores algum, que é denunciado na LAVA JATO, ou melhor LAVA QUEM ELES QUEREM, não é, SR. JUIZ SERGIO MORO, e pelo INDIVIDUO, que me recuso a dizer o nome que hoje é sinonimo de PALAVRÂO, fez o que fez, por ter sido conduzido ao processo interna da Câmara, por votos de dois petista, para comissão de ética.*

Locutor (a): Carlos Garcia

- **Site: Gazeta do Povo**

Editorial: Impeachment não é golpismo

(40)*Impeachment sem PROVAS* ***é golpe sim****, nesta ou em qualquer realidade alternativa em que as pessoas andam vivendo nestes dias. Atire a primeira pedra (ou seja, discorde) o primeiro que achar perfeitamente normal ir para a cadeia só por Fulano ter dito que você é um criminoso e ele não ter apresentado prova alguma do que ele alega. Descemos tão baixo assim que agora voltamos ao tempo da Idade Média aonde era só acusar alguém de ser "bruxa" para a coitada ser morta? Vão tirar as tochas e os ancinhos do armário?*

Locutor (a): Daniel Campos

(41)***golpistas*** *bolivarianistas.*

Locutor (a): Juliano Winkert

(42)***É golpismo sim****, e a consequencia é guerra civil. Estão preparados?*

Locutor (a): José Gil de Almeida

(43) *O JORNAL FAZ UMA CAMPANHA DIÁRIA EM SEUS EDITORIAS CONTRA O GOVERNO DA PRESIDENTE DILMA , MAIS O EDITORIAL DE HOJE(06.12.2014), PASSOU A ADOTAR O APOIO* ***AO GOLPE DE UMA PRESIDENTE ELEITA****, JORNALISMO GOLPISTA , DA DIREITA , DO GOVERNO A GAZETA SO GOSTA DAS VERBAS FEDERAIS DE PUBLICIDADE..*

Locutor (a): Marco Antonio Aranha

(44) *Excelente editorial. Impeachment quando parte das hostes do PT* ***é democrático, é legítimo****, como foi no "Fora FHC". Quando parte da oposição* ***é golpismo****. Esse partido não me representa.*

Locutor (a): Dirceu Gabriel Merlin

(45) *Lacerda não pediu impeachment, ele partiu pro golpe direto. O* ***Impeachment é inteiramente legal***

Locutor (a): Arthur Rizzi